This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

B15sa

O RIO DE S. FRANCISCO

E a Chapada Diamantina

PELO DOUTOR

THEODORO SAMPAIO

ESCOLAS PROFISSIONAES

DO LYCEU DO SAGRADO CORAÇÃO

S. PAULO — 1906

The Branner Geological Library

LELAND·STANFORD·JVNIOR·VNIVERSITY

Ao sabio geologo Dr. John Branner
offerece o au

Bahia, 2. 6. 1907

O RIO DE S. FRANCISCO

E A

CHAPADA DIAMANTINA

8.15
R15sa

Dr. THEODORO SAMPAIO

O RIO DE S. FRANCISCO

TRECHOS

DE UM DIARIO DE VIAGEM

E A

CHAPADA DIAMANTINA

Publicados pela primeira vez na Revista S. Cruz.

1879-80

SÃO PAULO
Escolas Profissionaes Salesianas
1905

211588

THIS ITEM HAS BEEN MICROFILMED BY
STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
REFORMATTING SECTION 1991. CONSULT
SUL CATALOG FOR LOCATION

Aos jovens leitores

Já vae, felizmente, longe o tempo em que reinava o preconceito expresso n'esta phase : Não temos livros de leitura nacional, vivemos de traducções!

Uma pleiade de talentos robustos, aqui mesmo no Estado, com um brilhantismo applaudidissimo, tem ultimamente levado a prelo obras e opusculos de reconhecido valor didactico, com o fim de proporcionar á juventude estudiosa a precisa instrucção intellectual de permeio aos mais ineffaveis prazeres de um coração verdadeiramente amigo de sua patria.

Nestas condicções está o livro do sabio engenheiro Dr. Theodoro Sampaio, intitulado o Rio S. Francisco e a Chapada Diamantina, em bôa hora desentranhado das paginas da brilhante Revista Santa Cruz, para servir de premio escolar aos alumnos e, para o publico em geral, como leitura util, instructiva, de reconhecido valor scientifico e litterario, eminentemente nacional.

Sob a forma de um diario de viagem e em linguagem desataviada mas verdadeira, documentada por trinta e um mappas originaes, diz o autor que em seu trabalho destaca apenas algumas notas concernentes á geographia e geologia das regiões banhadas pelo formoso rio, regiões e valles comparados a um vasto cadinho, em que todas as raças representadas na America se fundem ou se amalgamam, e que o fazem

exclamar n'um assomo de justo enthusiasmo: « Como é bello esse Brasil Central que tão poucos conhecem e de que nós brasileiros tão ingenuamente nos ufanamos!...»

Outra impressão mais colhe-se da leitura do valioso trabalho que ora apresentamos á juventude— o muito que inda ha por fazer n'esses sertões tão affastados, de escassa habitação e de vida tão differente da que se vive nas grandes capitaes.

Que de riquezas mineraes no subsolo é a flôr da terra! Como são numerosos os vastissimos campos, incultos, despovoados e que entretanto renderiam quatrocentos por um (v. pag. 108)! Quanta industria nova a explorar, á margem de rios caudalosos e lagôas, nas escuras cavernas das montanhas, e nas espessas mattas prenhes de segredos e das mais inebriantes surprezas para o sabio e para o aventureiro!...

Oh! este pensamento não deve incutir desanimo aos nossos jovens patricios, não: longe de nós uma fraqueza tão criminosa, esses desfallecimentos indignos.

Estreito ou mesmo esgotado o campo de acção perto de nós, é necessario atirarmos nossas vistas e nossos passos para mais longe. Alem, nos acenam para o trabalho certo, fecundo, immensamente remunerador em todos os ramos da actividade humana, da sciencia ou da arte, irmãs prolificas por que dia e noite clamam ha seculos, em linguagem sublime, os nossos grandes caudaes, verdadeiros *caminhos que marcham*, as nossas mattas virgens oceano de vida, as interminas campinas verdejantes e um solo tão rico que, já o disse alguem, parece ter veias de ouro e coração adamantino.

Mais do que nenhuma outra, agradou-nos esta feição caracteristica das paginas que se seguem, cuja benemerencia desejariamos bem accentuar no espirito dos nossos patricios estudiosos.

N'ellas o illustrado autor descrevendo, embora ás pressas, aquelles riquissimos valles e chapadas do

norte e interior da Bahia, parece dirigir um appello aos brios dos herdeiros natos de tantas maravilhas e dizer-lhes:

—Oh! jovens, para a magnanimidade do trabalho e para a grandiosidade da messe a colher deveis, desde cêdo, preparar o vosso animo pelo estudo e pela applicação mais decidida, afim de vos tornardes cada vez mais dignos da grande patria que a Providencia se dignou outorgar-nos!

S. Paulo, Maio de 1906

Os Editores

Entrada da barra da VICTORIA cap. do Espto Santo

Convento da Penha, á Entrada da VICTORIA

O RIO DE S. FRANCISCO

Trechos de um diario de viagem

CAPITULO I

Do Rio de Janeiro a Penedo

Em 1879, o Conselheiro Cançanção de Sinimbú, então á testa do governo, iniciando uma politica de melhoramentos materiaes, organisou, sob a direcção do abalisado engenheiro americano William Milnor Roberts, uma commissão de engenheiros para o fim de estudar os melhoramentos dos portos do Brazil e a navegação interior dos grandes rios que desembocam na costa oriental.

A commissão que era numerosa, visava não só áquelles problemas de indiscutivel alcance nacional, como tambem se destinava ao preparo de profissionaes brazileiros que, no futuro, teriam de dirigir trabalhos conducentes á solução dos sobreditos problemas.

Foi como um dos ajudantes de Roberts, nessa *Commissão* que se denominou *Hydraulica*, que fiz as minhas primeiras armas na profissão que abracei.

Terminados os estudos do porto de Santos, iniciados e concluidos na primeira metade do sobredito anno, deveriamos dar começo ao estudo da navegação interior pela exploração do rio S. Francisco, com razão considerado, o *mediterraneo brasileiro* pela sua posição geographica em relação á zona littoral povoada e enrique-

cida, e tambem por proporcionar o seu amplissimo valle uma linha de communicações das mais favoraveis entre as regiões centraes e as do norte e sul do paiz.

Comquanto explorado por Halfeld, Liais e outros viajantes que lhe desceram a corrente em annos anteriores, as condições technicas da navegabilidade do grande rio permaneciam ignoradas e os melhoramentos propostos bem como as obras destinadas a assegural-os assumiam em alguns espiritos as proporções dos emprehendimentos fabulosos. Melhorar a navegação do rio de S. Francisco considerava-se então necessidade palpitante, mas se arreceiavam todos dos grandes gastos que esse melhoramento havia de acarretar.

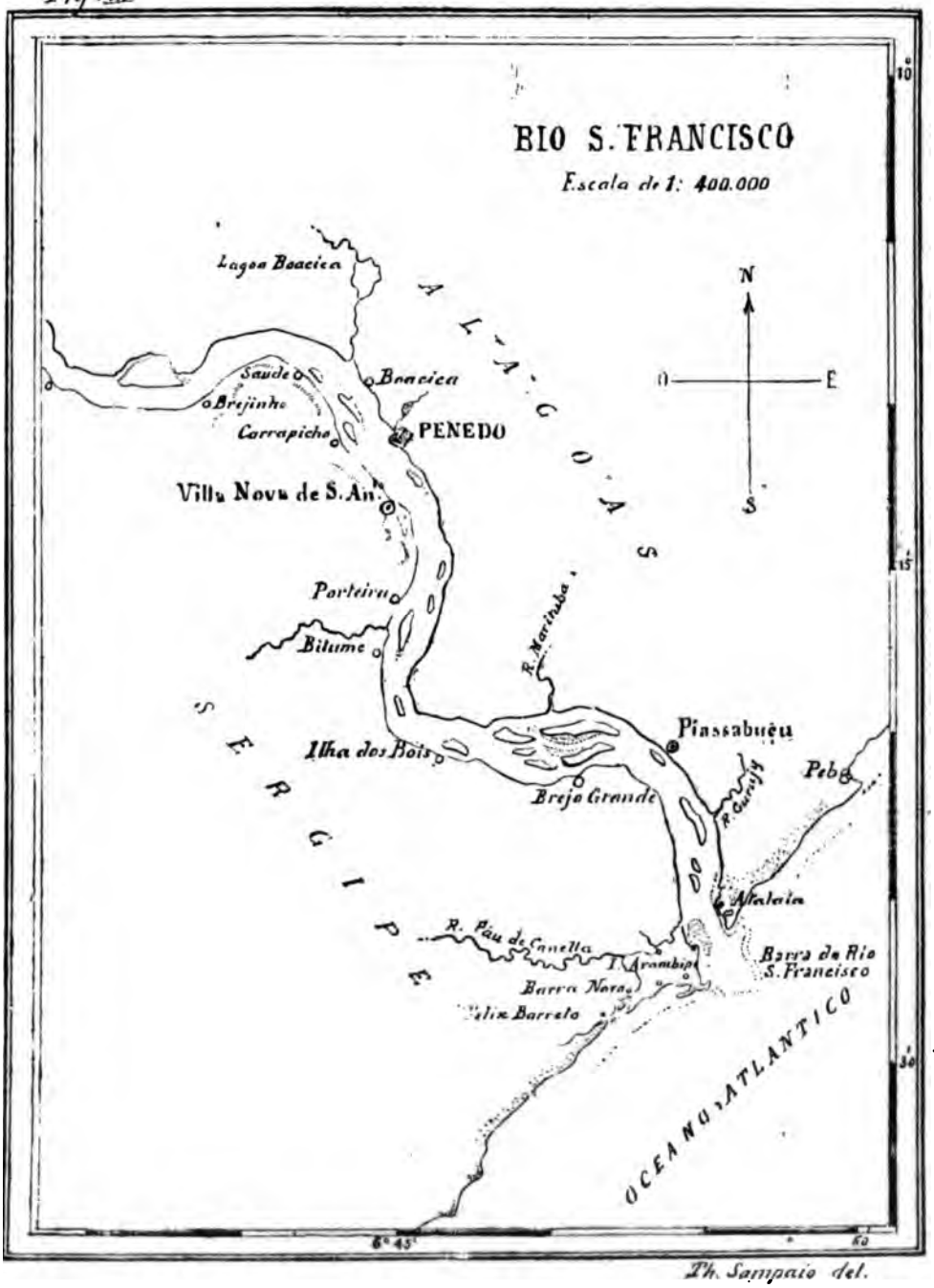
As estradas de ferro partindo dos portos de mar, como o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, desenvolviam-se já, mais ou menos rapidamente, em direcção ao grande rio, cujo curso, na parte navegal, devia completar um systema de viação interior.

Era, pois, tempo de se iniciarem os estudos e de se effectuarem as obras de melhoramento, as quaes em boa hora passaram a modelar-se pelas congeneres americanas executadas no Ohio e n'outros rios centraes dos Estados Unidos da Norte America.

Assim, a 31 de Julho de 1879, deixavamos o porto do Rio de Janeiro, seguindo viagem a bordo do paquete *Espirito Santo* da Companhia Brasileira, e depois de breve escala pela Victoria (Fig. I e II) e pela Bahia, desembarcavamos a 6 em *Maceió*, no seu pequeno e mal abrigado porto do *Jaraguá*, onde deviamos aguardar um vapor da Companhia Pernambucana que nos conduziria á cidade de Penedo, á margem do S. Francisco e cerca de sete leguas acima da foz delle.

Não me proponho descrever aqui episodios de viagem, nem dar um roteiro completo da exploração que se extendeu do mar até o coração de Minas Geraes. Destacarei somente do meu diario o que possa mais interessar ao leitor, proporcionando-lhe notas concernen

Fig. III



Th. Sampaio del.

LIBRARY
UNIVERSITY

tes á geographia, á geologia e ao povoamento das regiões banhadas pelo grande e formoso rio que examinamos.

Deixarei, pois, que fale na sua linguagem concisa e desataviada, mas verdadeira, o *Diario de Viagem* que, se não fôra esta *Revista*, não lograria talvez nunca as honras da publicidade.

A 11 de Agosto tinham-se concluido os preparativos de viagem e concertado com o governo da Provincia as providencias para o melhor andamento dos trabalhos da exploração do rio.

A's 11 horas da noite, por motivo de alcançar maré favoravel á entrada da barra do S. Francisco, partimos de Maceió, a bordo do pequeno vapor *Juquiá*, em demanda da cidade de Penedo.

Pelo amanhecer do dia seguinte começamos a avistar as costas arenosas das Alagôas, com as suas dunas alvas, entremeadas do verde escuro de uma vegetação caracteristica, assignalando as alturas do *Peba*, monotonas nas suas linhas sem ondulação e sem relevo.

Os perigosos baixios de D. Rodrigo e o historico Cururipe onde outr'ora naufragara o mallogrado primeiro bispo, D. Pedro Sardinha, passaram despercebidos, envoltos como estavam ainda nas brumas da madrugada.

Eram já 11 horas e meia da manhã, quando o *Juquiá*, fortemente sacudido pelas aguas revoltas e coloradas do mar, nos revelava ter embicado á barra do S. Francisco. (Fig. III.) Corremos todos ao tombadilho para mais bem apreciarmos as peripecias da entrada que alguns nos descreviam arriscada e difficil.

Já ahi encontramos o velho Roberts que, para melhor observar os canaes, o jogo das aguas, e a região em torno, tinha galgado pelas escadas de corda alguns metros para cima da amurada e applicava o seu telescopio na direcção da atalaia assentada á esquerda, na margem alagoana.

Entramos, todavia, sem o minimo accidente.

O mar revolto e em lucta com as aguas do rio que coloram larga faxa, barra a fóra, exhibe aqui ondas em-

poladas que se erguem em circulo de mais de milha de raio, formando rolos successivos e concentricos por sobre o cordão da barra que conseguimos varar sem difficuldade com o concurso da maré.

Por sobre esse cordão ou baixio arenoso e movediço, a sonda accusou cerca de 12 pés d'agua na vasante, porem não tem mais que 9 pés. Varado o cordão para o lado de dentro, e já em pleno rio, a profundidade cresceo então consideravelmente e a sonda passou a indicar de 4 a 5 braças de fundo rio acima até o porto de Penedo.

O canal, que constantemente muda através do cordão da barra, estava então mais chegado á margem alagoana e nos levava de prôa feita para o atalaia onde deviamos trocar de pratico.

Ambas as margens são aqui baixas. A da direita, porem, do lado sergipano, parece todavia um pouco mais alta e ensombrada de basto arvoredo que lhe empresta aspecto mais aprasivel e revela solo mais rico. A margem alagoana, ao contrario, estende-se baixa, arenosa e alagadiça, exhibindo extensos areaes açoutados pelo vento. As dunas dão-lhe um aspecto de aridez e de desolação, aliás desmentido pelo movimento de toda uma população de pescadores cujas cabanas cobertas de palha de coqueiro se divulgam por entre as mesmas dunas calvas que o vento constantemente desnúda e transporta.

O mangue cresce e alastra mais nesta margem do que na outra. A vegetação, porem, é mais corpulenta e caracteristica á direita na ilha de *Arambique*, formada pelas alluviões e apenas destacada da terra firme pelo pequeno braço ou furo do rio conhecido por *Parápoca*.

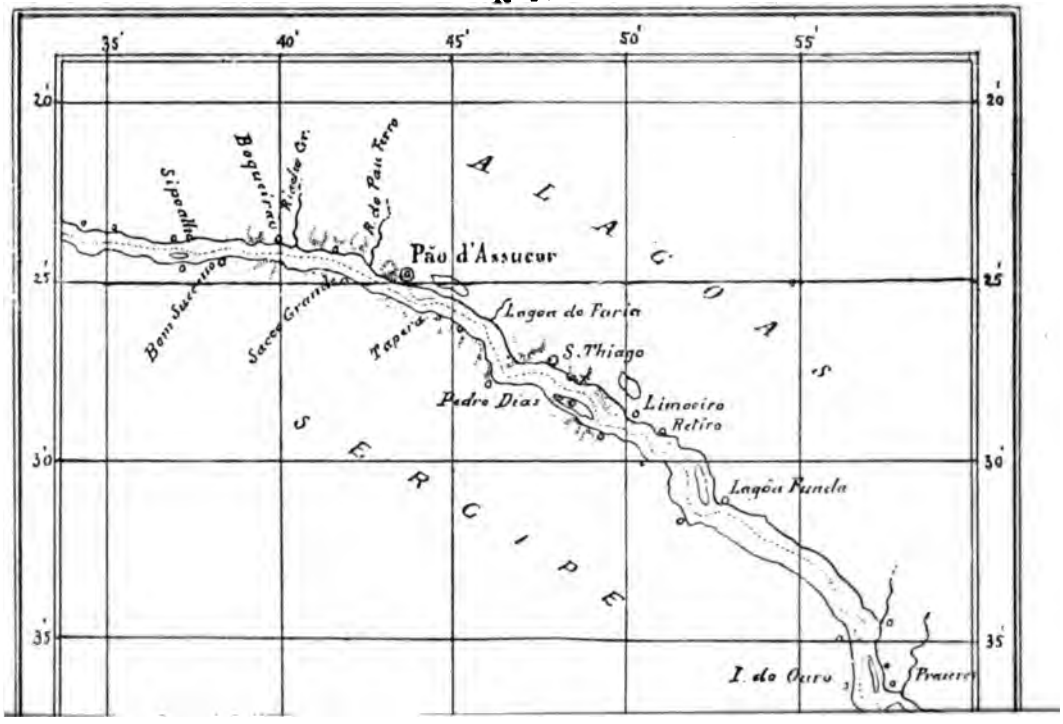
Desse lado distingue-se tambem um grupo de habitações humildes por sobre as quaes uma mata de coqueiros esbeltos e desaprumados balouça ao vento a cópa verde-amarellada das suas palmas.

Sulcando rio acima, e observando-se mais attentamente as margens por entre o labyrintho das pequenas

N.° II

RIO DE S. FRANCISCO
Escala de 1: 400000
25'
30'
35'
40'
45'
10°
5'
10'
15'
S. Braz
Tibiry
Campinho
Collegio
PROPRIA
R. Propria
Micanta
Urubú
Tapera
Prazeres
Ilha dos Caqueiros
Miahuo
Varzea Gr.
Lagoa de Boacica
Boacica
Saudade
Brejinho
Carrapicho
PENEDO
Villa Nova de S. Ant.
ALAGOAS
SERGIPE

N° IV


35'
40'
45'
50'
55'
20'
25'
30'
35'
Sipoalha
Boqueirão
Riacho Gr.
R. do Pau Ferro
Pão d'Assucar
Bom Successo
Sacco Grande
Taperá
Lagoa do Faria
S. Thiago
Pedro Dias
Limoeiro
Retiro
Lagôa Funda
I. do Ouro
Praiuro
A L A G O A S
S E R G I P E

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
UNIVERSITY

ilhas baixas e ensombradas que surgem a miudo, verifica-se que a população não é aqui escassa; nota-se mesmo certa actividade agricola pelas numerosas plantações de canna, algodão e ceraes. Os engenhos de assucar denunciam-se ao longe pelo pennacho de fumo que se escapa das altas chaminés. A villa de Piassaboçú, na margem alagoana, appresenta-se á distancia por entre os ilhotes baixos, cujas barrancas desabam ao passar da embarcação que nos conduz.

E fomos assim navegando tres leguas até a ilha dos Bois, onde ha um simulacro de porto commercial com uma povoação em frente constituida de palhoças e casinhas de aspecto pobre, occupadas por carreiros e pescadores.

Na ilha dos Bois tivemos que deixar o *Juquiá*, cuja navegação rio acima já não o consentia a maré e nos transferimos para a bordo de um vaporsinho com que viera a nosso encontro o activo negociante portuguez José Ventura de quem eramos recommendados. Largamos o ancoradouro ás quatro horas da tarde, e subindo a corrente por cerca de quatro leguas, passando a Villa Nova de Santo Antonio, que fica do lado de Sergipe. por sobre uns outeiros baixos de grês, fomos desembarcar no porto de Penedo antes do pôr do sol, com cerca de hora e meia de viagem, graças á boa marcha do *Santelmo*. (Fig. IV.)

CAPITULO II

Penedo

Penedo, para quem a observa do rio, tem a bella apparencia das cidades construidas em amphiteatro sobre uma eminencia que se debruça sobre as aguas. Vi-a illuminada á luz do sol poente, com a sua casaria em alto relevo e recebi a impressão de um sitio aprasivel e de uma cidade que, com rasão, se considera a segunda da Provincia. Penetrando-se nella, porem, a impressão modifica-se com o aspecto irregular das suas ruas, a vetustez e irregularidade das suas edificações, a falta de conforto e commodidade do seu viver. Nota-se todavia certa actividade commercial. O porto tem movimento. O caes rampado e revestido de pedra tem sua animação que agrada nas horas da feira diaria, quando os canoeiros da outra margem e das ilhas proximas trazem á venda os productos de sua pequena lavoura de *vasante*.

A collina, ou antes o extremo da lombada que vem de longe, sobre a qual está a cidade edificada, e que na verdade é a primeira terra levantada que se descobre do lado de Alagôas, subindo o rio, apresenta uma bonita escarpa rochosa do lado do noroeste, e descae suavemente para o sul, unindo-se a planicie baixa e sujeita ás inundações que se estende para a lado do mar.

Penedo, cujo nome procede de certo da escarpa rochosa onde a povoação primeiro começou com um pequeno forte que teve sua importancia no tempo da guerra contra os Hollandezes, conta sobre a collina alguns edificios notaveis. A sua matriz, dedicada á Nossa Senhora do Rosario, é grande, mas de feio aspecto exterior; os seus altares sem gosto e sem architectura; o chão humido ladrilhado a tijolo, e apenas assoalhado no logar onde outr'ora se fizeram inhuma-

Panorama de Penedo, situada na margem do Rio S. Francisco

ções. Ha ainda a igreja de Nossa Senhora da Corrente, a de S. Gonçalo d'Amarante, a de S. Gonçalo Garcia e no alto o convento de S. Francisco.

Corre ao longo do porto uma rua, onde se notam edificações de melhor aspecto, alguns altos sobrados, e muitas casas de commercio, á qual vem ter outras ruas mais ou menos tortuosas descendo da collina desde o cemiterio que fica distante.

Algumas dessas ruas são bem calçadas com pedras irregulares de grês e micaschisto de que tambem se tiram grandes lages para os passeios, e umbreiras para as portadas das edificações melhores.

Ha mais um bom edificio para a cadeia publica, um pobre hospital de misericordia, a casa do telegrapho e os trapiches das companhias Bahiana e Pernambucana.

A população da cidade estava então muito augmentada com a gente emigrada dos sertões assolados pela secca. Viam-se nas ruas muito povo faminto e sem trabalho, levas de mendigos andrajosos esmolando ou estendidos pelo chão á sombra das arvores, homens que foram robustos, bellos typos de uma adaptação admiravel, como se foram esqueletos vestidos de couro.

A fome que os tinha depauperado e dezimado aos centos, cedera logar agora á variola que devorava familias inteiras destes desgraçados que de tão longe, fugindo ás miserias da secca, tinham vindo procurar soccorro ás margens do grande rio.

O S. Francisco, como um oasis no deserto, através dos sertões adustos da Bahia ao Ceará, de Pernambuco ao Piauhy, é, na verdade, a *terra da promissão* e o refugio daquelles povos assolados pela secca prolongada e periodica.

Penedo demonstrava-o cabalmente com a sua numerosa população de *retirantes*.

CAPITUDO III

De Penedo a Piranhas

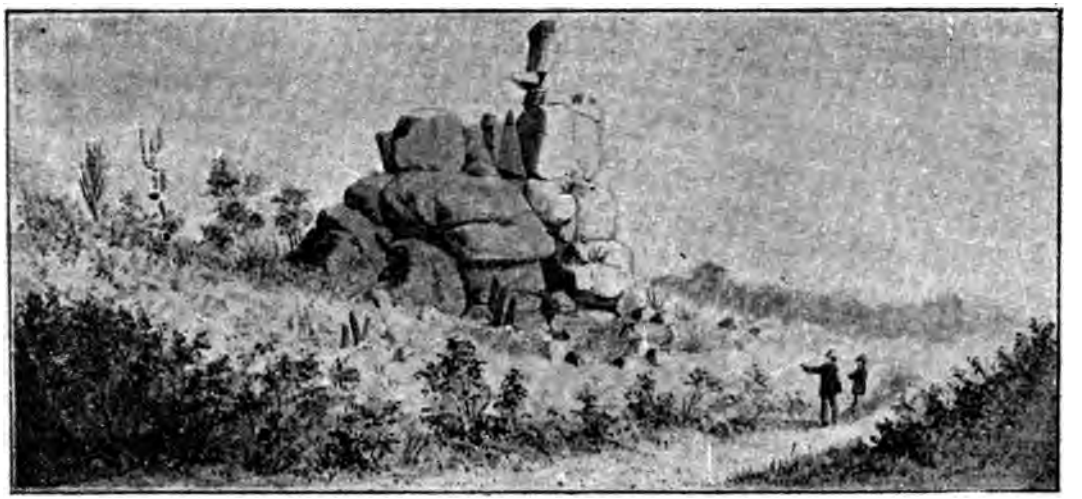
Os poucos dias que passamos em Penedo em aprés-tos de viagem nos permittiram tentar o exame da região circumvisinha e ensaiar o processo mais conveniente para a exploração do rio que se ia iniciar.

Fomos á margem fronteira, á Villa Nova de Santo Antonio, uma povoação insignificante de Sergipe, edificada sobre uma collina pouco elevada, onde o grês friavel, mas utilisado nas construcções, apparece em camadas espessas pouco inclinadas. Apezar do calor intenso, não nos pudemos furtar ao desejo de visitar *Boacica*, cuja lagoa, distante cerca de 3 leguas para o noroeste de Penedo, nos diziam ser grande e com bella paisagem pelas suas margens. A chuva copiosa e insistente que começou a cahir depois do meio dia nos impedio, porém, de proseguir na viagem, e tornamos sem se quera ttingir o desaguadouro da lagoa, junto da capella e povoado do mesmo nome.

A 17 de Agosto pelas 6 horas da manhã largava da ponte de Penedo o vapor *Sinimbú* que nos devia conduzir a Piranhas, rio acima, viagem que ordinariamente se faz em dous dias, pousando-se na cidade de Pão de Assucar, que se alcança antes do pôr do sol.

O trajecto rio acima é deveras interessantissimo. O vapor novo, dispondo de boa marcha, guiado por piloto dextro, que segundo o canal, sempre mutavel, ora nos leva para a direita, ora para a esquerda, através de bancos de areia, de lagedos descobertos e de pequenas ilhas baixas, vence a corrente garbosamente como se singrasse por um lago de aguas traquillas.

As margens do rio muito povoadas, com muita lavoura pelas baixadas e pelas numerosas e pequenas la-



A *Pedra do sino* nas visinhanças da povoação de Piranhas — Rio de S. Francisco

goas deixadas pela enchente anterior, são como duas bellas avenidas onde as edificações alternam com o verde da matta, o branco dos areaes extensos, as escarpas rochosas dos montes, os taboleiros louros dos arrozaes de vasante, e as roças de milho por colher.

Na marcha de oito milhas por hora com que o vaporsinho nos transporta através dessa região aprasivel, vamos successivamente enfrentando pittorescas povoações, umas insignificantes, outras maiores, e ainda outras, verdadeiras cidades; vamos deixando á margem numerosas vivendas isoladas, sitios pequenos com as suas plantações bem cuidadas, engenhos de assucar que se assignalam ao longe pelas suas compridas chaminés fumarentas.

Boacica, Saude, Brejinho, Morro Vermelho, Prazeres, Tapéra Urubú são os povoados e capellas que vamos successivamente avistando á direita e á esquerda até a cidade de Propriá, onde fazemos a primeira escala.

Seguem-se depois, na serie ininterrupta dos povoados, o Collegio quasi fronteiro á cidade precedente com o aspecto de uma villa prospera: o Tibiry sobre uma eminencia, dominando extenso lençol de areia; Campinhos apoiado sobre um outeiro de rocha gneissica; S. Braz com as apparencias de uma villa pequena e ainda nova: Amparo e Marimbondo coroando duas bellas collinas uma após outra; Lagoa Comprida sobre um banco espesso de micaschisto, junto ao desaguadouro da lagoa do mesmo nome; Rabello entre outeiros pedregosos, á foz do ribeiro da mesma denominação; os Buriaes, junto aos cabeços rochosos em que vem terminar, á beira do rio, os pequenos contrafortes da serrada Tabanga, cujas eminencias se avistam ao longe para o lado de Sergipe, fronteiras á cidade de Taipú, onde fazemos segunda escala, e á meia distancia entre Penedo e Pão d'Assucar.

De Traipú em diante o rio se estreita um pouco, as montanhas debruçam-se mais sobre as margens, offerecendo a miudo escarpas elevadas de micaschisto, profun-

das quebradas como aquella muito caracteristica, conhecida na localidade por *Buraco de Maria Pereira*, e na corrente, agora mais accelerada do rio, grande quantidade de rochedos, travessões e ilheos asperos.

As povoações de Maria Pereira, Curral de Pedras, Genipatuba, N. S. do O', Jacobina, N. S. dos Prazeres, Lagoa Funda, Limoeiro, S. Pedro e Mocambo erguidas a direita e á esquerda, ora na margem alagoana, ora na sergipana, continuam a serie pittoresca que atraz assignalamos e que se prolonga com o mesmo aspecto nas edificações e nas culturas, apenas differençado no relevo mais accentuado da paisagem, até Pão d'Assucar onde deviamos pousar.

Pão d'Assucar não offerece de notavel senão a sua paisagem pittoresca, que a montanha conica que lhe dá o nome aformosêa, e o perfil azulado da serra dos Mérús, duas leguas ao longe, torna quasi encantador.

Saltamos todos em terra para visitar a cidade, atravessamos a pé o largo lençol d'areia que a precede e percorremos-lhes as ruas rectilineas, planas, marginadas de edificações humildes e sem elegancia. Nenhum edificio notavel se descobre, nem mesmo a egreja que aliás offerece melhor aspecto, vista de longe.

Já tarde regressamos para o bordo do vapor onde deviamos pernoitar, e, no dia seguinte, pelas 7 horas da manhã, apesar da abundante chuva que cahia, proseguimos rio acima até Piranhas que alcançamos após tres horas de viagem.

Veio a bordo receber-nos o pessoal da Estrada de Ferro de Piranhas a Jatoba, então em começo de construcção, e cujo chefe, o engenheiro Kruger, nos acolheu e hospedou.

Piranhas offerece ao visitante, quer do lado do rio quer do alto da montanha em cuja encosta asperas se edificou, um aspecto desagradavel. O local topographicamente falando não podia ser peior. Mas como ahi é que a navegação de facto termina, com o trecho navegavel

do canhão em que o rio penetra desde Paulo Affonso até Pão d'Assucar, o porto natural se foi aos poucos povoando, e as edificações foram galgando a montanha ao longo da estrada do sertão que ahi começa.

O trecho do rio que acabavamos de percorrer, para cima de Pão d'Assucar, é de facto, um estreito canhão de margens escarpadas, altas e pedregosas, onde o gneiss e o micaschisto predominam e dão á paisagem esse tom aspero e enegrecido, das regiões estereis e quasi despidas de vegetação.

A população, nesse trecho, é, por isso mais rara; as culturas quasi que desapparecem e, se acaso existem, ficam por detraz dos morros de accesso difficil.

A nota pittoresca não perdeu comtudo em effeitos, talvez mesmo tenha ganho alguma cousa mais, nessa scena da natureza, em que não raro o bello sobre-leva ao util.

E subimos a corrente como quem percorre um extenso corredor, semeado de obstaculos, e em que raro se descobre uma aberta por onde a vista se estenda surprehendendo o aspecto da região mais visinha. E assim fomos successivamente passando pelos peguenos povoados do Boqueirão, Bom Successo, Sipoalha, Curralinho Velho, Curralinho Novo, Barra do Jacaré, Entre Montes ou Armazem, Collete até o porto das Piranhas onde deviamos passar alguns dias em aprestos para a viagem por terra.

Havia ahi então muito povo. O mulherio era extraordinario; e isso se explicava pelo affluxo dos retirantes do alto sertão que a secca prolongada expellira dos seus lares. A população masculina estava espalhada ao longo da linha ferrea em trabalhos de construcção, emquanto o elemento feminino e as crianças permaneciam na séde onde se lhes distribuia em mantimentos parte do salario ganho por seus paes e maridos empregados nos serviços da estrada.

As habitações eram poucas para tanta gente. Improvisaram-se ranchos de palha, pequenas tendas fe-

chadas com esteiras, tudo quanto era possivel imaginar-se para agasalhar a população excedente ou adventicia.

Chegavamos exactamente na occasião em que se distribuiam os soccorros pela população faminta no barracão proximo á estação da estrada de ferro. O aspecto dessa gente não negava os soffrimentos por que tinha passado. As mulheres e as crianças macilllentas, sujas, e com as roupas em farrapos, assentadas pelo chão, trahiam um soffrimento que os primeiros soccorros não lograram totalmente extinguir.

Mais a fraqueza e debilidade do que a impaciencia no receber o minguado soccorro, vagarosamente distribuido, davam-lhes um aspecto triste, desconsolado e doentio.

Entretanto, quanta miseria, quanta desgraça, quanto infortunio com esse minguado soccorro se pouparam ?

CAPITULO IV

A Pedra do Sino

No dia 23 de Agosto, depois de expedida a bagagem mais pesada na frente, partimos de Piranhas, não porém sem primeiro visitarmos, em companhia do Doutor Orville Derby, a famosa *pedra do sino*, no sitio do *Teixeira*.

O illustre geologo, tinha aproveitado o ensejo que então se lhe offerecia de um reconhecimento atravéz do valle do São Francisco, para obter do Governo viajar como addido á Commissão Hydraulica, cujos estudos elle devia completar pela parte geologica.

Conhecedor de quasi todo o Brazil, tendo já viajado grande parte do valle do Amazonas, o littoral atlantico e a zona meridional, o Dr. Derby vinha agora completar o seu já vasto cabedal scientifico, percorrendo o S. Francisco, cujo valle é um dos mais eminentemente caracteristico do Brasil Central.

Sem prejuizo da tarefa que fôra então distribuida na Commissão, procurei sempre acompanhar o illustre geologo nas suas varias excurções, algumas apartadas do nosso verdadeiro caminho, e confesso que não pouco deve o meu espirito ao genio operoso, culto e superior desse notavel homem de sciencia, com cuja amisade me honro e me desvaneço.

O sitio do Teixeira fica obra de tres quartos de legua para traz de Piranhas, isto é, ao norte deste logar, e para além de umas grotas profundas e sem agua que ali ha rasgadas para um minusculo affluente do S. Francisco.

O terreno tem ahi nivel superior a duzentos metros sobre as aguas do rio.

E' pedregoso, arido, vestido pobremente de uma vegetação de arbustos espinhentos, retorcidos e entremeiados de cardos de uma variedade numerosa. Tinha

chovido dias antes. Havia, pois, alguma humidade no solo, e tanto bastava para que na vegetação da *catinga* houvesse já algum verde; a despeito disso, porém, o aspecto geral é de esterilidade e de tristeza.

A *pedra do sino* é um amontoado de blocos graniticos grandes, formando um grupo isolado no meio da catinga e com apparencia de um bastião ou torre em ruina.

Na parte superior, em equilibrio que parece instavel, ergue-se em forma de cunha, pousado immediatamente sobre as lascas mais delgadas de uma rocha, que é um phonolitho durissimo, um bloco de dous para tres metros de altura, simulando o coroamento de um velho monumento (Fig. VI). Chocadas pelo martello, aquellas lascas de pedra emittem um som como o do bronze sonoro com um timbre grave, mas pouco intenso, donde procede o nome que lhe deram os vaqueiros, moradores do logar, e a curiosidade que desperta em quem pela primeira vez visita Piranhas.

As formações deste genero, isto é, os amontoados de blocos de pedra gigantescos, affectando formas pittorescas, curiosas, algumas, como a da povoação das *Pedras* que simula uma mulher assentada com uma criança abraçada ao collo, são frequentes nessa região que vamos atravessando por entre catingas estereis e sem agua.

Em Olho d'Agua, que é um taboleiro arenoso com uma pequena depressão no terreno a 250 metros de altitude onde surge uma fraquissima mina d'agua, a população então augmentada com os trabalhos da estrada de ferro, vivia sequiosa.

Até ahi o terreno é granitico, formando o embasamento geral sobre que se erguem pequenos serros dispersos de grês, e algumas elevações onde o sienito frequentemente apparece. No Riacho Secco ha um calcareo cristallino explorado para cal. No Riacho do Talhado, cujo nome se justifica pelo canhão profundo e

estreito em que alli corre um ribeiro temporario, ha pequenas grutas calcareas com bonitas stalactites. Junto de Olho d'Agua notam-se nos grês talhado em escarpa elevada e corroido pelo tempo que lhe dá formas bizarras, umas inscripções na rocha, attribuidas aos indigenas, de quem hoje não se encontra senão a descendencia profundamente mestiçada.

Na povoação das *Pedras*, residencia do engenheiro Crockat de Sá, chefe de uma das secções da estrada, nos reunimos todos para tomarmos uma travessia mais curta para Paulo Affonso cuja cachoeira desejavamos visitar. *Pedras* está a 225 metros acima do nivel do mar, e tem bom clima. Pela manhã sentimos o ar fresco, e nevoa intensa como ja tinhamos observado no Olho d'Agua.

CAPITULO V

A Cachoeira de Paulo Affonso

A caminho atravéz das catingas pedregosas e espinhentas em direcção a Paulo Affonso, formavamos uma numerosa cavalgata. Além do pessoal da Comissão composto de Mr. Roberts, e dos engenheiros Amarante, Wieser, Lisbôa, Saboya, Pecegueiro, Aquino e Castro, Derby e eu, acompanhavam-nos os engenheiros da estrada, Kruger, Crockat e Livio dos Reis aproveitando o ensejo para de novo visitarem a explendida e famosa cachoeira.

Chegamos a Paulo Affonso as 4 ½ da tarde, tendo gasto na travessia seis horas sob um sol intenso, e com um calor que á sombra se assignalava por 28 gráos centigrados.

Sendo já tarde para visitar a cachoeira, operação difficil e arriscada que ninguem tenta sem um guia, pousamos n'uns pobres ranchos á beira do rio, junto do monumento que alli assignala a visita de D. Pedro II, e aguardamos impacientes a manhã seguinte.

A cachoeira de Paulo Affonso, o famoso *sumidouro* dos antigos chronistas e viajantes, é, de facto, um dos espectaculos mais estupendos que se pode imaginar.

Não tento descrevel-o, direi apenas o quanto baste para explicar as vistas photographicas que aqui reproduzimos e que por si sós dispensam qualquer descripção sempre pallida daquelle prodigioso e inesquecivel quadro da natureza.

Na região não se vêm montanhas senão dispersas ao longe. Tudo mais é uma vasta planicie, monotona, coberta do manto cinzento das catingas, e onde a custo se descobre aqui e acolá uma mancha prateada que se verifica assignalar o curso do rio. A planicie prolonga-se para baixo sem a menor depressão ou desnivela-

1
2
3

mento sensivel. No meio della, porém, o rio que vinha descendo ou deslisando pela superficie do terreno, subito despenha-se em successivas quedas, e por muitos braços, engolfando-se n'um estreitissimo corredor, verdadeiro canhão de paredes ingremes. escarpadas, inaccessiveis.

Do logar onde pousamos, junto do porto do *Vae-e-Vem*, denominação que se explica pelo fluxo e refluxo violentos das aguas do rio nesse logar pouco acima do ponto em que começa elle a despenhar-se, não se ouve absolutamente o bramido das aguas, nem o mais tenue vapor trahe a presença de tão violento tombo.

Condições particulares da atmosphera explicam o phenomeno. Chegando porém mais perto, depois de transpôr largo trecho do leito rocheso em secco, com as lages corroidas, desgastadas, lisas, tão lisas como se foram polidas a capricho e cobertas de um verniz metallico, *sui generis*, e alcançando a margem do profundo *talhado* ou canhão, para onde as aguas se precipitam em rolos de espuma alvissima, em explendido contraste com as rochas negras do granito, o bramir do colosso torna-se então formidavel, ensurdecedor. E' preciso falar por acenos porque mesmo gritando aos ouvidos do companheiro elle não vos entende.

O espectaculo é, de veras, indescriptivel, tão vario, tão grande, tão estupendo elle se nos offerece, atravéz dos mais bellos effeitos de luz e coroado com o diadema phantastico, fugidio do Iris, tantas vezes apagado quantas renovado ao embate da luz obliqua e dos vapores ascendentes, que não me sinto com forças para pintal-o.

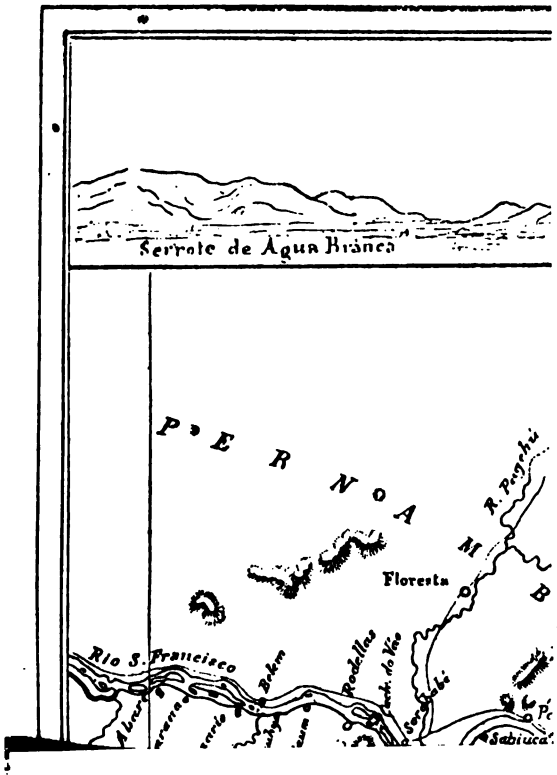
Paulo Affonso vê-se, sente-se, não se descreve.

chadas com esteiras, tudo quanto era possivel imaginar-se para agasalhar a população excedente ou adventicia.

Chegavamos exactamente na occasião em que se distribuiam os soccorros pela população faminta no barracão proximo á estação da estrada de ferro. O aspecto dessa gente não negava os soffrimentos por que tinha passado. As mulheres e as crianças macilllentas, sujas, e com as roupas em farrapos, assentadas pelo chão, trahiam um soffrimento que os primeiros soccorros não lograram totalmente extinguir.

Mais a fraqueza e debilidade do que a impaciencia no receber o minguado soccorro, vagarosamente distribuido, davam-lhes um aspecto triste, desconsolado e doentio.

Entretanto, quanta miseria, quanta desgraça, quanto infortunio com esse minguado soccorro se pouparam ?


Serrote de Agua Branca
PERNAMB
R. Pajehu
Floresta
Rio S. Francisco
Belem
Rodelles
Sabiuca

LIBRARY
JR.
UNIVERSITY

No leito arenoso que vamos trilhando como se fôra uma ampla estrada, os seixos de quartzo, os grandes fragmentos de grês formam aqui e ali bancos que interrompem o caminho, e contêm a agua salobra nos caldeirões onde nenhum ser vivo consegue permanecer.

A vegetação pelas margens differe apenas em alguns typos vegetaes novos, mas ainda assim, o horizonte da *catinga* onde imperam *o mandacarú, o chique-chique, o quipá*, o cardo *cabeça de frade, a macambira, o jurema, a favella a quixaba, o imbú, o angico, a imburana* vem quasi até a borda da torrente e participa-lhe das humidades, ao menos uma vez no anno, quando ella desce impetuosa dos montes banhados pelas chuvas do verão.

A vista alonga-se aqui pela vasta planicie que vae fenecer ao longe para além do S. Francisco n'uma linha indecisa e nevoenta, onde raros pontos illuminados denunciam o relevo insignificante do solo. Para o lado do norte porém, e, prolongando-se para o oriente, descobrem-se as alturas que aqui se denominam *serras e serrotes*, com o seu perfil pittoresco de montanhas destacadas, como ilhas na planicie nivelada das catingas. Avistam-se as cumiadas da serra de *Tucaratú* com as linhas alongadas de uma chapada sem recórtes ; os cabeços e elevações da serra da *Agua Branca* ou da *Pariconia* os grupos isolados do *Tinguy*, do *Craunã* do *Padre*, do *Olho d'Agua* sumindo-se já no horizonte na direcção de Piranhas.

Até aqui o terreno não differe da zona precedente na sua constituição geologica. O granito *afflora* frequentemente no meio da planicie. Dikes de uma rocha avermelhada de base feldspathica, semelhante ao *syenito*, atravessam os caminhos e surgem a meúdo por entre as touceiras dos cardos.

O solo está coberto de seixos e de fragmentos de quartzo branco ou corado de vermelho-ferrugem. Extraordinaria é a quantidade de blocos arredondados de quartzo branco de leite fendidos, grandes, formando bancos

ou monticulos que a vegetação espinhenta dos cardos e das bromelias bravas, por vezes, cerram com uma cortina impenetravel.

Nos montes, divisa-se pelas encostas atravez do manto da *catinga*, os grês em camadas quasi horizontaes ou apenas perturbadas por algum accidente local.

A rocha tem ahi uma contextura grosseira, ora branca, ora avermelhada e um tanto friavel na superficie.

Por toda a parte o aspecto silicoso do solo explica a pouca fertilidade delle.

E na verdade, não ha região mais ingrata do que esta. A vegetação o attesta no typo e qualidade das especies dominantes.

A população permanente é escasissima. Poucas fazendas de criar, umas muito distantes das outras, se encontram por estas paragens onde, a não ser o S. Francisco, não ha rios perennes, não ha fontes que resistam aos ardores do estio, como não ha lodo ou humidade que nao tenha um sabor amargo ou salino.

Volta Grande está a 275 metros acima do nivel do mar, ou 45 leguas mais alto do que a cachoeira Paulo Affonso da parte de cima.

Pelas 6 horas da manhan, tinhamos ahi uma temperatura agradavel de 19° centigrados, e observamos as varzeas como as montanhas ao longe envoltas na sua tunica de nevoas, que rapido se dissipavam aos primeiros raios do sol nascente.

As manhans são aqui encantadoras, admiraveis, de frescor e de belleza.

Durou pouco, todavia, porque o sol, em alçando-se, já ás 8 horas começa a arder, inundando tudo com a sua luz vivissima que a côr alvacenta do terreno torna ainda mais intensa e encommoda.

CAPITULO VII

Jabotá

As' 7 horas e meia, partiamos de *Volta Grande* e alcançavamos o lugar *Quixaba*, cerca das 11 horas.

E' este sitio aprazivel, na base de um pico de 530 metros de altitude, provavelmente o esporão mais meridional da serra do *Tacaratú* que pouco antes divisavamos ao longe.

Para descortinarmos a região ao redor e darmos melhor razão della subimos, o Dr. Orville Derby e eu, ao alto do pico da Quixaba, donde de facto se consegue abranger um amplissimo horizonte, aprofundando-se mais pelo territorio bahiano que nos fica fronteiro e para alem da linha prateada que lá embaixo assignala o curso do S. Francisco.

Estamos com olhos fitos na direcção do sul.

Um territorio immenso desdobra-se a nossos pés. E' uma planicie quasi em relevos perceptiveis, cujo pendor só na base da montanha em que estamos se conhece ou se comprehende. Mais longe não se distinguem senão manchas escuras movediças, sombras projectadas das nuvens, que passam tangidas pelo vento, e que o observador, á primeira vista, é levado a admittir como uma inflexão do terreno, ou como uma bacia em que as humidades accumuladas tenham feito brotar uma vegetação mais vigorosa e de tons mais intensos.

Alguns picos ou serros destacados, que se divisam ao longe, no territorio bahiano, não conseguem modificar o aspecto geral da região, cuja monotonia nos revela ou nos traz ao espirito o presentimento da desolação e da esterilidade.

Tão longe como a vista pode aqui penetrar neste ambiente secco, e intensamente illuminado, estamos, de-

certo, dominando as paragens do divisor das aguas do S. Francisco e do Vasa Barris, as terras outr'ora dominadas pelos *Orises*, o mesmo asperrimo paiz dos *jagunços* revoltados de *Canudos*.

Nenhum relevo particular accusa, porem, esse divisor. As linhas do territorio observado têm aqui a grandeza e a igualdade dos horizontes maritimos. As ilhas, a costa ficam a nossos pés ou junto de nós; ao longe porem o immenso mar cujas crispações ou vagas se apagam na grande linha pura do nivel ideal.

No dia seguinte, 28 de Agosto, chegamos a Jatobá pelas 9 horas da manhã. Fomos logo ver o rio S. Francisco que aqui forma altas barrancas rochosas como um caes natural, e o achamos estreito. De facto o rio entra aqui n'uma garganta, formada pelas serras de *Tacaratú* e de *Itaparica* e se estreita consideravelmente rasgando atravez das rochas um leito profundo tal como bem se observa na cachoeira de *Itaparica* onde chega a ter canaes subterraneos.

Em Jatobá fica a estação terminal da via ferrea, destinada a ligar as duas secções navegaveis do rio S. Francisco.

Não havia ali senão alguns ranchos de trabalhadores, e um começo de construcção regular destinada ao serviço da estrada. Materiaes expostos ao tempo, varios trabalhos começados e com aspecto incoherente de serviços incipientes, eis o que vimos em Jatobá, aliás já denominada *Cidade* nos projectos que se vinham executando.

Não nos demoramos em Jatobá senão o tempo preciso para visitarmos a cachoeira que fica proxima, e deixarmos que o sol declinasse um pouco para nos permittir continuar a viagem para o *Atalho*, onde deviamos começar a estudar o rio, navegando-o.

CAPITULO VIII

Atalho

No *Atalho* permanecemos muitos dias, em preparativos de viagem, e em organisar a expedição. Foi mister seguir um dos engenheiros até Rodellas e Cabrobó para comprar canoas e contráctar pessoal para o serviço; expedir alguns homens ao encontro das bagagens que já demoravam, tranportadas em carretas; foi mister improvisar em carpinteria para se fazerem os *ajôjos*, especie de balsa em que deviamos viajar rio acima.

Emquanto esses preparativos se aviavam, fomos fazendo varias excursões, pela região ao redor; descemos o rio até a cachoeira de *Itaparica*, cerca de 3 leguas distante, e ainda para baixo de Jatobá e ahi observamos, sob as camadas de grês nuas, corroidas e relusentes pela acção das correntes que as recortam caprichosamente, dando-lhes formas bizarras, exquisitas, as aguas volumosas do grande rio correndo soturnas em profundo e estreito canal, e por innumeros conductos subterraneos ou sumidouros que dão ao sitio um aspecto pittoresco, uma belleza rude, imponente e ao mesmo tempo medonha.

O canal principal fica ahi do lado bahiano e tem uma queda de cerca de 8 a 10 metros, entre paredões talhados a prumo que aqui se denominam *portões*. O Dr. Derby que se aventurou a visital-o, atravez dos innumeros grotões e fendas do leito rochoso posto a secco, observou que as camadas de grês se superpõe ao *syenito*, descoberto na queda do rio.

Um espesso manto de grês molle, grosseiro, com camadas de um schisto variegado em alguns pontos, onde tambem se observam bancos tenues de um calcareo esbranquiçado, domina por toda esta região cujo embasa-

mento é o granito e por vezes o *syenito*, não muito profundo no leito do rio.

Na cachoeira da Volta Grande, entre Jatobá e o Atalho, o grês, que se avisinha de uma e de outra margem, aperta tanto a corrente fluvial que a reduz de 700 metros, largura normal, a 80 metros entre dous enormes pilares que simulam o portão de um grande corredor de 500 metros de comprimento, onde correm as aguas com violencia e a sonda difficilmente alcança o fundo. Em um ponto porém accusou ella 28 metros de profundidade.

Subindo rio acima a mesma paisagem se repete. O grês toma as formas mais pittorescas e dá logar a que se vejam pelas margens ruinas de castellos, fortalezas e bastiões que a imaginação facilmente concebe.

No logar chamado *Sobradinho*, pouco acima do Atalho, vê-se á margem esquerda, erguendo-se das aguas, um cabeço arredondado com fendas caprichosas simulando gigantescas portadas. No sitio do *Penedinho*, projecta-se para o rio um esporão pedregoso da serra visinha, que de longe parece uma torre em ruinas.

Na base dessa torre phantastica, o grês retalhado forma columnas, ou pilares que dir-se-ia representarem os restos de uma construcção cyclopica.

No Atalho e no Angico, meia legua rio acima, encontraram-se, sob o grês, camadas de um schisto calcareo muito rico em fosseis, grande abundancia de agathas meúdas, e fragmentos de madeira petrificada.

A silificação da madeira é aqui mui frequente na margem do rio. Nas visinhanças do logar chamado *Campinho*, entre o Atalho e Papagaio vê-se um grande tronco, quasi uma arvore inteira petrificada, com a base para o lado do rio e, mergulhando por baixo de um banco de grês, surge alem com 26 metros de comprimento e 40 centimetros de diametro medio.

No Atalho, que não é senão uma vivenda de José Manoel de Souza, á margem esquerda do rio, e que por muitos dias foi o nosso quartel general, estavamos a 320

metros acima do mar e tinhamos regularmente em Setembro temperaturas, de 22 a 24.° centigrados pelas 8 horas da manhã, 29.° ao meio dia e 31.° ás 4 horas da tarde. Durante o dia o vento sopra brando e constante rio acima, mas durante a noite as barracas em que pousamos agitam-se e quasi não resistem á violencia delle em certos momentos.

Não é precisamente um regalo o navegar em *ajôjo*, arrastando rio acima, á força de varas, ao longo da margem menos funda, esse estrado fluctuante e de máo governo.

A navegação fluvial por simples barco sempre foi um mister inçado de enfadonhos incidentes, mas em que estes, por via de regra, não passam de meras excepções. No rio de S. Francisco, porém, no trecho que estamos percorrendo, o contrario é que é o verdadeiro. Os incidentes e obstaculos é que são a regra.

CAPITULO IX

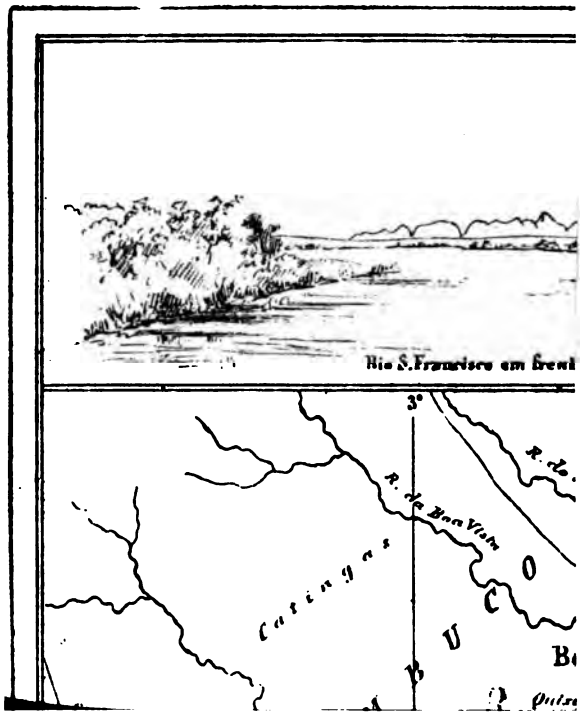
Boa Vista e Capim Grosso

Partimos rio ácima de velas enfunadas, duas enormes velas triangulares presas a um só mastro, simulando as azas de gigantesca gaivota, que voasse rente com as aguas bem pelo meio da corrente, e singramos assim por muitas horas n'uma desfilada triumphal, gozando da paisagem mais de largo, distinguindo por sobre a vegetação monotona das *catingas* as linhas do relevo do terreno distante, e mantendo-nos como que a igual distancia de ambas as margens que nos pareceram deshabitadas.

Subito, o vento cessou e com isso a scena mudou completamente.

Colheram-se as velas. A embarcação abicou para terra, perdendo do caminho andado, e os remeiros correram ás varas para a descahida não ser ainda maior.

A subida ao longo da margem torna-se então de uma monotonia insupportavel. Aquelles movimentos rithmicos dos remeiros no ir e vir sobre as coxias, impellindo a embarcação que parece não avançar; aquella paisagem marginal tão limitada, agora tão pouco variavel e que parece não querer sumir-se das nossas vistas enfastiadas, tão lenta é a marcha com que subimos; aquelle sol quentissimo que faz ancias e aquella luz viva que os reflexos offuscantes d'agua tornam ainda mais mortificantes, não predispõem de certo o espirito do viajante para a contemplação e o estudo do que vae passando tão lentamente diante delle n'uma e n'outra margem. E como o horizonte em redor nada tem de seductor, as attenções voltam-se para o que se acha mais junto de nós.


Rio S. Francisco em frent
3°
R. de Boa Vista
Catingas
U C O
B

ou monticulos que a vegetação espinhenta dos cardos e das bromelias bravas, por vezes, cerram com uma cortina impenetravel.

Nos montes, divisa-se pelas encostas atravez do manto da *catinga*, os grês em camadas quasi horizontaes ou apenas perturbadas por algum accidente local.

A rocha tem ahi uma contextura grosseira, ora branca, ora avermelhada e um tanto friavel na superficie.

Por toda a parte o aspecto silicoso do solo explica a pouca fertilidade delle.

E na verdade, não ha região mais ingrata do que esta. A vegetação o attesta no typo e qualidade das especies dominantes.

A população permanente é escasissima. Poucas fazendas de criar, umas muito distantes das outras, se encontram por estas paragens onde, a não ser o S. Francisco, não ha rios perennes, não ha fontes que resistam aos ardores do estio, como não ha lodo ou humidade que não tenha um sabor amargo ou salino.

Volta Grande está a 275 metros acima do nivel do mar, ou 45 leguas mais alto do que a cachoeira Paulo Affonso da parte de cima.

Pelas 6 horas da manhan, tinhamos ahi uma temperatura agradavel de 19° centigrados, e observamos as varzeas como as montanhas ao longe envoltas na sua tunica de nevoas, que rapido se dissipavam aos primeiros raios do sol nascente.

As manhans são aqui encantadoras, admiraveis, de frescor e de belleza.

Durou pouco, todavia, porque o sol, em alçando-se, já ás 8 horas começa a arder, inundando tudo com a sua luz vivissima que a côr alvacenta do terreno torna ainda mais intensa e encommoda.

Começamos então a analysar os companheiros e os seus habitos novos naquelle ambiente novo.

Os homens semi-nús que cantam a sua cantiga monotona de barqueiros, e vão e voltam, levando as suas varas longas e ferradas, jogando-as firmes, certas, n'agua, os peitos apoiados sobre ellas, tremendo sobre o impulso dos musculos retesados, emquanto debaixo dos seus pés e impellida por estes a embarcação caminha de encontro á corrente, são para logo o objecto da nossa curiosidade e exame.

Vê-se alli, entre elles, todos os matizes da população polychroma da nossa terra. O caboclo legitimo, o negro crioulo, o *cariboca*, mixto do negro e do indio, o *cabra*, o *mulato*, o branco tostado de cabellos castanhos e ás vezes ruivo, todas as raças do continente e os productos dos seus diversos cruzamentos ali estão representados.

Neste particular, é o valle do S. Francisco um vasto cadinho em que todas as raças representadas na America se fundem ou se amalgamam.

Os mestiços eram comtudo muito mais numerosos. Estatura pouco acima da meã, cabellos crespos ou annellados, pretos sob um chapeo de couro redondo e de abas curtas, descidas, podendo servir este a um tempo de estojo e de cuia para beber agua, dentes bons, curtos, firmes, cortados em ponta como os do peixe, que é este o *chic* do sertanejo, pescoço curto e grosso, hombros largos, bom peito, desbarrigado, canellas finas e pé curto e largo, tal é o cabra do sertão a quem não falta a palavra facil, a rapidez da réplica, a vivacidade, a imaginação e a poesia.

Na turma dos remeiros, onde todos á porfia, jogam as varas a compasso certo, só se ouve o retinir das pontas de ferro de encontro aos seixos ou areaes do fundo da corrente. Por momentos ninguem fala.

Reina silencio expontaneo que nenhuma razão explica. Subito, porém, um dos da companhia ri-se e in-

terpella n'esta linguagem pictoresca difficil de reproduzir: — *Hein, Zé Lettrado, Vossê não quiz saber de conversa?... Trastejou, não tem que ver. P'raque é que um cabra tem talento no braço?... Citrodia* (certo dia) *nós já serrimos um bando pro mode o Mathia e os seus furdunços... Apois desta feita foi com Vossê..... O Cabra sabe caçar com uma lisura nos terem dos outros que é uma graça... e não se diga nada que é uma arrelia dos peccados...»* E sempre nesse tom ia o cosinheiro que tambem era o *Figaro* destas bandas, contando a sua pilheria e narrando um caso de valentia que sahio ás avessas, de que todos se riam sem comtudo amofinar o *Lettrado* que era já avesado a taes motejos.

Ao cahir da tarde abicavamos para terra, ao primeiro porto e abarracavamos, isto é, dispunhamos o leito de campanha sob as copas espinhentas dos *joaseiros* e das *quixabeiras*, porque ninguem supportava as barracas fechadas, acendia-se fogo, e cada qual sahia, caminho á fóra, informar-se á aventura, até a hora da refeição que de ordinario tinha logar ao anoitecer.

Nestas paragens, o deserto é apenas apparente. O Brasil, em verdade, é mais habitado do que se pensa e menos rico do que se presume.

Daqui para cima, em ambas as margens do Rio S. Francisco não faltam moradores. A população é mesmo numerosa, bem que pouco productiva. Vive alheia ás leis economicas. Produz apenas o preciso para viver. Não importa, porque não produz para trocar, nem troca ou permuta porque não tem mercado onde fazel-o.

Nas estradas que margeiam o rio ou delle partem em direcções diversas, as habitações se succedem a meúdo, formando pequenas povoações, lugarejos insignificantes, e algumas villas e cidades. Nas povoações ribeirinhas, o aspecto de pobreza e de atrazo é extremo. Vive-se ahi sem se saber de que. Não se vê agricultura alguma, nem trabalho permanente. Na beira do rio, no lameiro das margens, onde a humidade resiste melhor á seccu-

ra do ar, descobrem-se ás vezes os restos de uma plantação de milho, de aboboras, de batatas doces e mandioca, mas tudo em proporções minusculas e muito pouco cuidadas. Nas catingas, reconhece-se que o gado ali pasta pelo rasto da rez que passou, porque raras são as cabeças que apparecem.

As habitações construem-se aqui pequenas e baixas, á falta de madeira, empregando-se por essa razão até o *mandacarú*, cujo tronco mais grosso fornece um tabuado branco, aproveitado para portas e para o pobre mobiliamento que se usa.

As casas voltam-se todas para as estradas, onde o commercio é frequente e não raro deixam o rio distante por causa das enchentes. Rasão porque quem navega nem sempre distingue através da vegetação marginal os povoados, que vai deixando para traz de si.

Approximavamos dessas habitações com confiança porque notámos que os seus moradores não se arreceiavam de nós. Homens e mulheres de nada se admiravam; pareciam até indifferentes em saber quem eramos, mas deixavam-se inquirir á vontade, respondendo sem desconfianças nem temores.

As mulheres vinham trazer as suas rendas para vender e lhes compravamos algumas peças a bom preço. Os meninos, quasi sempre nús, nos rodeavam e seguiam, ensinando-nos as veredas e os atalhos naquelle labyrinto das *catingas*.

No interior das casas não havia mais que sala, quarto, corredor e cosinha; o chão duro, mas excavado pelo transitar e varrer; as paredes barreadas e enegrecidas pela fumaça; o tecto de palha não tinha melhor aspecto. A um canto, estava o pote cheio d'agua que se ia buscar ao rio, cuja qualidade todos nos gabavam, pois é crença geral que a agua do S. Francisco não se corrompe. Notavamos pelo chão as esteiras em que as moças costumam assentar-se para fazer renda em almofadas, e em que empregam bilros feitos de coquillos

e espinhos de mandacarú substituindo os alfinetes; viamos as redes que, logo que entravamos, eram estendidas ou armadas para nos receberem, algumas feitas de algodão e guarnecidas de rendas, outras mais singelas feitas de palha macia do *burity*

Pelas cinco horas da manhã, partiamos do pouso, almoçavamos em qualquer ponto do trajecto, ordinariamente junto a alguma cachoeira em que era preciso deitar gente n'agua ou aliviar a carga para se transpor.

Depois examinavamos os canaes praticaveis, sondavamos e proseguiamos rio ácima nessa mesma faina de todos os dias.

Nesse marchar, tinhamos transporto as importantes e difficeis cachoeiras do *Váo*, a do Rosario e a do *Caxauhy*, e vinhamos ao *Ibó* onde o rio se reduz á minima largura de 300 metros, excede em profundidade a mais de 26 metros e a corrente superficial accusa nove decimos de milha por hora. Innumeras ilhas, grandes lageados em secco, bancos de arêa extensos, travessões graniticos, se encontram a todo o momento n'essa travessia de cerca de 24 leguas até *Cabrobó*, que alcançavamos a 27 de Setembro, depois de doze dias de viagem desde o Atalho.

Cabrobó é uma villa insignificante e sem vida, á margem do canal de 4 leguas de extensão que ahi forma a grande ilha da Assumpção, e representa o ponto mais septentrional que attinge o rio de S. Francisco no seu curso através dos sertões. A villa cuja população não excedia então de 1500 almas, tem uma pequena matriz, uma capella, um pobre edificio para a cadeia e umas duzentas casas, no geral, mal construidas. Estavamos ahi a 350 metros de altitude, ou 30 metros mais alto do que o nosso ponto de partida no Atalho, e o thermometro marcave 30.° centigrados á sombra ás 4.horas da tarde.

O curso do rio que vinha orientado mais ou menos a nordeste, aqui inflecte para sueste encaminhando-se

para o mar, atravez das serras, que aqui se abatem e se separam para franquear-lhe a passagem.

Nestas proximidades, termina a zona do grês e começa a do gneiss e do granito, os quaes emergem no leito da corrente como nos cabeços e morros que se avisinham de nós.

Daqui até ao *Joaseiro*, cidade bahiana que alcançamos a 14 de Outubro, depois de termo-nos demorado alguns dias a examinar as cachoeiras visinhas das villas de *Boa Vista* e de *Capim Grosso*, o terreno muda de constituição e de aspecto. O granito é a rocha dominante, e o calcareo, ás vezes cristallino ou marmoreo, de côres variegadas como nos Morcegos, apparece frequentemente.

A vegetação melhora por muito em relação a que dominara na zona do grês.

Apparecem agora a meúdo, de Boa Vista para cima, os bosques de *Carnahubas*, assignalando quasi sempre um solo salgado, que os moradores exploram, lavando, coando e evaporando para apurarem o sal.

Até Joaseiro, na altitude de 420 metros, a navegação fluvial é cheia de difficuldades pelo grande numero de cachoeiras, que no rio se contam, todas, aliás, susceptiveis de melhoramentos.

Não cremos, porém, que esse melhoramento venha a ser preferido ao que pode trazer uma estrada de ferro do Joaseiro, centro abastecedor destas paragens, e por onde podem escoar-se os productos do valle em demanda do porto da Bahia, muito mais directamente do que descendo o rio até á sua barra, que é de tão difficil pratica, e cujos dispendios para melhoral-a ninguem jamais calculou.

CAPITULO X

Joazeiro

A cidade do Joazeiro é com razão considerada o emporio do sertão do S. Francisco.

A sua zona de influencia commercial que, por um lado, attinge Cabrobó 203 kilometros rio abaixo, por outro, a Januaria 1054 kilometros rio acima, affectando ainda os sertões do Piauhy por Oeiras e Paranaguá e os de Goyaz por Palmas e Natividade, é, sem duvida, uma das mais vastas do Brazil central.

O Joazeiro, que fica distante do porto da Bahia 575 kilometros ou 87 leguas, a mais curta travessia entre o mar e a secção navegavel do alto S. Francisco, e, por essa razão, ponto terminal escolhido da grande linha ferrea que para estes sertões se encaminha, linha ferrea hoje concluida e trafegada, tinha então para nós que acabavamos de percorrer uma região aspera, atrazada e tão pouco favorecida pela natureza, o aspecto de uma côrte do sertão. As suas construcções em que se procuram observar certo gosto architectonico, a sua nova e boa egreja matriz, o theatro, uma grande praça arborisada, ruas extensas, commercio animado, porto profundo e amplo, exhibindo uma verdadeira frota fluvial, população alegre e activa de mais ou menos tres mil habitantes, davam-nos uma impressão tão favoravel de progresso, de riqueza e de actividade que nos alegrava e nos levava a mudar o conceito que vinhamos fazendo deste rio e dos seus adustos sertões.

Tudo, com effeito, aqui concorre para tornar esta cidade um centro de activas transacções. Situada na encrusilhada de duas grandes arterias de communicação interior, isto é, a velha estrada historica que da Bahia se encaminha para o Maranhão através do Piauhy, e a amplissima estrada fluvial que desce de Minas e vae ao

Oceano através da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, o Joazeiro, fundado pelos fins do seculo XVII, se tornou logo um centro preferido das transacções commerciaes destas regiões, e cresceu e se constituio o foco mais poderoso da civilisação e da riqueza desta parte do Brasil que se pode designar como a região media dentre os rios S. Francisco e Tocantins. Por essa razão é aqui communmente denominada *a praça* entre os sertanejos, mantendo com o porto da Bahia um grosso trato, servido por cerca de dous mil muares, que de ordinario fazem a grande travessia para o littoral em quinze dias de marcha regular.

Entretanto, apezar da distancia e dos meios de transporte e das difficuldades vencidas, chegam aqui as mercadorias europeas por preços bem razoaveis, e ainda supportam com vantagem o frete addicional para logares mais distantes.

Notamos na população do Joazeiro a mais obsequiosa attenção e urbanidade.

Haviamos assentado acampamento, abaixo da cidade, á sombra dos frondosos cajueiros de uma chacara situada á margem do rio. Em poucas horas, porem, toda a população sabia da nossa chegada e o que nella havia de mais distincto e elevado nos vinha visitar e offerecer os seus prestimos. Notamos-lhe ao par de muita affabilidade e correcção de maneiras, o sincero desejo de obsequiar e de servir. Em breve, recebiamos convite para ceias e jantares, bandejas de fructas e doces cobertas com toalhas de requissimos bordados, e outras provas repetidas de consideração e de sympathia.

Dentre as pessoas que mais attenções nos dispensavam, distinguia-se o velho vigario, o Conego Matto Grosso, figura sympathica que todos tratavam *o padrinho vigario*, pois vira surgir e baptisar a quasi duas gerações desse povo sertanejo que tão sincera e tão justamente o amava.

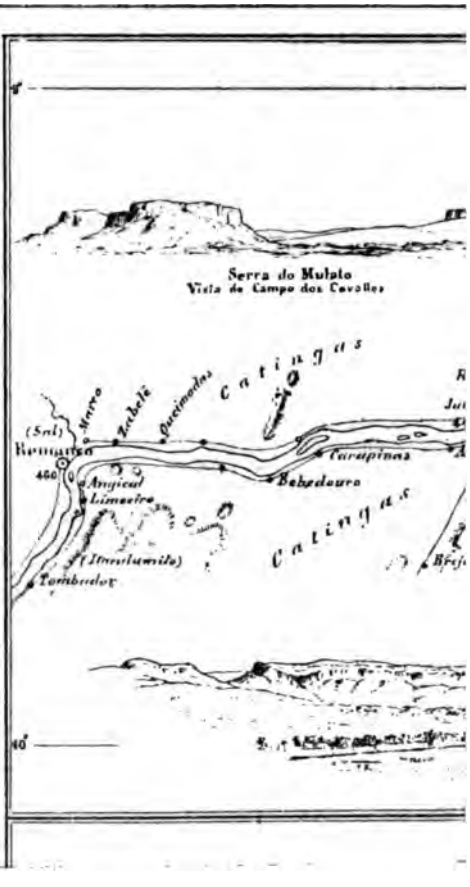
Como nos demorassemos no Joazeiro uns quatro dias em providenciar para a viagem que, do Sobradinho

para cima, devia ser feita a bordo do vapor *Presidente Dantas*, que solicitaramos do governo da Bahia, aproveitamos o tempo a percorrer os arredores, a colher noticias das regiões visinhas. Passamos o rio que aqui tem 750 metros de largura e visitamos a villa da *Petrolina*, na margem opposta, em territorio pernambucano.

O logar era então um povoado insignificante, cuja modestia a propria categoria de villa decerto prejudicava. Algumas casas de feia construcção ao longo de umas poucas ruas estreitas, desalinhadas e areientas, uma egreja de modestissima apparencia, pouco commercio, população escassa, eis o que era a *Petrolina*, que aliás todos informavam ser uma povoação muito nova e destinada a grande futuro, vaticinio decerto muito problematico, attento as condições da localidade e dos sertões de sua mais directa dependencia.

Entre Joazeiro e Petrolina ha no meio do rio um ilhéo pittoresco, denominado por alto penhasco em forma de torre, do cimo do qual se desfructa o bello panorama da cidade e das regiões mais distantes. Especie de jardim natural, formado pelos alluviões, é a pequena ilha o logar preferido por joazeirenses e petrolinenses para os seus folguedos, pescarias e jantares ao relento. Chamam-lhe, não sei porque *ilha do Fogo*, mas, em verdade é um pequeno museo mineralogico, porque em tão pequeno ambito, qual o de uns duzentos ou trezentos metros, exhibe uma grande variedade de rochas e mineraes dos mais caracteristicos do valle. Ha alli a rocha hornbleudica durissima que forma o nucleo do ilhéo mesmo, atravessada por dike de um quartzo escuro, fragmentos esparsos de congloratos ou *pudings*, infiltrações de ferro e silica, graphito impuro, blocos graniticos, grande copia de seixos de quartzo de côres diversas, fragmentos de agathas, de topazios e pingos d'agua.

Deixamos o Joazeiro a 19 de Outubro, depois do meio dia, e fomos pousar duas leguas rio acima, no lugar *Vargem* do lado de Pernambuco, fronteiro ao valle


Serra do Mulato
Vista de Campo dos Cavallos
Catingas
Macro
Tabolé
Queimadas
(Sul)
Remanso
460
Angical
Limoeiro
Carapinas
Beberdouro
Catingas
(Itinerlamilo)
Tambredor
40'

LIBRARY
Leland Stanford Jr.
UNIVERSITY

do *Salitre* que vem por entre as montanhas da parte do sul.

Diante de nós, illuminado pelos raios do sol poente, apparecia-nos á distancia em grande relevo sobre a planicie, o perfil da *Serra do Mulato*, com as suas encostas talhadas a prumo e os seus robustos contrafortes, superiormente cortados em forma de meza, avançando quaes dous enormes bastiões de uma fortaleza de Cyclopes.

O rio largo como um braço de mar dava ainda maior realce á paisagem que as montanhas distantes embellezavam, reflectindo nos seus alcantis os tons vermelhos da luz solar que desapparecia.

CAPITULO XI

As Salinas de Casa Nova

No dia 20 alcançamos a *Cachoeira do Sobradinho*, deixando á mão direita o *Pau da Historia*, lugarejo insignificante e areiento onde termina o territorio de Pernambuco á margem do rio S. Francisco. Deste ponto em diante a Bahia occupa ambas as margens do grande rio e estende o seu vasto territorio até a *Serra dos Dous Irmãos*, nas divisas com o Piauhy.

Na Cachoeira do Sobradinho, ou melhor nas cachoeiras deste nome, porque ellas são muitas, quatro pelo menos ao longo do canal, ahi mais susceptivel de navegação, divide-se o rio em dous braços desiguaes e exhibe um verdadeiro archipelago de que são as maiores ilhas, as de *Santa Anna* e da *Cachoeira*.

Impraticavel é o braço maior, do lado do sul; grandes são ahi os desnivelamentos, multiplos os obstaculos que o leito rochoso apresenta. O *Canal do Sobradinho*, porem, entre a ilha da Cachoeira e a margem esquerda, com um desenvolvimento maior, reparte por quatro successivos e curtos *rapidos* ou *corredeiras* o maior desnivelamento que se observa no outro braço. Melhorado esse canal, com a rectificação da passagem e remoção de lages que o prejudicam em profundidade e direcção, o transito para grandes barcas fica assegurado em qualquer época do anno, e as communicações do Joazeiro com a secção desimpedida do rio garantidas.

No canal do Sobradinho tinhamos encontrado, nessa época de vasante, uma largura media de 120 metros, e o fundo minimo de 50 centimetros sobre o travessão da cachoeira mais importante. As embarcações passavam então descarregadas, ou, quando pequenas, alliviadas de meia carga.

No dia 21, pela tarde, depois de examinados os canaes e cachoeiras do Sobradinho, aportamos á Santa Anna, onde nos passamos para bordo do vapor *Presidente Dantas*, ahi ancorado havia já uns tres annos quasi abandonado.

Santa Anna é um povoado com ares de freguezia sem vigario: construcções humildes, rua larga e unica n'uma lombada areienta, á pequena distancia da margem, capella não acabada, commercio nullo.

Algumas barcas que se preparam para descer as cachoeiras, alliviando-se da carga ou de parte desta, e outras que já as venceram e se dispõem a proseguir rio acima, animam-lhe todavia o porto, dão-lhe alguma vida com essa população adventicia dos barqueiros, acampados sobre a arêa da margem, onde á noite se accende o lume das merendas e se ouve o descante saudoso, melancolico do remeiro ao som da viola insubstituivel.

Só a 26, depois de concertado o vapor, e recebida a autorisação official para nos utilisarmos delle, feitas as provisões, chegadas dias antes do Joazeiro, contratados machinista e pratico, é que conseguimos partir de Santa Anna ás 6 ¼ horas da manhã, navegando rio acima em direcção á villa do *Riacho de Casa Nova*, que attingimos pouco depois do meio dia, com viagem regular.

Casa Nova, onde domina a familia Vianna, é uma pequena villa que se mantem com a industria do sal.

Visitamos-lhe as salinas, e achamos interessantissimo o processo de trabalhal-as.

O sal é um dos productos naturaes mais interessantes do valle de S. Francisco, no trecho entre Cabrobó e Chique-Chique. A sua origem é ignorada, mas o seu modo de ser eis como se nos apresenta.

O solo da salina é ordinariamente um terreno argilloso, secco, de alluvião, com superficie mais ou menos plana onde apparece manchas irregulares como as de um corpo graxo ou oleo derramado sobre a terra. São estas manchas inflorescencias salinas, superficiaes e pouco extensas, que o povo costuma raspar, reunindo a terra para lançal-a

em cochos de madeira em que fazem a decoada, que é evaporada depois ao sol no concavo de grandes lagedos, ou fervida ao fogo.

Não se emprega nesse serviço instrumento algum metallico. Todos os utensilios são de madeira ou de procedencia vegetal, porque é crença arraigada do sertanejo que o ferro extingue a salina.

O sal assim obtido é impuro, lamellar ou escamoso, corado e contendo magnesia. Quem pela primeira vez o prova ou não está habituado, experimenta desaranjos do apparelho intestinal, leves e passageiros.

A lama retirada da decoada é amontoada ao lado da salina e ahi fica até que com os annos se degrada e volta muita vez a produzir sal.

E' certo que as salinas produzem maior quantidade de sal nos annos chuvosos e que a safra é tanto mais abundante quanto mais tempestuoso correu o tempo.

A origem do sal no valle de S. Francisco não foi bem explicada ainda: presumo, porem, com certo fundamento, que o solo das salinas, composto de alluviões marnosos, com detrictos de rochas calcareas, e de gesso ainda abundantes dentro do valle, e contendo particulas de sal, só mui lentamente se desaggrega e se decompõe em contacto com o ar e com as aguas meteoricas amoniacaes, dando então logar ás inflorescencias. Por esse motivo, a producção é muito superficial e tenue, e por isso tambem é que a argilla depois de lavada, volta a produzir sal depois de alguns annos de exposição ao ar e á chuva.

O emprego de instrumentos de ferro leva de certo o explorador a cavar o solo mais profundamente do que o permittiriam os toscos apparelhos de madeira em uso e, portanto, porá a descoberto camadas mais profundas, não amadurecidas e que só mui lentamente viriam a decompor-se, gerando ou desprendendo o sal latente.

D'ahi o dizer-se que o emprego do ferro mata a salina.

Santa Anna do Sobradinho, Casa Nova, Pilão Arcado, Taboleiro, Santo Antonio das Salinas e Chique-Chique são os centros da mais consideravel producção de sal, e anno houve que essa producção chegou a cinco mil alqueires. O sal produzido no *Taboleiro*, é, porém, de todo o que se extrahe dentro do valle o mais puro e o mais alvo.

Não pousamos em *Casa Nova*, preferimos ancorar uma legua ácima na ponta superior da ilha do *Encaibro*, onde deviamos examinar a corredeira do *Angico*, e donde começamos a observar mais de perto a gigantesca muralha que ahi nos apresenta a pittoresca *Serra do Encaibro*, com as suas encostas aprumadas e as cumiadas planas como uma meza-nivelada.

Daqui para cima a navegação é facil, e a marcha seria mesmo regular e commoda se não foram os repetidos accidentes occorridos no machinismo velho do vapor, e a necessidade de parar para recolher o combustivel, cortados nas mattas marginaes. Ainda assim, chegamos a *Centocé* a 28 de Outubro, ao *Remanso* a 31, villa prospera, construida sobre uma barranca alta, á margem esquerda, e cuja população nos vem receber festivamente.

para cima, devia ser feita a bordo do vapor *Presidente Dantas*, que solicitaramos do governo da Bahia, aproveitamos o tempo a percorrer os arredores, a colher noticias das regiões visinhas. Passamos o rio que aqui tem 750 metros de largura e visitamos a villa da *Petrolina*, na margem opposta, em territorio pernambucano.

O logar era então um povoado insignificante, cuja modestia a propria categoria de villa decerto prejudicava. Algumas casas de feia construcção ao longo de umas poucas ruas estreitas, desalinhadas e areientas, uma egreja de modestissima apparencia, pouco commercio, população escassa, eis o que era a *Petrolina*, que aliás todos informavam ser uma povoação muito nova e destinada a grande futuro, vaticinio decerto muito problematico, attento as condições da localidade e dos sertões de sua mais directa dependencia.

Entre Joazeiro e Petrolina ha no meio do rio um ilhéo pittoresco, denominado por alto penhasco em forma de torre, do cimo do qual se desfructa o bello panorama da cidade e das regiões mais distantes. Especie de jardim natural, formado pelos alluviões, é a pequena ilha o logar preferido por joazeirenses e petrolinenses para os seus folguedos, pescarias e jantares ao relento. Chamam-lhe, não sei porque *ilha do Fogo*, mas, em verdade é um pequeno museo mineralogico, porque em tão pequeno ambito, qual o de uns duzentos ou trezentos metros, exhibe uma grande variedade de rochas e mineraes dos mais caracteristicos do valle. Ha alli a rocha hornbleudica durissima que forma o nucleo do ilhéo mesmo, atravessada por dike de um quartzo escuro, fragmentos esparsos de congloratos ou *pudings*, infiltrações de ferro e silica, graphito impuro, blocos graniticos, grande copia de seixos de quartzo de côres diversas, fragmentos de agathas, de topazios e pingos d'agua.

Deixamos o Joazeiro a 19 de Outubro, depois do meio dia, e fomos pousar duas leguas rio acima, no lugar *Vargem* do lado de Pernambuco, fronteiro ao valle

A animação e alegria de um momento não lograram apagar-lhe aquelle aspecto triste e moralmente doentio das cousas que deperecem.

Entretanto, é excellente a posição em que a cidade está edificada. Situada na confluencia do rio de S. Francisco com o seu notavel tributario, o rio *Grande*, a cidade da Barra é o entreposto natural das regiões occidentaes que visinham com o Sul do Piauhy e com o oriente de Goyaz, transpostas as serras do divisor dos rios S. Francisco e Tocantins.

O rio *Grande* que, em sua foz tem 246 metros de largura e offerece á navegação cerca de cincoenta leguas, facilitando as communicações para as villas de *Campo Largo*, *Santa Rita*, permittindo por meio de seu mais consideravel affluente, o rio *Preto*, attingir, de um lado *Paranaguá* no territorio de Piauhy, e, de outro, o baixo Tocantins que se alcança descendo as aguas tranquillas do rio do *Somno* contravertentes das do rio *Preto* é uma arteria de primeira ordem dentro do valle de S. Francisco. As suas terras são geralmente mais ferteis que as deste e largos trechos de mattas frondosas com suas ricas essencias cobrem ahi as planuras humidas, as grandes baixadas onde se diz que a canna produz sem carecer de renovo por mais de quinze annos consecutivos.

Não é montuoso o valle do *Rio Grande*, ao contrario sabe-se ahi da existencia de grandes planuras que se desdobram em campinas e se alçam aos poucos para o occidente na direcção das serras do divisor da bacia.

A cidade da *Barra* está na altitude de 482 metros: a villa de *S. Rita*, á margem esquerda do rio *Preto*, donde parte a estrada para o Piauhy, está a 563; nas cabeceiras do rio Preto a altura do solo acima do mar talvez não attinja a 800 metros, ainda que á distancia, e sobre o dorso da cordilheira do divisor, se verifiquem pontos com 1045 metros de altitude.

Por isso, a navegação pelo curso d'agua principal e pelos affluentes permitte penetrar fundo no interior

das terras attingindo-se *Barreiras* sobre o rio Grande e pouco abaixo da confluencia do rio das *Ondas*, *Porto das Pedras* no rio *Branco*, *S. Maria* para cima de *S. Rita* no rio *Preto*, pontos donde partem as estradas que levam aos sertões de Goyaz, do Maranhão e do Piauhy, e de que a cidade da *Barra* representa o centro irradiante.

Mas, a despeito da sua excellente situação, a antiga e famosa *Villa da Barra*, berço que foi do barão de Cotegipe, de Bonifacio de Abreu, de Mariani, de Canha e Figueiredo vultos que brilharam na politica, na sciencia e na administração do paiz, não correspondeo á nossa mui legitima espectativa.

A cidade parece que se converte em uma grande *tapera*. Por sobre as altas barrancas que dominam o porto, e que se escalam com difficuldade depois de se passar a orla lamacenta da praia, estende-se a casaria baixa desconjunctadas, de telhados negros e de feio aspecto, deitando para o rio os muros mal curados de sua cerca. Mais para o interior, abrem-se tres ruas longitudinaes parallelas, cortadas por becos e viellas sujas e ligando dous largos sem importancia e sem belleza. As casas parecem tombar, tal o desaprumo das suas paredes enegrecidas e rachadas. E os escombros das que já tombaram permanecem ahi como um attestado da incuria e do abandono, refugio de animaes que se criam soltos e invadidos pela herva que brota com viço nas ruas desertas.

Outras villas de menor categoria nos pareceram mais animadas e mais prosperas.

Informaram-nos, entretanto, que os dezeseis negociantes mais fortes da cidade estavam ausentes, procurando sortimento novo na Bahia para onde tinham partido, havia tempo, e isso explicava porque a falta de negocio e de transacções era mais sensivel que de ordinario.

Comtudo ao longo do porto, a bordo das embarcações ancoradas, nas pranchas estendidas para terra, sob

as toldas abahuladas das barcas abarrotadas de todo genero de mercadorias que aqui fazem escala, nas canôas, nas balsas de madeira que descem com a corrente fluvial, havia o seu commercio, que em certas horas do dia se animava e tinha o seu effeito.

Percebia-se bem que a cidade era um foco intermittente de commercio, mas arriscado a apagar-se, uma vez que lhe tirassem o supprimento que vinha de fóra.

De facto, o municipio da *Barra* é reconhecidamente pobre no ponto de vista agricola. Não tem quasi lavoura alguma, já pela pouca fertilidade do seu solo, já pela fraca capacidade de sua população para os misteres agrarios. A criação do gado é a sua melhor industria.

O Chique-chique fornece-lhe mantimentos, e do Campo Largo e S. Rita descem-lhe os mais productos de que se abastece, como sejam o assucar em rapaduras, o arroz, cultivado nos alagadiços e brejos que abundam nas margens do rio Grande e dos seus affluentes.

Na *Barra* colhemos informações sobre as regiões visinhas. Disseram-nos que a serra de *Assuruá*, distante da cidade cerca de oito leguas para Leste, começando abaixo da villa de Chique-chique prolongava-se muito pelo sertão dentro em direcção aos Lençóes e ao Districto Diamantino, interrompendo-se de quando em vez, dando passagens de nivel e proporcionando a riqueza nas regiões que ia atravessando. Plantava-se o café nas suas encostas, cultivava-se a canna nos brejaes de suas fraldas.

O café era já bastante, e de um grão miudo e muito denso, considerado como de superior qualidade.

Mostraram-nos uma bonita collecção de diamantes brutos, colhido nos Lençóes, pela mór parte miudos como grãos de ervilha, mas limpidos, assim como alguns *carbonatos* de que então havia muita procura. Disseram-nos que no *Assuruá* não só havia diamantes como aquelles, mas ainda muito ouro em grossas pepitas, muito ferro, chumbo, e outros metaes. O *Assuruá* goza aqui dos fôros de uma *Terra de Promissão.*

Disseram-nos que daqui á cidade da Bahia ha 120 leguas, passando pelo Morro do Chapéo em direcção á *Feira de Santa Anna* perto de *Cachoeira*, e que, nessa longa jornada se empregavam commummente 15 dias, encontrando-se na travessia largos trechos de 8, 10 a 14 leguas de catinga grossa, onde não ha agua e que por isso, os pousos se tornavam forçados para certos pontos, sendo mui escassa a população entre *Assuruá* e *Jacobina Velha*.

Informaram-nos mais que o calcareo abundava ao poente da cidade e que os bellos exemplares de ardosia que viramos empregados em mezas na Casa de Caridade procediam da *Carinhanha*, villa situada rio acima e que a pedra de grês dura e de grã fina que ahi se usava nas construcções da cidade vinha do *Paramirim*, ribeira que desce das terras altas e auriferas do municipio do *Rio de Contas* e desagua no S. Francisco, junto ao *Morro do Pará*, onde abundam pedras de amolar excellentes.

Durante o dia que estivemos na *Barra*, sobrou-nos tempo para visitarmos a matriz, egreja não acabada ainda, mas que nos pareceu obra de merito, o edificio da Camara Municipal que tambem serve de cadeia, o theatro ainda não acabado tambem, e a casa que nos mostraram com certo carinho e em que nascera o barão de Cotegipe.

Penetrando na modesta habitação que o passar dos annos combalira, veio-nos logo á memoria e passámos a commentar aquella receita hygienica que nos dera o velho estadista, despedindo-se de nós no palacio do Governo quando alli nos apresentámos ao Presidente, Dr. Pedro Luiz Pereira de Souza, amigo e admirador, ainda que adversario politico do barão que naquella hora o visitava.

— « Meninos, dizia-nos o barão com um ar bonachão e alegre, façam como eu e como todos os que vivem naquella terra em que nasci, tragam sempre á cabeceira a sua garrafinha de aguardente e pelo amanhecer

não ponham pé em terra sem primeiro tomarem o seu gole, aquillo é um tiro ás maleitas...

«As velhas, continuava o velho barão em tom pilherico e familiar, costumavam offerecer-nol-a com um leve resaibo de quina, por preventivo, diziam ellas, quando as aguas do rio davam de descer; mas preferia-a sempre, como estou certo que vosmecês todos a preferirão... pura;... tomem... tomem seu copito pela manhã e me digam depois se a receita do velho servio ou não para alguma cousa.... »

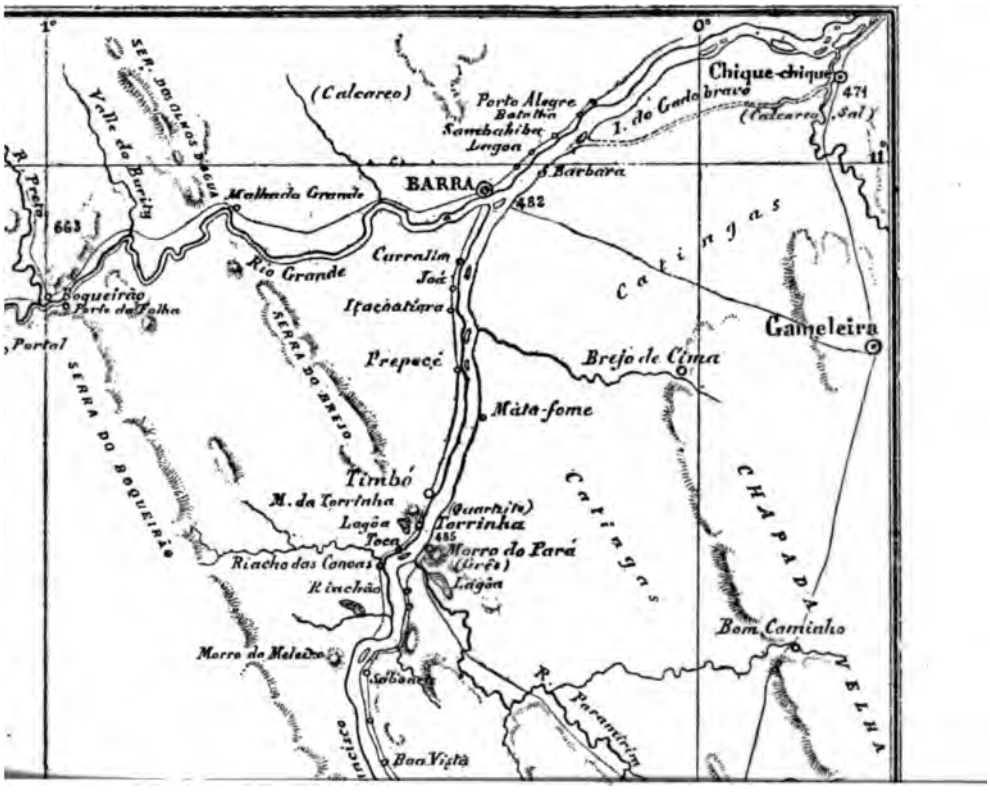
CAPITULO XII

Da Barra a Urubú

No dia 11, pelas duas e meia horas da tarde levantámos ferro e proseguimos rio acima em direcção ao *Urubú* muitas leguas e muitos dias de viagem.

No trajecto, a navegação se fazia á maravilha. A quilha do velho vapor *Presidente Dantas* cortava as aguas tranquillas do S. Francisco como n'um lago sereno. Pareceu-nos o leito da corrente mais estreito e mais profundo. As ilhas quasi que desapparecem assim como as coroas e bancos de arêa. E iamos assim deixando á direita e á esquerda, successivamente, as pequenas povoações e fazendas do *Curralim*, *Joá*, *Itacuatiara*, *Prepecê*, *Matta-fome*, *Timbó* pouco abaixo do Paramirim, e observámos como as terras tinham melhorado de aspecto, como a vegetação mudára tornando-se mais vigorosa e variada e como as culturas se succediam mais a meudo pelas baixadas marginaes.

Cerca de legua para baixo da fazenda da *Torrinha*, no lugar *Timbó*, onde paramos para fazer lenha e a barranca se eleva 4 metros acima das aguas, os Drs. Derby, Wieser e eu galgamos um serro quartzoso e aspero para observarmos a região ao redor. Do alto desta eminencia avistamos ao longe, para alem das vastas planuras de uma vegetação que nos pareceu melhor, a serra de *Assuruá* com os seus recortes pittorescos, os seus picos elevados, alçando-se como uma muralha azul para o lado do oriente e afundando no horisonte na direcção do Sueste. Mais proximos de nós, surgem como ilhas, uns poucos serrotes dispersos na planicie nivelada que vem morrer na margem da corrente, simulando esta repartir o vasto horisonte que contemplamos como uma fita de prata resplandecente.


1°
0°
11°
Chique-chique
474
(Calcareo)
Porto Alegre
Batalha
Sambahiba
Lagoa
I. do Gado brave
(Calcareo)
Sal
(Calcareo)
S. Barbara
BARRA
482
Malhada Grande
663
R. Preto
Vallé do Burity
SER. DOS OLHOS D'AGUA
Rio Grande
Curralim
Joá
Itacatiara
Boqueirão
Porto da Folha
Portal
SERRA DO BREJO
SERRA DO BOQUEIRÃO
Prepucé
Mata-fome
Brejo de Cima
Caatingas
Gameleira
Timbó
M. da Torrinha
Lagôa
Torrinha
(Quartzito)
Toca
485
Morro do Pará
(Grés)
Riacho das Conoas
Riachão
Lagôa
Caatingas
CHAPADA VELHA
Bom Caminho
Morro da Meleira
Sobaeira
R. Paramirim
Boa Vista

LIBRARY
Lehigh University
UNIVERSITY

Na margem esquerda em que nos achamos, passava por detrás de nós e não longe a *Serra do Brejo*, orientada para Noroeste, e, em distancia maior, cerca de dez leguas a occidente, outra linha de cumiadas correndo parallela á primeira e como que interceptando o curso do rio em ponto superior, invisivel, fecha-nos o horisonte por esse lado e limita os chapadões e terras altas estendidas para o poente com uma feição que o Geographo ainda não conseguio definir completamente.

Do pico da *Torrinha* seguimos cerca de meia legua para cima, até uma lagôa cujas aguas as enchentes annuaes de S. Francisco renovam e povoam de peixes ao infinito.

Estava então o ambito da lagôa muito reduzido e pudemos impunemente pisar-lhe o solo secco e gretado que as aguas transbordadas do rio, todos os annos, invadem e abandonam. Nos troncos das arvores, nas ramagens que o impeto da temporaria inundação emaranhou, descobriamos a cada passo os vestigios da ultima cheia. Restos de peixes que a agua, ritirando-se, deixou em secco, carcassas do *cary*, peixe cascudo que, como os *camboatás*, viaja na matta onde não raro perece sem encontrar a corrente fluvial salvadora instinctivamente procurada, tudo denota que haviamos penetrado muito no ambito da lagôa sem o termos percebido.

No solo duro e gretado pelo calor intenso, e marcado fundamente pelos pés das aves aquaticas que ahi pousam aos bandos, descobriamos a cada passo cascas partidas ou inteiras dos caracoes ou caramujos de varios tamanhos, grande quantidade de conchas fluviaes ou lacustres e notavelmente as dos *ytans* (Mytilus), algumas das quaes alcançavam 12 e 18 centimetros de comprimento, a 9 de largura, bastante espessas e com a bella apparencia de madreperola. Informaram-nos que as ha maiores e tão grandes que bem podiam servir como uma bacia de lavar rosto.

Disseram-nos os moradores ribeirinhos que na *Serra do brejo* ha ouro em abundancia, não nos explicando porem porque prodigio de desinteresse o não buscavam.

A isso calavam-se como que rendidos a um fatalismo inexplicavel. Mas a lenda das grandes riquezas escondidas nas entranhas da serra continua a correr mundo a escaldar a imaginação do ingenuo sertanejo, trazendo-lhe visões, encantamentos, fazendo-lhe ouvir ruidos mysteriosos, perceber clarões que subito se formam e se expandem por sobre a cumiada dos montes.

Até a villa do Urubú que alcançamos a 17, pelo meio-dia, a viagem se effectua sem incidente apreciavel.

As montanhas se levantam e se avisinham mais do rio que, em alguns pontos, se estreita e corre num desfiladeiro comprido, desde a *Peripery* até o *Bom Jardim*, acima da *Pedra Grande*.

A paisagem torna-se mais pittoresca. As encostas dos montes exhibem vegetação mais vigorosa e, nos altos, distingue-se, na rocha escalvada, a estructura do itabirito, do itacumulito e do talcoschisto. Por vezes, o desfiladeiro desapparece e pela aberta dos morros se deixa ver largo trecho do horisonte com quatro ou cinco planos distinctos de montanhas e de planicie que se succedem a perder de vista.

No *Bom-Jardim*, onde faz barra o rio de S. Onofre que vem da Chapada das immediações de *Caetité* com trinta leguas de curso, as montanhas alteiam-se mais e prolongando-se cerradas e em successivos promontorios, na margem esquerda, alcançam cerca de 300 metros sobre o nivel do rio, deixando ver bellas escarpas de itacolumito, rocha que ahi se explora para varias obras, extrahindo-se grandes lousas, algumas de mais de metro de comprimento e espessura de dous a tres centimetros.

Arvore barriguda (*Bombax*)
da circumferencia maior de 6 metros.

CAPITULO XIV

Em Urubú e na Lapa

O *Urubú* é uma villa pobre, das mais antigas do sertão e edificada em sitio elevado, mas sem belleza.

Saltamos em terra pouco depois de meio dia e após a copiosa chuva, que desde a noite precedente começára.

Havia pouca gente na margem e ao saltarmos, apresentou-se-nos o vigario, velho conego que, apesar do tempo que fazia, veio dar-nos as boas vindas e guiar-nos na visita ao povoado.

Mostrou-nos logo a velha egreja de Santo Antonio cuja fundação disse-nos datar do começo do seculo XVIII, o que aliás bem se demonstrava pelo seu aspecto de vetustez arruinada.

Comquanto solidamente construida, os estragos dos annos, n'um clima tropical onde as edificações rapido envelhecem e a vegetação tem audacias incriveis, invadindo paredes e telhados, davam-lhe um aspecto de ruina e de abandono.

Nas paredes sujas e feridas abriam-se grossas fendas. Viçoso cardo espinhento erguia-se sobre uma aba do telhado fazendo symetria com outro ainda mais viçoso e esgalhado erguendo-se sobre as telhas do presbyterio.

N'um dos braços do alteroso cruzeiro, feito de grosso madeiro, e pintado de negro, o *furnarius rufus* ou João de Barros, construido de argilla o seu ninho conico e polido, lembrando-nos que a natureza primitiva, com todo o seu pittoresco, não havia perdido ainda o seu imperio nestas paragens remotas onde a alma do crente está em intimo convivio com ella.

Ao abrirem-se as pesadas portas que tinham resistido a quasi dous seculos, sente-se ao penetrar na gran-

de nave, fria e escura, esse bafio suspeito dos recintos fechados a longo tempo, e ouve-se com o chilrear das andorinhas pelo alto o ruido dos morcegos que esvoaçam em torno de nós e nos ameaçam o rosto com o bater das suas azas sinistras.

Pareceu-nos que ainda se faziam enterramentos dentro da velha egreja.

Algumas sepulturas traziam inscripções na madeira do soalho e pareciam recentes, outras estavam ainda cobertas do panno preto como se um officio funebre tivesse apenas terminado. O templo parece-nos uma ruina aproveitada para cemiterio.

O forro interior, furado por cima do côro, ameaça cahir. Sobre os altares enegrecidos veem-se imagens cujos lavores o tempo combalira, mas que nem por isso deixam de ser obras d'arte de algum merito como aquella grande imagem do *Senhor Morto*, de tamanho natural, vinda da Bahia em época remota e que não nos pareceu tão imperfeita como o commum das imagens, que por aqui temos visto expostas á veneração dos fieis.

As edificações na villa não são muito densas e no commum são humildes e de feio aspecto. Duas ruas longitudinaes, parallelas ao rio, e distantes da margem cerca de quatrocentos metros para ficarem ao abrigo das enchentes, constituem o povoado, onde ha duas praças, a menor das quaes arborisadas e com bancos á sombra.

A velha egreja de Nossa Senhora do Rosario é edificio que nunca se acabou. A cadeia pareceu-nos mais um gallinheiro, com as paredes de pau a pique desaprumadas e cahidas. Preso pelos pés em um grosso e ferrado tronco jazia por terra um pobre rapaz soffrendo a pena por delicto de furto de gado. Ali lhe levavam a comida e, para o não deixarem tão ao relento, acendiam-lhe fogo perto todas as noites.

Informou-nos o conego vigario que a sua freguezia é muito extensa, povoada com muitas fazendas, roças e

arraiaes, pelo interior e ao longo do rio, dizendo-nos que chegava a dar quatrocentos conscriptos para o exercito.

A população é quasi toda de mestiços. Os homens bem fallantes e as mulheres, as de mais recato, timidas e acanhadas, espiando-nos por detrás das suas rotulas e gelosias com desconfiança. Ainda assim, as da melhor sociedade desejaram ver o vapor e nos foram visitar a bordo.

O *Urubú* entretem commercio regular com a cidade de Lençóes na Chapada Diamantina e com o *Salgado*, que é como aqui se conhece a cidade da Januaria, antigo *Brejo do Salgado* em Minas Geraes. Esse commercio, porém, através de máos caminhos por terrenos asperos, e por via fluvial não é ou está bem longe de ser um grosso trato, como aliás a região já o comportaria e a população relativamente o podia sustentar.

No dia 18 deixamos o *Urubú* em demanda do *Mangal*, onde deviamos renovar a provisão de lenha para proseguir rio acima.

O *Mangal* não nos correspondeu á espectativa e foi mister procurar ponto mais azado, navegando um dia inteiro até o logar *Sitio do Matto*, cerca de uma legua abaixo da barra do rio das Eguas.

O rio continua desimpedido e com mui poucas ilhas, As montanhas, agora mais distantes, deixam ver horisontes mais amplos; o solo, porém, não mudou de constituição. As rochas metamorphicas, o itaculumito, o itabirico, o talcoschisto dominam nas encostas dos morros occultando-se sob um manto mais denso de vegetação melhor. O calcareo é assignalado em pontos mais distantes, donde nos chegam noticias da fabricação da cal que se diz excellente.

No *Sitio do Matto*, um povoado pobre, com umas cem casas construidas sobre uma barranca alta de cerca de 8 metros, não foi sem difficuldade que logramos obter dos moradores a lenha precisa. Gente preguiçosa, vivendo sem trabalho, não se tomava de estimulo para ganho, respondia displicente aos que lhe falavam de

aproveitar preço e occasião: — A lenha fica muito longe... dizia essa gente desanimada, e tirar lenha é serviço muito duro que não paga a pena... não valia o sacrificio dos seus commodos quando ali bem á mão estava o peixe que não faltava e dava muito para viver sem massadas... Demais, ajuntava o bando dos preguiçosos, não tinham ferramentas, nem quem os ajudasse no transporte para a beira do rio... careciam de algum dinheiro adiantado para a comida... Um delles allegava a sua *maleita*, que não deixava de vir todas as tardes, outro tinha a mulher doente, este precisava ir avisar primeiro um amigo, aquelle outro por não estar acostumado a taes misteres.

Só a muito custo o bando seguio para o matto a ganhar a vida mais honradamente.

Durante os dois dias que aqui permanecemos recolhendo combustivel, levamos os nossos passeios pela catinga até vermos a matta interior mais distante. Tivemos ensejo de ver então um extraordinario grupo de cinco gigantescas barrigudas *(Bombax)* com os seus troncos prodigiosamente inflados e os galhos e ramagens entortados ou disformes, do mais pittoresco e esquisito effeito.

Até onde podiamos alcançar com o braço erguido e que de facto não era ainda a parte mais inflada do tronco, medimos de circumferencia seis metros n'uma dessas arvores mais corpulentas.

Outras havia, de certo, mais grossas mas impossivel era medil-as pela desconformidade dos seus troncos inaccessiveis.

CAPITULO XV

O Sanctuario do Bom Jesus da Lapa

No dia 21 pelas seis horas da tarde estavamos fundeados diante do *Serrote da Lapa* em cuja *ipueira*, ou canal que funcciona como bahia fluvial, não pudemos entrar com o vapor por ser estreita, ainda que profunda sufficientemente.

A *Lapa* é um sanctuario e um prodigio da natureza.

Um monte, ou antes um retalho de montanha calcarea, isolado no meio de uma planicie, com a base quasi dentro d'agua e a cumiada coroada de cactus e de bromelias espinhentas entremeadas de picos, agulhas, pyramides, minaretos das mais diversas formas, eis o Serrote da Lapa que visto do lado do rio, parece antes uma lasca de rocha pousada sobre uma meza, que uma eminencia com relevo subordinado á serie orographica da região a que pertence.

As aguas da *ipueira* banham-lhe sapé do lado meridional e a barca do commerciante que jamais passa sem aportar, como a embarcação mais humilde do romeiro que vem de longe e de toda parte, ahi encosta rente e deita em terra a sua carga piedosa bem na base do monumento que é, de facto, essa curiosissima obra da natureza.

O morro inteiro é um massiço calcareo com uma estructura tão esquisita, tão extraordinaria que difficil é determinar-lhe a orientação das camadas e estudar-lhes as disposições.

O calcareo gasto pela acção do tempo apresenta aqui as fórmas mais pittorescas que se podem imaginar. As pontas de pedra, innumeras, formam grimpas, agulhas, torres; simulam flechas elegantes de estylo gothico,

corucheos rendilhados, recortados, rematados do modo mais esquisito e por vezes, com uma disposição e symetria taes, que parece que se levanta diante de nós um desses immensos pagodes indianos, em ruinas, cujo pittoresco ainda mais se salienta com o tom verde e com as linhas aprumadas e duras dos cardos que lhe corôam as eminencias.

No dia seguinte pelas seis horas da manhã, Mr. Derby e eu tomamos dous guias e começamos a galgar o monte por um dos seus raros pontos accessiveis. Subimos com extrema difficuldade por entre grimpas, arestas vivas e agulhas de pedra através de corredores em labyrintho e de cardos, de bromelias e ortigas sem conta. No mais alto do monte que attingimos após quarenta minutos de ascenção arriscadissima, verificamos não estar esse ponto a mais de 80 metros sobre as aguas do rio. Dahi descortinamos então um horisonte bellissimo e vasto.

Ao longe, para os lados de leste, norte e sueste divisam-se as serranias em fórma de chapadas alcantiladas que penetram no interior da Bahia e vão na direcção de *Monte Alto*, de *Riacho de Santa Anna* e *Macahubas*; no meio, e aos nossos pés, a *ipueira* como uma bahia ou um lago tranquillo, e depois o curso de S. Francisco serpeando na planicie immensa e verde e sumindo-se alem no azul enfumado do horizonte; para o poente, nada ou simplesmente o indefinido de uma bruma que se alevanta de um solo sem relevo; e para o noroeste, o perfil dos montes através dos quaes navegamos antes de attingirmos o *Urubú*.

A nossa visita ao sanctuario tinha-se realisado antes.

Eram 6 e meia horas da manhã, quando galgamos a escada que nos conduz ao atrio. Tocamos ahi o sino como signal de romeiro á porta e logo appareceu-nos o sacristão, que nol-a abrio e por onde entramos na capella ja occupada por uma multidão andrajosa e chegada, homens, mulheres, meninos exhibindo as suas dis-

formidades, as suas ulceras, as suas miserias, pedindo, clamando atravessando o seu braço descarnado para nos tomar o passo, rogando, supplicando impertinentemente, incansavelmente.

Logo ao entrar, o effeito que experimenta o visitante é extraordinario e emocionante. O espectador entra logo em trevas a dous passos da entrada, mas divisa logo, no fundo da gruta, illuminados por uma luz discreta, que entra por uma fresta envidraçada á direita, os tres altares dourados, mas singelos onde estão as imagens, e no meio a do crucificado *Senhor Bom Jesus da Lapa*, consolo e remedio dos que creem e dos que têm fé.

Experimenta-se uma certa e irreprimivel emoção; sente-se uma impressão de frio á medida que se avança; percebe-se que estamos pisando no humido; caminha-se por entre poças d'agua milagrosa que pinga vagarosa e incessante das pontas de stalactites que se projectam da abobada negra da caverna e por fim começam-se a divulgar melhor os objectos em torno: á esquerda, um pulpito, o confessionario, os milagres representados em cêra e pendentes da parede retocada, o cofre de ferro onde um letreiro indica a especie da moeda a depositar-se *(cobre, papel)*, o altar de Nossa Senhora das Dores; á direita, veem-se empilhados alguns tijolos para revestir o chão, os mesmos votos ou milagres de cêra, as portas e janellas envidraçadas abertas na rocha, a sacristia e um outro altar.

No fundo, o altar-mór, dourado e rico, tem ao lado uma pequena porta que dá para uma galeria estreita e mais baixa, de certo, o extremo obscuro da caverna primitiva que ficou sem applicação.

A imagem milagrosa, objecto da universal veneração deste povo, não é grande, mede cerca de quarenta centimetros de altura, e é um crucifixo não sei se de barro, se de madeira, mas que se diz achar-se nas mesmas condições em que foi aqui encontrado e venerado pelos primeiros devotos, ha quasi duzentos annos.

Os companheiros de viagem, muitos delles protestantes, não puderam negar o effeito surprehendente e emocionante do sanctuario do *Bom Jesus da Lapa.*

A fé o proclama, a natureza prodigiosamente o serve.

Na Lapa informaram-nos que as rendas do sanctuario eram avultadas, que as suas riquezas eram grandes, ainda que andassem as cousas um tanto diminuidas nos ultimos annos pela escassez das esmolas, pelo pequeno numero dos peregrinos, e principamente, diziam-nos, por não serem poucos os que comiam e viviam dellas.

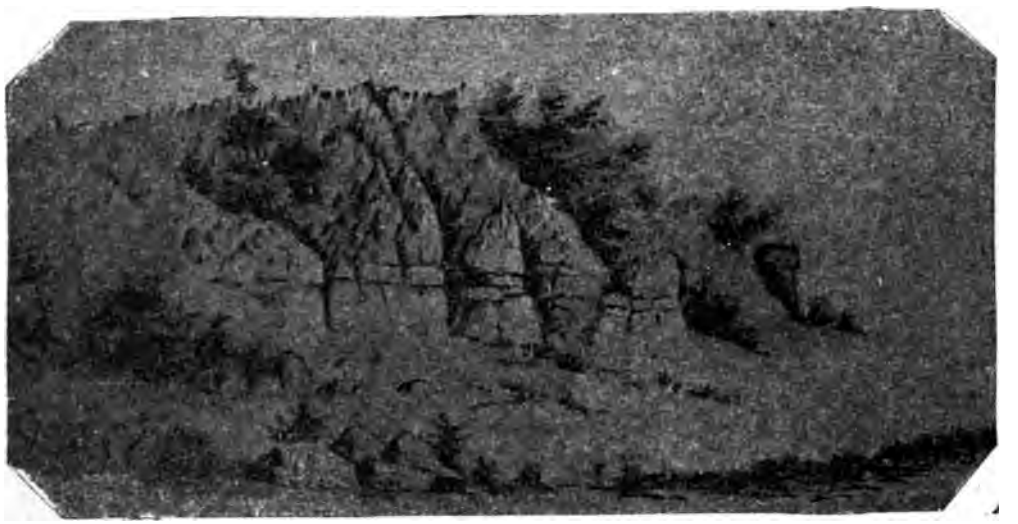
Não sabemos se com real fundamento, se por maledicencia, accusavam os procuradores, zeladores e sacristães que delapidavam a fortuna da capella, que de tudo dispunham e enriqueciam.

As humildes funcções de sacristão eram objecto de lucta e de cobiça dos magnates da terra. — Os coroneis daqui, dizia-nos malicioso informante, vivem a *fazer politica* para guardarem para si essas funcções, razão por que difficilmente aqui pára um capellão, não se tolerando a presença do vigario.

Contou-nos então por que motivo o logar, apezar de populoso, nem sequer se levava á parochia e muito menos á villa. — Essa gente não quer fiscaes, dizia, não quer prestar contas a ninguem. — A cousa assim mesmo é que serve....porque, não só dá para viver a muita gente como até dá para se fazerem eleições...

Não nos sobrava tempo para ouvir todo o longo rol de immoralidades e de desmandos que o nosso critico loquaz se dispunha a revelar-nos, foi mister embarcar e partir, porque de bordo o signal ja soara duas vezes, e nós estavamos retardados.

Deixei a Lapa convencido de que se tudo aquillo era um inestimavel thesouro de piedade e de crença, tambem era um testemunho da divina misericordia, mantendo illesa a fé n'um reducto de sinceridade inaccessivel aos botes de toda essa miseria humana.



O serrote calcareo do Bom Jesus da Lapa (Vista lateral)—Estado da Bahia

CAPITULO XVI

Carinhanha

Proseguimos navegando rio acima com as vantagens que nos offerecia um canal amplo, desempedido, atravez de uma região aliás monotona e sem relevos apparentes.

Nas margens vamos descobrindo os indicios de uma cultura mais larga.

Um ou outro sitio distante, meio occulto na folhagem marginal revela-nos que se a população não é consideravel, a lavoura não jaz esquecida nessas paragens onde me dizem que o algodão produz tanto que é mister amparar os galhos da planta, vergados ao peso da carga exaggerada.

Cultiva-se aqui a canna d'assucar em mais larga escala, e os cereaes dão em tão larga copia que esta faz esquecer as difficuldades de sua exportação.

Não obstante a lavoura deperecia a olhos vistos. O braço servil continuava a ser exportado em grande numero para saldar os debitos que a producção insuffiiciente accumulava e aggravava cada anno.

A instituição servil, em 1879, tinha já entrado no seu periodo agudo nos sertões do norte do Brasil.

O exodo da escravaria para as fazendas de café no sul, fazia-se já em grandes levas, quer pelas estradas do interior através das provincias limitrophes, como pelos portos do littoral onde por largo periodo se mantinha um trafico vergonhoso e activo.

Privados de recursos, os lavradores do sertão não tinham outro remedio senão venderem o escravo, deixando-se na desgraçada contingencia de não contarem com o trabalho livre.

Nestes sertões, o homem pobre nunca é sufficientemente pobre que precise viver do salario. O mundo aqui é largo de mais para que se faça sentir a pressão das necessidades.

A natureza prodiga não deixa haver a verdadeira pobreza que force a trabalhar e que obrigue e mantenha a disciplina pela necessidade de viver.

Não ha aqui, tampouco, estimulos para capitalisar. Vive-se bem, vive-se ao natural, sem cuidados pelo futuro, por que a pobreza aqui não aterra a ninguem.

O rio é um enorme viveiro, onde o peixe não escasseia jamais, assim como as catingas e as mattas marginaes um immenso e inexgottavel thesouro, facil de explorar nos momentos, nos rarissimos momentos em que a preguiça universal cede um pouco do seu imperio.

Da *Volta de Baixo* onde pousaramos acostados a um ilhéo no primeiro dia da nossa partida da Lapa até em frente ao povo da *Parateca*, cerca de doze leguas rio acima, o caracter da região vae melhorando sensivelmente. São ainda os mesmos aspectos no rio, mas, no horizonte, ao redor, sente-se que a natureza tem outras galas, ha mais frescor nas arvores, mais humidade no ambiente. No rio, as vantagens do navegar se mantêm; nem ilhas numerosas nem bancos de arêa embaraçam a corrente a meúdo; o canal continúa profundo; as barrancas vermelhas, altas, bem mais altas á margem esquerda do que á direita, erguendo-se ás vezes a 8 e 10 metros acima das aguas, não mudaram sensivelmente. A vegetação, porém, ostenta-se mais corpulenta e variada sobre as margens, exhibindo-se já no seu rendilhado de *cipós*, sob o qual se verifica que já não é tão absoluto o predominio das *Acacias* que tanta monotonia imprimia á paisagem da região anterior. O desapparecimento das carnahubas, cujas copas esphericas não balançam mais ao sopro da brisa, alinhadas sobre as barrancas, desde que deixamos a cidade da Barra, tirou á pai-

sagem aquelle aspecto de terra adusta dos paizes victimados pelas seccas periodicas. Tudo denota que vamos entrando em região fresca e variada, e que nos approximamos das raias de Minas, verificando como, de facto, as divisões administrativas aqui reflectem os phenomenos naturaes aliás tão evidentes.

A 24 de Novembro pelas duas horas da tarde ancoravamos sob as altas barrancas de 10 a 13 metros de altura sobre que se acha edificada a antiga villa da Carinhanha, a ultima villa bahiana pelo S. Francisco ácima.

Demoramos aqui algum tempo para fazer lenha, e no intervallo visitamos os arredores; fomos em canôa examinar o rio Carinhanha cuja aguas escuras passavam junto de nós opprimidas contra a barranca pelas do S. Francisco, vermelhas ou barrentas que com ellas se mixturavam lentamente.

O rio Carinhanha, que assignala o limite entre a Bahia e Minas, com 89 metros de largura na boca, reconheceu-se pelas sondagens que fizemos ser mais profundo do que o Rio Grande; mas a sua bacia é, em verdade, menor. As aguas turvas, côr de café, parecem menos impuras do que as do S. Francisco, porém menos saborosas tambem. Não é navegavel senão em curta extensão, sendo o seu leito muito irregular e encachoeirado.

Descendo da barra do *Carinhanha* cerca de 500 metros, encontramos no logar *Pontal* a pedreira de calcareo schistoso, imitando ardosia de que aqui se faz grande uso para mezas, bancos, calçadas e passeios, e que se exporta para outros logares.

Na *Barra* tinhamos visto um bello specimen deste schisto calcareo empregado n'uma meza do hospital; em *Carinhanha* vimos outro, isto é, uma lamina deste schisto fórmando uma meza tão grande que podiam sentar-se a ella 16 pessoas bem a seu commodo.

Apezar da enchente que ja cobrira mais de metade da pedreira conseguimos examinal-a bem. As laminas

de schisto são levantadas e extrahidas á alavanca e são então muito brandas, emquanto dentro d'agua, endurecendo consideravelmente uma vez postas em secco e ao abrigo de humidade.

A villa da *Carinhanha*, construida n'uma assentada sobre a alta barranca, profundamente retalhada ou gretada pelas torrentes, pareceu-me maior do que a do *Urubú*, e melhor ainda o aspecto das suas edificações.

O povo que aqui nos recebeu festivamente, ao espocar de foguetes, pareceu-nos affavel e cheio de urbanidade. Vimos aqui as escolas bem frequentadas, e admiramos a pericia com que os artifices da terra fabricavam os chapeos de couro, obra fina e delicada, imitando o conhecido chapeo de Manilha, revelando gosto e arte n'um producto aliás de modico preço: 4 a 5$000 cada chapeo.

No dia 27 proseguimos viagem deixando a Carinhanha e o seu povo postado sobre a barranca, que todo accorrera para se despedir de nós; aportamos ao povoado da *Malhada* cerca de uma legua acima, fronteiro a barra do rio Carinhanha onde o governo de Minas estabeleceu uma barreira, para cobrar taxa de toda a embarcação que entrar ou sahir do territorio mineiro; passamos sem perceber diante da barra do *Rio Verde Grande*, rio que serve de limite mais em cima entre as duas provincias, e fomos anchorar na *Manga do Amador*, pequeno povoado com uma centena de edificações em tres ruas sobre uma barranca alta de 17 metros, cuja população fugira quasi toda ao approximarmos do porto.

Indagando do motivo, explicaram-nos que no logar havia muita gente implicada nos recentes disturbios da Januaria de que em Carinhanha já tinham tido noticia, e suppunham que no vapor chegavam as autoridades e a força para a repressão dos criminosos. Isso explicava, tambem, porque, ao passarmos por algumas fazendas, nos saudavam com foguetes, como se festejassem a vinda da ordem e do respeito á lei.

Desembarcando, encontramos as casas fechadas, as ruas desertas, tendo-se retirado a mór parte das familias para sitios distantes. Uma barca que avistaramos ancorada, apressou-se logo em partir, fugindo a uma perseguição imaginaria.

CAPITULO XVII

Os Jagunços de Neco

O povo da *Manga* pertencia á parcialidade politica que não podia contar com as auctoridades, fossem ellas recemchegadas ou não. Isto estava nos habitos e não havia convencel-a do contrario. A fuga era, pois, o melhor recurso para a situação em que se achava com a approximação do vapor.

Contaram-nos os mais animosos que se tinham deixado ficar que, por uma questão politica, a gente da Januaria entrou em lucta encarniçada, uma parcialidade contra outra, levando-se de odio velho e de muita intriga como sóe acontecer nesses sertões apartados. O grupo ou parcialidade que não tinha por si as auctoridades retirou-se rio abaixo e veio fazer seu quartel general no logar *Jacaré* onde o *Neco*, seu chefe, reunia um verdadeiro exercito de jagunços com o qual pretendia tomar desforço, e reentrar triumphante na cidade donde fora expellido com os seus amigos, e cruelmente maltratado.

Era um verdadeiro estado de guerra.

Do Jacaré não sahia barca. O bloqueio do rio éra completo. Ninguem ali passaria sem o *placet* do *Neco*.

Comprehendemos logo qual a nossa situação e, sem hesitar, adoptamos a politica que mais convinha em tal emergencia, isto é, a mais completa neutralidade. Mr. Roberts ordenou que dalli por diante se observasse da parte do pessoal a maior circumspecção, toda a independencia, e nenhuma interferencia na lucta.

Assim se fez.

Todavia, no dia 28, depois de termos aportado a *Morrinhos*, cuja bella e antiga egreja visitamos, não resistimos á curiosidade de visitar o *Neco* ao passarmos

pelo seu quartel general do *Jacaré*. Eram 3 horas da tarde quando encostamos o vapor á barranca e saltamos em terra.

Havia entre os nossos um tal ou qual receio dos jagunços que as noticias nos pintavam como criminosos sanguinarios. Alguns daquelles não quizeram mesmo sahir de bordo, temendo um ataque de improviso, tanto mais quanto se dizia, que a gente do *Neco* não consentiria que o vapor passasse alem.

O *Jacaré* é um povoado pequeno, com umas 80 casas velhas, exparsas na planicie marginal, e estava então repleto de gente adventicia e recrutada para a lucta imminente.

Fomos, comtudo, recebidos mui polidamente. O *Neco* não se fez esperar, e de bonet na mão nos deu as boas vindas mui affavelmente.

Contou-nos durante cerca de meia hora os horrores que soffreu, e as peripecias da lucta cujo desfecho, declarou-nos, não demoraria muito, nem mesmo dous dias, pois que ia partir immediatamente para atacar a Januaria.

Já tinha havido dias antes uma refrega em que do seu lado apenas houve seis homens feridos levemente, mas que ficara senhor do campo, tendo-se retirado os da Januaria precipitadamente. Ia agora marchar com 200 homens alem de outros 200 que formavam a vanguarda e estavam já sitiando a cidade. Esperava chegar ali primeiro do que nós.

Despedindo-nos, pedio-nos neutralidade, mandou dous dos seus homens que nos acompanhassem até a bordo, offereceu-nos carta de recommendação, e presenteou-nos com algumas arrobas de carne fresca, offerecendo ainda carnear uma rez se quizessemos demorar algumas horas.

Partimos, porem, rio acima cerca de 4½ da tarde, mas não pudemos fazer muito, porque um pequeno desarranjo na machina fez com que o vapor não deitasse

mais que 4 kilometros até o logar onde ancoramos para passar a noite.

Era pouco mais de 8 horas, quando ouvimos o troar da fuzilaria para os lados do Jacaré; depois ainda alguns tiros perdidos, e mais distantes e, finalmente, sem que muito nos inquietassem os successos, tudo entrou em silencio e no repouso debaixo de um explendido luar.

No dia seguinte, sabbado, 29 de Novembro, pelas seis horas da manhã partimos rio acima do nosso anchoradouro, perto do Jacaré, em direcção á Januaria.

Atravessamos uma região em tudo semelhante á que vinhamos examinando desde a Carinhanha.

O rio continua desimpedido e franco a navegação, correndo entre duas cordilheiras baixas, parallelas que a custo se devulgam do tambadilho do vapor, e das quaes se destacam de espaço a espaço serrotes pittorescos que avançam até a margem barrancosa e alta.

Correm as duas cordilheiras distantes uma da outra cerca de 5 para 8 leguas, elevando-se de 120 a 150 metros sobre o rio, com relevo semelhante ao dos terrenos que se alteiam insensivelmente, mas exhibindo de quando em vez uns córtes fundos, umas quebradas com valles estreitos, apertados e de curta extensão.

A serra, ou antes a alta *lombada* que separa o valle do S. Francisco do seu affluente, o rio *Verde Grande* tem esse aspecto das planicies elevadas com as margens cheias de recortes e de valles pequenos donde descem cursos d'agua insignificantes e sem nome na localidade.

Entramos já n'uma região eminentemente calcarea, região que parece extender-se por larga zona do territorio mineiro, indo de um lado entestar com a *Serra do Espinhaço* e de outro até Goyaz, na cordilheira que os nossos geographicos denominaram das *Vertentes*. E' a região pittoresca das cavernas, dos sumidouros, das grutas de stalactites, das torres e dos bastiões erguidos

no cimo dos *araxás* e que são o encanto dos viajantes do sertão.

Chegamos á Januaria cerca das quatro horas da tarde e desembarcamos logo. Reinava na cidade um lugubre silencio. Era grande o terror entre os raros moradores que tinham permanecido e que, assustados, nos olhavam com desconfiança e se occultavam logo. As ruas estavam desertas, as casas fechadas, o commercio recolhido, as autoridades fugitivas. Reinava o desanimo e o abandono era completo.

Quem não logrou fugir rio acima acompanhando a força publica, as autoridades e as pessoas de mais credito que se punham assim ao abrigo da sanha do *Neco* e dos seus sequazes, ganhou a *catinga*, refugiou-se nos mattos proximos até ver em que paravam as cousas.

O *Neco* indubitavelmemte triumphava em toda a linha. O seu nome inspirava terror, e, por isso, quem não fugiu da Januaria é porque contava de qualquer modo com a sua protecção ou amizade. Tinha elle, de facto, chegado primeiro do que nós; mas, ao que nos consta, não tinha commettido as atrocidades que se receiavam e que os seus inimigos propalavam seriam postas em pratica contra elles.

As barricadas construidas de grandes traves, pedras, e areia com que os habitantes procuraram defender-se fechando as ruas do lado do norte de nada valeram. Vimol-as intactas no seu logar, attestando a pericia e a habilidade com que foram erguidas pela estrategia sertaneja, e ainda mais a *prudencia* e *melhor conselho* dos que as guarneciam, pois que em tempo reconheceram que entre *seguro* e *seguro* melhor fôra partir que ficar.... e foram-se com Deus.

A gente do *Neco*, isto é, o seu exercito do jagunços entrou na cidade e fez o que quiz. Contaram-nos que beberam a valer, e quando ja não podiam beber, abriam as pipas de vinho e deixaram-nas vazar para a rua, na doce alegria de verem correr um rio do precioso *Fi-*

gueira; roubaram o que quizeram, o gado nas fazendas, a criação, a mobilia das casas abandonadas, quebraram, distruiram, desmontaram engenhos de assucar, inutilisando peças essenciaes das machinas, um verdadeiro vandalismo.

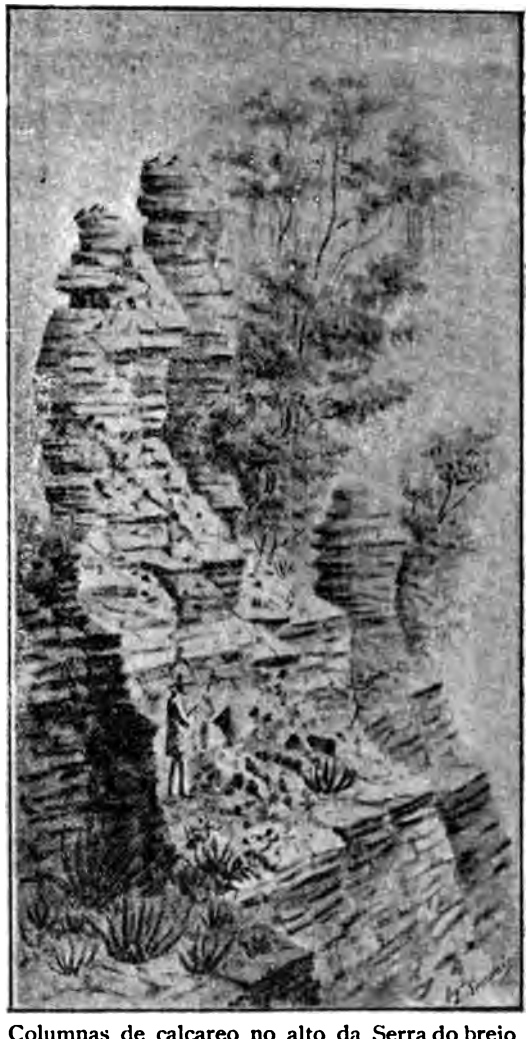
De certo havia algum exaggero em tudo isso. Na cidade nenhum vestigio de taes desmandados nos confirmou a effectividade destes. Mas é bem de ver que o *Neco* e seu povo não se teriam limitado a entrar na cidade pelo fôfo orgulho de dizerem que a tomaram. O façanhudo chefe dos jagunços deve ter tirado sua vingança. Senhor da cidade, dictou-lhe a lei a seu bel-prazer e continuou a dictal-a emquanto do centro, aliás bem remoto, não o mandaram desalojar. Tinha feito correr de medo aos que o haviam desfeiteado e arruinado e, decerto, procurou tambem indemnisar-se á custa delles, dos prejuizos soffridos, e das despezas que a guerra lhe trouxera.

Estas guerras do sertão têm muito de tragi-comedia; são como entradas de leão e sahidas de sendeiro: muita trovoada echoando ao longe, muito ronco, muito alarido e, no fim de contas, a *fuga* impetuosa dos *valientes*, precedida de muita noticia mentirosa, mandada para effeito lá fóra.

Contou-nos um dos partidarios do *Neco* que o barulho começara por um dos mais revoltantes e estupidos ataques que é possivel imaginar-se.

Festejava-se um casamento em casa de um dos amigos do *Neco*, e bailava-se á noite com as janellas abertas para a rua. Subito, por entres as damas, as luzes e flôres, trôa violenta descarga, e caem por terra, feridos não poucos dos que tão incautamente se divertiam.

Tinham os contrarios escolhido aquella occasião para começar a lucta, e melhor occasião por certo se lhes não depararia se a deixassem perder, e pois, apontaram os clavinotes para dentro de uma sala em festa e fizeram uma *razzia*.....



Columnas de calcareo no alto da Serra do brejo Salgado (Januaria)—Provincia de Minas Geraes

O terror que isso produziu foi indescriptivel; mas, bem averiguadas as cousas, poucos foram os feridos, ninguem morreu, mercê de Deus.

Fugiram os que escaparam á sanha dos bandidos; mas, dias depois, conseguiram estes deitar a mão em um dos mais dedicados dos partidarios do *Neco*. Amarraram-no de pés e mãos como a um porco, amordaçaram-no, deitaram-no no fundo de uma canôa e conduzindo-a para o meio do rio, deixaram-na descer á mercê das aguas.

O desgraçado, levado rio abaixo por entre imprecações, vozeria e tiros de toda uma população odienta e assanhada contra elle, vagou largo tempo, até que por milagre, foi dar em terra, entre gente amiga e compassiva que o recolheu.

A lucta, que assim começou, teve o desfecho que acima descrevemos. O *Neco* vingou-se, mas de facto vingou-se menos barbaramente. Ao seu inimigo não o deitou aguas abaixo, não lhe cortou nariz, nem mãos, nem pés, como se assoalhava, mas deu-lhe *uma carreira de mestre*, é da gyria dizer-se lá fóra, e pagou-se de juro e principal.

CAPITULO XVIII

Até S. Francisco

No dia seguinte, muito cedo, um domingo, convidou-me o Dr. Derby para uma excursão á *Serra do Brejo* que viamos a pouco mais de legua por detrás da Januaria.

Atravessamos a principio uns terrenos baixos, alagadiços e bem lavrados, vimos muita gente correndo assustada ao presentir a nossa approximação, as casas fechadas, as culturas abandonadas, e chegamos depois de hora e meia de caminho, a pé, ao povoado do *Brejo*, já na base da Serra, onde encontramos o mesmo terror na população, que toda ella se havia occultado.

O local é fertil e a qualidade do solo bem se attestava no vigor das plantações que vinhamos encontrando á margem da estrada. Mas não é sadio; pelo que a população definha, minada pelas febres palustres endemicas no logar.

A *Serra do Brejo* é um bello especimen de montanha calcarea, com as suas encostas ingremes, recortadas, retalhadas, desgastadas pelas aguas meteoricas que lhe modelam columnas, pilares, figuras de aspecto bizarro, que vistas á distancia e em conjuncto, simulam como o *Serrote da Lapa* essas construcções monstruosas do Oriente, exuberantes de ornamentação e estranhas na sua colossal enormidade.

Em poucos minutos tinhamos galgado a escarpa mais visinha, pisando sobre um amontoado de lages desaggregadas subjacentes, onde se exhibiam especimens de fina contextura do calcareo lithographico. Do alto da escarpa, onde cresce uma vegetação mais vigorosa, descortinavamos uma vasta planicie verde com algumas casas esparsas no meio das sebes que enquadram os campos cultivados, e viamos o terreno monotono e sem relevos sen-

siveis estender-se a perder de vista para o lado do Norte. Grimpando á uma arvore das mais altas, para ver o horizonte ao oeste, conseguimos descortinar para além da primeira linha da escarpa da montanha calcarea, o terreno que se levantava mais e mais á medida que se afastava para occidente e descobriamos, nas linhas regulares dos chapadões ou *araxás* que são a caracteristica topographica destas paragens quasi desconhecidas.

O paiz é, em geral, plano, exhibindo vastas campinas na direcção de Goyaz, onde sobre os *chapadões* de *Santa Maria* e *do Urucuya*, retalhados pelas correntes do *Japoré*, *Peruassú*, *Riacho dos Pandeiros*, *Rio Pardo e Urucuya*, se erguem, sob as formas mais bizarras e caprichosas, os dikes rochosos de grês calcareo, simulando aqui muralhas arruinadas, torres derrocadas, ali grandes bastiões, columnas alterosas, pilares gigantescos no mais bello contraste com a planicie circumjacente donde reçumbra uma serenidade triste.

Ao meio dia estavamos de volta á Januaria e seguiamos viagem até o logar *Pedras de Maria da Cruz* em cuja barraca rochosa atracamos como n'um excellente caes natural, construido de pedra calcarea. Ahi informaram-nos estarem refugiadas as autoridades fugitivas da Januaria, anciosas por saberem noticias do *Neco*. Fomos á terra visital-as e, na margem, encontramos soldados que tinham vindo ao nosso encontro a colher informações. Achamos toda aquella gente n'um abatimento indescriptivel. Estavam com a cabeça cheia de visões; acreditavam em quanto boato mentiroso lhes chegava; recebiam cartas anonymas cheias de ameaças, recados insultuosos e com isso se exaltavam ou se tomavam de imaginarios terrores. O juiz de direito, o vigario, o tabellião, autoridades judiciarias e policiaes, todos alli se achavam arranchados em palhoças, hospedes inesperados da pobreza do logar.

A nossa presença acalmou-os um pouco, sem comtudo, tiral-os da penosissima situação em que se achavam. Não podiamos intervir em cousa alguma que tives-

se relação com a lucta. Tinhamos tomado esse compromisso com a outra parcialidade, e por esse motivo foi mister resistir ás solicitações dos fugitivos. Demos-lhes noticias authenticas, seguras, com o que se reanimaram um pouco, mas negamos qualquer auxilio de que a intriga podesse tirar partido, malquistando-nos com a gente do *Neco*. E seguimos viagem com o pezar bem sentido de não poder fazer cousa alguma por aquella pobre gente. O estado de espirito do juiz de direito causava pena.

O digno magistrado, com as lagrimas nos olhos, vio-nos afastar como quem perdia uma esperança, o seu recurso supremo naquelle passo difficil.

Quanta desgraça, e quanta barbaria naquelles sertões, santo Deus!

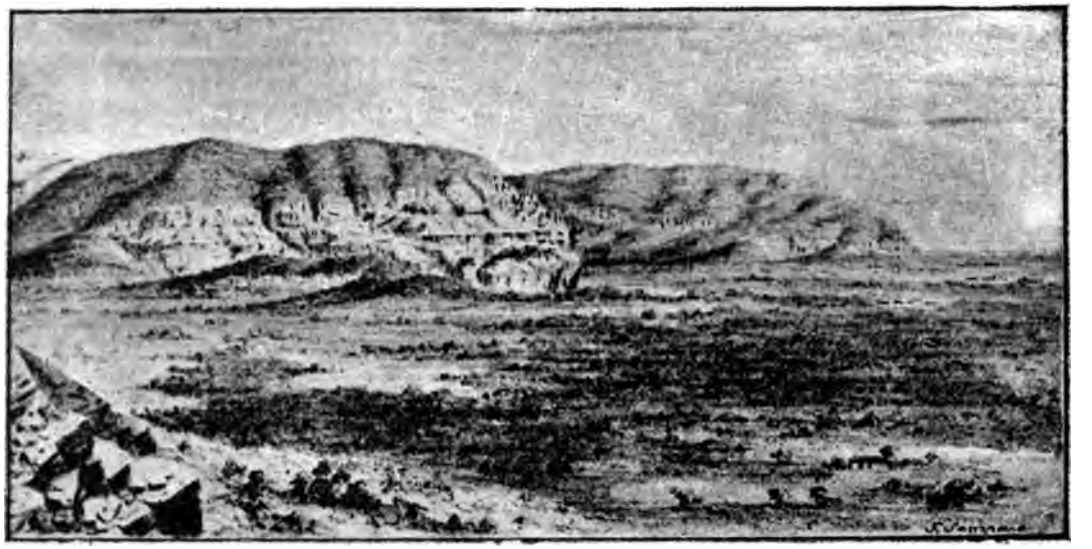
Deixando as *Pedras de Maria da Cruz* pela 11 horas da manhan do dia 2 de Dezembro, continuamos a subir rio até *Morada Benigna*, vencendo apenas seis legoas em sete horas de navegação, tão fraca era a marcha do velho vapor de rodas contra a corrente fluvial, agora um pouco mais forte.

Nenhum incidente digno de nota, nenhuma feição topographica nova ou mais saliente se nos deparam nesse trecho de rio, rompendo com a monotonia da paisagem anterior e com o tedio innarravel em que vinhamos mergulhados todo o dia.

Sob a tolda do vapor, tornava-se insupportavel o calor desses dias de verão, prostrava-nos a todos, somnolentos e alagados de suor sobre os frageis leitos de campanha armados por detraz da machina, a qual de quando em vez enchia-nos o camarim de vapor humido e deitava para o nosso lado o halito quente das suas fornalhas aquecidas.

Zombava de todas as etiquetas esse calor intoleravel, forçava-nos a tirar o paletot, a desapertar, a abrir o peito como se o contacto das proprias roupas nos abrazasse.

Eram 6 horas da tarde e ainda o thermometro centigrado accusava 30.°



Serras calcareas do Brejo do Salgado (Januaria)—Provincia de Minas Geraes

ן

Mas a calmaria reinante, o céo nubloso assim como o echo surdo dos trovões distantes, avisavam-nos da imminencia da tempestade que investia para nós rugindo, tangida pelos ventos do sul. A escuridão adensa-se mais e mais. Uma cortina negra e temerosa restringe-nos o horizonte, roncando os trovões por entre coriscos fusilantes. Grossos pingos quentes começam a cahir, e sem mais demora desaba formidavel aguaceiro. Sente-se que a terra treme e vibra com os repetidos trovões que reboam no alto.

Não é possivel continuar a navegar. Não se enxerga cousa alguma poucos metros adiante da prôa da embarcação. O pratico recolhe-se e o vapor abeira-se de uma das margens, procurando abrigo tambem.

Foi assim que a 3 de Dezembro nos approximamos da cidade de *S. Francisco*, antiga villa das *Pedras dos Angicos*, cuja população, postada sobre a barranca, e soltando foguetes, queria demonstrar que, superior á furia dos elementos, era a sua delicada e affectuosa curiosidade em receber-nos.

Tinhamos gasto oito horas de *Morada Benigna* até aqui, sem encontrarmos obstaculo algum na navegação fluvial que continua, desimpedida e franca, o rio amplo de 500 a 600 metros, profundo de 6 a 7 em media, as barrancas elevadas de 4 a 6 sobre o nivel da corrente, e o paiz com o caracter geral de uma planicie monotona onde é raro descobrir-se uma eminencia qualquer assignalando um relevo topographico mais variado.

CAPITULO XIX

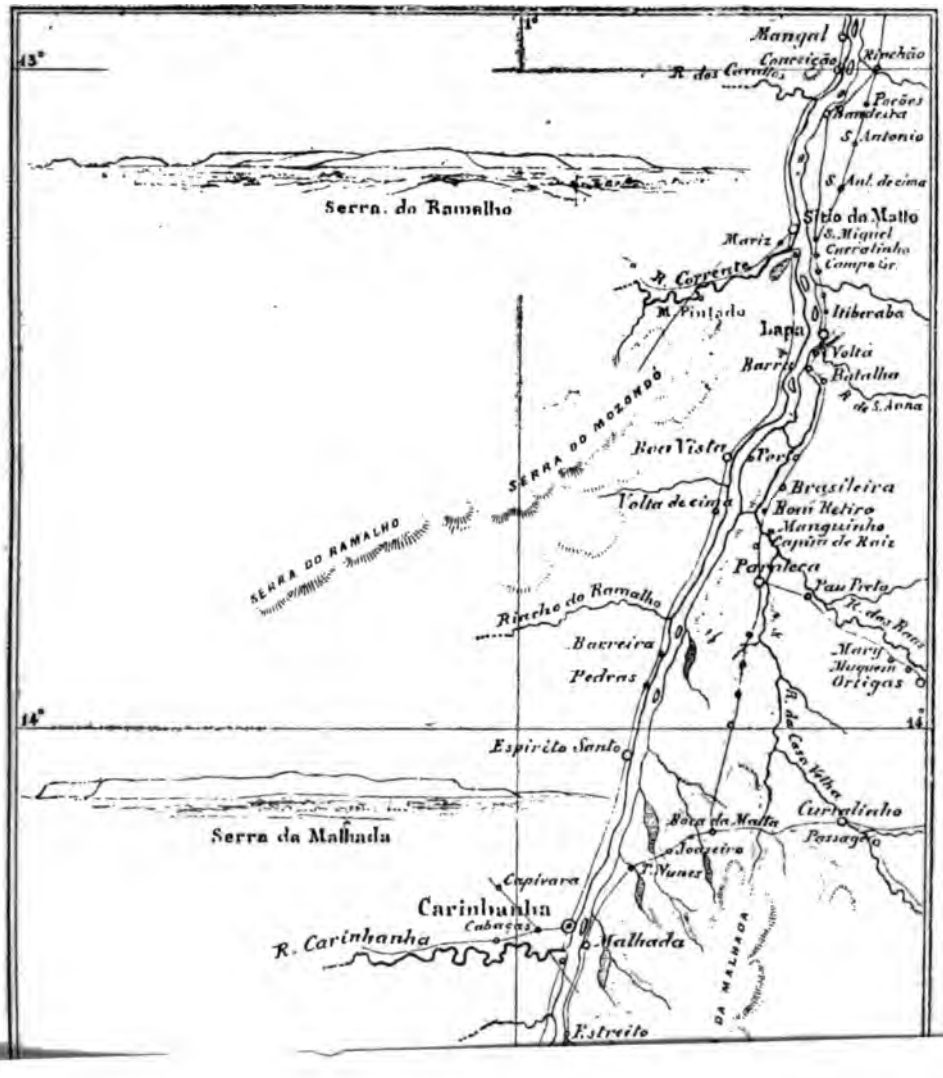
A Cidade de S. Francisco

A cidade de S. Francisco era de cathegoria recentissima e bem o demonstrava na modestia excessiva das suas reaes proporções. Tres ruas longitudinaes, algumas transversaes curtas, tortuosas todas por calçar, ou com um calçamento rudimentar apenas iniciado, 378 casas de feio aspecto, irregulares, mal construidas, uma população de 2.000 habitantes escassos, e muita pobresa, apezar de se nos dizer que o logar era bom, prospero e fadado a auspicioso futuro, eis o que era então a novissima cidade que tão gentilmente nos recebia.

O que, porém, mais attenção attrahe neste logar é o seu caes, ou o seu porto natural, dominado por um alteroso cruzeiro onde se exhibem todos os symbolos do martyrologio, bem á frente da velha e modesta egreja que aqui serve de matriz.

O caes natural é, na verdade, uma maravilha. Um banco calcareo da altura de 12 metros, talhado a pique sobre as aguas, e ao qual podem atracar as embarcações, quer em tempo de vasante quer de enchente, forma ahi uma verdadeira muralha, que as mais altas aguas não logram jamais assoberbar. A rocha é aqui da mesma natureza e formação da dos *Morrinhos* que está na margem direita como esta, mas differe da das *Pedras de Maria da Cruz* que é um calcareo durissimo como o do *Chiquechique* e contendo n'uma massa compacta e esbranquiçada concreções ovaes ferruginosas. O calcareo da cidade de S. Francisco é schistoso, com as camadas levemente inclinadas para norte, mui fragmentado e exhibindo lages de mais de metro de comprimento.

Intercalado a este schisto, ha leitos mais grossos de um schisto calcareo argilloso, mole, desaggregando-se em


13°
14°
Mangal
Conceição
Rinchão
R. dos Cerrados
Paçoes
Mandeiba
S. Antonio
S. Ant. de cima
Serra. do Ramalho
Sitio da Matto
S. Miguel
Curralinho
Campo Gr.
Mariz
R. Corrente
M. Pintado
Itiberaba
Lapa
Volta
Barreiro
Batalha
R. de S. Anna
SERRA DO MOZOMBÓ
Boa Vista
Porto
Brasileira
Volta de cima
Bom Retiro
Manguinho
Capão de Raiz
SERRA DO RAMALHO
Paranaca
Pau Preto
Rincho do Ramalho
R. dos Rios
Barreira
Mary
Pedras
Urtigas
Espirito Santo
R. do Caro Velho
Curralinho
Serra da Malhada
Boca da Malha
Passagem
Joazeiro
T. Nunes
Capivara
Carinhanha
Cabaceiras
R. Carinhanha
Malhada
DA MALHADA
Estreito

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
UNIVERSITY

folhetos tenues. Apezar de bons indicios de fosseis nenhum foi encontrado durante a exploração ou exame de muitas horas que lhe fez o Dr. Orville Derby.

O schisto calcareo argilloso pareceu-nos formar a base do deposito, emergindo do rio com bastante espessura e apparecendo alternadamente com o calcareo em leitos mais delgados.

Na cidade de *S. Francisco* foi-nos dado ainda apreciar uma destas scenas vergonhosas, destas peripecias da lucta com que o *Neco* vinha conflagrando toda essa região.

O terror dos *jagunços* tinha chegado até aqui. Todo o mundo se arreceiava delles e anciava por ter noticias seguras do que acontecera na Januaria e por certificar-se se ja não estavam elles em marcha para virem atacar a cidade e libertarem os seus amigos conduzidos presos para aqui.

Soubemos pouco depois, que o *Neco* ja os havia reclamado por meio de emissarios que acabavam de chegar.

A intimação era peremptoria: — ou entregavam os presos que haviam sido transferidos da cadeia da Januaria, ou elle em pessoa os viria buscar. —

A entrega não se fez esperar.

De facto, estando nós á tarde á beira do rio, examinando a bella barranca de calcareo e schistos, deparou-se-nos um grande ajuntamento de povo silencioso e triste a observar alguma cousa que se passava no porto de embarque.

Olhamos então para o rio e vimos, ja afastando-se da margem, uma grande canôa com alguns homens nella. Estes sim, falavam em altas vozes, em tom de desafio e com gestos ameaçadores, e, alem disso, soltavam foguetes á medida que se apartavam levados pela corrente.

Intrigando-nos o facto, aproximamo-nos para indagar do que se passava.

Soubemos então que aquelles homens, que tão extranhamente se despediam, eram os taes presos com os

jagunços do *Neco* que lá iam triumphantes junctar-se aos da sua grei.

E iam anchos e orgulhosos de sua valentia, desfeiteando a tudo e a todos. Certos de que ninguem ali lhes faria frente, não se tinham aquelles poucos bandidos contentado em *vir, ver e vencer*, não se satisfaziam com a humilhação que infligiam a toda uma população intimidada e inerme, iusultavam-na agora, lançavam-lhe em rosto a sua pusillanimidade, e esfogueteavam, assobiavam, riam daquella misera fraqueza que nem, ao menos, tivera a compostura de se occultar, mas bem ao contrario, presa de uma doentia curiosidade, tinha affluido aos caes para assistir ao seu proprio vilipendio.

Estavamos de facto n'um mundo extranho. Como estavas longe, oh civilisação!

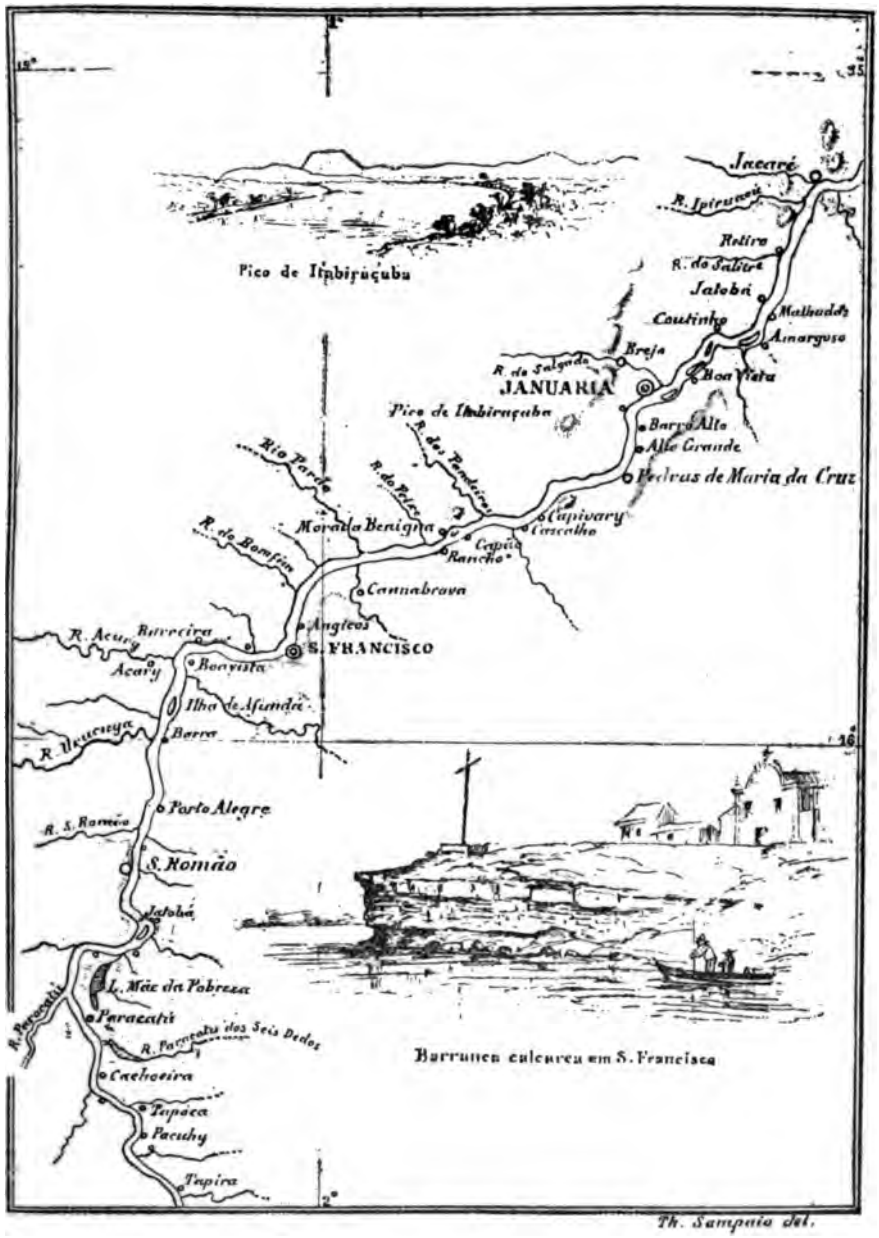
Diante daquella affronta, a autoridade, uma sombra, tinha desapparecido.

Ao menos não tinha ella presenciado, não sanccionara aquelle escandalo que se a prudencia tinha tolerado, um pouco de hombridade teria de certo repellido com successo.

Sem forças, sem recursos, não podendo mesmo contar com estes ainda quando instantemente solicitados, a autoridade, nestes sertões tão apartados, não faz outra cousa senão o que lhe dicta uma prudencia habil em tal emergencia — não foge, ausenta-se.

Mas aquella vaia escandalosa, dada por um punhado de bandidos em toda uma cidade, muda, triste, enfileirada no caes, sem um protesto, sem uma repulsa, sem uma crispação de nervos, foi para nós uma scena unica e, praza aos ceus, nunca mais, no nosso Brazil, se nos depare tão feio espectaculo.

No dia seguinte, depois de recolhido a bordo todo o combustivel necessario, proseguimos viagem debaixo de copioso aguaceiro que nos obrigou a parar diversas vezes e não nos permittiu alcançar *S. Romão*, a antiga *Villa Risonha*, oito leguas rio ácima. Passamos a noite


Jacaré
R. Ipiranga
Retiro
R. do Salitre
Jatobá
Coutinho
Malhadas
Amargoso
Breja
R. do Salgado
JANUARIA
Boa Vista
Pico de Itabirucuba
R. dos Tendeiros
Barro Alto
Alto Grande
Pedras de Maria da Cruz
Rio Tarrafa
R. do Peixe
Capivary
Cercalho
Morada Benigna
Capim
Rancho
R. do Bomfim
Cannabrava
Angicos
R. Acuru
Buriceira
S. FRANCISCO
Acary
Boavista
Ilha de Afundar
Barra
R. Verdeiro
Porto Alegre
R. S. Romão
S. Romão
Jatobá
L. Mãe da Pobreza
Paracatu
R. Paracatu
R. Paracatu dos Seis Dedos
Cachoeira
Tapoca
Pacuhy
Tapira
Pico de Itabirucuba
Barranca calcarea em S. Francisco
Th. Sampaio del.

ancorados junto a ponta superior da ilha de *Affundá* cerca de meia legoa abaixo da foz do *Urucuya*, que só no dia seguinte bem cedo avistamos na margem esquerda. O *Urucuya* vem das terras altas do lado de Goyaz e tem cerca de 140 metros de largura na sua barra; é um dos maiores affluentes do S. Francisco e tem o porto do *Carinhanha*. Fernando Halfeld calculou-lhe o volume d'agua em 15.645 palmos cubicos por segundo e estamos informados que dá navegação para barcas até *Campo Grande* cerca de 25¹/₂ leguas rio acima, podendo-se ir mais longe de canôa. As suas margens são ferteis, tem muitas fazendas e culturas, extensos campos, e mattas importantes.

Ao meio dia chegamos a *S. Romão* que de *Villa Risonha* que era ja tinha descido á cathegoria de simples bairro ou parochia, com umas duzentas casas quanto muito. A decadencia dos povoados nesses sertões é uma cousa tão inexplicavel como o apparecimento delles. Surgem, ás mais das vezes, sem uma razão economica apreciavel e extinguem-se sem se saber porque. S. Romão bem cedo vio passar a aura de prosperidade que algum dia a bafejou e ia já deperecendo mergulhada n'um torpor invencivel.

O seu edificio para a edilidade jamais se concluiu. A egreja matriz era nma velha construcção de feio aspecto, pessimamente conservada; raros eram os edificios particulares de uma apparencia melhor. O cemiterio era um simples cercado; as ruas desertas e invadidas pelo mattos; tudo tristonho e decadente... nada, nada de *risonho*,.... ainda uma vez verificamos que nem sempre o nome é uma voz com que se dá a conhecer pessoa ou cousa.

Deixamos S. Romão, cujo porto ensombrado por quatro frondosas figueiras, com as raizes ao sol pelo continuo desmoronar das barrancas, a unica cousa pittoresca do logar, e seguimos rio acima com marcha vagarosa, pela muita chuva que de continuo nos interrompia e pelas grandes

sinuosidades da corrente que não raro faz angulo de noventa gráos, reduz-se a pouco mais de 200 metros de largo, mas accusando fundo de 8 a 9 metros na linha do canal.

Estamos no meio de uma extensa planicie para a qual converge, com pequenos intervallos, um numeroso cortejo de affluentes considaraveis n'uma e n'outra margem. O aspecto do paiz não mudou. A paisagem fluvial é sempre a mesma, o mesmo tambem o *facies* economico da região.

Até a barra do *Paracatú* que alcançamos a 9, pelas 8 ½ horas da manhã, não fizemos senão um pouso, no logar conhecido por *Manoel Silvestre*, á margem direita, e ahi soubemos que o vapor *Saldanha Marinho*, por tanto tempo largado, estava sendo esperado na barra do *Rio das Velhas*, onde, de certo, vinha ao nosso encontro.

Era boato falso, como depois verificamos, mas ahi confirmou-se a noticia da morte do barão de Guaicuhy, um dos vultos mais considerados e de real influencia nestas paragens, e que havia contractado com o governo de Minas Geraes a navegação do *Alto S. Francisco*, tendo ja iniciado as obras de reparo do pequeno vapor a que acima nos referimos.

CAPITULO XX

O Rio Paracatú

Na barra do Paracatú demoramo-nos um pouco para fazer lenha e para medir o volume deste consideravel affluente do S. Francisco. Achamos-lhe em um ponto situado cerca de 100 metros acima da embocadura, 216 metros de largura, 4 ½ metros de profundidade maxima, 1,02 por segundo de velocidade superficial maxima, e 514 metros cubicos d'agua descarregada por segundo. Medimos tambem o rio S. Francisco, cerca de 100 metros acima da confluencia do Paracatú e achamos-lhe 509 metros de largura, 6 metros de profundidade maxima, 0,m 88 de velocidade media e um volume de 1679 metros cubicos, ou mais do triplo do Paracatú.

Desenganados de achar o combustivel de que careciamos neste logar, transferimos o nosso ancoradouro para o sitio do *Faustino*, uma legua rio acima. Mas foi um engano porque peioramos de sorte.

O logar era bastante povoado e com muitas plantações ao redor. A matta porem ficava distante e a lenha, por isso nos veio a sahir mais cara e mais demorada. Achamos ahi excellentes laranjas, vendidas a 100 réis o cento, muito cereaes, e algodão produzido apenas para o consumo local.

Deste sitio, cerca de um quarto de legua para o interior, está uma formosa lagôa de legua e meia de comprimento e meia de largura, raza, desaguando para o S. Francisco cerca de quatro leguas mais abaixo e recebendo o tributo de varios ribeiros, entre os quaes o mais consideravel o denominado *Gameleira*. Chamam-lhe os moradores — *Mãe da Pobreza*, porque, sendo muito piscoso, é o recurso da população menos abastada daquellas redondezas.

Outra lagoa menor, situada mais acima, e menos afastada da margem do rio pareceu-nos antes um espraiamento do *Paracatú de Seis Dedos*, um pequeno affluente da direita do S. Francisco, do que o effeito das enchentes annuaes deste, como parece que é o caso da primeira lagôa, tambem chamada do *Paracatú*, por ficar fronteira á barra deste rio.

Dos moradores affaveis e hospitaleiros colhemos então boas noticias da região interior, das terras altas, distantes, de nenhum logar conseguiamos avistar e tomamos conhecimento dos seus habitos, costumes e abusões.

Contavam-nos cousas maravilhosas, passadas sobre as aguas das lagôas, os encantamentos e assombrações dellas, as mortes numerosas de pescadores cujos cadaveres sumiam-se mysteriosamente, o modo como se procedia para, em certa hora da noite, se descobrir o corpo dos que pereciam afogados, para o que, diziam-nos, era mister tomar uma cuia ou cabaça nova e dentro della accender uma vela que se deita a fluctuar o mais perto do logar onde é provavel que a morte occorresse. E então, aquella luz benta que o vento não apagará e que uma força mysteriosa faz deslisar sobre as aguas, irá parar exactamente, como se uma ancora a detivesse no ponto em que se hade encontrar no fundo o corpo do misero cuja luz se apagou para sempre.

Não vão lá dizer-lhes, a esses pobres pescadores, que o seu processo aliás tão engenhoso e tão facil pode falhar. Isso os escandalisaria. Não faltam testemunhas occulares e serias para vol-o affirmar, sob palavra de honra.

A 11 de Dezembro ainda nos achavamos no *porto do Faustino*, cerca de uma legua acima da barra de Paracatú.

O córte da lenha nos retinha por mais tempo do que previramos. Era mister contemporisar, condescender com a gente da terra e com os seus modos de trabalhar, em que o factor tempo entra por muito, mas com valor negativo.

O rio *S. Francisco* continua a encher por influencia das primeiras chuvas da estação. Em dous dias tinha subido 1 metro. As aguas descem então barrentas e espumosas, transportando detrictos vegetaes de todo o genero e tamanho. Facilima se torna agora a navegação rio acima, onde todo o obstaculo proveniente do leito desapparece, e a correnteza se abranda com a elevação do nivel da enchente.

Vimos ainda nas visinhanças as lages calcareas de formação identica á das *Pedras dos Angicos* (S. Francisco) e verificamos que a planicie marginal, estendendo-se em larga faxa para o interior, ia até tres leguas distante onde começa o terreno a elevar-se, exhibindo pequenos serros destacados e sem systema. O *vargedo* como aqui se diz, é extenso em ambas as margens e se converte em grande lago desde que o rio transborda desalojando os fazendeiros e plantadores.

Disseram-nos que são aqui mui baratas as terras. Uma legua de terra na margem do rio com duas para tres de fundo, encerrando largos tractos para cultura e muita varzea para solta de gado, vende-se aqui ao preço de 600$000 se tem alguma bemfeitoria, e custa ainda menos se o solo é inteiramente baldio, ainda que comprehendendo mattas comm uita madeira aproveitavel como o cedro, a aroeira, pereiro e outras proprias para construcções. Nas margens do Paracatú e do Unicuia, as terras são ainda mais baratas e excellentes para a lavoura.

As terras tem aqui, de facto, muito pouco valor. Os proprietarios cedem-as gratuitamente aos moradores pobres para fazerem suas plantações e estes obteem quanta desejam, derrubando as mattas, tirando madeira em verdadeira devastação.

São aqui terriveis as formigas, as quaes inutilisam área consideravel de terreno proprio para cultura, e só proximo ás barrancas do rio é que as suas devastações são menos sensiveis. Por essa razão, as culturas se fazem

todas nas margens, e a mór parte dos proprietarios do solo se dedicam de preferencia á creação do gado.

Comquanto estejamos no fundo de um valle, no centro do continente, e na estação mais quente do anno, o clima, destas paragens, a 540 metros de altura sobre o nivel do mar, nada tem de extraordinario. Comtudo, temos constantemente 23° centigrados á sombra, ás 6 horas da manhã, 32° a 33° ás 3 horas da tarde e ás 8 horas da noite ainda o thermometro de Celsius accusa 26°.

CAPITULO XXI

Pirapora

A 12 de Dezembro, bem cedo, pela manhã levamos ancora e proseguimos viagem depois de haver recebido cinco mil achas de lenha para o resto da viagem até *Pirapóra*. Neste dia não conseguimos deitar mais de seis leguas rio acima, indo ancorar cerca de tres quartos leguas para alem da povoação da *Extrema* da qual passamos de largo.

O terreno começa a elevar-se. Já se observa do rio alguns morros de 60 a 80 metros de altura, formando chapadas que se erguem sensivelmente desde as margens do rio e mais assignaladamente, no trecho entre a barra do *Pacuhy* e o riacho da *Cannabrava* que veem de leste e entram no S. Francisco pela direita.

A matta marginal não mudou de typo. As palmeiras apparecem porem agora em maior numero, e as cannas bravas com as suas flexas esguias ostentam alvos pendões que a aragem agita brandamente.

Nos montes, observa-se, por vezes, uma faxa limpa a meia encosta, como se fôra um campo arteficial interposto á matta mais vigorosa que sóbe do rio e aquella mais rala que coroa as eminencias.

Nessa faxa, o solo amarellado é sulcado pelas erosões, tem aspecto arido, paysagem, que vai agora apresentando mais variedade e mais belleza. A Serra da *Manga*, fronteira á confluencia do *S. Francisco* e do rio *das Velhas* é desse typo.

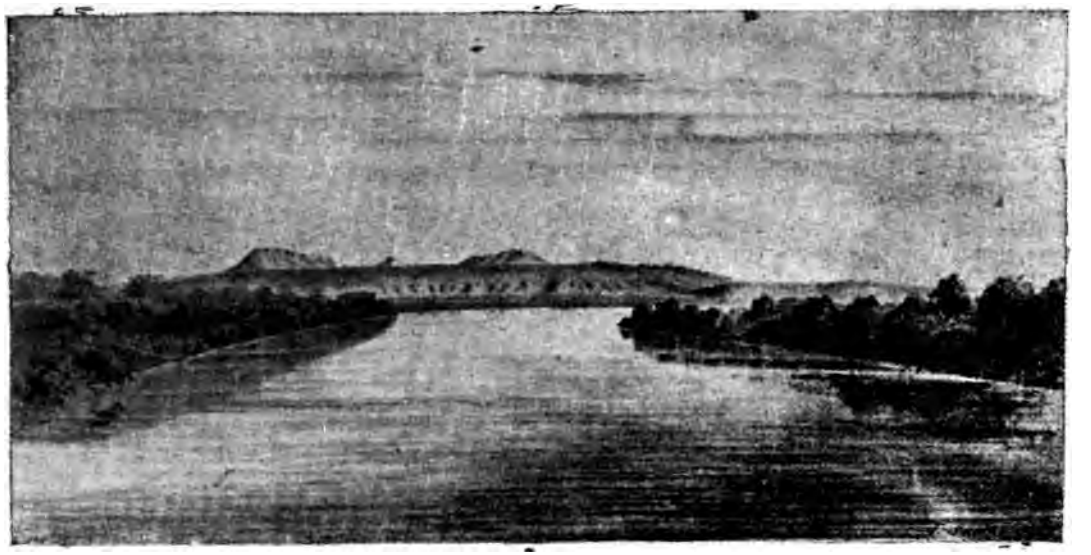
No dia 13 pelas 6 horas da tarde alcançamos a barra do Rio das Velhas depois de percorrer cerca de 11 leguas com excellente viagem. Ancoramos em fronte ao arraial da *Manga*, pequeno e pobre logarejo, de feio aspecto como o da *Porteira* que lhe fica bem proximo, e saltamos em

terra para visitar o logar. A *Manga* tem uma egreja em construcção que parece jamais se acabará, porque o rio avança contra ella, destruindo a barranca, damnificando as construcções como ja o fizera com as casas da rua marginal. Apezar da excellente posição do povoado, sob o ponto de vista commercial, na confluencia de dous grandes rios, e das boas terras ao redor, a pobreza aqui é mui sensivel. O povo é extremamente pobre, alimenta-se de peixe e contenta-se com isso. A carestia nestes logares é incrivel. Não conseguimos apezar do maior empenho obter que nos vendessem um pouco de sal, alguns generos de primeira necessidade, e uma rez. Tivemos pois que partir para *Pirapora*, cinco leguas mais acima, sem reforço de munição de bocca, e o mais triste ainda é que nos annunciavam ser a nossa penuria irremediavel porque para diante, na direcção que levavamos, não havia onde comprar cousa alguma.

As duas horas da tarde do dia seguinte chegavamos a *Pirapora*, a grande cachoeira do S. Francisco onde termina a grande secção navegavel desse caudaloso rio. Ancoramos ahi, junto á margem esquerda, pouco acima do riacho das *Pedras* e cerca de 400 metros abaixo da queda cujo ruido soturno ja haviamos percebido desde duas leguas mais em baixo.

A cachoeira de *Pirapora* é, em verdade, mais uma grande *corredeira* ou uma serie de *corredeiras* produzidas por um travessão rochoso do que um salto com queda accentuada. Um banco de grês quebradiço vermelho ou roxo que, nas margens se mostra formando escarpas de 2 a 4 metros de altura, corta o rio obliquamente, fazendo varios socalcos por sobre os quaes se precipitam violentas e espumosas as aguas que o dique rochoso debalde comprime e estrangula lá em cima.

O rio tinha-se avolumado com as ultimas chuvas, e por isso grande parte das asperezas do leito rochoso tinha desapparecido. Disseram-nos, porem, os moradores que, quando o rio está baixo, pode-se ir a pé enxuto sobre lages



Serra da Manga—Rio S. Francisco. Poucas leguas da confluencia do Rio das Velhas. Provincia de Minas Geraes

e pontes de pedra em grande distancia até o meio da corrente que então é mais precipite e de um pittoresco mais accentuado.

A impraticabilidade pareceu-me completa pelo que respeita á navegação. Todavia informaram-nos que, proximo á margem direita do lado da pequena povoação de *Pirapora*, ha um canal para canôas descarregadas, arrastando-se estas por sobre as pedras emquanto as cargas são conduzidas por terra até a parte accessivel do rio. Com a enchente esse canal se torna mais profundo então os mais arrojados se atrevem a pratical-o sem a prévia descarga das embarcações.

O nivelamento a que se procedeu, na margem direita, accusou, na extensão de pouco mais de kilometro, entre o alto e baixo da cachoeira, a differença de 6, 12^{m} para queda total della, resultado que pouco diverge do obtido por Fernando Halfeld que achou 25 palmos (6,00^{m}), emquanto E. Liais dá apenas 3,43^{m}, este talvez referindo-se ao trecho mais curto e ingreme da cachoeira.

No dia 15 de Dezembro pelas 11 horas da manhã estavamos de volta á barra do rio das Velhas, tendo descido as cinco leguas entre *Pirapora* e a *Manga* em duas horas.

O tempo continuando favoravel, ainda que o thermometro á sombra indicasse 30° antes do meio dia, nos animamos a sahir á terra para fazer uma visita ao arraial da *Porteira*, distante cerca de meia legua do nosso ancoradouro. O arraial conta apenas umas setenta casas e não tem mais de uma centena de habitantes. A egreja, como edificio mais importante, chamou-nos logo a attenção, e pois fomos visital-a. E' uma construcção provavelmente do fim do seculo XVIII.

O frontespicio della que nos disseram ter sido muito bello, tinha desabado ha alguns annos, e foi então reconstruido ou remendado. Pintaram-no grotescamente. Desenharam-lhe em meia altura uma fila de peixes azues e no frontão representaram uma corôa ladeada por duas

figuras ridiculas de indios, vestidos á européa e apontando para ella os competentes arcos retezados.

A obra interior sería, porem, digna de admiração e de todo apreço pelo lado artistico se não fôra o muito estrago e a pessima conservação da bellissima architectura dos altares. Que bellas imagens! Que formosos lavores na obra de talha! Todo isso, porém, não resistirá por muitos annos ainda, tão adiantados e tão irremediaveis são já os estragos do tempo.

O vigario, homem de côr, velho e doente que tão amavelmente nos tratou, pareceu-nos um resignado cuja voz clamava no deserto. A sua parochia era grande de mais: extendia-se por uma e outra margem do S. Francisco, com 30 leguas de comprimento e mais de 20 de largura, calculando em cerca de 12 mil almas a sua população pauperrima e disseminada. Elle, coitado, não tinha a minima esperança de ver as cousas melhorarem, encontrara-as assim, haviam de continuar....

CAPITULO XXII

A Serra da Manga

Subimos depois, o Dr. Derby e eu, ao alto da *Serra da Manga*, cujo pico vermelho se erguia 340 metros sobre o nivel do rio, a meia legua de distancia. Fomos encontrando pelas encostas um schisto avermelhado que aqui parece constituir o embasamento do planalto e muito seixo rolado proveniente dà decomposição do grês vermelho que domina nas eminencias.

Depois de uma marcha de pouco mais de uma hora, conseguimos, não sem difficuldade, galgar os rochedos que formam o culminante da serra, e alcançamos a ponta de um penedo elevado, de grês vermelho com o aspecto do tijolo recosido, onde a custo nos mantinhamos para observar a região ao redor.

Que bellissimo panorama esse que se desdobrava a nossos pés n'um raio de mais de vinte leguas, por um amplissimo horisonte!

Reconhece-se logo que estamos no alto de uma larga chapada que os rios retalham ou sulcam profundamente e no cimo da qual se erguem, destacados, curtos serros rochosos de um pittoresco incomparavel.

A oeste e noroeste avista-se lá em baixo, em seguida ao ponto de confluencia do S. Francisco e do Rio das Velhas, a fita prateada, aqui e alem interrompida por um relevo mais saliente do terreno, que vão deixando na planicie verde-escuro, as aguas do grande rio que se somem no horisonte entre duas pontas de morro que fingem aterrados gigantescos.

Mais alem, na mesma direcção, sobre o dorso da chapada, cujas margens parecem franjadas de vermelho pelos numerosos sulcos, quebradas e barrancas nuas que a vegetação não cobriu, erguem-se bellos picos pyramidaes, pequenos, serrotes alcantilados, montanhas despidas que a-

qui tomam nomes pretenciosos de *serras* como as de *Pé do Morro*, *Rompe Dia*, *Itaculumi*, *Genipapo*, e desenham no horisonte ao noroeste, um perfil dos mais pittorescos.

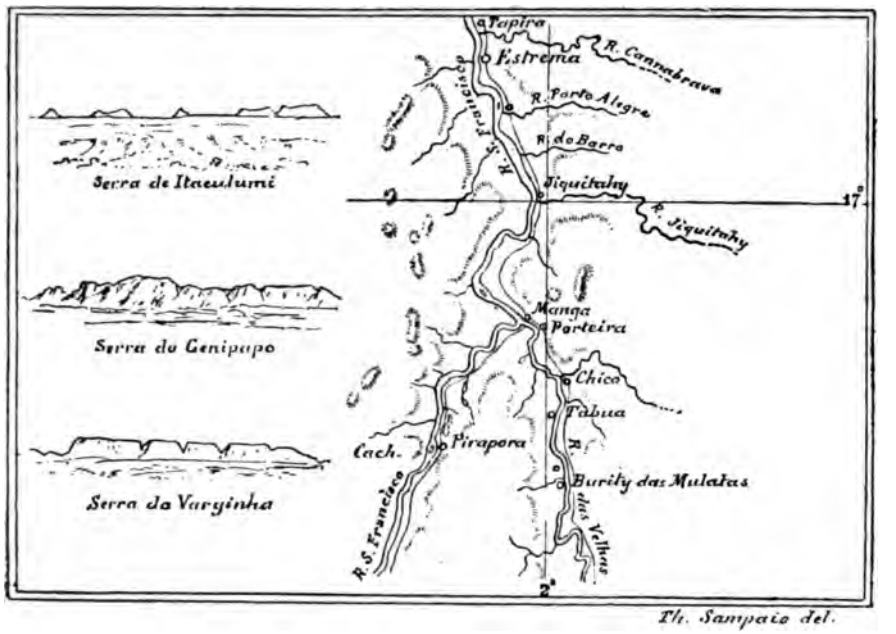
Depois, a *Serra da Varginha* com a sua cumiada vermelha e nivelada, precedida de alguns cabeças arredondados, dissimulam-nos apenas o começo de uma chapada longinqua cujo perfil azulado forma uma linha continua estendendo-se por cerca de um quarto do horisonte. Pela extensão e grandeza desse relevo orographico, pareceu-nos que devia corresponder á *Serra da Matta da Corda*, cujos contrafortes ou projecções mais septentrionaes não nos podiam ficar muito distantes.

Mais proximo, e occupando o meio entre o rio das Velhas e o S. Francisco, avança em forma de bastião, simulando um terraço, a ponta da chapada que aqui tem o nome de serra da *Tabúa* ou da *Tapera* e forma com as terras altas que se desdobram alem para o sul um largo chapadão de aspecto monotono, apenas mitigado pelas multiplas e successivas chanfraduras que a erosão lhe rasgou profundamente.

Prolongando na direcção do sueste o largo sulco que o S. Francisco abriu em mais de meio horizonte, o valle do *rio das Velhas*, com a sua planicie baixa, manchada de negro, que parece fugir-nos por uma quebrada junto do esporão aplainado a que se dá o nome de *Serra do Corumbatahy*, assignala-nos uma região com o aspecto de um campo deixado á lavoura do futuro.

A nossos pés, o terreno coberto de gramineas altas e sombreado de arvores raras, dispersas, deixa-nos bem patente o dorso levemente ondeado da chapada em cujas dobras humidas cresce copado e vigoroso o *burity*, orlando de verde os brejaes, acompanhando com uma aléa de palmas esphericas o curso dos ribeiros minusculos que deslisam pelas encostas e vão engolfar-se na planicie lá em baixo.

Como é bello esse Brasil central que tão poucos conhecem e de que nós brasileiros tão ingenuamente nos ufanamos, exaggerando os recursos!



Confluencia do Rio de S. Francisco e Rio das Velhas

Era já tarde quando conseguimos terminar um desenho do horizonte ao redor, utilisando-nos para isso das folhas de uma carteira de notas que o Dr. Derby nos ia passando á medida que o trabalho proseguia. Naquella posição em que a custo nos mantinhamos sobre a ponta de um rochedo escarpado, tomando notas, lendo os rumos n'uma simples bussola de geologo, tinham-se passado horas, e diante dos nossos olhos estasiados, todo aquelle scenario, amplo, de uma belleza estranha e de uma mudez caracteristica de deserto, passou por successivas transformações nas cambiantes de luz com que de diversas alturas o inundava o sol cadente. Aqui, era uma dobra do terreno que se illuminava e nos descobria mais um relevo que tinha passado despercebido; ali era uma linha de picos enfileirados, brilhantes, sobre um fundo negro do céo, como se foram as pyramides dos Pharaós, erguidas na orla de um paiz desconhecido; além, é o azulado das montanhas distantes que se dissipa e nos deixa ver os contornos mais accentuados do relevo orographico n'um bello contraste de luz e de sombras.

Descemos já tarde daquellas eminencias açoitadas pelos ventos e, através dos campos e dos buritisaes, voltamos ao porto da *Manga* onde ja se faziam aprestos para a viagem de regresso.

O plano para ultimar as explorações estava feito e destribuidos os papeis. O Dr. Orville Derby, para completar o estudo geologico da bacia do S. Francisco, tinha de seguir, remontando o valle do rio das Velhas, para transpor a *Serra do Espinhaço* e voltar por estrada de ferro ao Rio de Janeiro. Eu devia descer rio abaixo com a Commissão até a villa da *Carinhanha*, donde, atravez dos terrenos diamantinos da Chapada bahiana, devia ganhar o littoral. O grosso da Commissão regressaria pelo rio, verificando os pontos duvidosos e, em *Maceió*, tomaria o vapor brasileiro da linha do Norte, em que eu tambem devia embarcar para juntos regressarmos ao Rio de Janeiro.

Viagem através da Chapada Diamantina

EM 1879

CAPITULO I

Da Carinhanha a Monte Alto

De regresso da cachoeira de *Pirapóra*, até onde nos levara o exame da navegação do rio S. Francisco, chegamos á *Carinhanha*, a 22 de Dezembro de 1879 onde devia eu apartar-me da Commissão, cumprindo ordem do meu illustre chefe, Milnor Roberts, para dali fazer a travessia dos sertões bahianos, estendendo o quanto possivel o meu trajecto pela *Chapada diamantina* cujos caracteres geographicos muito desejavamos conhecer.

Feitas as despedidas, saltei para terra no meio do muito povo reunido no alto da barranca e vi bem depressa desapparecer na primeira curva do rio o penacho de fumo do vapor *Presidente Dantas*, assignalando por entre as arvores marginaes a carreira que levava o velho barco navegando aguas abaixo.

Fiquei só no meio d'aquella gente anarchisada e não pensei no perigo que dahi pudesse advir. E, comtudo, o perigo era bem de receiar, como depois verifiquei.

A Carinhanha estava de facto em poder dos assaltantes da Januaria, que para ahi se recolheram depois da sua victoria tão facil quão escandolosa. Reinava na villa um terror panico. Que tinha o que perder entrin-

cheirava-se em casa depois de retirar a familia ás occultas para algum sitio distante.

As auctoridades sumiram-se, e os criminosos e assassinos dominavam.

O Capitão Francisco de Magalhães com a sua gente armada e com os despojos de sua recente campanha estava aqui acampado emquanto que o seu alliado, Manoel Tavares de Sá, por alcunha o *Neco*, preferira ficar com as suas forças na outra margem, na povoação da *Malhada*, que avistavamos rio acima.

Cousa curiosa. Toda essa gente, formada em alas n'uma e n'outra margem, recebeu-nos com foguetes e acclamação ao chegarmos. Indagando do motivo, informaram-nos que tinham apreciado muito a nossa correcção no theatro da lucta, cumprindo com a palavra dada de não intervir por nenhuma das parcialidades.

Apesar disso, não me achei seguro no meio d'aquella gente desenfreada. Não me sentia intimidado, mas envergonhado; e pois procurei apressar a minha partida, dando os passos para a compra dos animaes e para contractar um camarada, o que entretanto não era facil no meio que reinava.

Ajudava-me deligentemente o meu hospede, o Sr. Antonio Joaquim Alves, e o bom vigario, Padre João Raulino Bacellar, fazia o possivel por me ver de viagem, fugindo áquella vergonha que elle, por sua vez, não queria supportar por mais tempo. Desejava retirar-se no dia seguinte, indo celebrar missa no povoado do Espirito Santo, cerca de cinco legoas rio baixo.

A' noite, a desordem attingio ao seu auge. Gritos, tiros, correrias traziam a villa em sobresalto. Defronte da casa onde me hospedei veio alta noite descarregar o seu bacamarte um valentão, dizendo aos outros em ar de mofa que aquillo era para experimentar o engenheiro que elle sabia estar ali dormindo áquella hora.

No dia 25, já pelas 4 horas da tarde, atravessei o rio para a outra margem; embarcando me n'uma canôa

com o meu hospede, o Sr. Antonio Alves, que não descançou emquanto se não despedio de mim e não me vio de viagem a caminho da Bahia.

Do Snr. Alves, como do reverendo vigario de quem recebi as maiores attenções, tinha colhido grande numero de informações sobre a região ao poente da Carinhanha, em direcção a Goyaz, e fiquei assim habilitado a bem ajuizar do que ia trilhar como parte integrante que era do grande valle, cujos caracteres não podiam aliás ser mui differentes dos d'aquella outra.

Partimos, estrada á fora, ás 4½ horas da tarde com esperança apenas de ganhar alguma distancia, e pousar em sitio um pouco mais tranquillo do que aquelle de que de bom grado nos apartavamos.

A's 5¼ horas passavamos pela fazenda de Thomé Nunes, no desaguadouro da lagôa do *Mocambo* que fica a sueste para os lados da serra da *Malhada,* serra que só a custo se divisava ao longe por uma aberta da *catinga.*

Viajavamos todavia com vagar, tomando apontamentos, observando; pois que contavamos com um d'esses grandes dias de verão em que o crepusculo como que faz estacar a noite por algumas horas.

A's 6 horas passavamos o riacho do *Bom Olho* que vem daquella serra da Malhada, correndo quasi a Norte e cujo leito sem agua a estrada corta a rumo de Leste. A's 7 horas já anoitecendo, alcançamos a fazenda do *Joaseiro* do Sr. Atilio José Pereira, que nos recebeu bondosamente, offerecendo-nos pousada.

A fazenda encerra muito gado e está prospera. Fabrica-se nella muito queijo e requeijões. A lavoura porem é nenhuma.

Até aqui vem a estrada a rumo de nordeste, com muitos brejos e alagadiços porque o terreno, sendo sujeito ás inundações do S. Francisco, offerece fraca e irregular inclinação. Vimos porém no trajecto extensas e boas pastagens, e algum gado. O solo é todo alluvial.

Fronteiro a *Joaseiro*, termina a mencionada *serra da Malhada*, cerca de tres legoas a Es-sueste, a qual todavia não se consegue evitar senão de mui poucos logares, tão baixa é ella na sua projeção para o Norte.

Nestas paragens de aspecto monotono e tristonho reinam as febres de fundo palustre e os mosquitos são uma praga insoffrivel em epoca de vasante.

Na margem do rio, que fica pouco distante, á industria da criação se ajunta a da pesca, cuja séde é o povoado da *Parateca*, um pouco mais em baixo, com cerca de cem visinhos e sua capella de pedra e cal. Ahi se pesca muito *surubim* e se faz delle um bom commercio, ao longo do rio ou para o interior, exportando-se o peixe secco ou salgado como o bacalháo com o qual muito se parece.

No dia seguinte, 26, pelo amanhecer, partimos da fazenda do Joaseiro e vencemos cerca de cinco leguas até as onze horas, no povoado do *Curralinho*, onde descançamos para almoçar.

O trajecto se fez até aqui por um terreno mais alto e de melhor aspecto.

Seguio-se a principio no rumo geral de Nordeste até a *Boca da Catinga*, onde o caminho se bifurca, um galho levando á Parateca e aos povoados de rio abaixo e outro a rumo de Leste em direcção á Bahia.

Na *Boca da Catinga*, que é tambem onde começa a matta e que se alcança depois de uma hora e vinte minutos de marcha, e de atravessar o pequeno povo da *Venda* com apenas cinco visinhos, o solo é melhor e de constituição differente do da zona marginal do S. Francisco. Uma legua mais alem, apparece o calcareo na estrada, pouco antes do pequeno ribeiro de *Cannabrava*, como que assignalando o eixo da serra da *Malhada* que sabemos ser uma montanha calcarea. O terreno torna-se depois mais arenoso.

As poucas casas do pequeno povo do *Curralinho*, todas cobertas de cascas d'arvores, que disseram-me ser

de páo d'arco, cobertura que sendo bem feita nos affirmaram durar quinze annos e mais, não estavam todas habitadas. Pareceu-nos um logar deserto, não obstante informaram-me que é sitio de certa importancia, com alguma lavoura e banhado pelo riacho do *Pé da Serra* ou da *Casa Velha* que desce da serra de *Monte Alto*, cujo alto esporão se avista, ao longe, desde a povoação da *Venda*, e se lança no rio das *Rans*, proximo á *Parateca*.

No *Curralinho*, a estrada geral lança um galho para Sueste em direcção á villa de *Monte Alto*, e prosegue no rumo de Leste através do valle do rio das *Rans* para galgar a encosta occidental da Chapada ou planalto cujo perfil se distingue á distancia n'uma linha continua e monotona.

Tomamos pelo galho de Sueste porque era nosso intuito visitar a villa de *Monte Alto*, no sopé da serra do mesmo nome, que já viramos desenhar-se no horizonte como uma tromba gigantesca erguida sob a planicie nivelada das catingas.

Do Curralinho, seguimos margeando o riacho do *Pé da Serra*, ora á direita ora á esquerda, até a povoação da *Passagem*, uma legua adiante onde ha apenas uma duzia de habitações pobres, construidas do mesmo gosto que as daquelle povoado.

Deixando um pequeno povo de quatro visinhos chamado Barra, á esquerda, proximo da confluencia do riacho do *Pé da Serra* com o *Páo de Espinho*, proseguimos a Sueste, ao longo daquelle riacho, até a fazenda do *Mija-Fogo*, nome que aqui se dá ao vagalume ou pyrilampo, e ahi pousamos, recebendo do fazendeiro o melhor agasalho.

Vendo-nos chegar cerca de 6½ horas da tarde, vindos do lado da Carinhanha, sobresaltou-se um pouco; mas serenou-se logo que lhe demos as seguras informações a respeito dos *jagunços* do *Neco*, de cuja approximação a todo momento receiava.

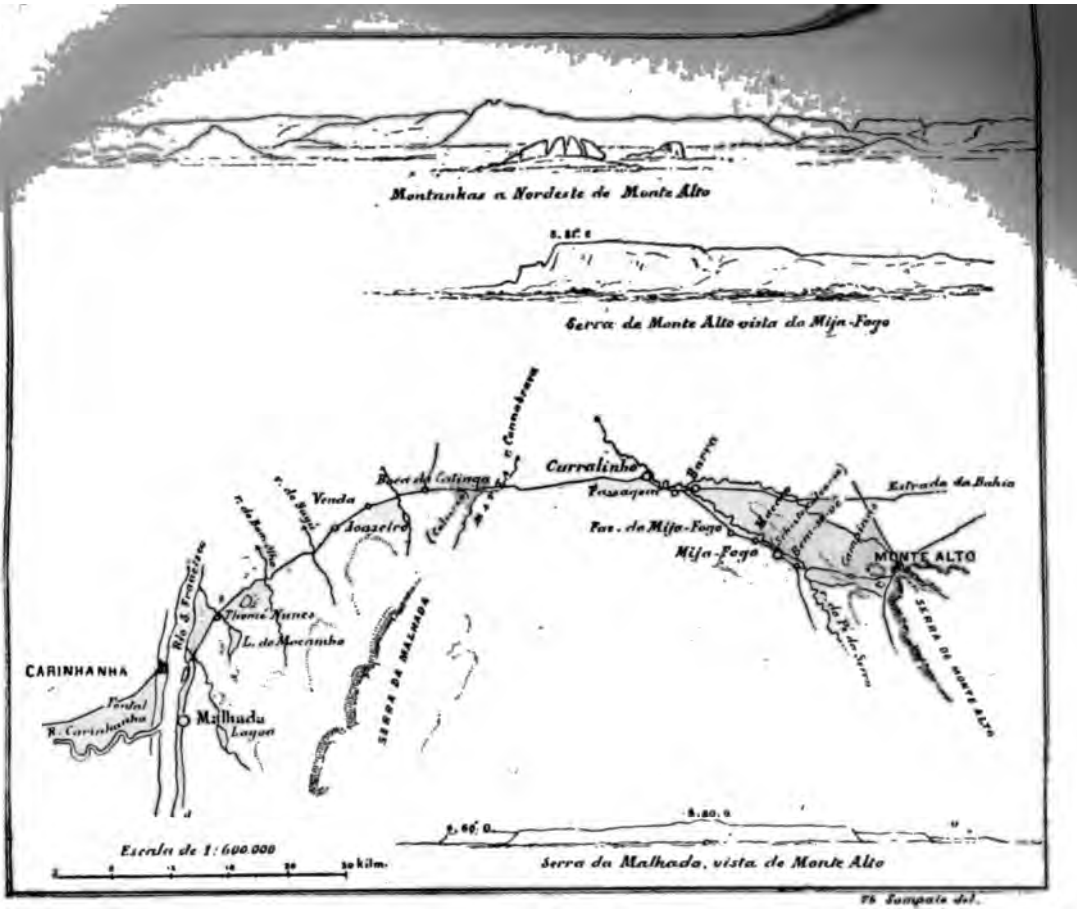
Por toda a parte, onde quer que chegavamos, nos assaltavam com perguntas insistentes, inquiriam das cou-

sas como iam lá pela beira do rio e via-se bem que estavam todos possuidos de terror. Alguns já tinham plano feito de abandonar tudo, retirando as familias para logar seguro. Outros quedavam-se indecisos mas inquietos, esperando ter que luctar de um momento para outro.

Procuravamos por todo modo serenar os animos, referindo os factos como elles realmente se deram, desfazendo boatos alarmantes, reduzindo o episodio guerreiro ás suas proporções reaes, annunciando a dispersão das forças depois do ataque da Januaria, bem ao contrario das noticias que então corriam, pois era crença desse povo que os *jagunços* depois de sua tão facil victoria não tinham mais senão conquistar o Brasil inteiro. O *Neco* ahi vinha á frente dos seus *valientes* para arrasar tudo.

A tendencia para o maravilhoso e para o extraordinario é proprio das almas simples. Percebi então que o meu empenho em tudo explicar, a reduzir tudo a seus verdadeiros limites não lograva o desejado effeito na maioria dos meus interlocutores — Aquillo era facil de mais, e tão simples era o que lhes contava que parecia incrivel. O verdadeiro nem sempre é verosimil.

No dia 27, com uma manhã fresca e densos nevoeiros que se dissiparam aos primeiros raios do sol, partimos da fazenda do *Mija-Fogo* ás sete horas, e, em grande circuito, fomos contornando os brejaes do riacho do Pé da Serra, e atravessando a curtos intervallos o povoado do *Mija-Fogo* com umas vinte e cinco casas pobres, onde se encontra um schisto calcareo; o povoado do *Bem-se-vê* com uns quinze vizinhos; o riacho da *Casa Velha* correndo de sul a norte; uma matta ou catinga grossa que a entrada córta no rumo de leste; campos gramados em um terreno chão com branda inclinação para o lado da *Serra de Monte Alto,* cuja face voltada para nós se arruma de sueste para noroeste; a fazenda das *Campinas* do Sr. capitão Lucio de Souza Pinto, onde de novo se apresenta o schisto calcareo com o aspecto de ardosia que aqui se emprega como ladrilho e por fim a villa de



Th. Sampaio del.

Viagem através da Chapada Diamantina

EM 1879

CAPITULO I

Da Carinhanha a Monte Alto

De regresso da cachoeira de *Pirapóra*, até onde nos levara o exame da navegação do rio S. Francisco, chegamos á *Carinhanha*, a 22 de Dezembro de 1879 onde devia eu apartar-me da Commissão, cumprindo ordem do meu illustre chefe, Milnor Roberts, para dali fazer a travessia dos sertões bahianos, estendendo o quanto possivel o meu trajecto pela *Chapada diamantina* cujos caracteres geographicos muito desejavamos conhecer.

Feitas as despedidas, saltei para terra no meio do muito povo reunido no alto da barranca e vi bem depressa desapparecer na primeira curva do rio o penacho de fumo do vapor *Presidente Dantas*, assignalando por entre as arvores marginaes a carreira que levava o velho barco navegando aguas abaixo.

Fiquei só no meio d'aquella gente anarchisada e não pensei no perigo que dahi pudesse advir. E, comtudo, o perigo era bem de receiar, como depois verifiquei.

A Carinhanha estava de facto em poder dos assaltantes da Januaria, que para ahi se recolheram depois da sua victoria tão facil quão escandolosa. Reinava na villa um terror panico. Que tinha o que perder entrin-

empregnado de pequenos crystaes limpidos. O ferro, informaram-nos, é encontrado em abundacia nas suas encostas excavadas e no alto, cerca duas leguas è meia da villa para o sueste, encontra-se nma censideravel massa de ferro quasi puro, que sendo forjado sem nenhum preparo de fundição prévia, apresenta-se quebradiço e fende-se todo. Supponho que se trata de algum meteorito como o famoso *Bendegó.*

Nas encostas da serra que são alcantiladas, e estendidas em paredão, ha muitas lapas e cavernas, algumas bastantes profundas e com abundancia de salitre no seu interior. As diversas qualidades de argilla corada são tambem frequentes nas quebradas da serra, empregando-as os habitantes para a pintura de suas casas. Na gruta chamada do *Conde dos Arcos*, formada na meia encosta da montanha, sob uma camada espessa de quartzito empregnado de veias de silex, com um angulo de 25° sobre o horizonte, inclinando-se para sueste, leitos de argilla corada e finissima, vermelha, amarella, roxa ou verde alternam-se com camadas do quartzito. Como esta gruta muitas outras ha na visinhança da villa e, na funda quebrada onde tem o seu leito o riacho de *Monte Alto,* ha uma bella cascata em sitio de um pittoresco encantador.

Desenhamos o perfil das montanhar no horizonte visivel da eminencia em que nos achamos, tomando-lhes os nomes e rumos magneticos e descemos para pôr em ordem as notas e informações que conseguimos colher e para os aprestos da viagem que devia proseguir na manhã seguinte.

CAPITULO II

De Monte Alto a Caetité

Deixamos Monte Alto pelas oito horas da manhan de 30 de Dezembro e seguimos por cerca de duas horas na direcção de Nordeste, rumo da Fazenda dos Tres Irmãos, cujo serro granitico de triplice pyramide desejavamos examinar, e onde deviamos retomar a entrada geral da Bahia de que nos apartaramos dias antes na povoação da Passagem.

Atravessamos a principio uma região plana, encharcada, com um solo breve, onde a cada passo afflora o granito ou o gneis-granitico, formando bancos e lageados extensos ou levantando-se em cabeços arredondados de formas pittorescas, ornando a paisagem que, por vezes, é tão bella como um parque ou jardim natural.

Multiplicam-se os brejaes na extensa planicie que de facto constitue aqui o valle do rio das *Rãs*, com os seus dous galhos principaes, o *Carnahybas de fóra* e o *Carnahybas de dentro*, ambos nascidos na *Serra Geral*, que ao longe se lobriga como uma extensa barra azulada fechando mais de um quarto do horizonte de Sueste a Norte.

Entretanto, vamos successivamente cortando o leito de numerosos ribeiros sem agua, de lagôas que seccaram e de banhados convertidos em perigosos atoleiros.

O *Riachão*, com as origens na visinha serra de *Monte Alto*, estava secco. O seu leito que corta a entrada de sul a norte, cerca de meia legua da villa, parecia antes uma larga vereda do que o alveo de uma torrente que, pelo seu nome, não deixa de ter inportancia na estação das aguas

Na fazenda da *Lagôa do Pato*, meia legua mais adiante, já não havia senão brejos, a lagôa desapparecera. Na fazenda do *Caldeirão*, cujo nome lhe vem de uma des-

sas bacias naturaes aqui tão frequentes nos braços graniticos, a agua que havia era a que se guardara, de um anno para outro, no grotão de pedra, onde o gado vinha beber um liquido escuro coberto de plantas aquaticas.

A estrada, sempre a Nordeste com ligeiras deflexões a Les-Nordeste, atravessa mais adiante, cerca de um quarto de legua do *Cáldeirão*, outro riacho secco; mas logo após envereda por um terreno alagadiço e extenso que é mistér contornar pela direita, mas que de facto é obrigada a cortar em mais de um ponto, atolando os animaes, desconcertando as cargas, atrazando a marcha.

Pouco depois das dez horas, chegamos á fazenda dos *Tres Irmãos*, cujo nome lhe vem das pyramides de granito que coroam o serrote em cuja base está edificada.

Almoçamos e fomos sem demora percorrer o logar que é deveras dos mais pittorescos destes sertões.

O serrote granitico é uma verdadeira maravilha, tão pittorescas, tão estranhas são as formas assumidas pelo montão de pedras que aqui simula um monumento cyclopico sobre um embasamento formidavel.

Tres grandes blocos de granito, piriformes, altos de 30 metros mais ou menos, assentados sobre duas dobras superpostas, espessas e arqueadas da mesma rocha, tão distinctos, lisos, e symetricamente dispostos que dous outros mais baixos passam despercebidos e não se fala senão dos tres, que são como *tres irmãos*, erguem-se sobre a planicie, dominando-a de uma altura total de 60 metros, e se constituem o signal mais caracteristico de toda esta redondeza, a balisa natural por onde todos aqui se orientam.

Estas grandes pedras deixam livre passagem entre si. A da direita tão destacada fica do seu embasamento que parece suspensa, ou apenas apoiada como um pião.

A vegetação cresce-lhes em torno, mette-se-lhes pelos intersticios, e as arvores levantam as suas frondes, matisando de verde e de sombra estas penedias que o sol, a pino, illumina cruamente, aquecendo-as, escaldando.

de páo d'arco, cobertura que sendo bem feita nos affirmaram durar quinze annos e mais, não estavam todas habitadas. Pareceu-nos um logar deserto, não obstante informaram-me que é sitio de certa importancia, com alguma lavoura e banhado pelo riacho do *Pé da Serra* ou da *Casa Velha* que desce da serra de *Monte Alto*, cujo alto esporão se avista, ao longe, desde a povoação da *Venda*, e se lança no rio das *Rans*, proximo á *Parateca*.

No *Curralinho*, a estrada geral lança um galho para Sueste em direcção á villa de *Monte Alto*, e prosegue no rumo de Leste através do valle do rio das *Rans* para galgar a encosta occidental da Chapada ou planalto cujo perfil se distingue á distancia n'uma linha continua e monotona.

Tomamos pelo galho de Sueste porque era nosso intuito visitar a villa de *Monte Alto*, no sopé da serra do mesmo nome, que já viramos desenhar-se no horizonte como uma tromba gigantesca erguida sob a planicie nivelada das catingas.

Do Curralinho, seguimos margeando o riacho do *Pé da Serra*, ora á direita ora á esquerda, até a povoação da *Passagem*, uma legua adiante onde ha apenas uma duzia de habitações pobres, construidas do mesmo gosto que as daquelle povoado.

Deixando um pequeno povo de quatro visinhos chamado Barra, á esquerda, proximo da confluencia do riacho do *Pé da Serra* com o *Páo de Espinho*, proseguimos a Sueste, ao longo daquelle riacho, até a fazenda do *Mija-Fogo*, nome que aqui se dá ao vagalume ou pyrilampo, e ahi pousamos, recebendo do fazendeiro o melhor agasalho.

Vendo-nos chegar cerca de 6½ horas da tarde, vindos do lado da Carinhanha, sobresaltou-se um pouco; mas serenou-se logo que lhe demos as seguras informações a respeito dos *jagunços* do *Neco*, de cuja approximação a todo momento receiava.

Por toda a parte, onde quer que chegavamos, nos assaltavam com perguntas insistentes, inquiriam das cou-

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
UNIVERSITY

Na base que é um extenso lageado concavo, alongando-se como uma mancha cinzenta através da vegetação monotona da *catinga*, vêm-se dous enormes *caldeirões* onde podem beber em tempo de secca para mais de tres mil cabeças de gado.

São verdadeiros dons da Providencia, e lição nem sempre aproveitada, estes reservatorios naturaes onde se occumulam as aguas do tempo de chuva, guardando-as de um anno para outro, n'uma região cujo problema economico mais grave é o do abastecimento d'agua, tão escassa é ella nas fontes, tão minguada nas lagôas, e desapparecendo quasi sempre no leito dos rios que são no geral temporarios ou insignificantes.

Do alto da esplanada ou antes do massiço granitico que serve de embasamento aos *Tres Irmãos*, olhando-se na direção do sueste e sul, por sobre a planicie onde corre o rio das *Rãs*, ou o seu galho principal, conhecido por *Carnahybas de dentro*, depara-se a pittoresca *Serra de Monte Alto* com as suas numerosas endentações em forma de baluarte, a sua esplendida escarpa avermelhada simulando muralhas gigantescas, as suas encostas retalhadas pelas torrentes que lhe cavam profundos sulcos, emquanto que superiormente a linha das cumiadas finge um enorme terraço ou uma outra planicie superposta á primeira.

Mais longe, ao fundo, distingue-se o perfil aplainado da *Serra Geral*, que entretanto, parece um corpo á parte, como de facto é, porque a desnudação profunda chegou mesmo a destacar, na garganta do *Calcete*, o trecho montanhoso acima descripto da grande chapada cuja constituição geologica é evidentemente a mesma.

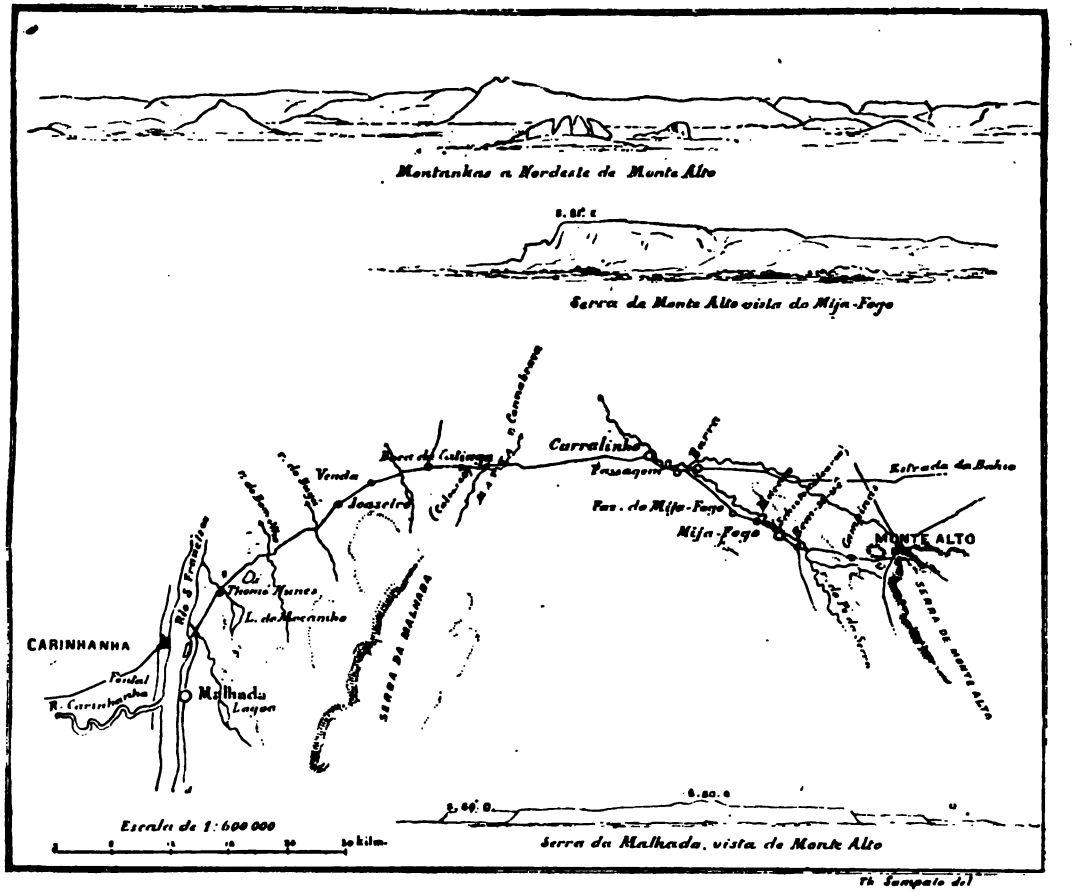
Nos *Tres Irmãos*, estamos apenas na margem dos terrenos graniticos que se succedem aos calcareos assignalados n'uma faixa de mais ou menos quinze leguas de largura desde as margens do rio S. Francisco. Duas leguas ao poente levanta-se o serrote do *Pau d'Espinho* que já é de formação calcarea, e provavelmente da

sas como iam lá pela beira do rio e via-se bem que estavam todos possuidos de terror. Alguns já tinham plano feito de abandonar tudo, retirando as familias para logar seguro. Outros quedavam-se indecisos mas inquietos, esperando ter que luctar de um momento para outro.

Procuravamos por todo modo serenar os animos, referindo os factos como elles realmente se deram, desfazendo boatos alarmantes, reduzindo o episodio guerreiro ás suas proporções reaes, annunciando a dispersão das forças depois do ataque da Januaria, bem ao contrario das noticias que então corriam, pois era crença desse povo que os *jagunços* depois de sua tão facil victoria não tinham mais senão conquistar o Brasil inteiro. O *Neco* ahi vinha á frente dos seus *calientes* para arrasar tudo.

A tendencia para o maravilhoso e para o extraordinario é proprio das almas simples. Percebi então que o meu empenho em tudo explicar, a reduzir tudo a seus verdadeiros limites não lograva o desejado effeito na maioria dos meus interlocutores — Aquillo era facil de mais, e tão simples era o que lhes contava que parecia incrivel. O verdadeiro nem sempre é verosimil.

No dia 27, com uma manhã fresca e densos nevoeiros que se dissiparam aos primeiros raios do sol, partimos da fazenda do *Mija-Fogo* ás sete horas, e, em grande circuito, fomos contornando os brejaes do riacho do Pé da Serra, e atravessando a curtos intervallos o povoado do *Mija-Fogo* com umas vinte e cinco casas pobres, onde se encontra um schisto calcareo; o povoado do *Bem-se-vê* com uns quinze vizinhos; o riacho da *Casa Velha* correndo de sul a norte; uma matta ou catinga grossa que a entrada córta no rumo de leste; campos gramados em um terreno chão com branda inclinação para o lado da *Serra de Monte Alto*, cuja face voltada para nós se arruma de sueste para noroeste; a fazenda das *Campinas* do Sr. capitão Lucio de Souza Pinto, onde de novo se apresenta o schisto calcareo com o aspecto de ardosia que aqui se emprega como ladrilho e por fim a villa de



Th. Sampaio del.

CAPITULO II

De Monte Alto a Castité

Deixamos Monte Alto pelas oito horas da manhan de 30 de Dezembro e seguimos por cerca de duas horas na direcção de Nordeste, rumo da Fazenda dos Tres Irmãos, cujo serro granitico de triplice pyramide desejavamos examinar, e onde deviamos retomar a entrada geral da Bahia de que nos apartaramos dias antes na povoação da Passagem.

Atravessamos a principio uma região plana, encharcada, com um solo breve, onde a cada passo afflora o granito ou o gneis-granitico, formando bancos e lageados extensos ou levantando-se em cabeços arredondados de formas pittorescas, ornando a paisagem que, por vezes, é tão bella como um parque ou jardim natural.

Multiplicam-se os brejaes na extensa planicie que de facto constitue aqui o valle do rio das *Rãs*, com os seus dous galhos principaes, o *Carnahybas de fóra* e o *Carnahybas de dentro*, ambos nascidos na *Serra Geral*, que ao longe se lobriga como uma extensa barra azulada fechando mais de um quarto do horizonte de Sueste a Norte.

Entretanto, vamos successivamente cortando o leito de numerosos ribeiros sem agua, de lagôas que seccaram e de banhados convertidos em perigosos atoleiros.

O *Riachão*, com as origens na visinha serra de *Monte Alto*, estava secco. O seu leito que corta a entrada de sul a norte, cerca de meia legua da villa, parecia antes uma larga vereda do que o alveo de uma torrente que, pelo seu nome, não deixa de ter inportancia na estação das aguas.

Na fazenda da *Lagôa do Pato*, meia legua mais adiante, já não havia senão brejos, a lagôa desapparecera. Na fazenda do *Caldeirão*, cujo nome lhe vem de uma des-

empregnado de pequenos crystaes limpidos. O ferro, informaram-nos, é encontrado em abundacia nas suas encostas excavadas e no alto, cerca duas leguas è meia da villa para o sueste, encontra-se nma censideravel massa de ferro quasi puro, que sendo forjado sem nenhum preparo de fundição prévia, apresenta-se quebradiço e fende-se todo. Supponho que se trata de algum meteorito como o famoso *Bendegó.*

Nas encostas da serra que são alcantiladas, e estendidas em paredão, ha muitas lapas e cavernas, algumas bastantes profundas e com abundancia de salitre no seu interior. As diversas qualidades de argilla corada são tambem frequentes nas quebradas da serra, empregando-as os habitantes para a pintura de suas casas. Na gruta chamada do *Conde dos Arcos*, formada na meia encosta da montanha, sob uma camada espessa de quartzito empregnado de veias de silex, com um angulo de 25° sobre o horizonte, inclinando-se para sueste, leitos de argilla corada e finissima, vermelha, amarella, roxa ou verde alternam-se com camadas do quartzito. Como esta gruta muitas outras ha na visinhança da villa e, na funda quebrada onde tem o seu leito o riacho de *Monte Alto,* ha uma bella cascata em sitio de um pittoresco encantador.

Desenhamos o perfil das montanhar no horizonte visivel da eminencia em que nos achamos, tomando-lhes os nomes e rumos magneticos e descemos para pôr em ordem as notas e informações que conseguimos colher e para os aprestos da viagem que devia proseguir na manhã seguinte.

CAPITULO II

De Monte Alto a Castité

Deixamos Monte Alto pelas oito horas da manhan de 30 de Dezembro e seguimos por cerca de duas horas na direcção de Nordeste, rumo da Fazenda dos Tres Irmãos, cujo serro granitico de triplice pyramide desejavamos examinar, e onde deviamos retomar a entrada geral da Bahia de que nos apartaramos dias antes na povoação da Passagem.

Atravessamos a principio uma região plana, encharcada, com um solo breve, onde a cada passo afflora o granito ou o gneis-granitico, formando bancos e lageados extensos ou levantando-se em cabeços arredondados de formas pittorescas, ornando a paisagem que, por vezes, é tão bella como um parque ou jardim natural.

Multiplicam-se os brejaes na extensa planicie que de facto constitue aqui o valle do rio das *Rãs*, com os seus dous galhos principaes, o *Carnahybas de fóra* e o *Carnahybas de dentro*, ambos nascidos na *Serra Geral*, que ao longe se lobriga como uma extensa barra azulada fechando mais de um quarto do horizonte de Sueste a Norte.

Entretanto, vamos successivamente cortando o leito de numerosos ribeiros sem agua, de lagôas que seccaram e de banhados convertidos em perigosos atoleiros.

O *Riachão*, com as origens na visinha serra de *Monte Alto*, estava secco. O seu leito que corta a entrada de sul a norte, cerca de meia legua da villa, parecia antes uma larga vereda do que o alveo de uma torrente que, pelo seu nome, não deixa de ter inportancia na estação das aguas

Na fazenda da *Lagôa do Pato*, meia legua mais adiante, já não havia senão brejos, a lagôa desapparecera. Na fazenda do *Caldeirão*, cujo nome lhe vem de uma des-

sas bacias naturaes aqui tão frequentes nos braços graniticos, a agua que havia era a que se guardara, de um anno para outro, no grotão de pedra, onde o gado vinha beber um liquido escuro coberto de plantas aquaticas.

A estrada, sempre a Nordeste com ligeiras deflexões a Les-Nordeste, atravessa mais adiante, cerca de um quarto de legua do *Cáldeirão*, outro riacho secco: mas logo após envereda por um terreno alagadiço e extenso que é mistér contornar pela direita, mas que de facto é obrigada a cortar em mais de um ponto, atolando os animaes, desconcertando as cargas, atrazando a marcha.

Pouco depois das dez horas, chegamos á fazenda dos *Tres Irmãos*, cujo nome lhe vem das pyramides de granito que coroam o serrote em cuja base está edificada.

Almoçamos e fomos sem demora percorrer o logar que é deveras dos mais pittorescos destes sertões.

O serrote granitico é uma verdadeira maravilha, tão pittorescas, tão estranhas são as formas assumidas pelo montão de pedras que aqui simula um monumento cyclopico sobre um embasamento formidavel.

Tres grandes blocos de granito, piriformes, altos de 30 metros mais ou menos, assentados sobre duas dobras superpostas, espessas e arqueadas da mesma rocha, tão distinctos, lisos, e symetricamente dispostos que dous outros mais baixos passam despercebidos e não se fala senão dos tres, que são como *tres irmãos*, erguem-se sobre a planicie, dominando-a de uma altura total de 60 metros, e se constituem o signal mais caracteristico de toda esta redondeza, a balisa natural por onde todos aqui se orientam.

Estas grandes pedras deixam livre passagem entre si. A da direita tão destacada fica do seu embasamento que parece suspensa, ou apenas apoiada como um pião.

A vegetação cresce-lhes em torno, mette-se-lhes pelos intersticios, e as arvores levantam as suas frondes, matisando de verde e de sombra estas penedias que o sol, a pino, illumina cruamente, aquecendo-as, escaldando.

Na base que é um extenso lageado concavo, alongando-se como uma mancha cinzenta através da vegetação monotona da *catinga*, vêm-se dous enormes *caldeirões* onde podem beber em tempo de secca para mais de tres mil cabeças de gado.

São verdadeiros dons da Providencia, e lição nem sempre aproveitada, estes reservatorios naturaes onde se occumulam as aguas do tempo de chuva, guardando-as de um anno para outro, n'uma região cujo problema economico mais grave é o do abastecimento d'agua, tão escassa é ella nas fontes, tão minguada nas lagôas, e desapparecendo quasi sempre no leito dos rios que são no geral temporarios ou insignificantes.

Do alto da esplanada ou antes do massiço granitico que serve de embasamento aos *Tres Irmãos*, olhando-se na direção do sueste e sul, por sobre a planicie onde corre o rio das *Rãs*, ou o seu galho principal, conhecido por *Carnahybas de dentro*, depara-se a pittoresca *Serra de Monte Alto* com as suas numerosas endentações em forma de baluarte, a sua esplendida escarpa avermelhada simulando muralhas gigantescas, as suas encostas retalhadas pelas torrentes que lhe cavam profundos sulcos, emquanto que superiormente a linha das cumiadas finge um enorme terraço ou uma outra planicie superposta á primeira.

Mais longe, ao fundo, distingue-se o perfil aplainado da *Serra Geral*, que entretanto, parece um corpo á parte, como de facto é, porque a desnudação profunda chegou mesmo a destacar, na garganta do *Calcete*, o trecho montanhoso acima descripto da grande chapada cuja constituição geologica é evidentemente a mesma.

Nos *Tres Irmãos*, estamos apenas na margem dos terrenos graniticos que se succedem aos calcareos assignalados n'uma faixa de mais ou menos quinze leguas de largura desde as margens do rio S. Francisco. Duas leguas ao poente levanta-se o serrote do *Pau d'Espinho* que já é de formação calcarea, e provavelmente da

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
UNIVERSITY

Na base que é um extenso lageado concavo, alongando-se como uma mancha cinzenta através da vegetação monotona da *catinga*, vêm-se dous enormes *caldeirões* onde podem beber em tempo de secca para mais de tres mil cabeças de gado.

São verdadeiros dons da Providencia, e lição nem sempre aproveitada, estes reservatorios naturaes onde se occumulam as aguas do tempo de chuva, guardando-as de um anno para outro, n'uma região cujo problema economico mais grave é o do abastecimento d'agua, tão escassa é ella nas fontes, tão minguada nas lagôas, e desapparecendo quasi sempre no leito dos rios que são no geral tenporarios ou insignificantes.

Do alto da esplanada ou antes do massiço granitico que serve de embasamento aos *Tres Irmãos*, olhando-se na direção do sueste e sul, por sobre a planicie onde corre o rio das *Rãs*, ou o seu galho principal, conhecido por *Carnahybas de dentro*, depara-se a pittoresca *Serra de Monte Alto* com as suas numerosas endentações em forma de baluarte, a sua esplendida escarpa avermelhada simulando muralhas gigantescas, as suas encostas retalhadas pelas torrentes que lhe cavam profundos sulcos, emquanto que superiormente a linha das cumiadas finge um enorme terraço ou uma outra planicie superposta á primeira.

Mais longe, ao fundo, distingue-se o perfil aplainado da *Serra Geral*, que entretanto, parece um corpo á parte, como de facto é, porque a desnudação profunda chegou mesmo a destacar, na garganta do *Calcete*, o trecho montanhoso acima descripto da grande chapada cuja constituição geologica é evidentemente a mesma.

Nos *Tres Irmãos*, estamos apenas na margem dos terrenos graniticos que se succedem aos calcareos assignalados n'uma faixa de mais ou menos quinze leguas de largura desde as margens do rio S. Francisco. Duas leguas ao poente levanta-se o serrote do *Pau d'Espinho* que já é de formação calcarea, e provavelmente da

mesma rocha do serrote do *Bom Jesus da Lapa*, como tantos outros pequenos serros espalhados na planicie na direção de norte.

Não encontramos fosseis caracteristicos destas formações, mas no fundo dos *Caldeirões*, ou bacias naturaes cavadas no granito, estamos informados, foram encontradas gigantescas ossadas, de que ainda vimos uns fragmentos, parecidos com os restos de um femur de *Megatherium*. Taes ossadas são aqui communissimas, e quasi sempre apparecem no fundo dos ditos caldeirões, cobertas por depositos alluviaes.

Nas fazendas do Campo Grande, Lagôa da Pedra, Santa Rosa e Tres Irmãos descobriram-se, por occasião da limpeza dos respectivos *Caldeirões*, grandes ossadas fosseis.

Dos *Tres Irmãos* á fazenda do *Paga-Tempo* do coronel Porphirio Pereira de Castro, onde pernoitamos, ha cerca de legua e meia através de terrenos graniticos, pobremente vestidos pela vegetação que é a sempre monotona e interminavel *catinga*. Passamos pela fazenda da *Lagôa da Pedra* onde colhemos um fragmento mais ben conservado de osso fosssil, provavelmente de *Megatherium* e sempre por entre banhados e lagôas, ora cortando leitos de rios temporarios, ora caminhando por sobre lageados de granito, chegamos á base de Serrote do *Paga-Tempo*, que tambem é todo granitico e onde se acha aquella propriedade do coronel Porphirio.

Do *Paga-Tempo* á *Boa Vista*, fazenda do Major Francisco Pereira de Castro, são cinco leguas do mesmo caminho através de uma planicie quasi de nivel onde se levantam, esparsos, diversos cabeços graniticos do mais pittoresco aspecto. Um destes, e dos mais caracteristicos é o chamado *Serrote do Pageù*, á esquerda da entrada, com a figura de um elephante gigantesco em posição de repouso. Por sobre o dorso do elephante estão assentadas grandes pedras em forma de cunha em que bem se percebe, pela especial estructura, a mesma formação

rochosa dos *Tres Irmãos*. A estrada passa ahi n'um como desfiladeiro entre essa massa de granito com uns cem metros de altura sobre a planicie e outro monte mais alto á direita. Mais adiante, depois de contornar pelo Norte esta elevação, corta a estrada um riacho secco e se encaminha na direcção geral de les-nordeste; passa o ribeiro das *Carnahybas de dentro* que então tinha mui pouca agua apezar da extenção pequena de seu curso; entra na fazenda do *Capim da Raiz*, cujas pastagens atravessa, e, pela fazenda do *Boqueirão*, num pequeno valle entre morros tambem graniticos, vae, através de *catingas* mais frescas e de campinas povoadas de emas á *Boa Vista*, cuja posição entre o *Carnahybas de dentro* e o *Carnahybas de fora*, é deveras admiravel. Gosa-se dahi de um bello panorama n'um raio de cinco a oito leguas. Vê-se á distancia de uma legua para o poente o morro mais alto dos que visinham o *Boqueirão*, que pouco antes tinhamos atravessado, a quebrada por onde passa a estrada, a ponta do serrote do *Boqueirão*, meia legua para Sudoeste, uma larga passagem de nivel por onde a vista se extende até a bellissima serra de Monte Alto, dominando as terras baixas do *Carnahybas*.

Até aqui o aspecto do paiz não mudou. São as mesmas fórmas no relevo do solo, o mesmo aspecto da vegetação, o mesmo ramo de industria, isto é, a criação do gado bovino em larga escala com a sua rudimentar industria dos lacticinios.

Da *Boa Vista* a estrada toma a direção de Leste e Les-Sueste para subir a *Serra Geral*, isto é a *Serra do Espinhaço* que vem de Minas Geraes como uma larga chapada entre o valle do S. Francisco e os rios da vertente directa do Atlantico, e penetra no territorio bahiano com o mesmo caracter e provavelmente com a mesma constituição.

Depois de duas horas de viagem, passando pela fazenda da *Pintada*, a povoação do *Brejo* junto ao ribeirão das *Carnahybas de fóra*, começamos a subir a serra pelo

LIBRARY
Leland Stanford Jr.
UNIVERSITY

rochosa dos *Tres Irmãos*. A estrada passa ahi n'um como desfiladeiro entre essa massa de granito com uns cem metros de altura sobre a planicie e outro monte mais alto á direita. Mais adiante, depois de contornar pelo Norte esta elevação, corta a estrada um riacho secco e se encaminha na direcção geral de les-nordeste; passa o ribeiro das *Carnahybas de dentro* que então tinha mui pouca agua apezar da extenção pequena de seu curso; entra na fazenda do *Capim da Raiz*, cujas pastagens atravessa, e, pela fazenda do *Boqueirão*, num pequeno valle entre morros tambem graniticos, vae, através de *catingas* mais frescas e de campinas povoadas de emas á *Boa Vista*, cuja posição entre o *Carnahybas de dentro* e o *Carnahybas de fora*, é deveras admiravel. Gosa-se dahi de um bello panorama n'um raio de cinco a oito leguas. Vê-se á distancia de uma legua para o poente o morro mais alto dos que visinham o *Boqueirão*, que pouco antes tinhamos atravessado, a quebrada por onde passa a estrada, a ponta do serrote do *Boqueirão*, meia legua para Sudoeste, uma larga passagem de nivel por onde a vista se extende até a bellissima serra de Monte Alto, dominando as terras baixas do *Carnahybas*.

Até aqui o aspecto do paiz não mudou. São as mesmas fórmas no relevo do solo, o mesmo aspecto da vegetação, o mesmo ramo de industria, isto é, a criação do gado bovino em larga escala com a sua rudimentar industria dos lacticinios.

Da *Boa Vista* a estrada toma a direção de Leste e Les-Sueste para subir a *Serra Geral*, isto é a *Serra do Espinhaço* que vem de Minas Geraes como uma larga chapada entre o valle do S. Francisco e os rios da vertente directa do Atlantico, e penetra no territorio bahiano com o mesmo caracter e provavelmente com a mesma constituição.

Depois de duas horas de viagem, passando pela fazenda da *Pintada*, a povoação do *Brejo* junto ao ribeirão das *Carnahybas de fóra*, começamos a subir a serra pelo

valle apertado e ingreme deste ribeiro, cortando o curso deste varias vezes. Uma legua depois que começamos a subir, na altitude de proximamente 780 metros, faz o ribeiro *Carnahybas* uma bella cascata de cerca de 25 metros de queda, passa-se o rio outra vez para a direita, segue-se margeando por esse lado até a povoação da *Gameleira*, depois de vencido o primeiro socalco da serrania. Corta-se ahi um pequeno affluente do *Carnahybas* e, proseguindo com o rumo geral de Leste ou Les-Sueste, galga-se o segundo socalco ou degráo da serra na altitude approximada de 860 metros, passa-se pela fazenda e pela povoação do *Hospicio*, pelo povoado do *Paraguay* e logo depois ganha-se o alto da chapada, onde começam os campos geraes, e o terreno se apresenta levemente ondeado com alguns morros destacados ou dispersos na planicie.

Chegamos já noite á fazenda das *Escadinhas* do snr. João Antero Ladeira Lima onde nos hospedamos. Era o 1.º de Janeiro de 1880, dia de *anno bom*, e havia alguns cavalheiros de visita ao nosso hospede. Interessaram-se todos pela nossa viagem, inqueriram muito do que haviamos feito no rio de S. Francisco onde reinava *Neco* com os seus jagunços, e deram-nos muitas boas informações sobre a geographia da região que acabamos de atravessar, completando as que nos dera, no dia antecêdente, o Major Francisco Pereira de Castro, grande conhecedor destes sertões que elle nos descreveu como ninguem.

Tinhamos viajado seis horas consecutivas, por maos caminhos, tendo partido da fazenda de Boa Vista cerca de meia hora depois do meio dia.

Nas seis leguas do nosso trajecto até as *Escadinhas*, das quaes pouco mais de quatro subindo pela encosta da Serra, o terreno se apresenta com a mesma formação granitica até meia encosta, passa a gneiss ou micaschisto no alto do segundo socalco, proximo do povoado do *Paraguay*, onde o barro ou argilla se mostra fortemente corada.

Dahi em diante já se nota a presença do quartzito e a argilla mais arenosa toma um aspecto esbranquiçado.

Na encosta da serra, nos seus valles e quebradas o terreno é fresco, e a vestimenta vegetal traduz logo a qualidade melhor do solo. No alto, onde dominam os campos, o aspecto é triste, e revela pobresa e monotonia.

Das *Escadinhas* a *Caetité* ha cerca de duas leguas e a estrada toma a direção média de Les-Sueste, através dos *geraes* que se extendem a perder de vista, entre as cabeceiras dos rios de *Santo Onofre* e das *Carnahybas de fóra* aquellas ao Norte e estas ao Sul e Oeste.

Encontram-se pelo caminho as camadas de um quartzito avermelhado, um solo breve e enxuto pelas lombadas que nos levam até a linha de divisão das aguas, na altitude proximamente de 900 metros.

Não ha moradores nestes campos tristes, onde a lavoura parece que não vinga sem maior esforço. Reina ahi a desolação. Descendo para *Caetité*, situada no fundo de um valle estreito, a estrada deflecte a Les-Nordeste, depois a Nordeste, procurando passagem por entre grotas e penhascos de quartzito, que nos informaram serem auriferos e penetra na cidade cujo aspecto é deveras grato ao viajante que vem do sertão.

CAPITULO III

Em Caetité

Demoramos quatro dias em Caetité, durante as festas de Reis, a colher informações cerca da região e dos municipios circumvisinhos, a dispor as cousas para o proseguimento da viagem em direcção á Chapada Diamantina.

Como tinhamos que percorrer um paiz montuoso de que nos informaram serem difficeis os caminhos, estando os nossos animaes sentidos e fracos com a viagem de trinta leguas que acabamos de fazer, foi-nos preciso descançar esses dias, comprar mais um animal para a nossa conducção, reformar os arreios de que tanto se queixava o nosso guia, e obter cartas de recommendação para os logares que iamos examinar.

Goza-se em Caetité de um clima excellente. Comquanto situada a pouco mais de 14° de latitude sul e distante do mar cerca de 400 kilometros, a altitude da chapada em que se acha edificada a cidade corrige-lhe os rigores da temperatura e dá-lhe ares salutiferos.

Estamos, com effeito, nos primeiros dias de Janeiro, no auge da estação quente, e entretanto temos as manhãs frescas, as noites visitadas por brandas aragens, o ceo limpo e brilhantemente estrellado, ar frio por vezes, marcando então o thermometro 19° centigrados fóra e 23° no interior das habitações.

O clima justifica a producção. Aqui, como nas regiões visinhas sobre a chapada colhem-se quasi todas as fructas da Europa. Ensaiou-se o trigo com vantagem na fasenda *Cajueiro* do Major Francisco Pereira de Castro e conseguiu-se colher grão na rasão de 480 litros por 1 de semente.

Visitando pela manhã o mercado da cidade, que parecia uma feira bastante frequentada, notei, alem dos

requeijões, couros e outros productos da industria pecuaria, abundancia de legumes, batatas inglesas, batatas doces, inhames, hortaliças, aboboras, melões excellentes, grandes e boas melancias, mendobis, muito milho, arroz, feijão, rapadura, assucar, excellente farinha de mandioca que, segundo me informaram, é aqui a producção mais avultado, princilpalmente na freguesia de *Umburanas*, nos destrictos dos *Furados* e de *Caculé*, no rio do *Antonio*, exportando-se della em tão larga escala para outros municipios que com razão se considera Caetité o celeiro próvido destes sertões.

Em 1879, subiu a cerca de 350:000$ a producção de farinha de mandioca, vendendo-se o alqueire de 160 litros por 8$000 rs.

Um hectare de mandioca produz communmente 200 alqueires de farinha ou 32000 litros.

O feijão da especie aqui usada, e denominado *mocho*, produz na razão de 53 litros por 1, em terreno arenoso e quente, vendendo-se-lhe o litro a 40 rs. em tempos normaes.

O milho dá 200 por 1. O arroz, que vem aqui excellente, como nas varzeas do rio das *Rãs* e nos seus dous galhos principaes canhecidos por *Carnahybas de dentro* e *Carnahybas de fora*., dá na razão de 160 por 1.

Ja foi aqui mais prospera a cultura de algodão. Um terreno em que se semeavam 40 litros dava folgadamente 12 cargas de 6 arrobas cada uma de algodão descaroçado ou 1080 kilogrammas de algodão em lã.

Estava então em franco desenvolvimento a lavoura da canna, da especie *Cayenna* que aqui no sertão nunca pesteou. Só no municipio de *Caetité* havia 100 pequenos engenhos fabricando assucar para o consumo local e rapadura para exportação, 50 alambiques distillando mel para aguardente.

O fumo cultiva-se bem em Umburanas e em outros pontos do municipio, e o cafê começava a ser ensaiado com vantagem.

No municipio de Caetité como em quasi todos os outros situados nas terras altas da Chapada, onde o terreno é mais variado é mais abundantes os mananciaes para a rega, a agricultura se desenvolve como que querendo sobrelevar as outras industrias, a criação, ou antes a industria pecuaria todavia prevalece, não só como uma tradição antiga, como porque os terrenos extensos são-lhe sobremaneira propicios.

Os campos de cima da Serra, os denominados *geraes*, largos a perder de vista, cobertos de graminaes que constituem excellente pastagens, com boas aguadas perennes, pois que quasi todos os rios destes sertões tem suas origens nesses altos campos; as extensas varzeas da região baixa com as suas *veredas* cobertas de capim; os bellos campos ou *geraes* dos Veados, na fazenda do Umbuseiro, com muitas leguas de extensão, começando cerca de 3 leguas a NNO de Caetité; os da *Cachoerinha* para NNE; os Campos de S. João com muitas leguas, abrindo-se para ENE, as bellas varzeas do rio do *Antonio* com cerca de 12 leguas de cumprimento, e mais de 6 de largura, estendendo-se ainda pelo municipio do *Bom Jesus das Meiras*; os não menos bellos campos da *Tapera* a 10 leguas para SSE de Caetité, e tantos outros estão aqui povoados de infinito gado, constituindo a maior riqueza destas paragens.

Manadas de gado bovino, criados nestes campos, ou aqui estacionando quando procedentes das varzeas do rio S. Francisco, descem de continuo para a região do beira-mar, e se compram nos curraes a 25 e 30$000 rs. por cabeça.

As outras ospecies de gado se criam em menor escala. Dos lados do *Caculé, Furados* e *Mata Veado*, onde mais desenvolvida é a criação do gado suino, exporta-se muito toucinho.

Mas na zona da *Serra*, mais propriamente agricola, o effeito de um trabalho mais intenso e perduravel e mais bem remunerado, manifesta-se logo por esse ar de

prosperidade que se divisa por toda parte nas cidades e nos povoados. As fazendas aqui apresentam tal progresso nas respectivas installações que denotam bons habitos agricolas e bem-estar.

Pratica-se a irrigação em larga escala; represam-se as aguas dos ribeiros temporarios; fazem-se levada difficeis pelas encostas das montanhas e drenam-se os brejaes, como os do *Azevedo* no rio de *S. Domingos*, os do *Pageú* no rio do *Antonio*, os do *Baixio* para o SE de *Umburanas*, onde a canna viceja em talhões extensos, ao lado dos arrozaes amarellos que a rega continua favorece.

Estava o plantio na sua estação propria que é aqui de Outubro a Janeiro, quando caem chuvas abundantes.

Informaram-nos, porém, que a canna aqui se planta em todo o tempo porque é alimentada por irrigação artificial, preferindo-se todavia lançar-se a semente de Março a Junho, assim como ao trigo que já alguns lavradores curiosos ensaiam.

São nestas paragens as propriedades territoriaes, no geral, indivisas, razão porque não alcançam melhores preços. Só por excepção, e quando demarcada e beneficiada uma legua quadrada de boas terras alcança o preço de 50:000$ rs. No commum, porém, não vale senão de 1:200$ no minimo, e 3 para 4:000$000rs. no maximo.

Entretanto, os productos naturaes do solo, as madeiras para construcção, os metaes preciosos, as rochas susceptiveis de exploração industrial não são escassos, antes pelo contrario, muitos são os logares onde taes productos são assignalados e até colhidos com proveito.

Das grandes mattas que se estendem a Leste de Caetité, ao longo das montanhas da *Fazenda da Serra* e do *Baixão*; das mattas do Jacaré no valle do rio das *Antas* ao Sueste, que se prolongam até as fraldas do pittoresco *Morro d'Antas*, destacado da Serra Geral e erguido no meio de uma vasta planicie; das grandes

mattas do rio do *Antonio* e do seu affluente *Palmeiras*: dos que se estendem pela encosta da Serra Geral, extrahem-se o jacarandá, o Sebastião d'Arruda o amargoso, o pao d'arco, o cedro, a cabriuva, o jabotá e muitas outras preciosas essencias. Nas mattas do Caculé, no rio do *Antonio*, cresce abundante a jaboticabeira silvestre.

Os mineraes porém carecem de mais larga investigação. Todavia, ha ouro nas *Lavras do Paty*, 3 leguas a Este de Umburanas, no *Brejos dos Padres* nas cabeceiras do rio das Rãs, 2 leguas a Oeste-Sudoeste de Caetité.

O ferro é assignalado em quasi todo a Serra Geral.

Na Serra do *Salto* ou de *S. Domingos* ao Sul de Caetité, nos logares: *Brejinho Furado da Pindoba*, meia legua ao sul de *Furados*, na *Vargem Grande*, 3 leguas a Este de Umburanas, no *Ouriçangas*, 2 leguas de Caetité para o Sul, tem-se extrahido em larga escala e exportado excellentes amethistas.

Crystal de rocha da melhor qualidade é encontrado na fazenda do Espirito Santo do major Antonio Xavier Cotrim.

Do schisto abundante em *Cannabrava dos Caldeiras* se extrahem grandes lages como as do itacolumito do Bom Jardim, á margem do rio S. Francisco. Dentro da cidade, ha pedreiras na encosta da serra que fornece excellente quartizto para as edificações, boa e variada tabatinga, usada para branqueiar as casas.

Tambem dentro da cidade ha uma fonte mineral, chamada da *Pedreira*.

Na *Agua Quente*, perto do arraial de *Santa Lusia*, 2 leguas para Sueste de Caetité, ha uma fonte thermal, assim como as que ha em *Cannabrava dos Caldeiras* que se julgam sulphurosas.

Como emporio commercial que é destes sertões apartados, Caetité constituiu-se o centro irradiante de uma viação ordinaria e bastante activa.

Daqui partem para leste e para nordeste as duas estradas que levam á Bahia: uma, mais directa pela villa

do *Bom Jesus dos Meiras* em direcção a *Maracás* e outra mais longa, através das montanhas, passando pela villa das *Minas do Rio de Contas* e pelo *Sincorá*. Para Minas Geraes partem tambem duas estradas principaes: a que leva ao rio de S. Francisco, ao arraial dos *Morrinhos*, passando pela freguesia de *Umburanas* e *Duas Barras*, e outra na direcção do Sul pelos *Furados* e freguesia das *Almas*, levando de um lado, á villa do *Rio Pardo* e de outro á villa de *Montes Claros*, nas cabeceiras do rio *Verde Grande*. Para o Norte sahe a estrada de *Cannabrava* que, por *Macahubas* e pelo valle do *Paramirim*, leva á cidade da *Barra*. Na direcção de Noroeste vae a estrada do *Uburú* com trajecto pelo *Bonito*, *Riacho de Santa Anna e Bom Jesus da Lapa*; em quanto que para o Oeste em direcção de *Monte Alto* e á *Carinhanha*, através do valle do rio das *Rãs*, se prolonga a estrada geral, a mais antiga que da região do littoral penetrou nestes sertões.

Caetité apresenta ao viajante um aspecto de côrte do sertão.

Ha aqui uma boa e culta sociedade, muita urbanidade e delicadeza na gente do logar.

As festas de Reis, muito animadas, deram-nos ensejo para bem julgar das maneiras, dos habitos hospitaleiros deste povo tão amavel e tão cheio de delicadas attenções.

Tinhamo-nos hospedado em casa do vigario, Padre Monoel Bemvindo de Salles, e deste digno sacerdote e dos seus amigos, o escol da sociedade caetiteense, recebemos as mais gratas e inolvidaveis provas de affectuosa attenção.

No dia 7 de Janeiro sahiamos de Caetité, acompanhados por um grande numero de cavalleiros, o vigario Salles, o padre Joaquim Pedro Garcia Leal, vigario de Umburanas, os doutores Octaviano Xavier Cotrim, Cezar Quirino da Silva, Manoel José Gonçalves Fraga, João José de Faria, e outros amigos que vinham ao nosso bota fóra meia legua da cidade, na estrada da Chapada Dia-

mantina. Despedimo-nos, abraçando-os a todos, gratos á tanta gentileza.

A cidade de Caetité devia ter por esse tempo seus 8.000 habitantes, contando-se na freguezia para mais de 27.000 almas e 50.000 em toda a comarca. As suas ruas são calçadas e algumas arborisadas com palmeiras. As casas, no geral, bem construidas e com agua canalisada. Ha na cidade quatro egrejas, das quaes a matriz, já um tanto arruinada é obra dos antigos jesuitas. Ha mais um paço municipal e cadêa, um theatro e um cemiterio.

Em tão pouco tempo, como o que ahi passamos, devo dizer, que deixamos Caetité, pungidos de saudade.

CAPITULO IV

De Caetite a Minas do Rio de Contas

Uma vez na entrada do Rio de Contas, recomeçou para nós o estudo por alguns dias interrompidos, da região que vinhamos atravessando.

Sahindo de Caetité, margeando o riacho do mesmo nome pela direita, a estrada toma a principio para leste, até a encrusilhada do *Lameirão*, e depois para nordeste em direcção á Chapada Diamantina, fraldeando a Serra Geral ou o mais proximo possivel da sua encosta oriental.

O trajecto faz-se portanto, em região montuosa, cortando-se valles successivos, galgando-se diversos esporões e contrafortes, e, não raro, pela linha de divisão das aguas de duas vertentes oppostas.

Até *Santa Barbara*, fasenda do Dr. Gomes Netto, juiz de direito da Comarca, a duas horas de viagem de Caetité, o terreno ondeado, formado de uma argilla vermelha, bem irrigado, coberto de boa vegetação offerece excellentes condições para o trabalho agricola. Depois de Santa Barbara, onde passamos a noite para proseguirmos no dia seguinte, o terreno levanta-se mais, e a entrada torna a galgar um trecho da Chapada penetrando nos *geraes*, em altitude de 900 metros, cortando uma região monotona, pobre e pouco habitada.

Cerca de uma legua de Santa Barbara, no alto dos campos, que ahi se abrem a perder de vista, alcança-se um ponto bastante eminente para se poder observar a região ao redor, n'um horizonte immenso. Ao norte, veem-se serrotes curtos, perdidos na monotonia da campina deserta sem significado apparente na orographia da região, para os outros pontos do horizonte, porem, o scenario é de um effeito surprehendente. Distinguem-se, para alem do valle do rio de *S. João*, as linhas suc-

cessivas dos espigões que se levantam entre este e o rio do *Antonio*, e o rio do *Gavião*; o perfil azulado da *Serra das Almas* e do morro da *Condeúba*, na direcção do sul, assignalando os limites da Bahia com Minas Geraes, a *Serra de S. Domingos*, ou do *Salto*, como um bastião a cavalleiro da Chapada a sudoeste, e mais proximo, n'um raio de tres leguas, a quebrada da serra onde fica Caetité, occulta no seu pequeno valle cavado no flanco da montanha.

Até o povoado das *Quebradas*, o trajecto se effectua monotono como é a região percorrida, por meio das campinas ou *geraes* que parecem infindas, e onde o ardor do sol de Janeiro, que nenhuma sombra, ou nenhuma aragem mitiga, torna a marcha fatigante e penosa. Do solo secco e duro brotam gramineas variadas que os animaes procuram comer, mas que parecem asperas, dando uma forragem inferior.

Na *Lagoa Grande*, onde ha um estagnado um tanto profundo, com uns poucos casebres ao redor e no *Brejo Sujo*, cujo nome é bem significativo, não vimos ninguem. As casas fechadas pareciam abandonadas. Nestas paragens, á margem dos caminhos, a certas horas do dia, não ha viva alma. Dorme-se á sesta ou trabalha-se na roça distante. A criação miuda em torno das habitações é que nos revela que o logar não é uma povoação abandonada.

Descendo para *Quebradas*, no fundo de um valle estreito que verte para o rio de S. João, começamos logo depois, a percorrer uma região mais fresca onde o gneiss e o granito affloram a cada passo atraves do caminho, e onde já se descobrem na vegetação os signaes evidentes de um solo melhor. Na fazenda do *Joazeiro*, com alguns moradores ao longo do riacho do mesmo nome, já se vê alguma cultura, e sente-se impressão bem diversa da que experimenta o viajante ao atravessar aquellas campinas tristes do divisor das aguas do S. João e do rio de Santo Onofre.

Sempre no ramo geral de Nordeste, a estrada penetra n'uns desfiladeiros, ganha uma região mais baixa e uniforme, no meio da qual se levantam cabeços rochosos e serrotes de encostas lisas, pedregosas, e os pequenos ribeiros, descidos da serra a meia legua de distancia, retalham-lhe o solo abrindo sulcos que permanecem sem agua em seu leito arenoso.

No dia 8 pelas 6 e meia da tarde alcançamos o logar chamado *Lagoa da Matta ou Cacimbas*, onde pousamos, depois de um trajecto de 9 leguas, preferindo este ponto, por estar mais adiante, ao da povoação da *Lagoa do Timotheo* que nos pareceu bastante pittoresca com as suas trinta casas bem construidas e boa capella levantadas em torno de uma pequena lagôa.

Pela manhã, no auge do verão, tinhamos 19° centigrados pelas 5 horas, e partimos cedo para termos tempo de galgar a *Serra da Villa Velha*, e ganhar a villa do *Rio de Contas* antes de escurecer. Passamos os povoados do *Salitre*, *Covas de Mandiocas*, e *Tabuleiro*, na ponta de um esporão granitico, junto do ribeiro do mesmo nome, que atravessamos quasi sem agua, e fomos almoçar nas *Porteiras*, onde se goza de um bello panorama de montanhas.

Ahi proximo, um quarto de legua apenas para noroeste, se levanta o bello pico do *Boqueirão*, da altitude de 1100 metros approximadamente, com as suas encostas alcantiladas, despidas de vegetação, e o seu perfil recortado e pittoresco fazendo contraste como corpo massiço e monotono da Chapada que se lhe ergue por detrás. Na direcção do norte, através dos contrafortes ou esporões que se adiantam da *Serra Geral* ou *Chapada*, se divisa ao longe, dominando um alto massiço escarpado, o pico das *Almas*, coroado de nevoas que de instante a instante se dissipam e se renovam, erguendo-se escalvado e nú de toda vegetação á altitude de cerca de 1500 metros e por cujos sulcos ou quebradas descem filetes resplandescentes d'agua. Ao sudoeste

Sempre no ramo geral de Nordeste, a estrada penetra n'uns desfiladeiros, ganha uma região mais baixa e uniforme, no meio da qual se levantam cabeços rochosos e serrotes de encostas lisas, pedregosas, e os pequenos ribeiros, descidos da serra a meia legua de distancia, retalham-lhe o solo abrindo sulcos que permanecem sem agua em seu leito arenoso.

No dia 8 pelas 6 e meia da tarde alcançamos o logar chamado *Lagoa da Matta ou Cacimbas*, onde pousamos, depois de um trajecto de 9 leguas, preferindo este ponto, por estar mais adiante, ao da povoação da *Lagoa do Timotheo* que nos pareceu bastante pittoresca com as suas trinta casas bem construidas e boa capella levantadas em torno de uma pequena lagôa.

Pela manhã, no auge do verão, tinhamos 19° centigrados pelas 5 horas, e partimos cedo para termos tempo de galgar a *Serra da Villa Velha*, e ganhar a villa do *Rio de Contas* antes de escurecer. Passamos os povoados do *Salitre*, *Covas de Mandiocas*, e *Tabuleiro*, na ponta de um esporão granitico, junto do ribeiro do mesmo nome, que atravessamos quasi sem agua, e fomos almoçar nas *Porteiras*, onde se goza de um bello panorama de montanhas.

Ahi proximo, um quarto de legua apenas para noroeste, se levanta o bello pico do *Boqueirão*, da altitude de 1100 metros approximadamente, com as suas encostas alcantiladas, despidas de vegetação, e o seu perfil recortado e pittoresco fazendo contraste como corpo massiço e monotono da Chapada que se lhe ergue por detrás. Na direcção do norte, através dos contrafortes ou esporões que se adiantam da *Serra Geral* ou *Chapada*, se divisa ao longe, dominando um alto massiço escarpado, o pico das *Almas*, coroado de nevoas que de instante a instante se dissipam e se renovam, erguendo-se escalvado e nú de toda vegetação á altitude de cerca de 1500 metros e por cujos sulcos ou quebradas descem filetes resplandescentes d'agua. Ao sudoeste

apparecem, á pequena distancia, uns cabeços graniticos de 80 a 100 metros de altura sobre a planicie, o esporão elevado do Taboleiro com cerca de 1180 metros. A nordeste e a leste estende-se, como um alto paredão de encostas ingremes, semelhantes ás da *Serra de Monte Alto*, a bella serra da Villa Velha que parece correr, das proximidades do *Pico das Almas*, do noroeste para sueste.

Na estrada que vamos percorrendo, sempre na mesma direcção de nordeste, e contornando as pontas dos espigões que avançam para sueste, entre os pequenos ribeiros quasi todos sem agua que descem para o valle do *Brumado*, encontra-se a cada passo o gneiss-granitico em diques transversos, o quartzito ferruginoso no meio de um solo arenoso.

A 1 hora da tarde, puzemo-nos de novo a caminho em direcção a Villa Velha onde chegamos ás 3 horas, passando ao entrar no povoado, o rio *Taquary* de aguas frias, claras, impetuosas sobre um leito pedregoso descidas da vertente meridional do *Pico das Almas*.

Depois de uma demora de cerca de tres quartos d'hora, em visita do povoado, que é uma villa das mais antigas destes sertões, aqui fundada quando se iniciaram, pelos paulistas, os primeiros trabalhos de mineração de ouro nestas paragens, passamos para outra margem do rio *Brumado*, que ahi limita a villa pelo lado de leste, depois de contemplarmos, por alguns instantes a altissima cascata que ahi faz este rio ao descer da Chapada n'um salto de cerca de 200 metros de alto. Começamos dahi a galgar a *Serra*, a principio margeando o rio até quasi em frente da cascata e depois em successivos zig-zags até o alto que attingimos pelas 6 horas da tarde.

Na subida, que é bastante difficil pela grande quantidade de pedras deslocadas que enchem a entrada, vamos encontrando as camadas empinadas de um quartzito schistoso, corado, com inclinação de 65° sobre o horizonte, orientadas de nor-nordeste para sul-sudoeste,

mergulhando para o sul. No alto, cerca de 400 metros acima da Villa Velha, o panorama que se desfructa para o lado do sul é de um effeito surprehendente.

Em baixo, a nossos pés, vê-se primeiro a casaria branca da Villa Velha, umas quatrocentas casas estendidas na lombada estreita entre os rios Taquary e Brumado, e, na margem deste ultimo, precedendo a uma planicie vasta que se abre para o sul, limitada de um lado pelo enorme paredão da serra da Villa Velha e de outro pelos varios esporões da Serra Geral, qual mais curto, qual mais avançado pela planicie, que do alto simula um immenso jardim. No fundo, por detrás da *serra do Sapato* que é como uma explanada ou terraço no meio do valle, se avistam montanhas de maior elevação, em planos successivos, e distantes de 15 e 20 leguas.

O caracter das montanhas que acabamos de subir é aspero. As suas encostas escarpadas e ingremes são despidas de vegetação em grande pasto. Na base d'ellas, ao sahir de Villa Velha, no leito inferior do *Brumado*, ao lado do granito, apparece um quartzito duro, de grã finissima, de côr esverdeada ou cinzentada. Mas em cima, em meia encosta, onde a estratificação é mais discordante observamos uma inclinação de 65° sobre o horizonte, o quartzito é mais schistoso e molle, em alguns pontos, parecendo talcoschisto, de côr avermelhada. No alto, apparecem uma argilla talcosa, arêa finissima e alva, resultante da decomposição do quartzito schistoso, ahi muito abundante e utilisado nas construcções.

Apezar desse aspecto aspero e apparentemente pouco favoravel á cultura, esta região é entretanto uma das mais lavradas destes sertões.

Pratica-se aqui em larga escala a irrigação, fazendo-se *levadas* extensas pelas encostas dos montes, talhando-se na rocha e guiando-se por toda parte os regos d'agua que vão levar a fertilidade e a abundancia nos numerosos cultivados das encostas.

Os rios que parecem seccos, onde a estrada os atravessa, foram todos captados a montante e suas aguas, desviadas, repartidas, submettidas a um regimem que a boa tradição tem feito respeitar, vão tornar possiveis as culturas nos numerosos pequenos valles de serra, vão banhar o solo reseccado e quasi esterilisado pela falta prolongada das chuvas, pelo ardor do sol inclemente.

Chegamos á villa das *Minas do Rio de Contas*, antes de escurecer, e ainda em tempo de conhecer-lhe a topographia com os ultimos clarões do dia. O local, á margem esquerda do *Brumado*, no alto de uma Chapada da altitude de 1200 metros, proximamente, visinho do ponto culminante do systema orographico da Bahia, o *Pico das Almas*, que lhe fica cerca de duas leguas para o noroeste, é um dos mais favorecidos pelas suas condições de clima, ainda que topographicamente não seja o melhor assento para povoação.

Como quasi todos os logares que tiveram origem na mineração, a villa ao *Rio de Contas* surgio e cresceu irregularmente, desenvolveu-se e prosperou com o progresso das lavras auriferas do leito do *Brumado*, e por fim estacionou ou decahio com o esgotamento das minas. Todavia alguma cousa lhe ficou da prosperidade de outr'ora. As suas construcções de pedra, os seus edificios publicos, revelam ainda que esse logar teve um nascimento rico e promissor, que o futuro aliás não confirmou.

A villa não tinha mais que uns tresentos predios e sua população talvez não attingisse a 2000 almas. O commercio insignificante indicava que no logar como nos arredores, pouco se trabalhava.

Da mineração do ouro não havia mais do que uma exagerada tradição, e todavia me informaram os moradores que no leito do Brumado ainda o ouro era abundante, e se me offereceram para o demonstrar em qualquer ponto desse rio que se quizesse trabalhar. De facto, munindo-se de uma batéa, guiaram-me para um logar a

montante da villa, e alli, no espaço de uma hora, levando o cascalho, á beira do rio, conseguiram alguns grãos do precioso metal que trouxe commigo como reliquia, certo de que, se algum dia se voltar a minerar naquellas paragens, não será jamais por aquelle processo antiquado de dous seculos atrás.

O clima pareceu-me delicioso. Estavamos em Janeiro, no auge de um verão escasso de chuvas, e todavia indicava o thermometro pelas 5 horas da manhã 17° centigrados no interior das habitações. As serranias em torno amanheciam coroadas de nevoas e soprava do lado de norte um vento frio, como se viesse de rigiões altas cobertas de neve

CAPITULO V

De Minas do Rio de Contas á Santa Isabel do Paraguassú, antigo arraial do Mocugê

Da villa das *Minas do Rio de Contas* á de *Santa Isabel do Paraguassú* o trajecto é feito por uma região de terras altas que os rios excavaram profundamente e onde se apresentam os mais bellos perfis de montanhas destes sertões.

O curto trecho de cinco leguas que vae das margens de Brumado a oeste até ás do rio de Contas a leste é todo elle um panorama dos mais encantadores que temos percorrido, pela belleza, elevação e recorte dos seus montes, pelo seu aspecto selvagem, pela variedade de sua vegetação na escala ascendente das altitudes.

Do lado do norte, onde se ergue o bello pico de *Matto Grosso*, distante duas leguas e começa o perfil eriçado das serras da *Itubira* e da *Tromba*, estendido para o noroeste, descem para o sul e sueste, por entre valles profundos e estreitos, contrafortes altos, como a serra da *Furna* e de *Santo Antonio*, de encostas abruptas e escarpadas, encimadas de picos agudos do mais bello effeito na paisagem. A vegetação, que desponta vigorosa e verdejante no fundo dos valles, sóbe até a meia encosta desses montes que na parte superior se conservam nús e despidos de verdura, pondo em contraste a côr escura, roxeada da pedra com o véo branco das nuvens debruçadas sobre os pincaros.

Partimos da villa das *Minas do Rio de Contas* a 11 de Janeiro, pela manhã, tomando pela pessima estrada da *Gameleira* que, em voltas successivas e por perigosas rampas, nos conduz até o valle profundo do *Ribeirão*, affluente do rio de Contas, cujo leito distante nos era indicado para além das montanhas por um lençol de nevoas.

A estrada toma a principio para leste, declina um pouco para sueste, volta depois a nordeste e ainda para leste, passa em frente da fazenda da *Gameleira*, onde ha sua pequena lavoura de canna, margeia o riacho do mesmo nome pela direita e, depois de duas leguas e meia de trajecto aspero e difficil, tendo descido cerca de 400 metros desde a villa, alcança o arraial da *Casa de Telha* com os seus quarenta visinhos, na confluencia daquelle riacho com o *Ribeirão*.

Não é grande o arraial, mas tem um ar de prosperidade que se justifica pela exellencia das suas terras e pela producção do valle do Ribeirão de que é elle o centro mais importante. Nessas terras baixas, abundantemente irrigadas pelas aguas das montanhas visinhas, ricos mananciaes que se vêem reluzir ao longe em catadupas pelas encostas, trazendo para o fundo do valle o frescor, o sedimento pingue das alturas, prospera toda uma numerosa população de pequenos lavradores que cultivam a canna, praticam a irrigação artificial, e nos seus toscos engenhos e alambiques fabricam a rapadura e a aguardente.

No arraial da *Furna*, cerca de duas leguas, valle acima, com uns cincoenta moradores e sua pequena capella; em *Cannabrava*, outro pequeno povoado com outros tantos visinhos, uma legua para cima da *Casa de Telha*; em *Matto Grosso*, nas cabeceiras do valle, em ponto elevado, posto que muito frio, cerca de duas leguas para nordeste da villa, além da cultura ordinaria dos cereaes, cultivam-se bem a canna, o café, o algodão. Na *Furna*, o solo é tão rico e tão proprio para a canna que esta, commummente da variedade *Cayenna*, chega a crescer até trinta palmos de cumprimento, com excellente porcentagem saccharina.

Descendo a ladeira da Gameleira, encontramos na estrada as mesmas rochas quartzosas da subida de Villa Velha para Rio de Contas, demonstrando assim identidade de formação nesta outra encosta da serra. Encon-

tramos ainda muita pedra ferrea, com o aspecto de limonito, numerosos veios de quartzo com abundantes chrystaes de hornblenda.

O itaculumito é, porém, a rocha predominante nas alturas, onde forma aquellas linhas de cumiadas cheias de recortes, tão pitorescas que anteriormente descrevemos.

Nas immediações da villa das Minas do Rio de Contas que já foram um centro aurifero, e onde ainda se explora o ouro em pequenissima escala no valle do *Brumado*, se encontra o ferro, e, segundo nos informaram, até o mercurio apparece no Corrego do *Gambá*, dentro da mesma villa.

Na região que se estende para o noroeste, já no valle do *Paramirim*, que desce do *Pico das Almas*, contravertendo com os rios *Taquary* e *Brumado* e vae lançar-se no Rio S. Francisco: nas suas cabeceiras pelas fraldas da *Itubira* e da serra da *Tromba*, ainda se encontra o ouro de alluvião apezar de já terem sido muito lavados as arêas e cascalho dos seus innumeros riachos serranos. Não menos de dezoito minas ahi se exploraram outr'ora, e, segundo nos informaram, ainda podem dar bom rendimento se forem trabalhadas com mais arte.

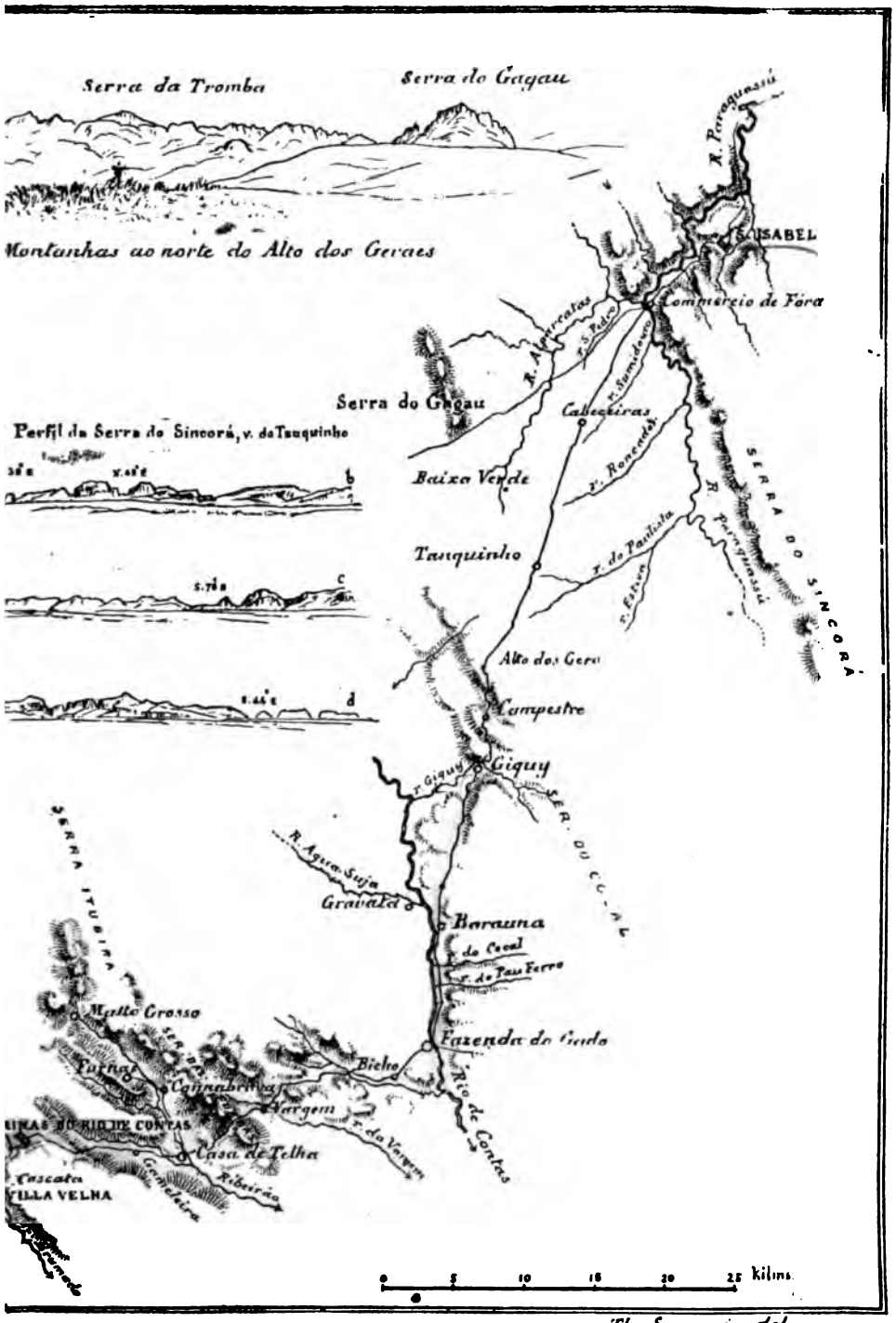
Nas *Mamonas* ou *Santa Maria do Ouro* ainda se lavra este metal e abunda o ferro nas rochas de itabirito.

Em *Agua Quente*, cêrca de 10 leguas para o Noroeste do Rio de Contas, tambem abunda o itabirito rico de ferro, assim como no arraial do *Sacco*, cêrca de duas leguas para Sueste da Villa Velha.

Em *Matto Grosso*, onde em 1718 alguns Paulistas descobriram ouro e se iniciou nestes sertões a lavra deste precioso metal, ainda hoje se explora em pequena escala.

No *Morro do Fogo*, nos *Remedios*, em *Catulés* e *Bom Jesus* tambem se lavrou ouro, mas hoje das antigas lavras não resta senão a tradição.

Deixamos o arraial da *Casa de Telha* pela tarde, depois que baixou um pouco a temperatura, a qual pelas



Th. Sampaio del.

LIBRARY
UNIVERSITY

11 horas da manhã já se assignalava por 30° centigrados á sombra, e seguimos dahi a rumo geral de nordeste, galgando a serra da *Furna*, por uma das suas mais baixas gargantas, cortando adiante o pequeno ribeiro da *Vargem*, junto da fazenda do mesmo nome, transpondo mais além um dos contrafortes da mesma serra, denominado de *Santo Antonio*, descendo para o riacho do *Bicho* que é margeado pela esquerda, depois de o atravessarmos e chegarmos ao arraial da *Fazenda do Gado*, á margem do rio de Contas que, com as suas aguas claras, frias e correntes, da-lhe um aspecto aprasivel. Ahi pernoitamos, para proseguir no dia seguinte muito cedo.

No curto trajecto entre a *Casa de Telha* e *Fazenda do Gado* encontramos ainda o quartzito schistoso ou itacolumito no alto, ou talcite um pouco mais em baixo, na ladeira que precede o riacho do *Bicho* e o gneiss no leito deste, com extratificação quasi vertical, orientada para N. 12° E. Camadas de micaschisto apparecem com um angulo de 70° sobre o horizonte, orientadas como o gneiss, ou tendendo um pouco para o norte, e mergulhando para sueste.

A decomposição das rochas dá aqui um barro argilloso bastante corado e com muito esmeril que só deixa ver nas arêas lavadas pela enxurrada.

Da *Fazenda do Gado*, que é um povoado prospero, segue a estrada geral para o *Sincorá* a leste e dahi para a Cacheira, descendo pelo valle do Paraguassú. Mas como o nosso intuito era visitar a *Chapada Diamantina*, propriamente dita, deixamos que essa estrada que até ahi tinhamos trilhado e enveredamos para o norte, em direcção a *Santa Izabel*, antigo arraial do *Mocugê*, que foi outr'ora o centro principal das lavras de diamante.

No fundo deste valle apertado entre montanhas, a temperatura é quasi sempre alta, desde cedo pela manhã. Dentro do arraial, pelas cinco horas, antes do nascer do sol, já tinhamos 24.° contigrados, quando nos dispunhamos para partir.

Seguimos margeando o rio de Contas pela esquerda, a rumo do norte, e fomos successivamente atravessando os riachos do *Pau de Ferro* e do *Cocal* que vem de leste, o pequeno povoado da *Barauna* com os seus 18 a 20 visinhos e, depois de quatro horas de marcha regular, chegamos ao povoado *Giquy*, onde se começa a subir a serra do *Cocal*. Depois de duas horas de descanço para almoçar e colher informações, encetamos a difficil subida pelo valle estreito e profundo do riacho do *Giquy* que vem de sueste e se vae lançar no rio de Contas cerca de uma legoa a oeste. Não me recordo haver jamais transitado por caminho tão aspero e perigoso como esse que galga a serra de *Cocal* pela ladeira do *Giquy* ao *Campestre* e deste ao *Alto dos Geraes*. Não é, de facto, um caminho mas uma escadaria de pedras soltas de todos os tamanhos e feitios, de lascas de rocha atravessadas ou em pé que os animaes têm de vencer aos saltos, escorregando, tomando as mais difficeis attitudes para se manterem em equilibrio debaixo da carga que a cada instante se desaranja e força a parar para tomar folego. Uma vez, porem, no *Alto dos Geraes* que se alcança depois 2½ horas de ascenção, o viajante fatigado e cheio de tedio, parecendo emergir do inferno, tem logo a sensação consoladora de um céo aberto. O horizonte apresenta-se-lhe amplo e de um encanto indescriptivel. Os campos *geraes* ao redor, vestidos de uma grama rasteira, onde crescem pinheiros minusculos, estendem-se por uma alta planicie que só tem limites nas montanhas longinquas, cujas cumiadas se desenham nitidas num céo azul abundantemente illuminado. Ao norte, avista-se a extremidade meridional da Serra do *Gagau* ou do *Bastião*, simulando um castello de gigantes sobre uma esplanada a cavalleiro do rio de Contas que corre em baixo á esquerda; para o noroeste, desenha-se o bello perfil da Serra da *Tromba*, continuação da de *Itubira* para o norte; a leste, para além das ondulações mais accentuadas da planicie que indicam a baixada onde corre o

Paraguassú, descobrem-se as cumiadas da Serra do *Sincorá*, fechando largo trecho do horizonte por esse lado.

Neste logar, á margem da *Chapada Diamantina*, que de facto ahi começa, a altitude não é inferior á da villa do Rio de Contas. Percebe-se que um e outro logar ficam em cima de uma mesma chapada que a erosão dividio, cavando de permeio, o valle profundo do rio de Contas, cujo eixo, no trecho que descrevemos é uma parallela á linha de cumiada dos montes, orientada de sul-este para noroeste. *No alto dos geraes* deviamos estar a 1100 ou 1200 metros sobre o mar e cerca de 500 mais alto do que o arraial da *Fazenda do Gado*, no fundo do valle. Desse ponto a planicie alta vae declinando para nordeste e constitue quasi toda ella, com os seus bellos campos geraes, a bacia superior do Paraguassú.

Proseguindo no rumo do nordeste, chegamos pelas 5 horas da tarde ao *Tanquinho*, ainda a tempo de gozar do bello espectaculo da *Serra do Sincorá*, fronteira a nós, com os seus flancos escalvados onde se esconde o diamante, illuminados pelos raios do sol poente.

O *Tanquinho* é um pequeno povoado de umas 20 casas de palha junto a uns olhos d'agua que vertem para o ribeiro do *Paulista*, como um oasis no deserto triste e silencioso dos *geraes*. Ahi pernoitamos, segundo é costume dos vaqueiros que percorrem esta região e das tropas que procuram as lavras diamantinas.

No dia seguinte, cedo, com uma temperatura de 18° centigrados, pozemo-nos a caminho para *Santa Isabel*, atravéz dos *geraes* e pelo alto de uma lombada que divide as aguas do ribeiro *Paulista*, *Roncador* e *Sumidouro*, á direita, das do *Alparcarta* á esquerda, affluentes todos do *Paraguassú*.

Passamos, então, o povoado das *Cabeceiras do Sumidouro*, e mais adiante, no povoado do *Commercio de Fóra*, passamos o Paraguassú sobre uma ponte de madeira e entramos na garganta por onde esse rio, cortando transversalmente a *Serra do Sincorá*, desce da *Chapada*

por um leito francamente diamantino. Pouco mais de legua dahi fica a villa de *Santa Isabel,* antigo arraial do *Mocugê,* outr'ora tão afamado pelos seus bellos diamantes, e onde chegamos pelas duas horas da tarde, indo hospedar-nos para a casa do rico negociante, capitão Joaquim Manoel Rodrigues Lima, pessoa de real e mui legitima influencia no logar e a quem vinhamos recomendados.

Santa Isabel foi, outr'ora, um arraial de garimpeiros que prosperou com a lavra dos diamantes; surgio com ella e com ella decahio. A villa jaz apertada entre morros pedregosos, quasi despidos de vegetação e banhada pelo ribeirão do *Mocugê* que vem do sul, por um valle estreitissimo da *Serra do Sincorá* que por aqui tem diversos nomes locaes. Nada tem de pittoresco a villa, nem é logar adequado para o assento de uma cidade. Não tem horizonte porque os montes a opprimem, rodeando-a por todos os lados. O logar, mesmo, é um pouso de garimpeiros á beira do garimpo. Contavam-se então 245 predios dentro da villa e quasi o dobro por fóra; duas ruas longitudinaes e dez outras transversaes pequenas, duas egrejas não acabadas e uma casa da camara e cadeia.

O trecho do territorio percorrido, da *Fazenda do Gado* até aqui, não offerece melhor aspecto do que os anteriores sob o ponto de vista agricola. Embaixo, no valle do rio de Contas a lavoura da canna, dos cereaes communs, do algodão e café tem certo desenvolvimento e a população é mais numerosa nos pequenos valles dos affluentes da direita deste rio. Na margem esquerda, porém, a população não só é mais escassa, como a predominancia dos campos geraes obriga a outro genero de industria como seja a criação do gado.

Predomina aqui entre o povo o elemento mestiço. Entre a população recenseada em 1872, população que foi achada de 15,100 habitantes, só no municipio de Santa Isabel, contavam-se 8.965 pessoas de côr, 3.741 pretos, 2336 brancos e 58 de sangue indigena. Dessa po-

pulação sabiam ler e escrever tão sómente 2.348 individuos.

Quanto á constituição geologica deste trecho do territorio, pouca differença se nota em relação ao trecho precedente. No fundo do valle do rio de Contas, desde a *Fazenda do Gado* até *Giquy*, o gneiss apparece de continuo na estrada, formando o embasamento da Chapada que a erosão profunda deixou a descoberto; na meia encosta, subindo do Giquy para o Campestre, apparecem os talcites, que já antes tinhamos assignalado nas montanhas entre a Casa de Telha e a Fazenda do Gado; da meia encosta, para cima, isto é, do Campestre, para o Alto dos Geraes, predomina o quartzito semelhante á pedra de amolar,o itaculumito, em alguns pontos, muito friavel; no alto, onde os *geraes* se estendem, o solo breve deixa ver por entre os fragmentos do limonito, véstigios do itabirito. No Alto dos Geraes, colhemos uma excellente amostra de magnetito.

Na Serra do Sincorá, erguida sobre a Chapada, e toda retalhada e recortada em varios sentidos, os montes são geralmente de quartzito com leitos intercalados de um conglomerato grosseiro, onde apparece o diamante, mas dando sempre um solo fraco, arenoso e mui pobre sob o ponto de vista agricola.

CAPITULO VI

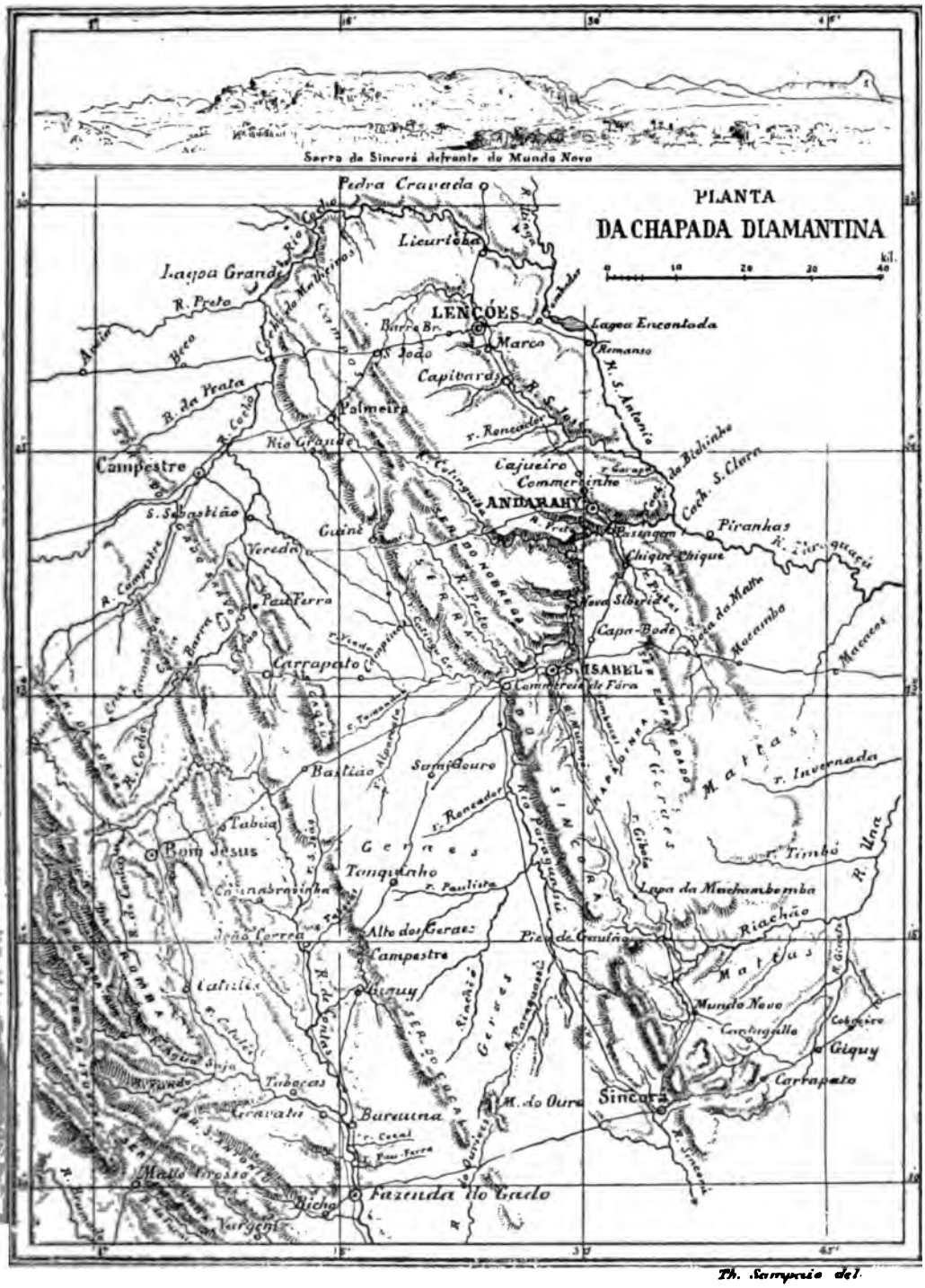
A Chapada Diamantina

Em Santa Isabel do Paraguassú, onde chegamos a 13 de Janeiro de 1880, estavamos, senão no centro das lavras de diamante da Bahia, ao menos, no ponto que historicamente e sob o ponto de vista da producção, mais concorrera para a grande fama que já teve outr'ora essa região sertaneja.

A zona diamantina na Bahia é muito vasta, e mal póde ser assignalada pelos limites do que se chama communmente a *Chapada*; porquanto os diamantes têm sido encontrados até na zona litoral, como no *Salobro*, entre o Rio Pardo e o Rio Una, como em *Camassary*, *Pitanga*, e rio *Catú*, ao Norte da Capital e como no rio *Imbassahy*, cerca de 100 kilometros para o nordeste da mesma Capital.

No leito do Rio S. Francisco, o Dr. Orville Derby achou, no cascalho da cachoeira de *Itaparica*, visinha de Jatobá, indicios de diamante. No riacho da *Solidão*, que rega o povoado do Boqueirão das Parreiras, no termo do Monte Alto, tambem se assignalou a presença do diamante.

Se, porém, quizermos determinar com mais precisão a zona diamantifera, no interior da Bahia, teriamos de destacar, entre os 11° e os 14° de latitude sul, o mais largo trecho da Chapada, cujos limites por linhas naturaes seriam, a começar de Oeste: o rio S. Francisco desde o Chique-chique até a barra do Paramirim, e por este acima até as suas nascentes no Pico das Almas, dahi pelo curso do Rio Brumado até sua barra no rio de Contas, seguindo depois por este abaixo até onde lhe entra pela esquerda o rio Sincorá. Dahi, tomando para o norte, sobe o rio Sincorá até as suas cabeceiras e, trans-


Serra da Sincorá defronte do Mundo Novo
PLANTA
DA CHAPADA DIAMANTINA
kil.
0 10 20 30 40
Pedra Cravada
Lieurtoba
Lagoa Grande
R. Preto
LENÇÓES
Barra Br.
Marco
S. João
Lagoa Encantada
Remanso
R. S. Antonio
Capivara
R. da Prata
Palmeira
Rio Grande
Campestre
S. Sebastião
Cajueiro
Commerciinho
ANDARAHY
Cach. S. Clara
Piranhas
Passagem
Chique-Chique
Guiné
Veredão
Paul Ferro
Nova Sibéria
Capa-Bode
Carrapato
S. ISABEL
Commercio de Fóra
Baltião
Sumidouro
Tabua
Bom Jesus
Tonquinho
Lapa da Machambomba
Riachão
João Correa
Alto dos Geraes
Pia de Gaulão
Campestre
Catizes
Giquy
Mundo Novo
Carrapato
Tiboras
Cravatá
Barauna
M. do Ouro
Sincorá
Matto Grosso
Fazenda do Gado
Riche
Vargem
Th. Sampaio del.

LIBRA
Leland
UNIVE

pondo a serra do mesmo nome, ganha as nascentes do rio Una, cujo curso desce até a sua fóz no Paraguassú. Remonta o curso deste até a barra do rio Santo Antonio, e subindo por este acima vae até a fóz do rio Utinga, cujo curso subirá até as suas cabeceiras nas visinhanças do Morro do Chapeo, e, proseguindo ao norte para alem das nascentes do rio Jacuipe, sóbe até o parallelo de 11° de latitude sul, que ficará sendo o limite do lado septentrional.

Neste vasto ambito, cujo maior comprimento é de 370 kilometros, e a maior lárgura 228, se comprehendem: no extremo noroeste, as antigas lavras de *Santo Ignacio de Assuruá*, visinhas do Chique-chique; no meio, tendendo para Oeste, as não menos antigas lavras, hoje abandonadas, da *Chapada Velha*, ao nordeste de Macahubas; no extremo sul, as primitivas lavras diamantinas do Sincorá e do rio Una; no centro da face de leste, e quasi que abrangendo-a totalmente, a *Chapada Diamantina*, propriamente dita e no extremo nordeste, as minas do districto do *Morro do Chapeo*.

A região comprehendida em taes limites é a mais elevada dos sertões bahianos e nella se acha o ponto culminante do seu systema orographico, no Pico das Almas, com a altitude de cerca de 1500 metros, como já o dissemos anteriormente.

As montanhas aqui se dispõem em tres cordilheiras parallelas, na direcção geral de sul-sueste para nor-noroeste, e corta obliquamente a linha de divisão das aguas da bacia do S. Francisco e das que correm directamente ao Atlantico, linha de divisão das aguas, sinuosa e irregular no rumo geral de nordeste.

Das tres cordilheiras referidas, a mais occidental e tambem a mais alta, fórma, em grande extensão, uma alta aresta escarpada, interrompida por quebradas numerosas, e tomando varios nomes segundo os districtos que vae atravessando: serra da *Villa Velha* ou das *Almas*, junto da villa das Minas do Rio de Contas, a começar do

sul; a serra do *Itubira* com o notavel *Pico do Matto Grosso*, cerca de 13 kilometros para norte da referida villa, serra de que são projecções notaveis ou simples esporões do lado de leste, as serras da *Furna* e a de *Santo Antonio*; a serra da *Tromba* um dos trechos mais elevados da cordilheira, com cerca de 60 kilometros de extensão; a serra da *Mangabeira*, e em seguida a de *Brotas* prolongando-se em direcção á margem direita do rio S. Francisco.

A cordilheira central, distante da anterior cerca de 40 kilometros, começa ao sul com a denominação de serra do *Cocal*, corre entre o rio Paraguassú e o rio de Serra de Contas, toma o nome de serra do *Gagau* ou do *Bastião* no trecho mais proeminente e mais pittoresco, e segue alem para o nor-noroeste com o nome de Serra do *Gado Bravo* e, com muitas interrupções, se estende até o Chique-Chique onde tem o nome de serra de *Assuruá*.

A cordilheira mais oriental, distante da precedente cerca de 30 kilometros, tem o nome geral de *Serra do Sincorá*, por começar, ao sul, junto do arraial do mesmo nome, e, muito fragmentada, quer no sentido longitudinal, quer no transversal, penetra nos sertões a nor-noroeste com mui diversas denominações.

E' esta cordilheira a propria *Chapada Diamantina*, no sentido restricto em que ora se emprega esta denominação. A face ou vertente occidental della que apresenta uma bella escarpa por sobre a alta planicie dos *geraes*, onde corre o Paraguassú, tem commummente o nome *Sincorá* e conta nada menos de cinco interrupções ou gargantas n'uma extensão de 140 kilometros, dando passagem ao nivel dos geraes, como sejam, a começar do sul, a garganta do *Sincorá*, onde passa a estrada geral do sertão junto deste arraial, a garganta do *Palmital*, cerca de 6 kilometros para o norte, dando passagem para o *Mundo Novo*, nas cabeceiras do rio Una; mais além, 22 kilometros, a do *Morro do Gavião*, onde passava outr'ora a estrada do sertão, deixando o

valle do Una para penetrar nos campos geraes do Paraguassú; em seguida a esta, e distante della 28 kilometros, a garganta do *Sobrado*, dando passagem para o valle do *Mucugê*; 12 kilometros alem, a mais notavel de todas ellas, a do *Commercio de Fóra*, onde penetra o Paraguassú, cortando transversalmente a cordilheira ou chapada, em saltos successivos e por extensos sumidouros. Adiante desse ponto, cerca de 20 kilometros fica a garganta da *Catinga Grande*, e perto desta a do *Capão Grande*. Seguem-se depois duas outras cujos nomes se ignoram, e tambem as da *Bocca da Matta*, onde passa a estrada dos Lençóes para o rio S. Francisco, da *Lavrinha*, do *Lageadinho*, aquella onde penetra o rio *Cochó*, e ainda outras mais além para o noroeste.

A face de leste desta cordilheira, tambem retalhada como a outra, escarpada em varios pontos e em outros com rampas mais suaves, toma o nome de *Emparedado*, 13 kilometros a leste de Santa Isabel, serra do *Andarahy*, serra dos *Lençóes* ou do *Barro Branco*, serra das *Arueiras* até desaparecer nas cabeceiras do rio Verde de baixo, na direcção de nor-noroeste.

Quasi a meia distancia das duas faces ou vertentes desta *Chapada Diamantina*, corre uma linha de cumiadas, tambem com varias interrupções e nomes diversos; serra da *Chapadinha*, no extremo sul, serra do *Nobrega* depois de passar o Paraguassú, serra do *Rio Preto*, Serra da *Cotinguiba*, da *Palmeira*, etc.

O aspecto da zona diamantina é o de uma região alta, com largos trechos planos nos intervallos de serranias asperas, abundantemente irrigados na metade sul. Os rios e ribeiros são ahi numerosos, e os que são propriamente diamantinos trazem as suas aguas escuras, ou amarello-topasio quando tomadas em pouca quantidade. Por isso são frequentes as denoninações como: *rio Negro*, *rio Preto*, *rio Una* (Preto), applicadas ás correntes d'agua escura que descem das serras escarpadas e rolam no seu leito de cascalho as pedras

preciosas que foram out'rora o unico incentivo para se povoarem estes logares tão pouco ferteis, sob o ponto de vista agricola.

Dentre os rios que banham a região diamantina e se distinguem, ou por seu volume, ou por sua riqueza em diamantes, merecem referencia o *Paramirim*, o rio *Verde de Baixo*, o rio da *Vereda do Jacaré* que são affluentes do rio S. Francisco; o *Jacuipe*, o *Paraguassú* e o rio de *Contas* que affluem directamenta para o Atlantico.

O rio da *Vereda do Jacaré*, que drena as aguas ao norte do Morro do Chapéo, comquanto tenha um curso extenso, as suas aguas são tão escassas que desapparecem totalmente por largo trecho, ao través de uma região ingratissima e secca.

O rio *Verde*, appellidado *de baixo*, para se distinguir de seu homonymo superior que faz a divisa dos territorios da Bahia e Minas, nasce na *Chapada Velha*, corre ao norte, através de uma região deserta e sem agua, e entra no rio S. Francisco abaixo do Chique-Chique. Comquanto não seja pequeno o seu valle, a escassez das suas aguas é tão grande que tornam difficeis os trabalhos da mineração.

O *Paramirim* não é mais fornecido. O seu curso é, na verdade, mais extenso do que os dos precedentes, mas as aguas ainda lhe são escassas e não bastam sequer para a irrigação que a lavoura das suas margens exige. Os seus tributarios perennes como os rios da *Caixa*, dos *Remedios* e do *Pires*, que descem da vertente occidental da *Itubira* e da serra da *Tromba*, são os mananciaes mais poderosos e os unicos capazes de permittir um trabalho mais regular de mineração nas suas margens.

O rio de *Jacuipe*, que nasce nas immediações do Morro do Chapéo, corre em leito diamantino, mas tem pouca agua nas cabeceiras, o que difficulta qualquer trabalho de mineração em maior escala. Este rio desce da Chapada, corre para a leste, atravessando terrenos

aridos de *catinga*, e, nesse trajecto, secca muitas vezes na estação propria,

O *Paraguassú* que é propriamente o rio diamantino, pois que nelle ou no leito dos seus numerosos tributarios é que descobriram as lavras mais ricas e productivas de diamante, merece aqui mais particular referencia. Nasce este rio, no logar *Farinha Molhada*, na vertente occidental do *Morro do Ouro*, na *Serra do Cocal*, cerca de 24 kilometros a oeste do arraial do *Sincorá* corre ao norte, recebendo pela esquerda: o *Riachão* que traz as aguas dos ribeiros *Paulista* e *Estiva*, o *Roncador*, o *Sumidouro*; o *Alparcata*, que vem do logar *Baixa Verde*, 12 kilometros ao norte do Tanquinho corre a principio para o norte e fazendo grande curva com que collecciona as aguas do *Tamanduá*, dos *Veados*, do *Catinga Grande*, pela esquerda e do *S. Pedro* pela direita, faz barra no Paraguassú ao penetrar este na garganta do *Commercio de Fora*.

Até este ponto, o curso do Paraguassú se faz através dos campos geraes, e não se lhe encontraram diamantes, ainda que não faltem indicios seguros delles em muitos dos affluentes que descem das proximidades da Serra do *Gogáu* e do *Sincorá*.

Depois de penetrar na garganta do *Commercio de Fora*, o leito do Paraguassú se torna francamente diamantino. Proseguindo então através de montes escarpados e nús, dando saltos successivos, formando poços, sumindo-se por baixo de extensos lagedos que dão passagem a pé enxuto de uma para outra margem, o rio com as suas aguas escuras e impetuosas vae sendo engrossado a curtos intervallos por numerosos tributarios, todos diamantinos. Assim é que recebe pela esquerda logo depois de entrar na garganta, o rio *Preto* que desce impetuoso da serra do mesmo nome com um curso de cerca de 30 kilometros; o pequeno riacho do *Moreira* entrou pouco antes pela direita; o riacho das *Combucas* que traz as aguas do *Mucugê*, ambos nascidos na Serra da *Chapadinha*, ao sul e faz

barra na margem direita, pouco acima do *Poço do Mar de Espanha*, famoso na historia da mineração destas paragens; pouco abaixo, pela esquerda recebe o Paraguassú o pequeno ribeiro do *Beiçudo* que tem pouco mais de 6 kilometros de curso. O rio *Preto de Contiguiba*, que nasce na serra do mesmo nome entra-lhe mais embaixo pela esquerda, cerca de meia legua acima da povoação da *Passagem*. Neste logar entra no Paraguassú pela direita, o riacho das *Piabas* ou *Cousa Bôa* que nasce na serra do *Emparrerado*, banha o arraial do Chique-Chique, e é muito diamantino. Meia legua mais abaixo, entra pela esquerda o riacho do *Cajueiro*, que vem do norte, banha os povoados de *Cajueiro* e do *Commercinho*, e o arraial de *Andarahy*. Abaixo deste cerca de 9 kilometros, entra no Paraguassú pela esquerda o rio *Santo Antonio*, o seu maior affluente na região diamantina, o qual tem as suas nascentes na Serra dos *Tres Morros*, ao norte da villa do Bom Jesus do rio de Contas, corre para o norte e depois para nordeste, com o nome de Cochó, atravessando a serra do Gagau, recebendo numerosos affluentes como os rios do *Campestre*, da *Prata* e *Preto*, forma a *Lagôa Grande*, cerca de 30 kilometros ao poente dos *Lençóes*, passa por um subterraneo calcareo, e depois de desapparecer, recebe abaixo do *Periperi* o rio Prata que tambem vem por um extenso subterraneo calcareo e salitroso, cujas aguas limpidas e assim saturadas, alteram dahi em diante o sabor da agua do rio, que dahi passa a denominar-se *Santo Antonio*, o qual, depois de receber diversos ribeiros, e o notavel rio da *Utinga* que vem do norte, das visinhanças do Morro do Chapéo, forma a *Lagôa Encantada*, cerca de 12 kilometros a leste da referida cidade de Lençóes, seguindo depois seu curso, agora para o sul, até se juntar com o Paraguassú, tendo antes recebido pela margem direita, o rio de *S. José* que vem dos Lençóes e um dos mais diamantinos desta região, e o riacho da *Garapa*.

Depois de receber o rio Santo Antonio, o Paraguassú encaminha-se para leste-sueste, separando os terrenos diamantinos dos terrenos agricolas, e vae cerca de 66 kilometros abaixo receber pela direita o rio *Una*, o qual nascendo com o nome de *Riachão* na serra da Chapadinha, corre a principio para o sul; reflecte para leste, recebe os ribeiros da *Giboia*, *Mucugêsinho*, *Santo Antonio*, *Gineta*, *Timbó* e *Invernada* e emcaminhando-se para nordeste, vae desembocar no Paraguassú, junto ao Morro das Araras.

O rio de *Contas*, antigo *Jussiape*, tem a sua origem no alto da serra da *Tromba*, entre brejos e tremedaes, correndo ao norte pela planicie do campo que existe entre os dous ramos da mesma serra que se vão abrindo, e cujo valle é diamantino na extensão de cerca de 24 kilometros, e depois, cortando um dos ramos da serra e tambem a serra de *Santa Anna*, por entre rochedos, e com numerosas cascatas, passa cerca de 6 kilometros distante da villa do Bom Jesus, corre ao norte em grande curva, e toma então direcção de sul. Recebe depois pela esquerda o rio de S. João que vem dos campos da visinhança da serra do *Gayáo*, e 24 kilometros mais abaixo entra nella pela direita o rio *Agua Suja* que traz as aguas dos ribeiros do *Curralinho*, *Catulés* e *Fundo*, descidos das serras da *Tromba* e da *Itubira*. O rio *Brumado* que nasce no *Pico das Almas*, banha a villa das *Minas do Rio de Contas*, faz a bella e altissima cascata da Villa Velha, recebe o rio *Taquary* e o rio do *Taboleiro* pela margem direita, e entra no rio de contas no lugar *Barra da Macella*, cerca de 120 kilometros abaixo da foz do Agua Suja. O rio do *Sincorá*, cujas nascentes ficam visinhas do arraial do mesmo nome, corre para o sul, collecta as aguas dentre as serras do *Cocal* e do *Sincorá* e, depois de um curso de cerca de 120 kilometros, em parte diamantino, entra no rio de Contas pela margem esquerda.

Conhecida a topographia da região, estudemos agora as suas riquezas mineralogicas.

Não se sabe, ao certo, quando se iniciaram os primeiros trabalhos de mineração do diamante na Bahia.

E' bem provavel que taes trabalhos tivessem a mesma origem que os da mineração do ouro, pois que aqui como em tantas outras localidades do Brasil, as alluviões diamantiferas muito frequentemente se apresentam de mistura com as alluviões auriferas.

Está, porém, averiguado, que os nossos mineiros e batedores de sertão não aprenderam a conhecer o diamante senão depois de 1729, quando Bernardo da Fonseca Lobo o descubriu pela primeira vez no *Serro Frio* em Minas Geraes. Até ahi, o diamante não passava de um seixo reluzente, mas sem valor para o *gurimpeiro* o quem não raro se depararia essa pedra preciosa, no fundo da sua *batêa*, ao lavar o cascalho aurifero.

Cêdo, porém o conhecimento do diamante se divulgou, e bem poucos mineiros havia que o não soubessem distinguir e procurar.

Apezar de prohibida a sua extracção em 1734, a não ser em Serro Frio ou *Districto Diamantino*, a procura do diamante não diminuio, tornando-se tão somente um mister clandestino. Dahi o ignorar-se em que epoca, precisamente, a mineração do diamante se teria iniciado em qualquer outra localidade do Brasil que não no afamado Serro Frio.

Pelos annos de 1720 a 1721 iniciou-se no sertão do Rio de Contas a mineração de ouro por alguns paulistas recem-chegados de Minas Geraes, entre os quaes o coronel Sebastião Rapozo e seu sobrinho, Antonio de Almeida que, por algum tempo, tiveram grandes lavras pelas cercanias do arraial de Matto Grosso, donde, é tradição que o famoso e legendario coronel chegou a retirar quarenta arrobas de ouro, no *algumas arrobinhas* como elle proprio costumava dizer.

Continuando as suas explorações, Rapozo penetrou mais fundo no sertão, atravessando serranias espessas, pesquisando em todas e, tomando rumo desconhecido

por picada nova que abriu, se foi na volta do Maranhão ou do Piauhy onde consta que depois o mataram.

Desde este tempo, começaram a ser devassadas e exploradas pelos garimpeiros aquellas auriferas terras situadas ao longo das montanhas de Itubira, do Guarda Mór, da Tromba e das suas ramificações ou prolongamentos ao noroeste para o lado do rio S. Francisco.

Foram então surgindo varios nucleos de população entre estas serras e se fundou o arraial do *Senhor Bom Jesus* nas cabeceiras do rio de Contas, para cuja capella, João de Moraes Barros, estabelecido com mineração no logar, fez em 1726 doação do terreno para o respectivo patrimonio comprehendendo as lavras e o sitio do *Ribeiro*. Foi nesse logar, onde provavelmente, se assignalou a presença do diamante no cascalho aurifero, pela primeira vez, nestes sertões, pois, que ahi nas cabeceiras do Rio das Contas, a formação do terreno é tão aurifera como diamantina. Todavia, é tradição mais corrente que a primeira descoberta do diamante na Chapada só se deu pelos annos de 1817 ou 1818 quando o Capitão mór Felix Ribeiro de Novaes, fazendo pesquizas na Serra do Gagau, logrou reunir algumas destas pedras preciosas que apresentou ao coronel Joaquim Pereira de Castro, mas guardou disso segredo por ser então prohibida a extracção dellas.

Foi por essa mesma epoca que atravessaram esta região os sabios naturalistas, Spix e Martins e lhe reconheceram o caracter francamente diamantino, dando disso conhecimento ao sargento-mor, Francisco José da Rocha Medrado, proprietario de vastos terrenos na Serra do *Sincorá*.

A mineração do diamante todavia não prosperou, ou porque os resultados colhidos fossem insignificantes, ou porque a zona que de preferencia se lavrava não fosse a mais propicia. Até 1844, a mineração de diamante que, desde alguns annos, se vinha fazendo na *Chapada Velha*, região mais central, situada nas cabe-

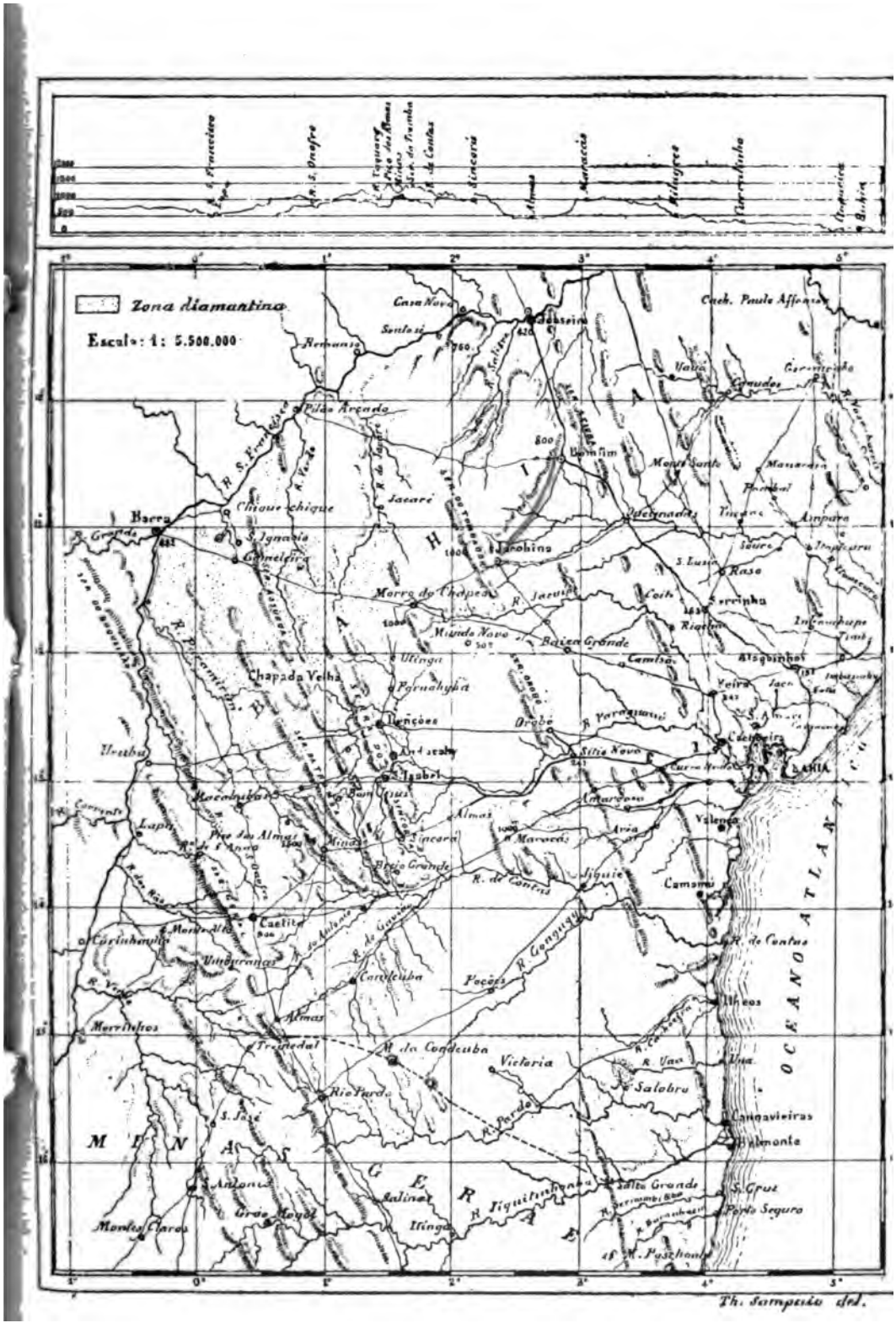
ceiras do rio *Verde de Baixo* e equidistante cerca de 30 leguas de Macaubas, S. Ignacio de Assuruá e Santa Izabel de Paraguassú (Mucugê), não apresentava resultados dignos de mensão. Os diamantes eram em geral miudos e de pequeno valor.

No referido anno, porém, em Setembro, José Pereira do Prado, morador em Bom Jesus do Rio de Contas, e conhecedor de diamantes, por os ter lavrado na Chapada Velha, percorrendo as terras marginaes do ribeirão do Mucugê, então fazenda de gado do coronel Reginaldo Landulpho da Rocha Medrado, reconheceu pelo aspecto das montanhas e pela côr negra das aguas que o logar devia produzir diamantes, e então, fazendo um ensaio de algumas horas, logrou extrahir algumas oitavas que levou a vender na referida Chapada Velha, então considerado o centro das lavras e do commercio de diamantes.

Eram os diamantes do Mucugê de maior volume e mais bellos que os da Chapada Velha, o que, despertando a attenção dos aventureiros e excitando-lhes a cobiça, determinou uma grande invasão de *garimpeiros* para as margens do Mucugê.

As pedras preciosas eram ahi em quantidade extraordinaria e de muito *boa agua*. Do leito do ribeirão retiravam-se, sem trabalho preparatorio algum, os diamantes que os garimpeiros iam buscar de mergulho, surgindo á tona d'agua com os chapéus de couros cheios de cascalho donde retiravam por oitavas dessas pedras preciosas.

No poço denominado do *Padre*, cerca de 600 metros para baixo da villa de Santa Izabel, que então começou a apparecer sob a denominação de *Paraguassú Diamantino*, depois arraial do *Mucugê*, um garimpeiro, mergulhando, chegou a colher 19 oitavas de diamantes, em outubro de 1844. No mesmo logar, outros individuos, empregando o mesmo processo, conseguiram retirar do leito do ribeirão mais de oitenta oitavas e o capitão


Zona diamantina
Escala: 1: 5.500.000
Casa Nova
Sentoi
Remanso
Pilão Arcado
Barra
Chique chique
S. Ignacio
Gameleira
Jacaré
Morro do Chapeo
Mundo Novo
Chapada Velha
Ituaçu
Lençóes
Andaraby
Jacobina
Jacobina
Bonfim
Monte Santo
Queimadas
Tucano
Serrinha
Riachão
Baixa Grande
Cambio
Alagoinhas
Feira
Cachoeira
Sitio Novo
Drobó
Urubu
Macaúbas
Lapa
Pico dos Almas
Minas
Sincorá
Almas
Mucugê
Arraiaes
Valença
Camamu
Jequié
Caetité
Morro Alto
Corinhanha
Vitorianos
Caculeuba
Paçoes
Ilhéos
Merrinhos
Triunfal
M. da Condeuba
Victoria
Rio Pardo
Salobro
Canavieiras
Belmonte
S. José
Andonis
Grão Mogol
Montes Claros
Salinas
Itinga
Salto Grande
S. Cruz
Porto Seguro
Caravelas
Th. Sampaio del.

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
UNIVERSITY

Rodrigo Antonio Pereira de Castro, em quatorze dias de trabalho com trinta homens, conseguio extrahir noventa e tres.

As lavras multiplicaram-se como que por encanto. Em poucos mezes, uma população de cerca de vinte e cinco mil pessoas attrahidas de toda a parte, affluio para estes logares. Não é preciso mencionar as luctas, os crimes horrorosos a que a ambição exaltada dos forasteiros teria dado logar. Basta que se saiba que em dous annos de mineração deram-se para mais de cem assassinatos, pela maior parte impunes. A vida e a propriedade ficaram sem garantias.

Mas a mineração tomou um impulso tão consideravel que as pedras preciosas começaram a depreciar-se, tão grande era quantidade dellas nos mercados.

Lavrou-se então pelo leito dos rios e ribeiros, pelos brejaes e pelas encostas das montanhas mais visinhas. Os ribeiros *Mucugê* e *Combucas* que descem da serra da *Chapadinha*, foram todos lavrados até ás suas cabeceiras. O leito do Paraguassú, do *Commercio de Fora* para baixo, tambem foi intensamente lavrado. Ahi, no poço do *Mar de Hespanha*, cerca de uma legua ao norte de Santa Izabel, se extrahiram de mergulho quatorze e meia oitavas de diamantes em um só dia.

No rio das *Piabas* que tem uma das suas nascentes proximas das do Mucugê e do Combucas na serra da Chapadinha, e corre para o Norte depois de despenhar-se da serra do Emparedado, recolhendo as aguas do pequeno corrego do *Chique-Chique* ou *Cousa Boa*, para ir fazer barra no povoado da *Passagem*, á margem direita do Paraguassú, cerca de quatro leguas e meia para o nordeste de Santa Izabel, as lavras diamantinas que ahi se fizeram deram resultados espantosos. No arraial do Chique-Chique, 3 1/2 leguas de S. Izabel, os trabalhos de mineração que ahi se levaram a effeito no leito e barrancos do corrego do mesmo nome, nos brejos, nos altos, nas encostas, nos baixos, em toda a parte

onde se podia fazer uma excavação, permittiram, em breve praso, recolher milheiros de oitavas.

Assim tambem, do ribeiro do *Cajueiro* que vem do norte com um curso de cerca de duas leguas e se lança no Paraguassú perto da povoação da *Passagem* e em cujo valle se formou o populoso arraial do *Andaray*, distante cinco leguas de Santa Izabel para o nor-nordeste, se extrahiram libras de diamante.

No valle do rio S. José, proximo de cujas cabeceiras se formou a consideravel cidade dos Lençóes, 10 leguas ao norte de Santa Izabel, a mineração dos diamantes tomou um impulso prodigioso. Nos pequenos affluentes da direita, que descem da serra denominada dos *Lençóes*, como nos corregos do Roncador, das Bicas, Caldeirões, Capivaras, Ribeirão do Inferno e dos Lençóes se fizeram abundantissimas lavras, as quaes se estenderam por pontos ainda mais distantes, pelo leito do rio *Cochó* ou *Santo Antonio*, em direcção ao norte.

No lugar *Licurioba*, legua e meia para o norte da cidade dos *Lençóes*, no leito do rio Santo Antonio, o diamante torna a ser encontrado em abundancia nos poços, colhendo-se de mergulho como no Mucugê e no Paraguassú. Na *Pedra Cravada*, quatro leguas ao norte dos Lençóes, na *Parnahyba*, á margem esquerda do rio Utinga, e cerca de tres leguas para o nordeste da localidade precedente: nas *Aroeiras*, junto á serra do mesmo nome, que é um prolongamento da serra do Sincorá, cerca de sete leguas para o noroeste de Parnahyba, visinhando-se já da Chapada Velha, que fica para oeste oito leguas; em *Santo Antonio de Assuruá*, trinta leguas da Chapada Velha para o noroeste, e distante das margens de S. Francisco cerca de doze, lavrou-se em todos estes logares o diamante em larga escala.

No *Sincorá*, cabeceiras do rio do mesmo nome, cerca de dezeseis leguas ou antes dez em linha recta para o sul de Santa Izabel, no leito desse rio n'uma extensão

de seis leguas, até o povoado do *Triumpho* a rumo de sueste; no rio *Una* e seus affluentes superiores na mesma serra do Sincorá, se descobriram diamantes, mas as suas lavras tiveram de ser abandonadas pela malignidade das febres endemicas nessas paragens.

Como se vê, foi extensissima a superficie lavrada nestes sertões á cata do diamante.

Por occasião da nossa visita, porém, a mineração estava já em franca decadencia. As lavras permaneciam abandonadas, e os lucros das que ainda se mantinham já não compensavam muitas vezes os esforços dos mineiros.

Os trabalhos agricolas começavam a solicitar a attenção dos habitantes já agora desenganados de que não podiam esperar mais nada da mineração.

Alguns dos mais antigos moradores, como o nosso hospede, o coronel Joaquim Manoel Rodriguez Lima, guardavam todavia a crença de que a mineração tinha apenas passado pela sua primeira phase, que tempo viria, em que aquelles montes, trabalhados por mineiros mais experientes e por processos mais aperfeiçoados, haviam de restituir a estas terras a opulencia de outr'ora.

O coronel Rodrigues Lima, negociante em Santa Izabel, contou-nos então a historia dessas minas, os acontecimentos mais dramaticos que ali se deram, os lucros que se tiraram, e mostrou-nos a sua bellissima collecção de diamantes, que trazia encerrada em um pequeno cofre, collecção que ia aos poucos augmentando, porque o coronel costumava comprar por preços razoaveis as pedras mais bonitas que os garimpeiros da visinhança lhe vinham offerecer ao balcão.

Pedindo-nos de escolher um diamante, como uma recordação da nossa visita a estes logares, tiramos da collecção uma pequena pedra que o nosso hospede gentilmente nos offereceu, ao mesmo tempo que gabava o nosso acerto na escolha, porque, sem sermos conhe-

cedores de diamantes, haviamos na verdade escolhido um da melhor agua.

Informou-nos então o coronel sobre o estado da mineração no municipio, fornecendo-nos os nomes dos proprietarios das lavras mais prosperas e assentadas em melhor escala: o coronel Francisco José da Rocha Medrado, o tenente coronel Simpliciano Rabello Lima, José Gomes Flores, capitão Simplicio da Cunha Braga, José da Silva Reis e Modesto Cypriano de Athahyde. Na freguezia do Andarahy, contavam-se entre as mais importantes lavras a de D. Anna de Brito Faria, a do major Theotonio Gomes de Azevedo, a do tenente Cornelio de Souza Lima e a do capitão Bernardino de Senna e Souza.

Nas lavras, ainda as mais importantes, não se empregavam machinismos, mas o processo geralmente seguido de desviar as aguas para se lavar o cascalho no leito posto a secco, e trabalhado tão somente com ferramenta de uso manual.

Não é facil calcular-se a producção dessas lavras pelo muito segredo que é costume guardar-se nesse negocio de diamantes. O nosso informante, nem por simples aproximação, o podia dar.

Comquanto muito decadente a mineração, informou-nos o Snr. Candido José da Cunha, morador e proprietario na fazenda da Catinga Grande, as lavras e serviços ainda abrangião uma região bem extensa desde o *Sincorá* ao sul até o *Morro do Chapéo* ao norte. No rio Sincorá lavrou-se pouco e tão somente no leito do rio, mas os diamantes eram ahi de boa qualidade ainda que miudos, regulando de tres a seis grãos entre minimo e maximo. Foi pelos annos de 1867 e 1870 que os trabalhos de mineração nesse rio tiveram a sua maior actividade. No rio *Mucugê*, onde existio a maior e mais importante lavra diamantina desta região, os trabalhos regulares não tinham cessado de todo.

Alem dos faiscadores que lhe corriam os brejos e *grupiaras* (terrenos seccos, altos nas encostas) procurando seu meio de vida, algumas lavras em ponto maior ainda ali se mantinham. No leito do Paraguassú, do Commercio de Fora para baixo, onde elle é diamantino, os trabalhos mais recentes estavam concentrados no trecho de cerca de uma legua de comprimento, da foz do rio Combucas até o logar *Mattinha*, onde fica a importante lavra da *Nova Siberia* dos senhores José da Silva Reis e Modesto Cypriano de Athahyde.

Para baixo desse logar os serviços eram então pouco regulares e em menor escala.

O centro da maior producção, ao tempo da nossa visita, era o districto do Chique-Chique, quer no valle do rio das Piabas, que foi outr'ora mui productivo, quer no leito do proprio Paraguassú, da povoação da *Passagem* para baixo na extensão de tres para quatro leguas até o povoado das *Piranhas*.

No *Andaray*, faziam-se ainda grandes explorações, parecendo reanimar-se a mineração no valle do rio Cajueiro, como no do Cotinguiba.

Nos *Lençóes*, porem, a decadencia das lavras era extrema, resentindo-se disso o commercio local.

Não consta terem-se encontrado jamais, nesta região, diamantes de mais de uma oitava, mas os *carbonatos* e as *torras* têm-se achado de grande volume, extrahindo-se mensalmente grandes partidas, que regulam por mil oitavas, á vista da grande procura que essas pedras, especialmente o *carbonato*, tem tido no mercado pela sua applicação nas industrias.

Até hoje, só na Chapada Diamantina se tem encontrado o *carbonato*.

Ha trinta annos não se pagava por oitava do carbonato mais que 1$280 reis. Hoje, os preços subiram tanto, que se pode equiparar essa pedra escura e feia ao proprio diamante.

CAPITULO VII

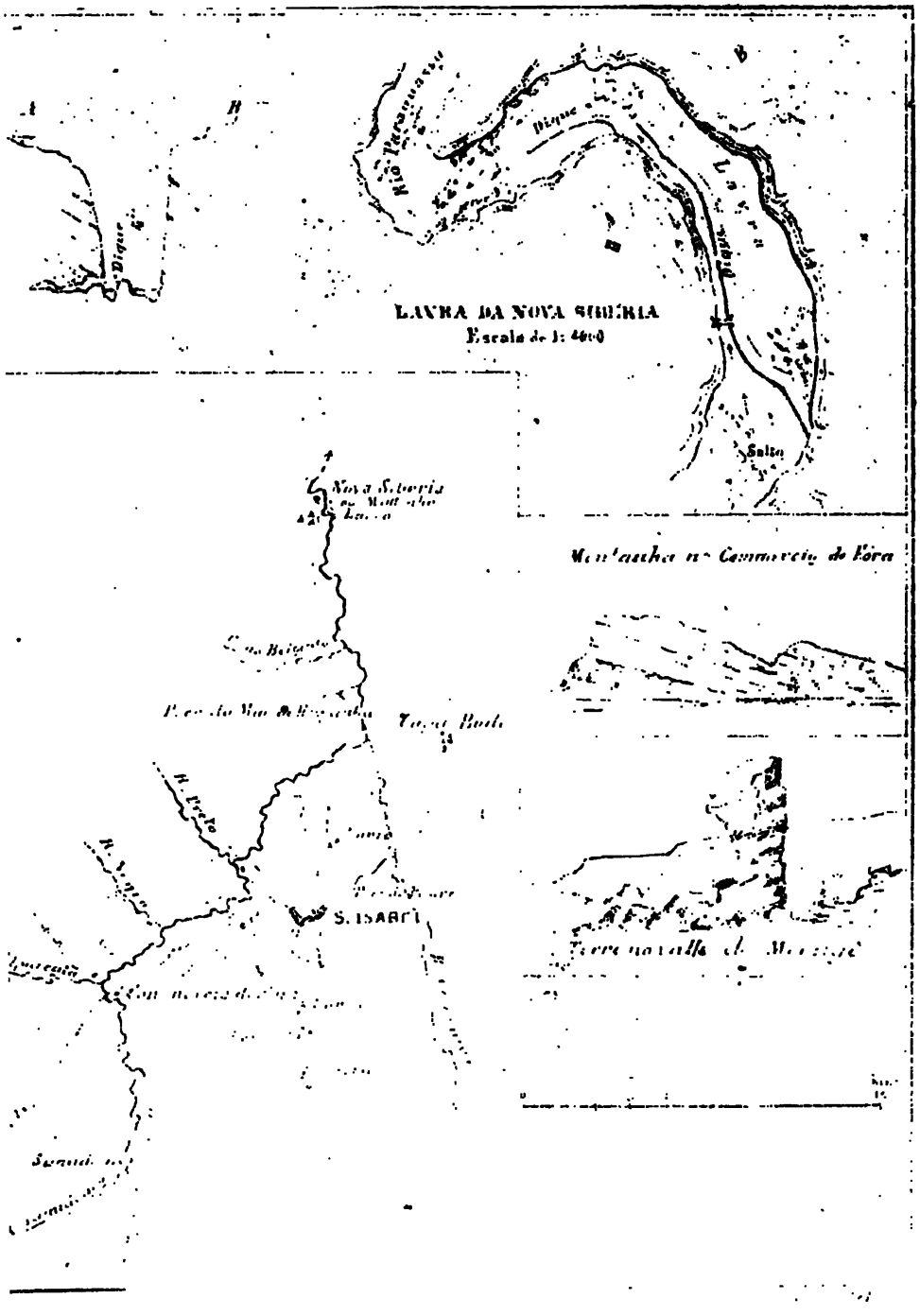
Visita á lavra da Nova Siberia

Não quizemos deixar Santa Isabel sem termos primeiro visitado uma lavra diamantina em ponto grande, e, pois, conseguimos do nosso hospede apresentação para os proprietarios da mina da *Nova Siberia* ou *Mattinha*, no rio Paraguassú, e para lá nos encaminhamos no dia 15 de Janeiro, pela manhã.

Saindo da villa, situada á margem esquerda do ribeirão do Mucugê, galgamos, logo em seguida, uma pequena chapada pedregosa, que se levanta entre o ribeirão e o Paraguassú, e, pelo cimo della, a rumo do norte, fômos atravessando algumas pequenas lavras ou *grupiaras*, mantidas por *faiscadores*, até descermos, junto á barra do ribeirão das Combucas, para o leite do Paraguassú, cujas aguas encachoeiradas e rumorosas sentiamos correr á nossa esquerda por um sulco profundo, estreito, ladeado de grandes penhascos e de ribeiras altas talhadas em rocha.

Passamos o rio a pé enxuto a uma legua da villa, por sobre lages e rochedos mal dispostos como se fôram os destroços de uma ponte arruinada, e verificamos então que nos achavamos em presença de um dos muitos sumidouros que ha neste rio ao penetrar elle no extenso desfiladeiro ou fractura transversa desta serrania do Sincorá. O sumidouro estava já muito reduzido do que primitivamente fôra. As lages que o constituiam partiram-se, subverteram-se e foram arrebatadas pelo impeto da torrente. O que restava, por muito pouco, havia de durar ainda, resistindo ao trabalho incessante das aguas na sua inevitavel tendencia para cavarem um leito sufficiente ou entrarem n'um regimen definitivo.

Proseguimos ao norte margeando o Paraguassú pela esquerda, lado accessivel, porque pela outra margem não


LAVRA DA NOVA SIBÉRIA
Escala de 1: 4000
Dique
Salto
S. ISABEL

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
UNIVERSITY

se via senão uma ribanceira alta, pedregosa e núa, como se fôra um enorme paredão correndo ao longo do rio, e sustentando uma aspera chapada que nos disseram chamar-se do *Capa-Bode.*

Passamos, logo em seguida, á beira do *Poço de mar de Hespanha*, tão famoso na mineração dos primeiros tempos, e que nada mais é do que um trecho remansado do rio entre duas cachoeiras successivas, e fomos passar o pequeno corrego do *Beiçudo*, meia legua adiante por onde descem do flanco da serra do *Nobrega*, ao noroeste, as aguas anegradas sobre cascalho diamantino.

Depois de duas horas de marcha, através de um terreno aspero, pedregoso e retalhado, chegamos á cabeceira de úm salto de 10 metros de altura, abaixo do qual se estendem, n'uma volta do rio, os trabalhos da mina da *Nova Siberia* dos Senhores Reis e Athayde, que ahi nos receberam gentilmente, e se promptificaram para nos mostrar a respectiva installação e os processos de lavrar.

A mina da *Nova Siberia* é um corredor profundo (*cañon*), estreito e tortuoso, onde se precipita o rio Paraguassú logo após o salto a que acima nos referimos. O leito, comprimido entre paredões alcantilados dos quaes o da direita com cêrca de oitenta metros de altura e o mais a pique, tem uma largura variavel de 70 a 25 metros; mas parte delle permanece occulto ou subterraneo, pois que os paredões á esquerda são mais ou menos solapados, e dão passagem ás aguas por occasião de enchente, ou quando ellas sobem um pouco do nivel ordinario.

A' vista desta disposição topographica, o trabalho da mina era feito parte a céu aberto e parte subterraneo, ou através das lapas ou *grunas*, que é como aqui se denominam essas excavações mais ou menos extensas, e, geralmente de pouca altura, feitas pelas aguas.

O trabalho capital aqui consistio em desviar as aguas por meio de diques transversos e longitudinaes

combinados de modo a manter-se em secco, ou em remanso a parte do leito do rio cujo cascalho deve ser lavado. Se o serviço é para as *grunas* ou lapas, o esforço maior converge para manterem-se estanques, ou livres de inundações esses baixos subterraneos, cujo cascalho interior carece de ser retirado a braço, penetrando nelles os operarios de joelho, e não raro debruçados sobre a lage, arrastando o ventre contra a pedra, e tocando com a cabeça o tecto da caverna. Em certos logares, onde o homem não pode penetrar, por ser muito estreita a fenda, mas onde o cascalho pode ser rendoso, o serviço começa por encaminhar para o ponto desejado um poderoso jacto d'agua, que serve como vassoura, arrastando para fóra todos os detrictos e fragmentos de rocha nelle depositados.

Esses detrictos e fragmentos vão então para uma bacia remansada construida em logar inferior, onde serão lavados na bateia para se apurarem os diamantes.

Por occasião da nossa visita, o trabalho estava já concluido para o serviço a céu aberto. Tinha-se corrido um dique de pedra, partindo da margem direita, logo abaixo do salto, em sentido obliquo em direcção á margem opposta, concentrando todas as aguas de mo do a fazel-as correr por um estreito canal entre essa mesma margem e a parede do dique.

Deste modo reduzia-se a um quinto espaço livre deixado ao curso das aguas e se mantinha em secco, ou quasi seccos os quatro quintos do leito onde se ia proceder á lavagem do cascalho.

Esse dique de pedra, prolongado na extensão de cêrca de 200 metros, até o centro do cotovello que ahi faz o rio, arrojava então as aguas de encontro ao paredão rochoso da margem direita; mas pouco antes delle terminar começava, na margem opposta, outro dique, feito do mesmo material, e em desenvolvimento curvo, para o fim de manter as aguas correntes de encontro á margem direita e deixar em bacia tranquilla e reman-

sada a porção da margem esquerda, onde ficavam as lapas ou *grunas*, cujo serviço assim se começava a preparar.

Descemos então por um trilho perigoso até o nivel d'agua, passamos, n'uma estiva, o canal por onde correm as aguas concentradas, e approximamo-nos da bacia em secco, onde estavam os homens com as suas bateias, lavando o cascalho com a mesma regra, e com os mesmos instrumentos e vasilhame que se empregam em Minas Geraes. Vimos ahi as *bateias*, ou gamellas redondas e rasas de forma conica, onde se lava o cascalho, os *crivos* ou *rolos* onde se apura o cascalho eliminando a areia, e uma especie de tacho onde se procedia á cata do diamante. A alavanca, a cavadeira, e a enxada completavam a ferramenta.

O homem da *bateia* começa o trabalho, enchendo-a com o cascalho apanhado no fundo da repreza, o qual geralmente vem sujo e lodoso. Agita-o dentro da bateia que fluctua e gyra entre suas mãos de modo a receber agua limpa e despejar, aos poucos, a que tem dentro suja, operação que elle continúa a affectuar até que o cascalho fique bem limpo, e a agua inteiramente clara. O cascalho já alliviado dos seixos grandes e dos detrictos mais grosseiros, é então passado para o *crivo*, onde é de novo lavado, perdendo grande porção da areia que o acompanha. Finda essa operação, passa-se o residuo para um taboleiro ou tacho, onde é estendido e catado. Na nossa presença se repetio essa operação umas poucas de vezes antes de se encontrar o primeiro diamante, aliás pequeno e não mui limpo. Não foi um dia feliz.

A mina da Nova Siberia começava apenas a trabalhar, e não poucas eram as esperanças dos seus proprietarios, e a sua anciedade pelos resultados que poderiam colher.

A localidade offerecia todavia os indicios mais promettedores. A formação diamantina era ahi authentica,

e as tradições historicas as mais animadoras possiveis.

O terreno offerecia o mesmo aspecto que no Mucugê e em toda a Chapada Diamantina propriamente dita, isto é, o mesmo facies geologico da serra do Sincorá. O grês pardo ou avermelhado duro em leito ou stratos, que alternam com camadas mais molles da mesma rocha, que em alguns logares se desgasta, se destroe, redusindo-se a um pó fino, que a erosão faz rapidamente desapparecer, dando logar a se formarem fendas e solapas, forma a massa rochosa predominante da região a que se ossocia o conglomerado grosso, em camadas intercaladas, algumas bem espessas, outras mais tenues, mas geralmente muito resistentes.

Na Nova Siberia os leitos de grês tinham espessura de duas a cinco pollegadas no minimo, e na superficie do terreno, bem como no leito do rio, viam-se grandes blocos de conglomerado duro de cêrca de quatro a cinco toneladas de peso.

Por effeito da erosão lenta, essas rochas de desegual resistencia se desgastam. Apparecem então as *grunas* ou solapas, cujo tecto é constituido pela camada superior mais resistente, ou quebram-se desaggregam-se cobrindo o terreno de rochedos angulosos, de fragmentos incoherentes de todos os tamanhos e feitios.

No leito do Paraguassú, junto do salto que precede a mina á direita, o grês em camadas mais tenues e inclinadas de cerca de 30° sobre o nivel do rio, forma um paredão de dez a doze metros de altura simulando um montão de pranchas superpostas; na margem opposta, porem, observam-se camadas mais espessas que se degradam e se desaggregam em forma de pedestaes, ou fingindo os degraus de uma escadaria gigante.

Em outros logares, como no valle do Mucugê, pouco ao sul da villa de Santa Isabel, o desgaste da rocha deixa por vezes nucleos resistentes em forma de torres ou de pilares, em cuja estructura se podem descobrir

as camadas alternadas do grês, do conglomerado, e de um grês molle com a apparencia de limonito.

Massas corroidas, folhetadas e curvas, ahi simulam figuras as mais curiosas, ora cascas de ovos gigantescos quebrados e espalhados a esmo, ora abobadas partidas ou tectos arruinados. Numerosas são as cavernas e sumidouros.

O grês da Chapada Diamantina, talvez referido á idade terciaria, experimentou grande perturbação que lhe alterou a disposição das camadas, fazendo-lhe fracturas e sublevando-o em grande extensão. As linhas de fracturas mais importantes são as da direcção N. NO., que determinaram a formação da alta escarpa que quasi todas as serras aqui apresentam na sua vertente occidental, e fizeram inclinar para ENE as camadas ou stratus que mergulham com um angulo de 25° a 30° sobre o horizonte.

Na Serra do Sincorá e nas duas cordilheiras que lhe correm parallelas, esse é o systema de deslocamento, que assim abrange grande parte das terras altas do lado oriental da bacia do S. Francisco, no territorio bahiano, e segundo observamos, e estamos informados, tambem se faz sentir no lado occidental, ao norte do parallelo do Urubú, prolongando-se para alem do rio Grande e do seu affluente rio Preto até ao Piauhy e ao Maranhão.

Na garganta do Commercio de Fóra, na rocha ahi sublevada está bem exposto este systema de deslocamento.

As camadas de grês duro, avermelhado, apresentam-se quasi horizontaes na escarpa voltada para os *geraes* ao poente, mas nas faces que margeiam a referida garganta, a rumo de leste ou lest-nordeste, ao entrar, as camadas mergulham com um angolo proximamente de 30°. No valle do Mucugê observamos as mesmas condições stratigraficas n'uma das torres ou pilares, deixados na planicie por effeito da erosão.

No conglomerado prevalecem as mesmas condições, pois que essa rocha formando bancos espessos, e conten-

do seixos grandes entre si ligados por um cimento vitreo, e partindo-se com fractura dos mesmo seixos, está de facto subordinada á grês.

Regressando da mina, obtivemos dos seus proprietarios uma colleção das rochas que costumam acompanhar o diamante, e que aqui se consideram caracteristicas: o *carbonato*, a *torra* que é um meio termo entre o carbonato e o diamante, os *feijões* ou seixos miudos, pretos, lusidios com o aspecto do feijão preto, a *palha d'arroz* constituida por pequenos fragmentos de uma rocha, branco-amarellada, com o aspecto da casca do arroz, o *esmeril*, constituido por pequenos grãos escuros de ferros titanado, e pyrites de ferro.

Pela tarde estavamos de volta á Santa Isabel, regressando pelo mesmo caminho. Do alto da chapada, a cavalleiro sobre a mina, vimos então os altos e aprumados paredões que se estendem para baixo della, soccavados e eriçados de pontas onde ousados garimpeiros ou faiscadores trabalham nas suas *grupiaras*, e mais distantes, dominando os abysmos do *canhão* em que o rio se engolpha e quasi que desapparece, os altos cimos da serra da *Gotinguiba*, prolongamento da do *Emparedado*, illuminados pelo sol, e como que assignalando a aresta mais alevantada desta região aspera, triste, e quasi despida de toda vegetação.

CAPITULO VIII

De Santa Isabel a São Feliz

A 17 de Janeiro de 1880, pela manhã deixamos Santa Isabel, subindo pelo valle estreito e pedregoso do rio Mocugê na direcção do sul, para ganharmos pelo caminho mais directo, atravéz das serranias do Sincorá e dos *geraes* ahi tão vastos e desolados, a estrada geral do sertão, que liga a villa do Rio das Contas á cidade de S. Feliz.

Deixavamos assim o caminho mais frequentado, que margeia o Paraguassú, depois de descer a serra do Emparedado, e procura aquella cidade, para entranharmonos n'um verdadeiro deserto, humido pedregoso e triste, sem habitantes e sem recursos, pelo simples desejo de estudarmos esse trecho desconhecido dos sertões bahianos.

Penetrando nessa região aspera, onde o rio Una tem as suas principaes cabeceiras, e desviando-nos das margens doentias do Parguassú, nutriamos ainda a vaga esperança de verificarmos na paisagem local aquelle aspecto de ruinas aquella derrocada dos montes, que deu aos primeiros viajantes destes sertões a illusão de uma grande cidade abandonada, de que tanto se fallou em outro tempo e á busca da qual andou errando por estes montes o Conego Benigno José de Carvalho e Cunha, para esse fim commissionado pelo Instituto Historico pelos annos de 1841 e seguintes.

Durante cerca de tres horas percorremos o valle do Mocugê, passando por entre os garimpos ou lavras diamantinas mais ou menos bem apparelhadas, e entrando nos campos geraes visinhos da serra da Chapadinha, continuamos para o sul, ao longo da margem esquerda do Riachão, um dos mais importantes affluentes do rio Una, senão o proprio Una na sua nascente principal, e pelas

seis horas da tarde alcançamos o nosso pouso da lapa da Maxambomba, no alto de um cabeço pedregoso, no meio do campo e açoitado de ventos frios que ahi sopravam rijos e humidos.

Não havia ali viva alma. Pelo largo horisonte por onde a vista se extendia sobre os campos desolados até ao pé das montanhas núas, distantes, não se descobria uma arvore, um arbusto. Não se encontrava para accender fogo senão a palha humida dos charcos e o esterco do gado que por ali passou, havia tempo.

A lapa, que nos devia abrigar por uma noite, era um simples socavão por baixo de uma enorme lage de quartzito vermelho plantado obliquamente no alto da collina, e com a abertura voltada para o nascente, donde nos soprava incessante o vento.

Não foi possivel conciliar o somno nessa caverna humida e fria, invadida pelo fumo da fogueira que tinhamos accendido em frente, queimando a macega e o estrume de gado, invadida por uma quantidade de ratos, que nos saltavam por cima, roiam os arreios e estragavam-nos os mantimentos.

Nas paredes da caverna viam-se, desenhadas com tinta vermelha, umas figuras, um tanto apagadas, imitando animaes e o homem, outras como algarismos ou signaes usados pelos vaqueiros para marcar o gado. Recordei-me então das inscripções encontradas na referida cidade abandonada, de que trata um manuscripto existente na bibliotheca publica do Rio de Janeiro e publicadas no tomo primeiro da Revista do Instituto Historico, e reconheci a perfeita semelhança dos caracteres que tinha á minha vista com os das citadas inscripções. Não estaria ali a chave do enigma? Não estariamos nós no proprio sitio em que teve nascimento a lenda da cidade abandonada?

No dia seguinte, pela manhã, logo que as nevoas se dissiparam sobre os montes, e emquanto o nosso guia procurava nas baixadas os animaes, que se afastaram du-

rante a noite, procurando abrigar-se dos ventos frios, puz-me a observar o horizonte a ver se descobria nos montes e nos valles, até onde minha vista alcançava, alguma cousa que se assemelhasse a ruinas, as lascas de pedra levantadas simulando paredes, pilares ou columnas, os boqueirões ou trombas fingindo porticos ou entradas, as cumiadas da serra eriçadas de grandes penhas em que brilham muitos cristaes, os signaes caracteristicos de que falla a relação dos aventureiros de 1753, a respeito da cidade abandonada.

Nada, porem, descobri que justificasse no terreno a possibilidade de ali ter existido em tempos prehistoricos um centro de população qualquer. Viamos ao redor de nós n'um raio de tres a quatro kilometros, o terreno ondeado do campo, aqui e ali retalhado mais profundamente pelo leito das torrentes numerosas. No alto das collinas, como a que occupavamos, percebia-se o mesmo affloramento da rocha, e as mesmas lascas, de pedra levantadas, as quaes só por um esforço de imaginação se poderiam tomar como ruinas de palacios ou de cidade desapparecida. Nas montanhas ao longe, com as suas encostas núas, asperas, onde se percebem distinctamente as grandes linhas de estratificação pouco desviadas da horizontal, não vi os cristaes relusentes, mas os reflexos do sol sobre as lages humedecidas pelas aguas que vertem do alto, reflexos que ninguem confunde com o reluzir dos cristaes e das pedrarias de valor. Nos estratos ou camadas successivas sobrepostas, aqui e ali retalhadas ou interrompidas pelo sulco das torrentes, ninguem que não esteja com a imaginação dominada pelo maravilhoso, poderá ver as linhas artisticas dos entablamentos, das cornijas de monumentos derruidos. Tudo ali se vê ao natural, exposto com toda a sinceridade inexoravel da natureza.

Divisei, porem, no prolongar dos montes as trombas numerosas, isto é, as aberturas ou passagens, como se foram brechas feitas a talho, e para melhor guardar a

disposição dellas tomei o meu lapiz e desenhei o perfil da serra fronteira a nós com as suas interrupções, os seus alcantis, e as suas linhas de estratificação bem expostas.

As hypotheses e conjecturas do Conego Benigno sobre a relação de 1753 tinham-no feito localisar a lendaria cidade abandonada nestas paragens que estamos descrevendo, entre o rio Paraguassú e Una, proximo da extremidade meridional da Serra do Sincorá, que tinhamos em frente.

Resumamos aqui o que tão prolixamente se contem na dita relação dos aventureiros de 1753.

Depois de dilatada peregrinação por este vastissimo sertão, á busca de ouro, descobriram os taes aventureiros uma cordilheira de montes tão elevados que pareciam chegar á região etherea e servir de throno ao vento e ás mesmas estrellas. Approximaram-se sem difficuldade, mas não acharam como accometter estes Alpes e Pyreneos Brazilicos. Abarracaram perto, já com o designio de retroceder, quando succedeu correr um negro, andando a lenha, e um veado branco, que veio a descobrir por este acaso o caminho entre duas serras que pareciam cortadas por artificio e não pela natureza. Galgaram os montes por este caminho achando muita pedra solta e amontoada que julgaram ser calçada desfeita e cristaes. No cume do monte fizeram alto e, lançando a vista ao redor, divisaram cerca de legua e meia uma povoação grande, que lhes pareceu pelo dilatado da figura ser alguma cidade da côrte do Brazil. Desceram e mandaram exploradores. os quaes depois de muito custo lograram introduzil-os na encantada cidade por uma entrada com tres arcos de grande altura, sendo o maior, o do meio no qual se divisavam letras que se não poderam copiar pela grande altura. Entraram n'uma rua larga com casas de sobrado de uma e outra parte com fronteiras de pedra lavrada e já denegrida, uniformes como se foram uma só propriedade de casas com os seus terrados descobertos

e sem telha, porque os tectos são de ladrilho requeimados uns e de lages outros. Examinaram varios edificios com interior escassamente illuminado, os tectos em abobada onde o echo resoava de tal modo que as mesmas vozes atemorisavam. Chegaram a uma praça regular com uma columna de pedra preta de grandeza extraordinaria e sobre ella uma estatua de homem ordinario, com uma mão na ilharga esquerda e o braço direito estendido mostrando com o indice o polo do Norte. Nos angulos da praça estavam agulhas de pedra como usavam os Romanos, algumas porem já maltratadas e partidas como feridas de alguns raios. Ao lado direito da praça ficava um soberbo edificio como casa principal de um senhor da terra. Sobre o portico principal da rua via-se uma figura em relevo, talhada da mesma pedra e despida da cintura para cima, coroada de louro e representando pessôa imberbe e de pouca idade, com uma banda atravessada e um frandolim pela cintura, Por baixo do escudo da tal figura viam-se alguns caracteres já gastos com o tempo.

Na face esquerda da praça estava outro edificio em ruinas que parecia ter sido um templo, conservando parte do seu magnifico frontispicio e algumas naves de pedra inteira, occupando grande extensão de terreno e mostrando nas suas paredes arruinadas obras de primor com algumas figuras e retratos embutidos em pedra, com cruzes de varios feitios, cravos e outras miudezas. Para alem desse edificio estendiam-se as ruinas de uma grande parte de povoações sepultadas em grandes e medonhas aberturas da terra, sem que em toda essa circumferencia se visse herva, arvore ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedra, umas toscas e outras lavradas. Defronte da dita praça corria violento um caudaloso rio de onze a doze braços de largura, quinze a deseseis de profundidade, sem voltas consideraveis e de margens limpas de arvoredo e troncos que as inundações costumam trazer. Da parte d'alem tudo eram campos muito viçosos e com tanta variedade de flores que parece andou a

natureza mais cuidadosa por estas partes, fazendo produzir os mais mimosos campos de Flora. Admiraram tambem algumas lagôas todas cheias de arroz, do qual se aproveitaram, e tambem dos innumeraveis bandos de patos que se criam na fertilidade destes campos e que se caçavam á mão. Tres dias caminharam rio abaixo e toparam uma catadupa de tanto estrondo pela força das aguas e resistencia no logar qual o não faziam maior as bocas do decantado Nilo. Depois deste salto espraiava-se de sorte o rio que parecia o grande Oceano. A Oriente desta catadupa havia varios subcavões e medonhas covas insondaveis, com muitas pedras soltas ao lado, cravadas de prata na superficie, como se foram retiradas das minas e deixadas ao tempo.

Entre estas furnas uma havia coberta com uma grande lage e com figuras lavradas na mesma pedra, que insinuavam grande mysterio ao que parece. Metteram-se depois os aventureiros a lavar as arêas do rio por descobrir ouro e sem trabalho acharam boa pinta na superficie da terra, assim desse metal como de prata. Havia no logar das ruinas muitos morcegos, andorinhas, ratos e raposas. Os ratos tinham porem as pernas tão curtas que saltavam como pulgas e não andavam, nem corriam como os de povoado. Encontraram moeda de ouro de forma espherica com uma imagem na figura de um joven posto de joelhos de uma parte e da outra de um arco, uma corôa e uma setta.

Deste logar alguns dos aventureiros, fazendo viagem depois de nove dias de boa marcha, avistaram á beira de uma grande enseada que faz um rio, uma canôa com duas pessoas brancas e de cabellos pretos e soltos, vestidos á Européa.

Até aqui a narração dos aventureiros que segundo a mesma relação de 1735 foi escripta e expedida do sertão da Bahia e dos rios *Para-oaçû* e Una, narração que pelo contexto se vê que é imaginosa e mui provavelmente escripta em epoca mui posterior a 1735, por algum viajante

sonhador de maravilhas ou por algum mineiro ocioso que, á cata de diamantes, percorreu as terras altas do Sincorá, e as nascentes do Una.

O theatro de tantas maravilhas é de facto escripto com tal ou qual verosimilhança que admira. Aqui são os montes elevados e os campos despidos de vegetação arborea, ao redor delles; aqui as trombas ou quebradas, que dão passagem difficil por entre pedras soltas; aqui se veem as furnas ou lapas, cobertas com umas grandes lages e com figuras pintadas na mesma pedra, figuras identicas ás que se desenham na citada relação; aqui se encontram, nos campos, ratos em grande numero refugiados nas furnas, não ratos de pernas curtas que saltam como pulgas, mas verdadeiros e importunos roedores que ninguem explica como vivem e se multiplicam nesses ermos.

Daqui, da lapa da Maxambomba se avista não muito distante a quebrada da serra por onde se atravessa para o povoado do Sincorá, juncto do qual corre o rio do mesmo nome com grandeza e aspecto que na dita relação se lhe dá, com a sua catadupa e margens limpas, os seus campos, e em certos logares com as margens talhadas em rocha onde se veem cavernas e subcavões. Daqui com cerca de nove a dez dias de marcha e por caminhos lançados entre os rios Sincorá e Paraguassù se vae a S. Felix ou a Maragogipe, á beira de uma grande enseada que faz um rio que é, por fim de contas, o mesmo Paraguassú.

Não ha duvida que o auctor da relação de 1735 teve sob as vistas estas paragens, estes campos altos das cabeceiras do rio Una, nas abas da serra do Sincorá, quando a escreveu, embebido de certo das lendas muito em voga nestes sertões, onde se ouvem estrondos e estampidos mysteriosos, o cantar do gallo nos sitios escuros em que ninguem jamais penetrou, e perdura ainda a tradição das celebres minas de prata de Roberio Dias, como um thesouro escondido que debalde se procura.

Deixamos a lapa da Maxambomba ainda cedo pela manhã, descendo para o valle profundo do Riachão que depois de uma grande curva, se nos atravessa por diante, e, a passo vagaroso, por caminhos pessimos, dando grandes voltas, errando a miudo, passamos o rio para a outra margem, pouco acima da confluencia do rio da Giboia que tinhamos percorrido pela direita, e cortando mattas com excellente madeira de construcção, fomos ainda passar o rio Mocugêsinho, affluente da direita do Riachão, para alcançarmos, já pelas seis horas da tarde, o sitio do Mundo-Novo, um ermo na base da Serra do Sincorá, onde conseguimos pousar.

No outro dia só depois das quatro horas da tarde é que ganhamos a estrada real do sertão, de que nos apartaramos na Fazenda do Gado, á margem do rio de Contas, para fazermos o largo circuito pela chapada Diamantina que acabavamos de visitar.

CAPITULO VIII

De S. Izabel a S. Felix

Uma vez na estrada geral que leva a S. Felix e á Bahia, estava de facto terminada a nossa travessia pela Chapada Diamantina e finda a nossa principal missão nestes sertões. Faltavam-nos porém ainda umas sessenta leguas para ganhar o littoral, e a feição topographica da região que se seguia, mui imperfeitamente conhecida e geralmente mal representada nos mappas, inspiraram-me o desejo de examinar essa parte do sertão entre os rios Paraguassú e das Contas, e de perseguir, como até então, os estudos que vinhamos fazendo desde as margens do rio S. Francisco.

Fomos pousar no pequeno povoado de Giquy, situado á margem direita do ribeirão do mesmo nome, affluente do rio Una, logarejo formado por umas cinco ou seis habitações pobres e uma capella, á margem da estrada geral. Deste ponto ao Mundo Novo, onde pousaramos no dia antecedente, ha apenas duas e meia leguas, e pouco mais de tres á freguezia do Sincorá, atravessando a serra do mesmo nome, pela ladeira do Carrapato, famosa entre os sertanejos pela sua extensão e pessimas condições de trafego.

Cedo pela manhã, despedimos o guia que aqui terminara a sua missão e que obstinadamente recusara receber de nós uma pequena gratificação, que elle bem merecera, mas que o seu patrão, o capitão Joaquim Manoel Rodrigues Lima lhe recommendara de não acceitar.

Era mais uma gentileza deste estimado cavalheiro, que em Santa Izabel nos hospedara durante alguns dias, nos proporcionara todos os recursos de que careciamos, e que tinha ainda a peito dispensar-nos os seus

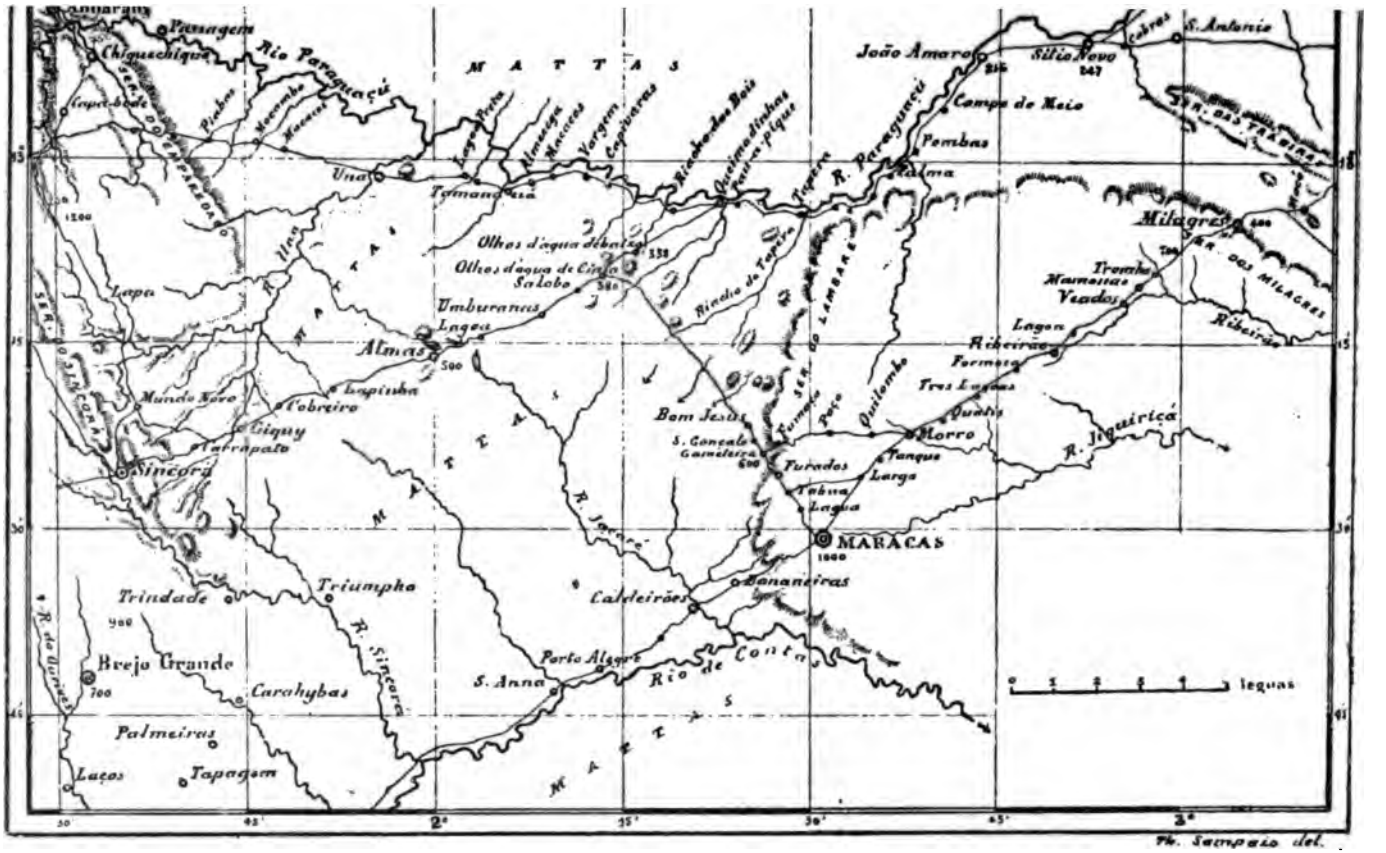
obsequios até aquelle ponto onde nos deviamos achar no bom caminho. Escrevi ao capitão renovando-lhe os meus agradecimentos, dando-lhe conta da nossa viagem, dos bons serviços que o guia nos prestara e que, por obstinada recusa do mesmo, não pudemos gratificar.

A hospitalidade sertaneja tinha de facto na pessoa do capitão Rodrigues Lima um dos seus mais genuinos representantes. Por seu intermedio, a hospitalidade é uma virtude que ennobrece o que encanta; ennobrece e exalta a quem, como elle tão galhardamente e tão perfeitamente a praticava; encanta e captiva a quem como nós a recebiamos.

Por muito tempo, honrou-nos com a sua amisade o Snr. Rodrigues Lima escrevendo-nos muitas vezes e procurando informar-se de nós e dos resultados da nossa viagem. Procurei corresponder a tantas provas de estima com uma gratidão sincera e como a lembrança indelevel dos beneficios recebidos, os quaes ainda uma vez aqui recordamos agradecidos.

Pelas sete horas da manhã, com uma temperatura de 23° centigrados, pois estavamos no auge do verão, partimos do Giquy, pela estrada geral a rumo de nordeste, passamos ás 8 horas pela fazenda do Cobreiro, distante uma legua, e ás 9 horas o povoado da Lapinha com uns cinco moradores em torno de umas cabeceiras. Deste ponto em diante, a estrada começa a declinar para o leste e les-nordeste por entre mattas frondosas e extensas que, segundo fomos informados, vêm das partes do sul, atravessando o rio de Contas, o Paraguassú, e prolongam-se além na direcção do norte.

Nestas mattas, viamos a miúdo grossas madeiras, troncos robustos e linheiros das melhores essencias, de 20 a 25 metros de altura, predominando o ipê, o pau d'olio, a bicuhyba, o cedro, a cangerana, a arueira, o oity, o landim, a peroba, o pau d'arco, o Gonçalo Alves, a sucupira, o potomujú e variedades de canella ou louro.


Ambrosio
Passagem
Chiquechiqui
Rio Paraguaçú
MATTAS
Una
Lapa
Almas
Umburanas
Olhos d'agua de Cipó
Salobo
Olhos d'agua dibaixo
Riacho de Tapera
Riacho dos Bois
Tapera
R. Paraguaçú
João Amaro
Silio Novo
Campo de Meio
Pombas
Palma
Milagres
Tromba
Mamoeiras
Veados
Lagoa
Ribeiras
Formosa
Tres Lagoas
Quatis
Morro
Tanque
Larga
Tabua
Lagoa
Bom Jesus
S. Gonçalo
Gamelleira
Turados
Quilombo
Tapera
Pelo
Jequiriçá
R. Jequiriçá
MARACAS
Bananeiras
Caldeirões
Rio de Contas
Porto Alegre
S. Anna
R. Jacuipe
Triumpho
Trindade
Brejo Grande
Carahybas
Palmeiras
Laços
Tapagem
R. Sincorá
Sincorá
Mundo Novo
Cobreiro
Tiquy
Tabrapato
Lapinha
Lagoa
Piabas
Macambo
Macacos
Lagoa Preta
Vargem
Capivaras
Cabras
S. Antonio
leguas
Th. Sampaio del.

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
University

Cerca do meio dia, chegamos ao povoado das Almas, onde ha umas cem habitações esparsas, muitas roças de mandioca, milho e arroz nas visinhanças de uma pequena lagôa pouco profunda e que secca quando as chuvas escasseiam.

Do Giquy até as Almas não ha mais que cinco leguas, pela mór parte através de mattas de muito bom aspecto, e na linha de divisão das aguas do Paraguassú e do rio das Contas. Por esta razão, não encontramos rio algum nesse trajecto, e tão somente, nas baixadas e cabeceiras que iamos confrontando ora á direita, ora á esquerda, alguns brejaes, ou lagoas-razas e algumas nascentes insignificantes. Mas, apézar da escassez d'agua, a região impressiona bem pelo caracter da vegetação que a reveste. O solo, em que predomina o barro vermelho é fertil, como bem se revela nas pequenas culturas que divisamos da estrada.

Sob o manto de argilla mais ou menos espesso que a matta vigorosa encobre, difficilmente se percebe qual a natureza da rocha subjacente. Na estrada, no alto das ladeiras, affloram veios de quartzo com aspecto de pederneira, e, por vezes, se descobrem fragmentos de pedra calcarea, rocha que segundo nos informaram, é muito abundante no valle do rio Una, onde a exploram para o fabrico de cal, usado no logar e exportada para outros logares do sertão.

Nas Almas vi, empregado como lage para passeio, um schisto calcareo mui semelhante ao da serra do Brejo do Salgado, proximo da Januaria, de côr cinzenta-roxeada e mui proprio para construcções. Extrahiam-no de uma pedreira distante uma legua para Oeste do povoado, e confirmaram-me então que é rocha mui abundante no valle do rio Una, o qual parece ser uma bacia calcarea.

No dia 21, pela manhã, sahimos das Almas, a rumo geral de les-nordeste e percorremos cinco leguas, através de mattas, até o povoado dos Olhos d'Agua de Cima, onde chegamos ás tres horas da tarde.

O aspecto da região é o mesmo, a mesma estructura, a mesma vestimenta vegetal. A população é porém mais numerosa. Os povoados, fazendas e moradores são mais frequentes e mais extensas as culturas ao longo da estrada. Na Lagoa Comprida, nas Umburanas e no Salobo, lugarejos que vamos atravessando, as plantações de cereaes ao redor das habitações tem um aspecto risonho e dão ideia de uma fertilidade e de um bem-estar como em tão largo tracto desses sertões não tinhamos observado.

Nas visinhanças do Salobo, pouco antes desse povoado apparece na estrada o granito, rocha que se vae tornando predominante á medida que nos approximamos das margens do Paraguassú. Os morros, como cabeços isolados, tornam-se então mais numerosos e alguns levantam-se cerca de 200 metros sobre o nivel das terras cuja altitude é de 380 metros na povoação de Olhos d'Agua.

Neste logar que é um pouso de tropeiros, com uns cinco moradores, foi-nos mister trocar de animaes, porque os nossos ja não supportavam mais a viagem. Ficaram em misero estado, depois que desceram da Chapada e penetraram na região das mattas. Contractei com um tropeiro do logar o resto da viagem, fornecendo elle os animaes e servindo elle mesmo de guia, recebendo porem em troca os nossos quatro muares estropiados que, para servirem, careciam de um longo tratamento, que não lhes podiamos dar, pois que antes do fim de Janeiro deviamos estar na cidade da Bahia na passagem da Commissão no seu regresso para o Rio de Janeiro.

Apesar disso, desejando conhecer o territorio entre o Paraguassú e o rio de Contas e as terras altas do municipio de Maracás, que daqui avistavamos ao longe como uma extensa chapada, resolvemos deixar a estrada geral que margeia o Paraguassú e, por uma travessia pouco frequentada, fomos buscar no rumo de

sueste a estrada de Caetité a S. Felix que passa em Maracás.

Nestes aprestos, gastamos cerca de meio dia, porque só no dia seguinte depois de 1 hora da tarde é que sahimos dos Olhos d'Agua de Cima, atravessando mattas, por um terreno secco e deshabitado, até a fazenda do Bom Jesus, na base de serra do Lambaré ou Embaré, cinco leguas e meia a sueste.

O trajecto até aqui através de uma região granitica o por sobre o lombo do divisor das aguas, nada tem de importonte. E' um deserto, onde o gado raramente apparece e que se sabe percorrido pelo gado, porque se descobre nas baixadas o rasto da rez de vereda para aguadas longinquas e raras.

Na fazenda do Bom Jesus, junto á serra do Lambaré ou Embaré como tambem se denomina aquella corda de morros, estendida do Paraguassú ao rio de Contas, estavamos outra vez nas vertentes deste ultimo rio. A vereda, que vinhamos trilhando até aqui, seguindo pela linha de divisão das aguas dos dous valles, e pouco se desviando della através das innumeras cabeceiras dos rios temporarios, que, ao norte, vão ao Paraguassú e ao sul ao rio de Contas, tinha descido para o valle do rio Jacaré, cujas nascentes quatro leguas a oeste, nas alturas das Almas e Umburanas, se assignalavam ao longe por uma linha ondeada no fundo azul do horizonte. Estavamos n'uma região de aguas escassas, onde os rios seccam a mór parte do anno, e as innumeras, pequenas lagôas, razas reduzem cada dia o seu ambito ao influxo dos calores estivaes, ou desapparecem de todo, substituindo-se por um lameiro extenso que o gado sequioso visita de continuo, á busca de um refrigerio que não dura muito porque a insistencia da alta temperatura reinante acaba por converter o sitio da antiga lagôa num terreno fendido e quebrado, donde a humidade desapparece e com ella o gado e as aves aquaticas que já agora procuram paragens menos ingratas.

Apezar da visinhança da serra a fazenda do Bom Jesus é tão secca e falta d'agua como o tracto do territorio de cinco leguas que acabavamos de atravessar desde os Olhos d'Agua de Cima. Isso dava uma nota triste ao aspecto da paisagem que, um tanto pittoresco pela visinhança dos montes, pelos muitos serrotes graniticos que se levantam do seio da vasta planicie ao norte e noroeste, parece um deserto sem vida.

Olhando-se para a serra visinha, cujas encostas retalhadas e cobertas de mattas, tem a sua belleza de contraste, sente-se ainda a impressão de um terreno secco que aliás as roças e plantações, aqui mais numerosas, para logo dissipam.

A serra do Lambaré é antes a margem occidental de uma larga chapada que das proximidades do littoral se estende para o sertão, do que o dorso pronunciado de uma serrania que se interpozesse aos rios Paraguassú e das Contas. Essa margemda Chapada, que denominaremos de *Maracás*, porque no alto d'ella está a prospera villa deste nome, corre muito proximamente de norte a sul, desde o logar *Palmas*, na margem direita do Paraguassú onde se inflecte para leste, até a margem esquerda do rio de Contas onde declina para sueste, ao longo deste rio, estendendo-se pelo Jequié, em direcção á sua barra.

A chapada è larga, retalhada superiormente pelos rios e ribeiros do alto Jiquiriçá, que nella tem as suas fontes, attingindo em alguns pontos a mais de 1000 metros de altitude, como em Maraçás. As prosperas lovouras de Amargosa, Areia, Capella Nova, onde se cultivam o fumo e o café estão nella situadas. Pela sua extensão é tambem denominada, no logar, *Serra Geral.*

Estamos numa região granitica.

Na serra é a rocha predominante e na vasta planicie que se estende ao noroeste, coberta de matta, deshabitada como um deserto, ainda o granito levanta cabeços ou serrotes como ilhas dispersas no meio de um mar verde. São os serrotes dos Olhos d'Agua, o mor-

ro da Formosa 3 leguas ao norte do Bom Jesus, o dos Dous Irmãos, o da Lagôa da Pedra, o do Cachá e o da Vargem Doce, retirado uma legua do Paraguassú, que daqui se descobrem, concorrendo para a belleza da paizagem.

De Bom Jesus á villa de Maracás, a rumo de sueste tendendo para sul, ha cinco leguas de maus caminhos; galgando ladeiras perigosas da serra, atravessando pelas fazendas de S. Gonçalo e de Gameleira, uma legua distante, onde se começa a subir, e pelos Furados, no alto da serra, uma legua alem, onde se encontram umas lagoas, e caldeirões entre lagedos, veredas e capões de matto e se desce um pouco para seguir a Maraçás, através das fazendas da Tabúa e da lagoa do Barro.

Não tomamos essa direcção ao deixarmos o Bom Jesus no dia 23 pelas 6½ horas da manhã, seguimos somente até Gameleira, na base da serra, e dahi, tomando por um trilho a rumo de nordeste, fomos á fazenda da Fumaça, no fundo de um pequeno valle, com intuito de encurtar caminho. Até ahi, fraldeando a serra, vinhamos encontrando sempre pela estrada um terreno quartzoso, as camadas levantadas de micaschisto, e grandes blocos de um gneis-granitico sobre enormes lageados da mesma rocha, a qual se desgasta e se decompõe por camadas tenues, como que descascando por effeito da acção meteorica, ou abre fendas profundas, que são os caldeirões, cheios d'agua de chuva, reservatorios naturaes ao alcance da população quasi sempre atormentada pela secca.

Depois de um breve descanço na fazenda da Fumaça, partimos dahi pelas nove e meia da manhã, na direcção de leste, galgando a encosta da serra em que gastamos cerca de hora e meia.

Pelas onze horas, estavamos no alto da serra do Lambaré, cerca de 400 metros acima da Fumaça, em ponto donde descortinavamos um vasto horizonte, que ao longe, para alem da planicie a que antes nos referimos vae morrer de encontro ás serras do Sincorá, do Empa-

redado, da Chapada Diamantina, e das terras altas que se estendem ao noroeste, para alem das aguas encachoeiradas do Paraguassú. Na encosta que acabamos de vencer, notamos a mesma rocha granitica, produzindo por decomposição uma terra vermelha bastante productiva.

Mattas de boa madeira ensombram o caminho ao longo do qual as casas humildes dos roceiros, as cercas protegendo as plantações, nos revelam uma região propicia á agricultura, onde a população vem encontrar um refugio nas epocas infelizmente tão repetidas de penuria e de miseria.

Uma hora depois, alcançamos o pequeno povoado do Poço com as suas quinze habitações toscas dispostas em torno de um caldeirão de pedra que lhes fornece a agua aqui tão escassa e por isso mesmo tão preciosa. A estrada, que continúa a rumo de leste, nos conduz atravéz de um terreno ondeado, e rochoso, mas bastante cultivado segundo se deprehende das numerosas plantações de milho, mandioca e feijão que vamos encontrando. O feijão abundava notavelmente, pois estava na sua estação propria, e o terreno aqui parece prestar-se mui favoravelmente para esse genero de legumes.

Informaram-nos que, nesse alto de chapada, um *prato* com 2½ litros de feijão semeados produz commummente 48 litros.

Uma legua adiante passamos outro pequeno povoado, o de Agua Verde, com os seus oito visinhos, depois, a fazenda do Quilombo, e cerca de quatro horas da tarde, entramos na povoação do Morro, pequeno arraial, á margem da estrada geral do sertão, que leva a Caetité com as suas trinta casas cobertas de telha, um commercio animado com os tropeiros e uma pequena capella. N'uma baixada em frente, ficam as primeiras fontes do rio Jiquiriçá que ahi perto nasce e corre por entre morros na direcção de leste.

Paramos no Morro cerca de duas horas, informando-nos, descançando um pouco para a nova investida até

a noite, visto como o nosso guia manifestava repugnancia de pousar nesse logar e, desejava muito soltar os seus animaes em pastos seguros e mais fartos.

Accedemos de bom grado ao seu desejo, tanto mais quanto isso nos adiantava de algumas leguas n'uma travessia que já sentiamos ir se alongando demasiado, e já nutriamos o receio de não chegarmos á Bahia na epoca aprasada.

Eram nove horas e vinte minutos da noite, quando chegamos ao logar Tres Lagoas, onde com difficuldade logramos pousar, a despeito das relações de amizade, com que o nosso guia tanto contava. Quem ainda não viajou o interior do Brasil não sabe o que são as desilusões e os desenganos nos pousos ao longo das estradas, pousos de favor, que a verdadeira hospitalidade não impõe, mas que se tornam obrigados pela falta de albergues, ou de estabelecimentos que explorem essa industria nas condições regulares e usuaes do commercio, satisfazendo uma necessidade indeclinavel dos que frequentam essas estradas.

Em Tres Lagoas, á falta de outro recurso, fomos obrigados a pousar debaixo de um carro velho, que cobrimos com um impermeavel, temendo uma borrasca imminente, que por felicidade se dissipou.

Do Morro até aqui, a estrada agora mais ampla, mais frequentada, como estrada geral que é, segue o rumo de nordeste, passando pelo povoado dos Quatis com umas dez habitações espalhadas, uma legua adiante do Morro, e duas distante de Tres Lagoas que outra cousa nãe é senão uma fazenda com os seus doze moradores dispersos. Até aqui tinhamos feito nove leguas contadas do Bom Jesus.

Na manhã de 24 de Janeiro pelas 5 e meia horas, levantamos o nosso acampamento de sob o velho carro que tão bem nos abrigou, e com a temperatura agradavel de 18.° centigrados, cinco gráos, menos do que na região baixa, no Bom Jesus, á mesma hora, e prose-

guimos viagem a rumo de nordeste, passando a fazenda Formosa, com um morador e uma venda, duas leguas e meia adiante de Tres Lagoas, e, depois de breve demora, seguimos para o Ribeirão do Salgado, povoado cujo nome lhe vem de um curso de agua insignificante que lhe corre ao pé, e se vae lançar a leste no Jiquiriçá depois de banhar a villa de Amargosa, dezeseis leguas distante.

No Ribeirão do Salgado, paramos quatro horas, á espera de que o sol abrandasse os seus rigores, continuando a viagem ás tres horas da tarde. Meia legua além, na estrada que continua no rumo de nordeste, tendo galgado umas eminencias, começamos a avistar por uma quebrada dos montes, na direcção de N. 18.°O, serras que se prolongam quasi no mesmo rumo para alem do curso do Paraguassú, e que nos pareceram as de Orobó, entre este ultimo rio e o seu affluente Jacuipe, mais ao norte.

Na Lagoa Pedra, povoado com uns trinta moradores, uma legua adiante do Ribeirão Salgado, do alto de um morro, tornamos a descortinar, por cima da chapada um vasto horizonte, abrangendo um solo ondeado, coberto de mattas, pelo meio das quaes se distinguem numerosas fazendas e sitios preparados para a cultura.

Cerca de seis e meia horas da tarde chegamos ao povoado das Mamonas depois de atravessar um terreno bastante habitado e com numerosas plantações de cereaes: não permanecemos porem ahi, poque o guia achou que era melhor ir pousar na fazenda das Trombas, meia legua adiante, por bom caminho, e tempo fresco da noite que começava.

Fomos, pois, pernoitar nas Trombas, fazenda do Sr. Clementino José de Souza, situada no sopé de um serrote granitico, a beira da estrada.

Na manhã seguinte os campos appareceram abundantemente orvalhados, e a temperatura, pelas cinco e meia, era já de 20 ½ centigrados, debaixo de um ceo

nublado. Pozemo-nos a caminho ás seis horas e ás nove e meia desciamos a encosta da chapada, entrando no povoado dos Milagres, onde ficamos até a tarde.

O povoado constava de uns trinta moradores, junto de uma capella, e tinha o seu commercio animado, como pouso que é dos tropeiros que demandam os sertões de Maracás, do Brejo Grande, do Bom Jesus dos Meiras, de Caetité e das regiões mais longinquas do norte de Minas e do valle do S. Francisco. Deste logar, na base da chapada que acabavamos de atravessar, avista-se uma immensa planicie, aberta ao noroeste por onde se podia ver as serras d'além Paraguassú, e que as serras das Trahiras e da Tapera e os morros do Tamannuá, do Gavião e das Baraunas limitavam e restringiam desde os 60.º N. O. até os 54º N. E. como uma extensa barreira sem solução de continuidade.

Estavamos ainda numa região granitica, cujo aspecto e capacidade são, contudo, inferiores as da chapada de Maracás. Voltamos á uma região secca, em tudo semelhante áquella que tinhamos atravessado antes da Fazenda do Bom Jesus.

As mattas são agora porem mais raras e menos ricas de essencias; a drenagem do solo irregular e imperfeita. Apparecem a cada passo as pequenas lagoas, razas que não resistem aos calores estivaes; os rios são torrentes que pouco duram, passadas as chuvas, e os caldeirões de rocha são ainda aqui o recurso salvador das populações victimadas pelas seccas amiudadas, por isso mesmo, os povoados e fazendas são daqui em diante mais frequentados, pois que a cada passo vamos encontrando as tropas que regressam de S. Felix e do Curralinho onde foram levar seu fumo e algodão; os cargueiros que transportam legumes e farinha para feira; os carros de boi que seguem chiando monotonamente sob o peso da carga que levam para o interior.

Partimos dos Milagres ás tres horas da tarde, seguindo a nordeste e a leste por entre outeiros pedre-

gosos, deixando uma legua diante, já no meio da planicie a encruzilhada da estrada que leva á Amargosa, logo depois o pouso do Mocó, junto de um serrote granitico lançado do norte a sul, donde podemos contemplar a extensa escarpa da serra da que descemos nos Milagres correndo de Oeste para leste numa extensão proximamente de 8 a 10 leguas, quando parece que declina para sul ou sueste.

A's seis horas da tarde, chegamos ao povoado das Trahiras onde pernoitamos, tendo vencido seis leguas e meia desde as Trombas.

Tinha chovido pela madrugada do dia 26 em Tra hiras, mas, ainda assim, amanheceu muito quente.

A's cinco horas da manhã, com um céu nublado e escuro, já a temperatura era de 25° centigrados, prenuncio temeroso de um dia abrasado e de borrasca proxima.

Assignalo o facto porque é elle, na verdade, digno de nota. Havia um mez que estavamos nestes sertões, desde que deixamos as margens de S. Francisco, e ainda não tinhamos marcado no nosso diario um dia de chuva. Agora, porem, o céo inclemente começava a ceder nos seus rigores e as primeiras chuvas, chuvas salvadoras, preciosas, cahiam sobre a terra adusta e sequiosa, banhando-a copiosamente, fertilisando-a, transformando-a de uma maneira maravilhosa

Era o signal de que já iamos entrando na zona littoral, donde, no longinquo horizonte, se divisavam os aguaceiros penetrando no sertão, tangidos pelos ventos humidos que sopram do mar.

Que bom presagio para aquella região sertaneja que acabamos de percorrer, e onde a cada passo se descobria na terra e no ar os signaes inequivocos de um verão abrasador e prolongado!

Eram cinco horas e um quarto, quando deixamos a fazenda das Trahiras, pela estrada geral, a rumo de nordeste. Passamos, legua e meia adiante, o pequeno

povoado de Poções e penetramos n'uma região pedregosa, granitica, coberta de um matto carrasquento e imprestavel. Serrotes curtos de mediana altura apparecem aqui e ali na vasta planicie, orientados quasi de norte a sul, declinando para noroeste, e quebrando um pouco a monotonia da paisagem. Nenhum rio corrente atravessa a estrada que parece lançada sobre o dorso de uma chapada pela linha da divisão das aguas. As baixadas estão ainda sem agua, e as lagoas continuam extinctas apezar da chuva começar. O solo é tão pobre que parece esteril. As fazendas e moradores são raros ao longo do caminho.

Até a fazenda Mangabeira, que fica na base da Serra da Tapera, duas leguas adiante de Poções, o aspecto da região ainda é o mesmo.

Verificamos, porem, nesse logar, onde de novo começamos a descer para uma vasta planicie que se abria para o norte em direcção ao rio Paraguassú, que estavamos n'uma segunda chapada, ou socalco mais baixo sobre o qual se levantam as terras do sertão. Estamos, de facto, na margem de um planalto inferior ao de Maracás, planalto cujas margens, por esse lado, se assignalam por serras de pequena elevação, com os nomes locaes de Serra Grande, Tapera, Itatinga ou Pedra Branca, esta ultima notavel na historia do descobrimento destes sertões.

Para alem de extensa planicie, onde corre o Paraguassú, cerca de cinco leguas distante, avista-se uma linha de montanhas ao noroeste, ainda mais distante, e que são as terras altas do Orobó, famosa pela sua fertilidade e pelas suas extensas mattas.

Mais longe, ao nordeste, começa-se a distinguir o perfil denteado das montanhas graniticas das visinhanças de Santo Estevam e da Feira de Santa Anna, que o Jacuipe atravessa antes de misturar as suas aguas com as do Paraguassú.

Mais perto, no seio da planicie monotona, ergue-se ao norte um curto serrote pedregoso, como um ilhéo

perdido naquelle mar das catingas, e mais adiante outro serrote de mais vulto que nos informaram ser o da Mangabeira, junto do qual fica a antiga fazenda do Boqueirão, onde passa a estrada para o Orobó, e que nos tempos coloniaes foi famoso por ser o começo da perigosa travessia de muitas leguas de deserto, antecedendo as terras altas da Chapada.

Neste ponto do nosso trajecto, estavamos exactamente atravessando a linha do roteiro de Gabriel Soares, o celebre sertanista e escriptor do fim do seculo XVI, que sahio do littoral, remontando o valle do Jaguaripe, vindo galgar a serra do Guarerú que é essa mesma da Pedra Branca, onde estavamos, fundando ahi uma casa forte, entre os indios Cariris, e, entranhando-se no sertão a noroeste, crusou o Paraguassú em cuja margem ergueu outra casa forte, de que ainda hoje guarda o nome uma fazenda antiga, á beira desse rio, e seguio a buscar a Serra da Jacobina, onde se perdeu.

Descendo a encosta aspera da serra e crusando o leito secco de uma torrente que margeiamos por algum tempo, alcançamos ás 10 horas da manhã o arraial da Tapera, na ponta da serra, onde nos detivemos para almoçar e colher algumas informações. A Tapera traz ainda o tratamento de *villa* que já teve em algum tempo, e que agora nada justifica, porque não passa de um lugarejo decadente, com umas trinta casas pobres, uma pequena egreja não acabada, e quasi nenhum commercio. Entretanto, a sua posição como entroncamento das estradas da Chapada Diamantina, de Caiteté, Santo Antonio da Barra e Maracás deve garantir-lhe certa importancia entre os povoados que precedem a região sertaneja propriamente dita. Informaram-nos porem que esta importancia perdeu-a a Tapera em proveito do Curralinho, que cresceu e prosperou rapidamente tornando-se o centro preponderante nesses logares depois de S. Felix. A Tapera pareceu-nos uma ruina, justificando perfeitamente o seu nome selvagem. Todavia, notavamos-lhe

nas ruas solitarias, de instante a instante, a passagem dos cargueiros, das tropas numerosas que ou desciam do sertão ou voltavam dos portos do littoral com os artigos de importação para o commercio interior, e viamos tambem que nada do que por ahi passava aproveita ao logar, considerado uma ruina a desapparecer — *atque perierunt ruinæ.*

Informaram-nos que desse ponto de entroncamento ao *Curralinho* não ha mais que duas leguas; a *João Amaro*, arraial historico, fundado pelo paulista do mesmo nome, á margem direita do Paraguassú, 32 leguas, na estrada para a Chapada Diamantina, passando por Serra Grande, Tanquinhos, Entre Morros, Lagedo Alto e outros logares. Da Tapera á villa da *Amargosa*, centro importante da cultura de café, fumo e algodão, vão sete leguas passando pelo arraial da Gloria; á Pedra Branca, no alto da serra do mesmo nome, duas leguas; á fazenda do *Boqueirão*, que lhe fica ao norte, duas leguas; e ao arraial da *Tartaruga*, encostada a Serra, logar prospero pelas suas culturas de fumo, café e mandioca, seis leguas.

A's 2 ½ horas da tarde, com uma temperatura de 32° centigrados, á sombra, céu turvo, e ameaçando chover, puzemo-nos a caminho, em demanda do Curralinho onde queriamos pernoitar. Contornamos primeiro a ponta da serra, e, seguindo pela larga estrada geral, que nesse trecho, declina um pouco para lessueste, detivemo-nos uma meia hora na fazenda da *Cruz do Medrado*, onde gentilmente nos recebeu o deputado Dr. Marcolino de Moura e Albuquerque, com quem conversamos sobre as cousas do sertão e trocamos noticias e informações de que são tão sedentos os que, como nós, estavam tanto tempo separados do mundo.

No curto trajecto que nos restava fazer para ganhar o Curralinho, surprendeu-nos copiosissima chuva acompanhada de fortes descargas electricas, o que nos forçou a accellerar a marcha galopando pela estrada am-

pla, agora convertida em leito de impetuosa torrente. O solo negro e resvaladiço, semelhate ao famoso massapê de Santo Amaro, recebia depois de tanto tempo, o primeiro e copioso banho, que o ia transformar como por encanto, revestindo-o de nova e luxuriante vegetação.

Eram cinco horas da tarde quando entramos no Curralinho, cessando logo depois a chuva, que nos tinha tão profundamente alagado. O Curralinho, apesar da difficuldade que ahi tivemos de achar pouso, impressionou-nos bem. E' um centro populoso, que se desenvolve rapidamente, com as suas ruas largas, boas edificações, numerosas casas de commercio, boa egreja edificada na praça principal e muita actividade, principalmente no dia da feira que é semanal e a que concorrem dos logares visinhos quatro para cinco mil pessoas.

A difficuldade de achar pouso n'um lugar onde o commercio tanto se desenvolveu é uma feição caracteristica do lugar que merece explicação. O nosso guia, tropeiro *vaqueano* nesses logares, conduzio-nos, como de costume, ao seu pouso habitual, um grande rancho junto a uma venda, cujo dono nos recebeu como recebe a um freguez ou adventicio qualquer.

Notei porem que o rancho, muito molhado com a ultima chuva, e lamacento, estava sujo demais. As nossas malas foram contudo ali mesmo depositadas e os animaes desarreiados condusidos sem demora ao pasto visinho. Achando o lugar insupportavel pela falta de aceio e pela lama que impedia de o conseguir, cheguei-me para o vendeiro e pedi-lhe de consentir armar o meu pequeno leito de campanha na sua saleta proxima, onde, sem incommodo para sua familia, podia passar a noite e pôr em dia as minhas notas de viagem.

Negou-me o bom do homem o favor peremptoriamente, ajuntando qne isso não era costume do logar, que todo o mundo que ali pousava, dormia no rancho, fosse como fosse, que o juiz de direito de tal logar ali posára

havia pouco, e que o professor de tal parte acabava de sahir dali mesmo e, por confirmação, apontava-me para o logar onde ainda se viam os restos de um fogo extincto. Ouvindo-se falar ao bom do vendeiro, aquillo era mesmo uma delicia para juizes de direitos e professores em transito pelo Curralinho. Achei, porem, que um pobre engenheiro, como eu, que, dias antes, pousava tão sem ceremonia n'uma lapa cheia de ratos ou debaixo de um carro velho, abandonado a beira do caminho, bem podia ter o gosto de dormir uma noite, no enxuto, estando n'uma cidade. Não tinha acabado de justificar esta minha phantasia ao vendeiro, quano senti baterme ao hombro e abraçar-me um velho amigo de Santo Amaro, o habil engenheiro Alexandre Theotonio, que se acercara de nós ao voltar do seu trabalho de campo.

Passamos ahi a noite e o dia seguinte, sempre muito obsequiados pelo nosso amigo, cuja gentileza é tão grande quanto a sua actividade e intellegente applicação ao trabalho. Informou-me então que se achava ali, desde alguns dias, no serviço de locação da linha da Central Bahia Railway, cujos trabalhos de avançamento ficavam apenas a alguns kilometros para traz do Curralinho. Ia porem ja levantar acampamento e seguir para adiante, porque não tinha tempo a perder, e as chuvas tinham começado.

Sahi do Curralinho a 28, já depois de 1 hora da tarde, para irmos pousar, depois de quatro horas de marcha. na Salgada, para alem do Candeal e do Genipapo pequenos povoados, á margem da estrada, servindo de pouso ás tropas que descem do sertão.

Estavamos n'uma região chata secca onde de espaço a éspaço se vê uma lagôa pouco profunda, bebedouro obrigado do gado pouco numeroso que vive por essas catingas. O solo é um tanto pedregoso, proveniente do granito, notando-se na estrada muito seixo e fragmentos de quartzo muito variegado. Colhemos, nesse trecho do caminho, dous bellissinos exemplares de um quart-

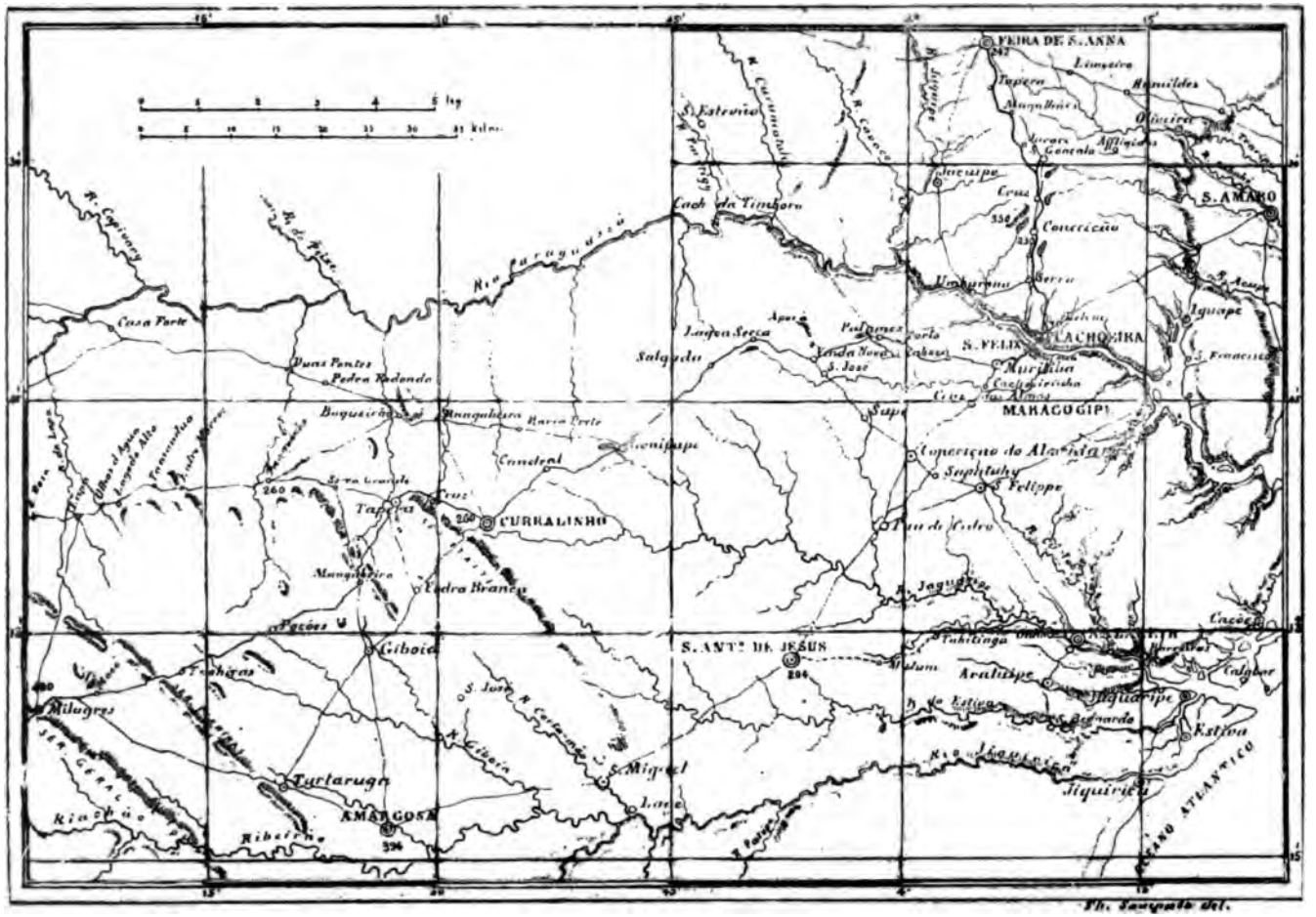
zo rozeo, de um dique ou filão exposto na estrada a qual segue o ramo geral, por sobre uma lombada que é propriamente o divisor das aguas entre os valles do Paraguassú e Jaguaripe.

Do alto de qualquer eminencia, onde o horizonte se dilatava um pouco mais, avistamos para tráz, ja ao longe, as elevações visinhas do Curralinho, a serra de *Itatim* ou Pedra Branca, como uma chapada lançada ao través, na direcção de noroeste para sueste, procurando a zona littoral, ainda que com alguma interrupções por esse lado. Pela frente, já bem proximo, tinhamos a nordeste o serrote curto do *Aporá*, como um ilhéo vermelho sobre a planura monotona da catinga que se estende a perder de vista.

O baixão onde corre o Paraguassú, aliás pouco distante, não é perceptivel. A planura d'aquem e d'alem parece formar um todo sem solução de continuidade, como se não existisse interposto o sulco do rio diamantino, cujo valle pelo lado do sul temos vindo contornando até aqui.

Da Salgada para o norte, cerca de tres leguas, fica porem a cachoeira da *Timbóra*, que na linguagem dos indios quer dizer — *dos vapores*, pelos muitos que se levantam em certas horas dos tombos d'agua de 25 metros de altura que ali tem o Paraguassú, ao descer da planicie para o profundo canhão que o leva até ao mar, na bahia de Todos os Santos, distante cerca de 72 kilometros. Mas apezar de seus vapores ou nevoeiros a cachoira não se nos tornou perceptivel em nenhum ponto do horizonte.

Se algum dia o progresso de minha terra, despertando mais vivaz, quizer aproveitar para os varios misteres industriaes, para os transportes, para a illuminação e para tantas outras applicações, a grande força hydraulica dos rios, a cachoeira da Timbora, antes mesmo da de Paulo Affonso, será decerto a primeira de que se hade lançar mão como a mais proxima da capital, e a que mais vantagens poderá trazer á zona rica e povoada do nosso reconcavo. Calcúlo que é superior a


FEIRA DE S. ANNA
S. AMARO
CACHOEIRA
S. FELIX
MARAGOGIPE
CURRALINHO
Cachoeirinha
Muritiba
Conceição
Cruz
Tapera
Cedro Branco
Gibóia
S. ANTº DE JESUS
Milagres
Turtarugá
AMARGOSA
Ribeirão
Casa Forte
Duas Pontes
Pedra Redonda
Salgado
Conceição do Almeida
Santo Estevão
Cachoeira do Timbóro
Rio Paraguaçú
Rio Jequiriça
Rio Jiquiriçá
Rio Jaguaripe
Rio Copiúna
Rio de Pedras
Rio Cotinguiba
Rio Cururupe
Rio Paraguaçú
Rio Jiquiriçá
Rio Jaguaripe
Rio Copiúna
Rio de Pedras
Rio Cotinguiba
Rio Cururupe
Rio Ribeira
Rio Cachoeira

LIBRARY
Leland Stanford,
UNIVERSITY

dez mil cavallos-vapor a força hydraulica do Paraguassú na cachoeira da Timbóra e que a distancia a vencer, com trajecto pelas cidade de S. Felix, Caohoeira e Santo Amaro, não excederá de 136 kilometros, ou pouco mais de vinte leguas, ao passo que a cachoiera de Paulo Affonso, uma explendida reserva do futuro, fica uma distancia tres vezes maior, ao norte da Bahia.

No dia seguinte, 29 de Janeiro, partimos cedo da Salgada e vencemos até a uma hora da tarde as sete leguas que nos restavam para S. Felix, termo da nossa longa viajem pelo sertão.

A estrada, nesse trecho, percorre ainda uma região do mesmo aspecto do precedente, terreno seccos de catinga, com algumas lagoas esparsas, e onde a agua para durar carece de ser represada em açudes.

A população é já mais numerosa ao longo dos caminhos, como se verifica pelas numerosas povoações que vamos successivamente atravessando: Lagoa Secca, Venda Nova, Palames, Torto, Cabeça e Muritiba onde se começa a descer para o fundo canhão do Paraguassú em cujas margens, e fronteiras uma á outra, estão as cidades de S. Felix e Cachoeira, emporio dos sertões, centro da maior actividade fabril da Bahia.

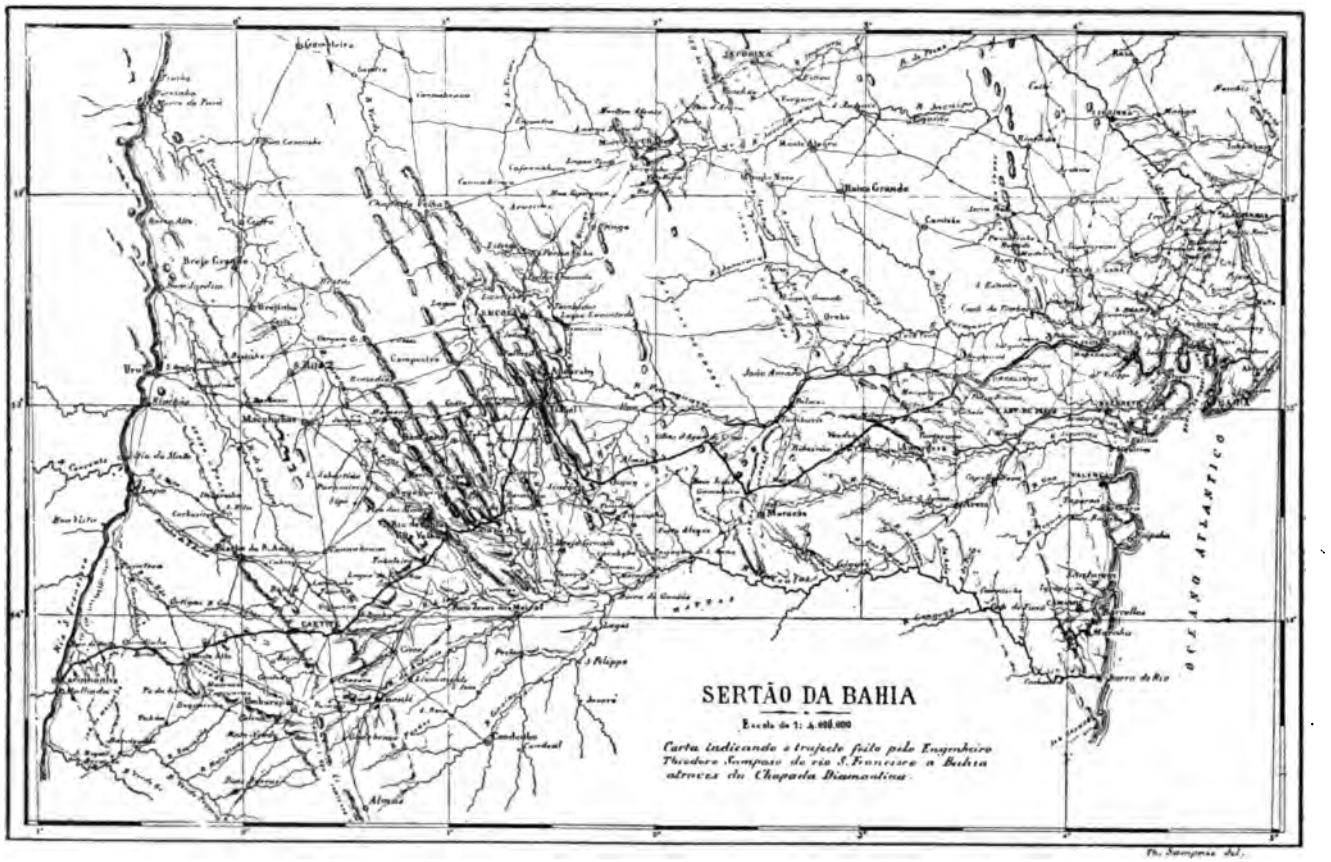
Aqui terminou a nossa peregrinação pelos sertões bahianos. No dia seguinte, do tombadilho do vapor que zarpava, singrando o Paraguassú aguas a baixo em direcção á capital, diziamos o nosso ultimo adeus aos modestos sertanejos que nos trouxeram até ali em paz e salvamento e que, erguendo os seus grossos chapeos de couro para corresponder-nos, tinham no semblante como nós tinhamos no coração o acerbo pungir da saudade. Do sertão distante ficava-nos a impressão indefinivel, um como enigma que só o futuro longinquo decifraria. Daquelles pobres companheiros, porem, levavamos nós, da sua leal e sincera dedicação, a grata lembrança dos bons serviços e a quasi certeza de que não nos tornariamos a ver.

Tres dias depois da nossa chegada a Bahia, chegaram por sua vez os nossos collegas de commissão, com o nosso caro e illustre chefe, Milnor Roberts, de quem nos haviamos apartado nas margens do S, Francisco. Estava terminada a minha missão.

Nota

O mappa junto é um complemento ás notas, nesta Revista publicadas sob o titulo—Viagem atravéz da Chapada Diamantina em 1879-1880, para lhes servir de carta-index, como coordenação que é das diversas cartas geographicas parciaes que então appareceram. Dei-lhe, porém, por titulo *Sertão da Bahia*, porque neste trabalho não me limitei a representar unicamente a zona mais vizinha do meu trajecto, procurei antes reunir n'um mappa mais amplo todos os dados fidedignos que consegui colher com relação a essa parte do territorio bahiano, a leste do rio S. Francisco e comprehendido entre os rios Paraguassú e das Contas.

Posso dizer que fiz trabalho propriamente meu; e, sem querer depreciar alheios trabalhos sobre o mesmo assumpto, julgo que esse mappa representa de facto um passo adiante no progresso cartographico referente ás regiões centraes do Brasil. Aos dados do levantamanto geographico que fiz ao longo do meu trajecto, ajuntei larga copia de informações relativas a pontos mais distantes, informações que procurei cotejar, verificar com o maior escrupulo. Assim é que este mappa se não é, de facto, uma representação rigorosamente exacta dos factos attinentes á geographia daquella parte do paiz, é, contudo, na escala em que está desenhado, um elemento de informação e tambem de correcção, digno de confiança, no que respeita áquella zona, ordinariamente tão mal representada nos antigos mappas.


SERTÃO DA BAHIA
Escala de 1: 4.000.000
Carta indicando o trajecto feito pelo Engenheiro Theodoro Sampaio do rio S. Francisco a Bahia atravez da Chapada Diamantina.
OCEANO ATLANTICO
Th. Sampaio del.

LIBRARY
Leland Stanford, Jr.
UNIVERSITY

E' bem digno de nota a representação orographica ahi tão diversa do que se vê em outras cartas publicadas.

As montanhas e serranias não se figuram ahi como linhas de relevo acompanhando parallelamente os cursos d'agua principaes, como erroneamente se costuma figurar, mas, ao contrario, como enrugamentos em sentido transverso aos rios, facto que ahi se observa na orientação das cumiadas, as quaes, em geral, apresentam um angulo de 28 a 30 gráos para oeste sobre o meridiano. A serie de cadeias parallelas, entre os rios Paramirim e Paraguassú, na Chapada Diamantina, as serras do Tombador e do Orobó, a Serra Preta, visinha de Santo Estevam e da Feira de Santa Anna, seguem todas proximamente esta mesma orientação.

Os rios affluentes do S. Francisco, rios temporarios quasi todos, correndo sobre a Chapada, guardam tambem a mesma direcção geral daquellas linhas de cumiadas. Não assim porém, os rios da vertente directa do Atlantico, rios perennes, e mais volumosos que aquelles outros, os quaes cortam transversalmente as ditas serranias e descem da Chapada, onde têm nascimento, por valles estreitos e gargantas que são verdadeiros *cañons*, em alguns logares até subterraneos.

Outro facto para que chamo a attenção dos que estudam a nossa geographia é o das origens dos rios Paraguassú e das Contas, ordinariamente mal representadas nos antigos mappas, é que aqui procuramos figurar com a clareza compativel com a escala adoptada. Lançando-se a vista para o centro do zona montanhosa, onde está a villa do *Bom Jesus*, perto do logar onde se crusam o Meridiano de 1.° e o parallelo de 13.°, se vêm representadas, entre montanhas parallelas, sobre a Chapada, e a pequena distancia uma da outra as nascentes daquelles dous grandes rios, a de Paraguassú, a 2 leguas ao Nor-noroeste, correndo em largo circuito para o norte com o nome *Cochó*, penetrando n'uma garganta

da Serra do Sincorá declinando depois para sul e sueste, com o nome de rio *Santo Antonio*, recebe pouco abaixo do Andarahy, ou da *Passagem* o outro galho, ao qual só por antecedentes historicos se attribue o nome *Paraguassú*, pois que, nascendo no Morro do Ouro, entre a Fazenda do gado e o Sincorá, é de facto galho mais curto e mais baixo; a origem do rio de Contas fica cerca de 2 ½ leguas para o sul, donde sahe este rio em largo circuito pelo norte da mesma villa, declinando para o sul e correndo em valle estreito até perto do parallelo 14.°, onde se lhe entram varios affluentes consideraveis, alguns até de maior volume, e que, do ponto de vista geographico, deviam ser o curso d'agua principal, se a favor do rio de Contas que acabamos de descrever, não militassem tambem razões historicas.

Um defeito, apezar de tudo, encerra o nosso mappa do *Sertão da Bahia* e é que, sendo publicado vinte e quatro annos depois da nossa viagem por aquelles logares, fica um documento antiquado, se se não attenderem as modificações de caracter politico que se deram em tão longo periodo. Esse defeito só, em parte, consegui attenuar, mas, por isso mesmo é que devo chamar a attenção dos estudiosos para não incorrer na pecha de anachronico, figurando n'um mappa de 1879-1880, dados e factos que só posteriormente se realizaram. E' assim que nelle representamos as estradas de ferro que n'aquelle tempo apenas se iniciaram e algumas que se construiram depois. Mas se fizemos essa concessão ao progresso, no intuito de tornar mais util um mappa publicado em nossos dias, não cedemos, por outro lado, quanto ás novas denominação das localidades e conservamo-lhes os mesmos predicamentos de villa e povoado que tinham ao tempo da nossa visita. Hoje, por exemplo, a Villa Velha passou a denominar-se Villa do Brumado; a do Rio de Contas é hoje a cidade de *Minas do Rio de Contas*; o arraial da Fazenda do Gado foi já elevado a villa com o nome de *Jussiape*; a villa de

Santa Izabel passou á cidade com a denominação de *S. João do Paraguassú*; a villa do Brejo Grande tambem passou á cidade com o nome de *Ituassú*; Curralinho, São Felix, Santo Antonio de Jesus, Amargosa são hoje cidades. Mas, a despeito disso, julgo que o mappa do *Sertão da Bahia* será sempre subsidio de algum valor para o conhecimento dos nossos sertões ainda tão pouco estudados sob o ponto de vista scientifico. Oh! quanto nos falta ainda conhecer do nosso proprio paiz!

— — —

O LAUDO ARBITRAL
na questão da Guyana Brasileira

As questões internacionaes de limites que ha mais de dous seculos se debatem entre nós e as nações visinhas, conta o Brasil mais uma assignalada victoria no terreno do direito.

Acaba de decidir-se pelas pretenções do Brasil o tribunal arbitral de Berna.

São, portanto, brasileiros os territorios até então contestados dentre o Oyapoc e o Amazonas. Esclusivamente brasileiro fica sendo de ora em diante todo o baixo Amazonas com as numerosas ilhas do seu amplissimo estuario, que foi outr'ora o *Mar Dulce* dos primeiros descobridores.

A nossa fronteira septentrional com a Guyana Franceza correrá, pois, sem contestação possivel agora, *pela linha do rio Oyapoc desde a sua foz no Atlantico até a serra de Tumucumaque e pela cumiada desta serra até a fronteira da Guyana Hollandeza.*

Foi esta com effeito a linha de fronteira que ha mais de dous seculos reclamamos, e que o talento e o patriotismo do Barão do Rio Branco fizeram triumphar tão cabalmente perante o Conselho Federal Suisso, constituido em tribunal arbitral pelo compromisso de 10 de Abril de 1897 entre o Brasil e a França.

Para tão grande victoria no terreno do direito, nunca é exaggerado o jubilo de um povo como nunca

é sufficientemente grande o seu reconhecimento pelos que souberam advogar a sua causa.

E' mister, porem, conhecer-se toda a importancia ou alcance dessa causa para mais bem aquilatar-se o merito dos serviços prestados e para que se fique sabendo quão grande é o debito que a gratidão nacional, de certo, saberá saldar condignamente.

A questão da Guyana, que, de modo tão auspicioso e justo, se solveo a nosso favor, não é outra em substancia senão a da posse e dominio do rio Amazonas que a França nos disputava.

Possuir uma das margems do grande rio para poder dictar a politica commercial da America Equinoxial a que amplamente serve essa arteria fluvial, tal foi o alvo da diplomacia franceza alimentando e protrahindo até o presente essa questão. A Guyana, ou antes *Cayenna*, era um pretexto, o Amazonas era porem o objecto verdadeiro. Inglezes e Hollandezes que de facto precederam a Portuguezes e Francezes na colonisação do grande rio não tinham de certo objectivo nem intuitos differentes.

De todas as tentativas que fizera a França para apossar-se de territorios dentro do ambito do Brazil, já fundando com os calvinistas de Villegaignon no Rio de Janeiro uma *França Antarctica*, espugnada pelos Portugueses em 1565, com quatro annos apenas de duração; já fundando em 1612 com La Ravardière a calonia de S. Luiz do Maranhão para inicio de uma outra *França Equinoxial*, tomada por Jeronymo de Albuquerque dous annos depois, a Guyana ou antes *Cayenna*, com limites territoriaes desmedida e infundadamente ampliados para aquem das nossas fronteiras, ficou sendo o ultimo quartel das suas desarrazoadas pretenções.

Entretanto, não dão direito a tão largas exigencias como depois o governo francez apresentou e defendeu os titulos historicos desse estabelecimento colonial.

Assim é que em 1616 quando os Portugueses de Maranhão, guiados por Caldeira, penetraram no Amazonas, fundando a cidade de Belem no estuario do Pará e iniciando a conquista e povoamento do valle, os Francezes nem ao menos tinham iniciado os seus estabelecimentos na costa da Guyana.

Enquanto os Hollandezes, precedendo aos proprios Portuguezes, levantavam os dous fortes de Nassau e de Orange na margem do Xuigú, em 1616 erguiam um terceiro em Gurupá e navegavam e traficavam nas aguas do Amazonas: emquanto os Inglezes, seguindo os mesmos passos, fortificavam-se na margem esquerda do grande rio, no continente da Guyana, erguendo successivamente os fortes de *Taurege*, *Felippe e Cumahú*, estrategicamente assentados e bem guarnecidos, os Francezes, munidos de cartas patentes para se estabelecerem nas terras da Guyana, vacilavam ainda na escolha do lugar em que se teria de renovar a tentativa para a fundação de uma outra *França Equinoxial.*

Se, com effeito, em 1604, Daniel de la Touche, o mesmo Senhor de la Ravardière, visitou as costas da Guyana, e no anno seguinte obteve cartas patentes que o nomeavam logar-tenente do rei de França nas regiões da America desde o Amazonas até a ilha da Trindade, todavia, só em 1626, doze annos depois do mallogro da expedição do Maranhão, é que conseguio com 25 colonos apenas lançar os fundamentos do primeiro estabelecimento francez nas margens do Sinamary, a mais de cem leguas do Amazonas.

Assim, enquanto os Portuguezes, commandados por Bento Maciel Parente tomavam aos Hollandezes em 1623 o seu forte de Gurupá, e dous annos depois com Pedro Teixeira expelliam-nos das margens de Xuigú, destruindo-lhes os dois fortes, e obrigando-lhes as guarnições desimadas a asylarem na margem esquerda do Amazonas entre os Inglezes; enquanto em 1629 o mesmo Pedro Teixeira tomava a estes o forte *Taurege,*

e que Jacome de Noronha em 1631 lhes destruia o forte *Felippe*, e Feliciano Coelho de Carvalho em 1632 os expulsava do forte de *Cumaú*, completando a conquista de toda a margem esquerda do grande rio, os Francezes, passando por vicissitudes varias, desmedravam, em Sinamary.

Os Hollandezes e Inglezes, repellidos do Amazonas foram sitiar-se para o Orinoco.

Os Francezes não tinham conseguido pôr o pé nas margens do Amazonas; não obstante os seus projectos e as suas aspirações de conquista eram grandiosas.

A companhia creada em 1633 pelo Cardeal de Richelieu, então superitendente geral da navegação e do commercio da França, para fazer, sob a direcção dos senhores de Rosée e Robin, o trafico de Guyana, mallogrou-se, tendo apenas fundado a colonia de Cayenna um pouco ao sul de Sinamary em 1634.

Dessa empresa fallida ficou, porém, um nome o do *Cabo do Norte*, com que fôra appellidada, e que de certo visava a região do Amazonas donde os Inglezes acabavam de ser espellidos, mas que não servio senão de pretesto para as desarrazoadas pretenções ulteriores do governo francez, porque a verdade é que, pela concessão de 1633, os Francezes da Guyana jamais attingiram o denominado Cabo do Norte, ponta septentrional da foz do Amazonas, não descendo os seus estabelecimentos e o seu commercio para o sul do rio Oyapoc, que desemboca junto do Cabo Orange.

O nome de *Cabo do Norte*, com que deliberadamente se appellidou a sobredita Companhia, não expremia senão uma aspiração de conquista que alias nunca foi realidade.

Do lado dos Portuguezes tinham os successos aspecto bem diverso. Sanccionando a conquista da margem septentrional do Amazonas e galardoando os serviços do mais distinto dos cabos de guerra dessa conquista, Fellippe IV fazia doação em 1637 a Bento

Maciel Parente da *Companhia do Cabo do Norte* que se estendia do rio *Parú* ao Oyapoc, então conhecido entre Portuguezes e Hespanhoes pelo nome de *Vicente Pinçon.*

Maciel Parente, governador geral do Maranhão em 1638, faz então construir o forte do *Desterro*, nas proximidades da barra doParú, no territorio de sua Capitania.

No anno seguinte, expedição numerosa, ao mando de Pedro Teixeira, sóbe o Amazonas, penetra no Napo, a caminho de Quito e, na margem desse rio, distante mais de 20 gráos de longitude do Oyapoc, toma posse solemne do territorio para a corôa de Portugal em nome de Fellippe IV.

Desse modo, o valle do Amazonas em cerca de dous terços de sua superficie passa a fazer parte integrante do Brasil, sem mais se cogitar no disposto no tratado de Tordesilhas uma vez que unidas continuavam as corôas de Portugal e de Hespanha sob os Fellippes.

Um anno mais tarde, em 1640, Portugal sacudio porem o jugo hespanhol, acclamando a D. João IV de Bragança. Mas, apezar das luctas que por esse facto se seguiram na Europa e na America, a colonisação do Amazonas não se deteve.

Em 1645, o rei de Portugal confirmava na pessoa do filho e herdeiro de Bento Maciel a doação da Capitania do Cabo do Norte.

No mesmo anno, os Portuguezes do Pará penetram no *rio Negro.* Sobem o *Jary* e submettem as tribus selvagens das suas margens em 1654. Costa Favella levanta um forte, em 1660, nas margens do *Araguary* que desde então começa a ser visitado pelos missionarios da catechese do gentio da foz do Amazonas.

Os Francezes, porem, a custo se mantinham nos seus estabelecimentos decadentes da Guyana.

Uma segunda *Companhia do Cabo do Norte* formada em Ruen, sob os auspicios de Poncet de Bretigny, desembarca em Cayenna tresentos colonos para renovar o estabelecimento que os Carahibas haviam destruido.

A inepcia e crueldade de Bretigny tudo, porem, aniquilam. Ao cabo de um anno, apenas alguns colonos subsistem. O mesmo Bretigny perecera ás mãos dos selvagens revoltados.

Nova Companhia se constitue, com a denominação pomposa de *França Equinoxial*, com o privilegio de occupar toda a Guyanna, o Amazonas e o Orenoco comprehendidos.

Novo reforço de cerca de oitocentos colonos chega Cayenna em 1652. Tão mallograda porem foi esta nova tentativa como as anteriores. Após dous annos de luctas com os selvagens, desimados pela febre e pela fome, os sobreviventes companheiros de Marivaux e de Royville viram-se obrigados a abandonar a colonia e refugiarem-se no *Surinam*.

Foi então que os Hollandezes se apoderaram de Cayenna de que não foram desalojados senão annos depois, em 1664, por Lefebre de la Barre, o mesmo que depois foi governador da Colonia como representante da Companhia das Indias Occidentaes, então creadas por Luiz XIV, em 1664.

Deve-se a La Barre um livro precioso para a questão que acaba de solver-se. E' a descripção da Guyana Franceza em 1665, onde bem se define a que se reduzia, a esse tempo, a *França Equinoxial*, a qual comprehendia umas oitenta leguas francezas de costa, *a começar do Cabo Orange, ponta de terra baixa que avança pelo mar e que se reconhece por tres pequenos montes que se avistam por cima e ficam para alem do rio Yapoca que desemboca no mar junto a esse Cabo.*

La Barre, que estende em 1565 a Guyana Franceza *do Cabo Orange* até o *Maroni*, declara, porem, que os Portuguezes não estendiam o seu dominio na margem septentrional do Amazonas senão até a ponta de *Macapá*, e que entre esta ponta e Cabo Orange, o territorio estava desoccupado e por isso denominava-o *Guyana independente.*

Novos desastres sobrevêm á malfadada colonia de Cayenna. Apoderam-se della os Inglezes em 1667, mas dois mezes depois é reconquistada pela França, que faz explorar-lhe os sertões por dois missionarios jesuitas os quaes penetraram até o rio Camopi, affluente da esquerda do Oyapoc.

Os Hollandezes, porem, voltam a campo e de novo se apoderam de Cayenna em 1674, fundando tres annos depois nas margens do Oyapoc a cidade de *Orange* que fortificaram.

Neste mesmo anno, Luiz XIV encorpora aos dominios da corôa a colonia de Cayenna, e envia em 1676 para retomal-a aos Hollandezes, o Senhor de Ferrolles e o Conde d'Estrée, que de facto reconquistam brilhantemente as posições perdidas.

Sob o governo do Marquez de Ferrolles, começam de parte dos Francezes de Cayenna as tentativas para se apoderarem da margem esquerda do Amazonas.

O Marquez transpõe em 1688 o Oyapoc, e por via terrestre se apresenta diante do forte portuguez do Araguary, cujo commandante é intimado a render-se ou a retirar-se por serem as terras daquella margem do dominio do rei de França.

Responde-lhe o commandante que em virtude de doação feita a Bento Maciel Parente, o limite do territorio portuguez corria pelo rio do Cabo Orange, denominado pelos Portuguezes *rio de Vicente Pinçon* e pelos Francezes Oyapoc.

Diante da firmeza do official portuguez, retirou-se o Snr. de Ferrolles, limitando se a escrever ao governador e capitão general do Pará convidando-o a assentar no Amazonas o limite commum das possessões das duas corôas.

Em 1697, o activo marquez dá com maior audacia e relativo successo um golpe nos estabelecimentos portuguezes da margem septentrional do Amazonas. Tinha feito abrir clandestinamente através dos sertões, do

Oyapoc ao rio Parú, uma estrada em que empregara cerca de cinco annos. Desce com uma força respeitavel o curso do rio Parú, cahe de improviso sobre o forte do Desterro, e successivamente sobre os de *Thoeré* e *Macapá,* toma-os e arrasa-os, á excepção do de Macapá que deixou guarnecido com 35 homens ao regressar para Cayenna. Essa victoria, porem, foi de curta duração, porque, um mez depois, já os Portuguezes do Pará retomavam o forte de *Macapá*, delle expellindo a guarnição Franceza. Não deram mais que isso as audaciosas tentativas do marquez ds Ferrolles.

Começa aqui a campanha da diplomacia franceza, uma vez que os esforços até então expedidos para levar as fronteiras de Cayenna até o Amazonas não sortiram o desejado effeito.

Adoptou-se então a tatica inqualificavel de negar-se a identidade do rio Oyapoc ou de Vicente Pinçon, informando a esse proposito o marquez de Ferrolles ,que na lingua dos Galibis da Guyana, o nome *yapoc* quer diser *ilha*, e que, portanto, o Oyapoc que serve de limite á Capitania de Bento Maciel Parente era uma *ilha*, e esta não podia ser sinão a de *Marajó.*

O insuspeito *La Barre*, em 1665, tinha porem, publicado que *yapoc* era um rio e que este era o que desembocava junto do cabo Orange.

Não obstante, Luiz XIV envia á Lisboa o marquez de Rouillé a reclamar a D. Pedro II o rio Amazonas como limite das possessões francezas da Guyana com o Brasil.

Era o cumulo da exigencia a que bem longe de acceder estava o soberano Portuguez.

Todavia o embaixador francez consegue a 4 de Março de 1700 assignar um tratado provisional e suspensivo, marcando o prazo de um anno para as duas partes contratantes reunirem dados e esclarecimentos sobre as terras do Cabo do Norte, e estatuindo que provisoriamente ficaria indecisa entre as duas corôas a posse das

ditas terras desde a ponta de *Macapá* até o Rio de *Oyapoc* ou *de Vicente Pinçon*, devendo o rei de Portugal mandar demolir o forte de Macapá e qualquer outro existente dentro d'aquelles limites.

A França tinha assim levado a melhor, e o que mais é, obtinha em 1701 que o tratado provisional e suspensivo se convertesse em tratado definitivo e de alliança, tanto era o receio que então inspirava a politica de Luiz XIV na successão do throno de Hespanha.

Entretanto, Portugal deixava a alliança franceza e se atirava nos braços da coallisão que se formara contra a França na chamada *Guerra de successão.*

O preço dessa nova alliança era então regulado por um triplice tratado assignado em Lisbôa a 16 de Maio de 1703, segundo o qual se garantia a Portugal a posse das terras do Cabo do Norte entre o Amazonas e o rio de Vicente Pinçon.

Em 1712 abriu-se o congresso de Utrecht para regular a paz entre a França e as potencias de coallisão.

Firmou-se emfim a 11 de Abril de 1713 entre a França e Portugal o *tratado de Utrecht*, que é, a chave de toda essa secular questão da Guyana.

Por esse tratado no seu artigo 8.º a França desistia para sempre de todos os direitos e pretenções que podia ter sobre a propriedade das terras denominadas do *Cabo do Norte* e situadas entre o rio Amazonas e o do Oyapoc (*yapoc*, ou de Vicente Pinçon, sem reservar ou reter porção alguma das ditas terras que passavam de então em diante a ser possuidas por Sua Magestade Portugueza. Por outros artigos do mesmo tratado, Portugal podia mandar reconstruir os fortes do *Araguary* e de *Macapá*, demolidos por effeito do tratado provisional de 1700; entrava na posse de ambas as margens do Amazonas, compromettendo-se ainda a França a não alimentar pretenção alguma sobre a navegação e uso do dito rio, sob qualquer que fosse o pretexto, a desistir de qualquer direito que podesse ter sobre terras

da America do dominio de Portugal, e a não consentir que os habitantes de Cayenna transpozessem o rio de *Vicente Pinçon* para commerciarem nem na foz do Amazonas, nem nas terras do Cabo do Norte.

Todo o esforço da diplomacia de uma e de outra parte, de então em diante, convergio para fazer valer o artigo 8.º do Tratado de Utrecht á feição do seu interesse ou do seu direito. Portugal e depois o Brasil sustentaram sempre que o *yapoc* ou *Oyapoc* tambem conhecido pelo nome de *Vicente Pinçon* era o rio que desembocava junto do Cabo Orange, tal como o declarou La Barre em 1665. A França, do seu lado, depois de haver sustentado que *Yapoc* se referia á ilha de Marajó, depois ao rio Amazonas, passou a sustentar que o Yapoc do Tratado de Utrecht era o *Araguary* que desemboca no Amazonas abaixo do *Cabo Corso.*

Por quasi dous seculos a questão da Guyana não teve outro aspecto.

Varios tratados se firmaram depois, mas a questão nunca logrou solução cabal e satisfactoria.

A 10 de Abril de 1897, porem, assignou-se no Rio de Janeiro entre os governos da França e do Brasil o compromisso ou accordo, submettendo a arbitramento do Governo da Confederação da Suissa o ligitio da fronteira com a Guyana Franceza.

Foi a questão apresentada ao arbitrio nos seguintes termos, tendo de decidir elle qual a verdadeira das duas linhas de limites a correr entre o Brasil e a possessão franceza da Guyanna.

O Brasil pedia para linha de fronteira, segundo o artigo 8.º do tratado de Utrecht, o rio Oyapoc desde a sua foz no Oceano até o pararello de 2.º 24 como *limite maritimo*, e como *limite interior* o mesmo parallelo de 2.º 24 desde a margem do Oyapoc até a fronteira da Guyana Hollandeza. (Vide mappa, linha *a b c*)

A França reclamava, em definitiva, como *limite maritimo* o rio Araguary desde a sua foz até a cacho-

eira *Grande Pancada*, e como *linha interior* a que partisse dessa cachoeira parallelamente á margem septentrional do Amazonas e Rio Negro até encontrar o Rio Branco. (Vide mappa, linha *a b c*).

O arbitro teria de decidir qual o verdadeiro rio *Yapoc* ou *Vicente Pinçon* e em seguida fixar o limite interior, podendo entretanto, se achasse fundamento, assentar a linha de limite em posição intermedia.

A decisão do arbitro foi, como vimos, quasi que totalmente favoravel ao Brasil.

O verdadeiro Yapoc ou rio de Vicente Pinçon foi reconhecido como o reclamado pelo governo brasileiro, traçando-se a fronteira: na *parte maritima*, pelo curso do Yapoc ou Oyapoc que desemboca junto do Cabo Orange, até a sua cabeceira principal na serra de Tumucumaque, e o *limite interior* por uma linha correndo pela cumiada dessa serra, pelo *divortium aquarum* até a fronteira com a Guyanna Hollandeza. (Vide mappa, linha *a b m n*).

Terminou assim o tri-secular litigio.

Honra ao arbitro e gloria ao Barão do Rio Branco que tão patriotica e sabiamente o soube defender.

Makers
acuse, N. Y.
T. JAN. 21, 1908

558 .15 .B15sa C.1
... O rio de S. Francisco,
Stanford University Libraries
3 6105 031 348 712

MAR 5